

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
TESE DE DOUTORADO**

**O “CONCEITO” DE INOVAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS *STAKEHOLDERS*: UMA
INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO DE SANTA
CATARINA E DO RIO GRANDE DO SUL**

Jonas Cardona Venturini

Porto Alegre

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
TESE DE DOUTORADO**

Jonas Cardona Venturini

**O “CONCEITO” DE INOVAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS *STAKEHOLDERS*: UMA
INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO DE SANTA
CATARINA E DO RIO GRANDE DO SUL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Dr. Daniel Gustavo Mocelin

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Venturini, Jonas Cardona
O "CONCEITO" DE INOVAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS
STAKEHOLDERS: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS
ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO DE SANTA CATARINA E DO RIO
GRANDE DO SUL / Jonas Cardona Venturini. -- 2021.
211 f.
Orientador: Daniel Gustavo Mocelin.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Conceito de Inovação. 2. Ecossistemas de
Inovações. 3. Teoria dos Stakeholders. I. Mocelin,
Daniel Gustavo, orient. II. Título.

Jonas Cardona Venturini

O “CONCEITO” DE INOVAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS *STAKEHOLDERS*: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO DE SANTA CATARINA E DO RIO GRANDE DO SUL

APROVADO EM: _____

BANCA

Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin - Orientador
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS - UFRGS

Prof. Dr. Guilherme Francisco Waterloo Radomsky
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS - UFRGS

Prof. Dr. Renato de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS - UFRGS

Prof. Dra. Julice Salvagni
Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de vivenciar esse momento ímpar na minha vida. Obrigado por tudo que tenho, especialmente a minha saúde e as pessoas que amo ao meu lado. Me considero e sou muito feliz e realizado em minha vida.

Ao meu pai Francisco (*in memoriam*) que pediu um filho formado e agora está tendo a oportunidade de ver defender seu segundo Doutorado é uma satisfação enorme pra mim. Sempre te levo no meu pensamento e no meu coração. Te amo muito pai, essa vitória é nossa! À minha amada mãe Elizabeth (Beth), te agradeço do fundo do meu coração por sempre ter acreditado em mim. Por mais que eu queira mãe, jamais poderei retribuir o que fez e o que fazes por mim, muitas vezes abdicando dos teus sonhos e desejos em prol dos meus. Te amo muito e mais essa vitória quero celebrar contigo.

Quero agradecer ao meu irmão Beto (*in memoriam*), como sempre faço em todos os trabalhos e agora também a minha querida Vó Maria (*in memoriam*), pois sei que de alguma maneira vocês estão comigo me protegendo e me conduzindo para o melhor caminho. Vocês assim como o meu pai são meus anjos da guarda, amo vocês!

Ao Amor da minha Vida, Cynthia Faviero me faltam palavras para descrever tudo que és e representa para mim. Nosso amor evolui a cada dia baseado no que há de melhor e eu só tenho a te agradecer pela felicidade que me traz na minha vida. Fostes uma guerreira (mais uma vez) nessa reta final e não foi diferente de como és sempre na vida. Linda, competente, aguerrida, batalhadora, companheira, amorosa, carinhosa, etc. Quero que venham muitas conquistas mais e quero todas ao te lado, te amo muito e mais que tudo! Essa vitória é muito nossa (mais uma)! Aproveito para no teu espaço agradecer aos nossos filhos Pets (Frida; Fendi e Dodô) que são fonte de amor e alegria em nossas vidas.

A minha família (toda: irmãos, avô, irmã, tios, tias, sobrinhos, etc) linda que faço um agradecimento a todos por tudo que representam para mim. Sou extremamente feliz em ter tido a benção de conviver com vocês

Ao meu Orientador e amigo, Daniel Gustavo Mocelin. Fica aqui registrado o meu eterno agradecimento a essa sábia e talentosa pessoa e profissional que sempre

me orientou em meu trabalho e me incentivou em todos momentos. Até mesmo naqueles em que eu achava que não era possível. Dani, tu és fora da curva e eu espero que nossa parceria perdure por muito tempo. Felizes são aqueles que no caminho acadêmico encontram professores e orientadores tão dedicados e competentes quanto tu és. O meu muito obrigado a ti meu Orientador e amigo!

Aos meus amigos/irmãos de infância, Rodrigo Motta, Felipe Venturini e Bruno Aukar, vocês são os melhores amigos que uma pessoa pode ter, com vocês eu sei que posso contar para o que der e vier. Meu amigo e compadre Rodrigo Motta, que me apresentou com minha afilhada mais linda Yasmin (Mimin), te amo Princesa linda do Dindo.

Aos meus amigos irmãos que a Administração me deu Daniel Amaral e Binho Zanoni. Hoje o Dani é meu sócio e um irmão que luta bravamente ao meu lado no dia a dia e que é uma pessoa espetacular. Muito obrigado pela força sempre e pela amizade Dani. Binho, a distância não diminui a nossa amizade, pelo contrário, só aumenta.

A todos os professores do PPGS/UFRGS, meu eterno agradecimento, no qual tanto me auxiliaram no meu aprendizado e evolução como um pesquisador em construção e que tenta progredir e crescer sempre. Um agradecimento em especial a Professora Sônia que iniciou meu processo de orientação e que só tenho a agradecer.

Aos professores que tão gentilmente estão comigo na minha banca e me ajudando na finalização dessa etapa tão importante em minha vida, meu muito, muito obrigado. Agradecimento ao Professor Renato de Oliveira que foi muito importante no momento da minha qualificação me indicando um norte mais sociológico e pertinente em termos de aplicabilidade. A minha querida amiga Professora Julice Salvagni (Ju), dos tempos das aulas na Uniritter Zona Sul e que prontamente se dispôs a contribuir com o meu trabalho nessa etapa final, meu muito obrigado Ju. Bem como ao professor Guilherme Radomsky que prontamente aceitou estar na banca, mesmo com o tempo bastante apertado, muito obrigado professor!

A esta instituição maravilhosa denominada Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que com este trabalho me concede o meu segundo diploma de Doutorado em um espaço de 10 anos. A favor sempre da Universidade Pública, gratuita e de qualidade para todos os brasileiros, mesmo em governos que não

valorizem à educação como prioridade a UFRGS dá a sua resposta e cumpre o seu papel institucional e social. Tenho muito orgulho de ter estudo aqui.

Por fim, a todos aqueles que, apesar de não serem aqui mencionados, me ajudaram de alguma maneira, meus sinceros agradecimentos.

"Quando penso que cheguei ao meu limite,
descubro que tenho forças para ir além".
- Ayrton Senna.

RESUMO

VENTURINI, Jonas Cardona Venturini. **O “CONCEITO” DE INOVAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS *STAKEHOLDERS*: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DOS ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO DE SANTA CATARINA E DO RIO GRANDE DO SUL.** 2021. 211p.

O “conceito” de inovação assume múltiplos significados quando são considerados os diferentes agentes interessados – *stakeholders*, que atuam em ecossistemas de inovação. Esses ambientes envolvem empresas e outros agentes parceiros, como governos e universidades, que no seu conjunto acabam criando condições mais favoráveis ao processo de inovação. A morfologia típica dos ecossistemas de inovação coloca agentes de natureza diversa em interação. Os diferentes agentes interessados possuem motivações, assumem funções e têm objetivos que podem ser bastante distintos, inclusive opostos. Dessa maneira, esse estudo buscou demonstrar que a atuação (papel, motivação e contribuição) de *stakeholders* nos ecossistemas de inovação estabelecido nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina não depende deles conceberem uma concepção de inovação que seja convergente ou que esteja precisamente em sintonia com o conhecimento científico e especializado sobre a dinâmica do processo e da gestão da inovação. O arcabouço teórico teve como base na reflexividade e monitoramento da ação; o conceito de inovação; ecossistemas de inovação e teoria dos *stakeholders*. O estudo contou com 6 hipóteses que derivaram da teoria. Os procedimentos metodológicos indicam um tipo de pesquisa exploratório, sendo que os referidos procedimentos utilizados foram pautados com 25 entrevistas nos 2 ecossistemas de inovação, sendo 10 em Santa Catarina e 15 no Rio Grande do Sul. A técnica de análise de dados foi a análise de conteúdo. Sob o ponto de vista dos principais resultados obtidos no estudo, destaca-se uma desarticulação entre os conceitos e as ações dos diferentes *stakeholders* tanto no discurso, quanto no campo. Os ecossistemas de inovação apresentam amplo espaço para debate e articulações de discursos, políticas e ações. Sob a forma de conhecimento apresentam formas especializadas (com noções práticas), mas com traços de carência de um maior domínio teórico. Esse destaque é perceptível nas falas dos *stakeholders* que representam o elo do público nos ecossistemas. Ainda, é importante mencionar que na realidade brasileira a falta de políticas assumidas de Estado coíbe uma linha contínua de atuação dentro de uma pauta propositiva, que nesse caso, indica-se para a inovação. Não há um protagonismo explícito na multiplicação do conceito e das práticas de inovação dos atores públicos, tampouco no que diz respeito a políticas perenes de promoção da inovação e da prática de inovação.

Palavras-chave: Conceito de Inovação; Ecossistemas de Inovações e Teoria dos *Stakeholders*.

ABSTRACT

VENTURINI, Jonas Cardona Venturini. **THE “CONCEPT” OF INNOVATION FROM THE STAKEHOLDERS’ PERSPECTIVE: AN INVESTIGATION FROM THE INNOVATION ECOSYSTEMS IN SANTA CATARINA AND RIO GRANDE DO SUL.** 2021. 211p.

The “concept” of innovation takes on multiple meanings when the different interested agents – stakeholders, who act in innovation ecosystems – are considered. These environments involve companies and other partner agents, such as governments and universities, which together end up creating more favorable conditions for the innovation process. The typical morphology of innovation ecosystems puts agents of diverse nature in interaction. The different interested agents have motivations, assume functions and have goals that can be quite different, even opposites. Thus, this study aimed to demonstrate that the role (role, motivation and contribution) of stakeholders in the innovation ecosystems established in the states of Rio Grande do Sul and Santa Catarina does not depend on them to have a concept of innovation that is convergent or that is precisely in tune with scientific and specialized knowledge about the dynamics of the innovation process and management. The theoretical framework was based on reflexivity and action monitoring; the concept of innovation; innovation ecosystems and stakeholder theory. The study had 6 hypotheses that derived from the theory. The methodological procedures indicate a type of exploratory research, and the aforementioned procedures were based on 25 interviews in the 2 innovation ecosystems, 10 in Santa Catarina and 15 in Rio Grande do Sul. The data analysis technique was the analysis of contents. From the point of view of the main results obtained in the study, there is a disarticulation between the concepts and actions of different stakeholders both in the discourse and in the field. Innovation ecosystems present ample space for debate and articulation of discourses, policies and actions. In the form of knowledge, they present specialized forms (with practical notions), but with traces of a lack of greater theoretical mastery. This highlight is noticeable in the speeches of the stakeholders who represent the public's link in the ecosystems. Still, it is important to mention that in the Brazilian reality, the lack of assumed State policies prevents a continuous line of action within a propositional agenda, which in this case, is indicated for innovation. There is no explicit protagonism in the multiplication of the concept and innovation practices of public actors, nor with regard to perennial policies to promote innovation and the practice of innovation.

Key-words: Concept of innovation; Innovation ecosystems; Stakeholder Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Ambientes de inovação.....	41
Figura 2 -	Modelo de empresa entrada-transformação-saída	52
Figura 3 -	Empresa baseada no modelo de <i>stakeholders</i>	53
Figura 4 -	Modelo para análise de Stakeholders	54
Figura 5 -	Stakeholders Santa Catarina.....	66
Figura 6 -	Stakeholders Rio Grande do Sul.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Principais contrastes de Inovação fechada e aberta.....	35
Quadro 2 -	Evolução das distinções entre os modelos fechado e aberto de inovação.....	36
Quadro 3 -	Indicadores de Inovação Tecnológica Selecionados da PINTEC 2013.....	47
Quadro 4 -	Conjunto de novos indicadores de inovação.....	48
Quadro 5 -	Crenças básicas dos paradigmas investigativos alternativos.....	58
Quadro 6 -	Atores da pesquisa em Santa Catarina.....	60
Quadro 7 -	Atores da pesquisa no Rio Grande do Sul.....	61
Quadro 8 -	Síntese das categorias das teorias da inovação mobilizadas para elaboração de critérios de avaliação do conhecimento teórico dos informantes da pesquisa sobre dimensões da inovação (principais autores)	64
Quadro 9 -	Atores da pesquisa em Santa Catarina.....	67
Quadro 10 -	Resumo das visões dos stakeholders catarinenses.....	78
Quadro 11 -	Atores da pesquisa no Rio Grande do Sul.....	81
Quadro 12 -	Resumo das visões dos stakeholders gaúchos.....	89
Quadro 13 -	Cruzamento da síntese das categorias das teorias da inovação mobilizadas para elaboração de critérios de avaliação do conhecimento teórico dos informantes da pesquisa sobre dimensões da inovação e sua classificação acerca de compreensão.....	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	17
1.2	PROBLEMATIZAÇÃO.....	18
1.3	OBJETIVOS.....	22
1.4	HIPÓTESES.....	22
2	ARCABOUÇO TEÓRICO E CONCEITUAL.....	24
2.1	REFLEXIVIDADE E MONITORAMENTO DA AÇÃO.....	25
2.2	O CONCEITO DE INOVAÇÃO.....	28
2.2.1	Inovações Tecnológicas.....	31
2.2.2	Inovações Abertas.....	34
2.2.3	Inovações Sociais.....	37
2.3	O CONCEITO DE ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO.....	40
2.3.1	Gestão da Inovação.....	44
2.4	O CONCEITO DE <i>STAKEHOLDERS</i>	51
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	57
3.1	IDENTIFICAÇÃO EPISTEMOLÓGICA: O PARADIGMA PÓS-POSITIVISTA	57
3.2	CARACTERIZAÇÃO E MÉTODO DA PESQUISA.....	59
3.3	INFORMANTES DA PESQUISA.....	60
3.4	TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS.....	62
3.5	TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	62
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	65
4.1	ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO DE SANTA CATARINA.....	65
4.1.1	Características dos stakeholders e seu papel no ecossistema de inovação em Santa Catarina.....	67
4.1.1.1	Universidades e instituições de pesquisa.....	68
4.1.1.2	Governo e Aparato Estatal.....	69
4.1.1.3	Empresas.....	70
4.1.2	Ambientes de Inovação e Interação entre stakeholders.....	71
4.1.3	Compreensão dos stakeholders sobre inovação, sua aplicação e o processo de gestão da inovação.....	74

4.1.4	Discussão dos Resultados em Santa Catarina.....	78
4.2	O ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL.....	80
4.2.1	Perfil e as características dos stakeholders que compõem ecossistema de inovação.....	81
4.2.2	Ambientes de Inovação e Interação entre stakeholders.....	84
4.2.3	Compreensão dos stakeholders sobre inovação, sua aplicação e o processo de gestão da inovação.....	87
4.2.4	Discussão dos Resultados no Rio Grande do Sul.....	88
4.3	Análise Imbricada pela Ótica dos Diferentes Stakeholders: um Comparativo dos Principais Resultados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.....	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo evidencia múltiplos significados que o “conceito” de inovação assume quando são considerados os diferentes agentes interessados – *stakeholders*, que atuam em ecossistemas de inovação. Esses ambientes envolvem empresas e outros agentes parceiros, como governos e universidades, que no seu conjunto acabam por criar condições mais favoráveis ao processo de inovação. A morfologia típica dos ecossistemas de inovação coloca agentes de natureza diversa em interação. Os diferentes agentes interessados possuem motivações, assumem funções e têm objetivos que podem ser bastante distintos, inclusive opostos. Por essas razões, é plausível sustentar que a maneira como esses agentes concebem a inovação e entendem o seu próprio papel no processo e na gestão da inovação, pode ser elaborada a partir de diferentes experiências práticas e profissionais. Há razões para se supor que, de fato, nem todo agente interessado que atua em um ecossistema de inovação domine, ou precise dominar um arcabouço formal, teórico científico e conceitual, sobre o processo e a gestão da inovação, para inovar ou gerir a inovação. Da mesma forma, não se pode pressupor que esses agentes não consigam definir o que é inovar ou não saibam descrever o processo de inovação e a gestão da inovação, quando estimulados.

No caso do ator econômico, empresas, empresários ou empreendedores, por exemplo, a sua rotina e o foco prático no exercício de suas atividades inovadoras não inviabilizam a sua capacidade de compreender a inovação a partir da experiência aplicada, ou seja, de promover a sua própria prática e o seu papel ao nível conceitual, independente das características profissionais que apresente, das circunstâncias da sua trajetória e do maior grau de conhecimento formal que detenha sobre o processo e a gestão da inovação. Condicionamentos como esses, são igualmente constatados para os demais atores que interagem em ecossistemas de inovação, pesquisadores, gestores de parques tecnológicos ou investidores, por exemplo, porém, em outros termos, segundo seus atributos e interesses. Nem todo agente inovador é um teórico da inovação, assim como, nem todo teórico da inovação é um agente inovador.

Um ecossistema de inovação não perde seu potencial e não deixa de produzir resultados positivos, mesmo que os atores econômicos e os agentes interessados não conheçam nem dominem as teorias da inovação. O conhecimento formal e o

conhecimento tácito que os atores imersos em ecossistemas de inovação possuem são fundamentais para que eles mesmos monitorem o fluxo da sua ação nesses sistemas. Ambas essas formas de conhecimento estão presentes nos ecossistemas.

O conhecimento dos agentes, em conformidade com suas características, pode conter carga bastante variável de concepções teóricas e conceituais especializadas, mas igualmente de informações provenientes da própria experiência empírica, prática e tácita. O conhecimento é informação relevante, utilizável e baseada, ao menos parcialmente, em uma experiência real (LEONARD; SENSIPER, 1998) e pode ser classificado como científico e empírico. Conhecimento científico é definido como a atividade humana direcionada para o avanço no entendimento de uma técnica (NELSON, 1959), enquanto o empírico é essencialmente uma técnica ou ação em prática (MARGLIN, 1990).

Além do conhecimento empírico e científico, o conhecimento pode também ser caracterizado como explícito ou tácito (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). O conhecimento explícito é aquele que se encontra formalizado em manuais, documentos ou artigos científicos, enquanto que o conhecimento tácito não se encontra formalizado por meios concretos, sendo adquirido através da experiência prática ou por meio de treinamentos realizados no local de trabalho (NELSON; WINTER, 1982). Em suma, a tecnologia não pode ser transferida simplesmente pela venda do direito de uso (explícito), pois um produto ou processo também engloba experiências e habilidades (tácito) (RICHARDSON; PERES, 1999). Em acréscimo, a aprendizagem é a aquisição e utilização do conhecimento disponível, ou a criação de um novo conhecimento, com o objetivo de aprimorar a performance econômica (BOERNER et al., 2001). Ela pode ser cumulativa, ou seja, o que foi aprendido em certo período é baseado no que foi aprendido anteriormente (DOSI et. al, 1992).

A geração de novos conhecimentos pode incentivar a inovação que, segundo Nelson e Rosenberg (1993), é o processo pelo qual as firmas adquirem ou colocam em prática novas tecnologias em produtos ou serviços, ao agregar valor econômico ou riqueza social. Leonard e Sensiper (1998) também definem a inovação como uma fonte de vantagem consolidada para a maioria das firmas. Considera-se que antes de ser uma inovação, o novo produto ou processo é algo tecnologicamente novo para a firma e para o mercado, construído da síntese entre conhecimento científico e experiência empírica. Os atores econômicos que atuam em ecossistemas de inovação mobilizam o estoque de conhecimentos de que dispõem – mais teórico e menos

empírico ou mais empírico e menos teórico – como recurso para cumprirem seu papel e agirem para reproduzir ou reconstruir esses próprios espaços de atuação.

Definir e compreender o conceito de inovação não é algo simples, sobretudo por conceber um processo duradouro e multidimensional. Destaca-se isso, pelo fato de o processo de inovação ter se acelerado muito nos últimos anos, de tal modo que vem ocupando destaque nas agendas de desenvolvimento dos governos e sendo redescoberto como fenômeno social e econômico de interesse das mais diversas áreas de conhecimento. Torna-se relevante pensar, ao que essa aceleração do processo de inovação se deve? Inúmeras possibilidades suscitam análise. Contudo, o fato da sociedade e da economia do conhecimento estarem tão presentes no debate sobre ecossistemas de inovação, fornece elementos para uma via de compreensão que tenha por foco não apenas sua concepção formal, mas também o entendimento espontâneo que diferentes agentes interessados elaboram sobre a inovação.

Um grande impulsionador da inovação tem sido o aumento da conectividade e da capacidade de buscar outros contatos com os quais possamos trocar ideias e combiná-las com as próprias percepções de distintos agentes para gerar algo novo (HOWE, 2006). Neste cenário de alta conectividade, o relacionamento dos clientes com as empresas, por exemplo, está cada vez mais próximo e organizado em redes, e possibilita que os mesmos possam participar direta ou indiretamente, isto é, por estímulo do mercado ou por demanda espontânea, e cada vez mais, do processo de criação de novos produtos e serviços, inclusive ao provocar a abertura de nichos bastante especializados de mercado (CASTELLS, 2001). Contudo, o que efetivamente a ciência econômica e a sociologia econômica entendem por inovação? O termo inovação vem sendo amplamente utilizado e interpretado por vários autores e pesquisadores. Muitos conceitos, por sua vez, são complementares, outros excludentes.

A inovação é considerada fator essencial para a competitividade e para a sobrevivência das empresas no mercado. Para Barbieri e Alves (2003), a inovação é o resultado da geração de uma ideia que foi implementada com resultados positivos. Segundo os autores, os resultados serão positivos para a empresa, por exemplo, se ela obtiver lucratividade em seu negócio e, para os consumidores, se tiverem suas necessidades supridas. Schumpeter (1985), por sua vez, no século XX atribuía ao empresário a tarefa de criar coisas novas e úteis, social e economicamente, como

forma de renovar sua base de domínio tecnológico e competir com eficiência no mercado.

Bruno Latour (2000) tem apresentado novos parâmetros para a perspectiva da inovação, em confronto à tradição econômica estabelecida por Schumpeter (1985). Fatores importantes da análise econômica, como mecanismos de mercado e progresso técnico, passam a ter sua capacidade explicativa questionada por abordagens que privilegiam as relações circunstanciais da prática inovativa. Segundo Latour, toda inovação deve se construir a partir daquilo que ele denomina ação estratégica dos inovadores. Nessa ação estratégica, o inovador precisa ao mesmo tempo controlar o contexto social em que se desenrola a prática inovadora e se adaptar a ele (LATOURE, 2000).

Para Tidd (2001) a inovação significa mudança ou novidade. A compreensão dos antecedentes, contingências e efeitos da inovação ainda permanece limitada (PIENING; SALGE, 2015). Ainda, por ser abordada por inúmeras áreas do conhecimento, dentre elas estratégia, tecnologias, sistemas de informação, *marketing* entre outras, sua definição é diversa e fragmentada na literatura (HAUSER et al., 2006, VARGO et al., 2015).

A natureza interdisciplinar do conceito e a recorrência da pesquisa sobre inovação, em áreas tão diversas, ampliam as possibilidades de compreender os processos centrais pelos quais as inovações ocorrem e, mais especificamente, como nova forma de mercado (BOWER; CHRISTENSEN, 1995). Além disso, o estudo da inovação em geral foi desenvolvido a partir de uma visão de criação de valor que separa empresas como produtores e clientes como consumidores de ofertas de mercado (VARGO; LUSCH, 2011). Esta visão limitou a compreensão de como vários participantes contribuem para a criação de valor, bem como para a inovação. As cada vez mais suaves fronteiras de sistemas convergentes, redes e setores de inovação impulsionados por processos mais complexos, não-lineares e dinâmicos de criação, difusão e uso do conhecimento, conduz à necessidade de reconceituar, se não, reinventar, as formas e significados que a produção, utilização e renovação do conhecimento produzem no contexto da economia e na sociedade (CARAYANNIS, 2009).

Na medida em que a dinâmica competitiva impele as organizações para a busca de alternativas para o crescimento, o processo de inovação torna-se uma constante, e novas formas de desenvolver produtos, processos, serviços e negócios

são buscados. Assim, a gestão da inovação volta-se para alternativas que possibilitem acelerar o processo de criação, gerar e absorver conhecimentos, otimizar os investimentos e reduzir riscos (THOMAS; BIGNETTI, 2009). Conforme Dyer e Singh (1998), nos últimos anos, constata-se o aumento de estudos sobre a temática que aborda a importância das relações interorganizacionais para o processo de inovação. Diversas correntes científicas, como a economia industrial, o *marketing*, a sociologia econômica, as teorias dos jogos, da dependência de recursos, da ecologia populacional e a institucional, entre outras, vêm empregando seus esforços para o entendimento das complexas relações entre organizações, para promover esforços de inovação.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A globalização está mudando o modo como o mundo se parece e a maneira de como vemos o mundo. A perspectiva global nos mostra que nossos laços cada vez maiores com o resto do mundo podem significar que nossas ações e consequências para outros e que os problemas do mundo têm consequências para nós, (GUIDDENS, 2008). Um dos reflexos dessa globalização é invariavelmente o debate sobre inovação. Ele tem tomado um papel protagonista nas mais diversas economias e sociedades. Em termos teóricos e conceituais especializados, a inovação tem sido destacada como força propulsora e renovadora das empresas e, conseqüentemente, do crescimento econômico sustentável das nações, bem como de regiões.

Esse estudo tem o intuito de ressaltar o papel da inovação para a transformação na matriz econômica e social dos estados, mas tentando identificar entendimentos e concepções sobre o processo e a gestão de inovação, durante a experiência prática dos atores participantes, independentemente de sua natureza e qualidades. É possível perceber, que cada vez mais se constata, a partir de diferentes políticas públicas e no aumento do debate e das estratégias dos governos de diferentes esferas, uma vontade visando o “novo”, o diferente. O fato de “fazer diferente” é reconhecido pela teoria econômica e pela teoria organizacional recente como algo que proporciona uma posição de destaque junto aos clientes, fornecedores e a sociedade, ao gerar, com isso, valor econômico e social para as organizações, tanto públicas como privadas. Mais do que uma invenção ou uma intuição, inovar tem sido apontado

como fator-chave do crescimento sustentável e da redução de desigualdade econômica e, portanto, como um indicador socioeconômico importante.

Um estudo realizado em 2014, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), com 72 mil empresas brasileiras, que possuíam mais de dez funcionários, demonstrou que, apesar destas empresas representarem apenas 1,7% da indústria, as que investem em inovação são responsáveis por 25,9% do faturamento industrial no Brasil, e por 13,2% do número total de empregos gerados no país (PINTEC, 2020).

O mesmo estudo realizado pelo IPEA a partir do relatório do PINTEC (2020) e coletados pelo IBGE demonstram o quanto o Brasil ainda carece de um aumento maior em P&D. Neste sentido, o relatório destaca que no Brasil o investimento é de 0,55% do PIB com grande possibilidade de caída nos próximos anos seguintes. Realidade completamente diferente nos EUA que possuem um PIB quase vinte vezes maior que o do Brasil e mesmo assim investem um percentual direto maior (1,87% do PIB) e ainda menor frente a Coreia do Sul 2,45% do PIB no ano de 2018.

Esse resultado é significativo e demonstra que o governo, no caso o brasileiro ainda tem um caminho longo a percorrer com vistas a fazer com que a base de sustentação da nossa economia seja pautada por processos inovadores. Ao se analisar de que forma esses recursos são disponibilizados para se promover a inovação, destacaram-se tecnologias da informação e da comunicação (TICs), energia, biotecnologia, saúde, petróleo e gás natural, e telecomunicações.

Buscando compreender a ligação entre a ação pública com a ação privada com vistas a promover a inovação, questiona-se: até que ponto os atores econômicos que atuam em ecossistemas de inovação têm consciência desses dados, possuem conhecimento teórico para interpretá-los e os mobilizam para orientar suas ações e agir e inovar? Pouco se sabe. Além disso, não se sabe até que ponto esses atores, ou quais agentes que atuam em um ecossistema de inovação têm interesse nesse tipo de informações, e se elas têm alguma aplicabilidade sobre as suas decisões e sobre o que eles fazem no seu dia a dia nas suas diferentes práticas e ações na busca por criar e promover a inovação.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

Aderente ao que vem sendo discutido, o conceito de ecossistema de inovação vem sendo mobilizado por diversas áreas do conhecimento, ao incluir os estudos

sociais da ciência e tecnologia, a economia do desenvolvimento, a gestão da inovação e a sociologia econômica, em que é debatido, enaltecido e/ou questionado. No ambiente corporativo, é usado a nível nacional ou em contextos regionais, de maneira idiossincrática, de modo que envolve abordagens multidisciplinares, além de influenciar decisões institucionais, empresarias e governamentais.

Essa concepção de ecossistemas está na vanguarda do debate conceitual emergente sobre a inovação (OH *et al.*, 2014), de modo a englobar a complexidade organizacional que esse processo envolve. Ou seja, a inovação não é apenas uma invenção isolada, é um processo, e exige gestão. Nesse sentido, um ecossistema emerge da coordenação entre parceiros em redes caracterizadas pela cooperação e competição simultâneas (NALEBUFF; BRANDENBURGER, 1997; AFUAH, 2000).

Incutidas nesse debate, encontram-se as perspectivas ancoradas no conceito de *stakeholders*, proposto inicialmente por Freeman (1984), em sua obra intitulada: “Gestão estratégica: uma abordagem das partes interessadas”, que tem origem a partir da teoria evolucionária da firma (FREEMAN, 1984). As relações das empresas com o ambiente externo e também com as partes interessadas (*stakeholders*) podem ser apresentadas de acordo com várias abordagens, sendo que a diferença básica entre eles é definida pelo grau de importância atribuído às ações que realizam. O autor sugere que há espaço para qualquer agente afetar ou ser afetado por outros agentes, criando uma possibilidade infinita de ações dos *stakeholders*.

Mais recentemente, Wolffenbüttel (2020) observou que, para que a inovação ocorra, é importante que haja espaços de relações entre diferentes atores sociais, para que eles possam coordenar suas ações (disputa, cooperação, negociação). Assim, é “com base em entendimentos compartilhados sobre essas interações, que variam conforme estes atores relacionam suas competências, complementaridades e interesses à ordem estabelecida no mercado” (WOLFFENBÜTTEL, 2020, p. 414).

Contudo, cabe também compreender o que os agentes interessados pensam sobre a questão da inovação e sobre a sua participação nos ecossistemas, e como seu entendimento os ajuda a monitorar sua ação. Com isso, pairam muitas lacunas sobre a compreensão de fatores substantivos que envolvem o conhecimento que circula e que é mobilizado pelos agentes interessados que atuam nos ecossistemas, como o entendimento dos diferentes atores sobre o processo e a gestão da inovação, a natureza dos próprios ecossistemas de inovação e os benefícios sociais mais amplos, que transbordam a esfera econômica que envolve a inovação. Se evidências

podem ser observadas e demonstradas sobre as condições objetivas que potencializam o desenvolvimento e os resultados dos ecossistemas de inovação, ainda há poucas evidências sobre como os atores envolvidos concebem a sua participação, contribuição e importância no funcionamento de ecossistemas, e em que medida eles efetivamente compreendem o seu papel no processo de inovação e vislumbram a sua presença nos ecossistemas.

Nesse tocante, um questionamento preliminar que emerge é: ***quais entendimentos sobre a inovação esses agentes interessados (stakeholders) mobilizam para tomar medidas que influenciam na organização do sistema em questão? Existe articulação entre esses diferentes agentes para compreender o conceito e a prática de inovação?***

A presente tese busca responder o seguinte problema de pesquisa: ***De que maneira, e com base em quais fundamentos, diferentes stakeholders atuantes em ecossistemas de inovação definem inovação, e em que medida eles compreendem seu papel e orientam sua atuação conforme prescrito em concepções científicas especializadas sobre o processo e a gestão da inovação?***

Para responder essa problemática, os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram foco deste estudo. Ambos os estados possuem ecossistemas de inovação, considerados por especialistas como na vanguarda da inovação, no Brasil. Esse argumento é reforçado por Fiates (2014), que estudou a influência do ecossistema de empreendedorismo inovador no segmento de *venture capital*, a partir das análises de estratégias de apoio às empresas inovadoras. Uma explicação para a escolha desses estados deve-se à busca dos mesmos por mudanças na sua matriz econômica, tendo em vista o estímulo para o desenvolvimento tecnológico inovador. Importante destacar que os dois estados eram majoritariamente agrícolas e industriais. A matriz agrícola segue pujante e definida na composição do PIB de cada estado, mas a industrial vem desacelerando como em todos os estados, bem como em nível de país, como tendência global largamente observada por teóricos da pós-modernidade que abordam o avanço do setor de serviços, há mais de 30 anos. Outra explicação é que casos bem sucedidos poderiam melhor contribuir com os objetivos desta pesquisa.

A pesquisa em pauta mobilizou elementos da teoria da estruturação proposta por Giddens (2003), para elucidar hermeneuticamente algumas das redes de

significado que estão operando no contexto em que ocorre o processo de inovação, propondo observar a forma como se manifesta a concepção de inovação na consciência prática e na consciência discursiva de diferentes *stakeholders* atuantes nos ecossistemas de inovação selecionados. Ainda, avança na linha da busca pela compreensão do conceito de dualidade proposto por Giddens (2003). Dessa maneira, com a noção de dualidade de estrutura, a estrutura não é externa aos indivíduos, mas enquanto traços mnêmicos ela é exemplificadora de práticas sociais, num certo sentido mais interna do que externa às suas atividades, num sentido durkheimiano. “Estrutura não deve ser equiparada à restrição, à coerção, mas é sempre, simultaneamente, restritiva e facilitadora” (GIDDENS, 2003, p. 30).

A análise proposta, portanto, se orienta pelo caráter situado e significativo desses entendimentos sobre a inovação, conforme expresso tanto na reflexividade quanto no monitoramento da ação desses agentes, durante o papel que ocupam na reprodução dos sistemas em que atuam. A variedade e a forma como os *stakeholder* definem inovação e o teor substantivo (conteúdo) da sua concepção permitem, por um lado, avaliar a compreensão conceitual que tais agentes possuem sobre inovação, conforme seu perfil e características, e, por outro lado, examinar aspectos que dizem respeito ao movimento de reflexividade que cada tipo de agente exercita ao cumprir um papel no processo de inovação. Trata-se de entender o papel desses agentes e de como eles interpretam o espaço onde atuam.

Conforme a teoria da estruturação é a partir do estoque de conhecimento que possuem e acessam que os atores hábeis monitoram o ambiente social e a sua ação, assim como, a de outros atores, agindo estratégica e criativamente sobre o mesmo. Por meio dessa monitoração, competência latente de todos agentes, a continuidade e a mudança de práticas se tornam possíveis (GIDDENS, 2003). No caso do objeto em pauta, por conseguinte, o entendimento que manifestam sobre a inovação e o seu papel, produz evidências sobre como os *stakeholders* monitoram sua ação ao agir nos ecossistemas de inovação.

Conforme Giddens (1984, *apud* O'DWY; MATTOS, 2010, p. 611), “a monitoração reflexiva, a racionalização e a motivação sustentariam a ação cotidiana dos atores sociais”. Sendo assim, independentemente da forma como manifestam uma consciência discursiva sobre sua importância e contribuição ao processo e gestão da inovação, sua atuação é exercida, estando sua conceituação

espontaneamente elaborada, de alguma forma sintonizada com uma ou outra definição científica especializada presente nas teorias da inovação.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Demonstrar que a atuação (papel, motivação e contribuição) de *stakeholders* nos ecossistemas de inovação estabelecido nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina não depende de eles conceberem uma concepção de inovação que seja convergente ou que esteja precisamente em sintonia com o conhecimento científico e especializado sobre a dinâmica do processo e da gestão da inovação.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar e caracterizar os tipos de *stakeholders* atuantes nos ecossistemas de inovação nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul;
- Mapear e comparar as concepções de inovação e os entendimentos dos *stakeholders* sobre a forma como vislumbram e exercem seu papel no processo de inovação, conforme seu perfil; e
- Classificar as concepções de inovação dos *stakeholders* e avaliar o seu nível de conhecimento teórico, conforme seus tipos.

1.4 HIPÓTESES

Com base nesse quadro referencial, e a partir da problematização de pesquisa proposta, destaca-se como hipótese geral do estudo: os *stakeholders* envolvidos no ecossistema de inovação nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul possuem concepções diferenciadas, tanto sob o ponto de vista tácito quanto teórico, sobre o que é inovação, que são definidas a partir de suas trajetórias profissionais e espaços e rotinas de atuação. Tais concepções da inovação, mais ou menos embasadas no conhecimento teórico e no debate conceitual especializado, são recursos disponíveis e mobilizados pelos diferentes *stakeholders*, mas a maior ou

menor elaboração na concepção que possuem sobre o processo e a gestão da inovação não impele nem constrange sua atuação e ação inovadora.

Especificamente:

- Os *stakeholders* são atores competentes em elaborar discursivamente uma concepção de inovação, mas elaboram essa definição de forma mais complexa (mais próxima do debate científico e conceitual especializado) quanto mais distante se encontram da experiência prática de inovação;
- Os *stakeholders* empresariais (firmas consolidadas/*startups*/empresários) concebem a inovação a partir de sua experiência prática e conhecimento técnico e tácito, e estão mais preocupados com estratégias de concorrência e resultados e menos com as propriedades e qualidades do ecossistema de inovação em que atuam;
- O *stakeholder* universidade incorpora mais elementos teóricos especializados e conhecimento científico na sua concepção de inovação, monitorando sua ação com vistas a estimular o desempenho dos ecossistemas de inovação em que atua;
- O *stakeholder* governo incorpora parcialmente alguns elementos teóricos especializados na sua concepção de inovação, monitorando sua ação com vistas a identificar e absorver demandas dos demais agentes interessados, e propõe e negocia incentivos para os ecossistemas em que atua.
- Os *stakeholders* intermediários (consultorias, mentorias, investidores) incorporam na sua concepção de inovação tanto elementos práticos quanto teóricos, monitorando sua ação com vistas a influenciar e qualificar o processo e a gestão da inovação no contexto dos ecossistemas de inovação em que atuam;
- A maior variedade de *stakeholders* em um ecossistema amplia a rede de significados sobre o processo e a gestão da inovação, promovendo a prática da inovação para além de modelos teóricos formais vigentes. Quanto mais os significados da inovação expressam conhecimentos teóricos e empíricos, menos artificial se torna o ecossistema de inovação e mais entendimentos os agentes interessados mobilizam para monitorar a sua ação inovadora.

A presente tese está organizada da seguinte forma: nessa introdução foi caracterizado o objeto da pesquisa e apresentados, respectivamente, a

contextualização e a problemática do estudo, os objetivos e as hipóteses que conduziram a análise. O Capítulo 2 debate alguns fundamentos da teoria da estruturação, especialmente no que se refere aos conceitos de reflexividade e monitoramento da ação, e faz um levantamento sobre o arcabouço teórico acerca de três conceitos fundamentais ao escopo analítico do estudo, a saber, o conceito de inovação, o conceito de ecossistemas de inovação e o conceito de *stakeholders*. No Capítulo 3, é apresentada a metodologia do estudo, a caracterização dos informantes entrevistados e as técnicas de análise. No Capítulo 4, os resultados da pesquisa são apresentados em três seções, sendo as duas primeiras referentes ao entendimento da inovação pelos *stakeholders* catarinas e gaúchos, respectivamente, e a última comparando convergências no argumento de agentes de ambos os ecossistemas. Finalmente, nas conclusões, são expostos os principais achados de pesquisa, a validação das hipóteses e as perspectivas futuras de continuidade desse tipo de estudo.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO E CONCEITUAL

No intuito de estabelecer um quadro referencial teórico e conceitual para a investigação realizada, este capítulo apresenta alguns elementos da teoria da estruturação que auxiliam o estudo na exploração de conceitos e de entendimentos sobre esses, e que transitam junto ao objeto da pesquisa, em seu próprio cotidiano, durante todo o fluxo regular de sua ação. Optou-se, portanto, por mobilizar um amplo referencial sobre o contexto de discussão da temática inovação, em termos conceituais e técnicos, haja vista que compõem os estoques de conhecimento acessados e mobilizados pelos agentes interessados tomados como objeto da pesquisa.

Nesse sentido, a segunda seção debate o conceito de inovação, sua tipologia, e apontamentos para a gestão da inovação. A terceira seção debate o conceito de ecossistemas de inovação, momento no qual se discorre sobre o conceito de tripla hélice, como sendo um dos argumentos teóricos mais relevantes para sustentar a explicação da articulação dos diferentes *stakeholders*. E, por fim, apresenta-se a teoria de *stakeholders* com vistas a compreender e ancorar teoricamente os diferentes

atores que interpretam, agem e realizam o processo de inovação nos ecossistemas de inovação.

2.1 REFLEXIVIDADE E MONITORAMENTO DA AÇÃO

Antony Giddens (2003) ao propor a teoria da estruturação auxilia o analista social no que seria a elucidação hermenêutica de redes de significado, que acabam por operar em sistemas sociais. E é por meio das formas que se manifestam a consciência prática e a consciência discursiva dos atores. Para tanto, essa abordagem se orienta pelo caráter situado e significativo da reflexividade e do monitoramento da ação dos atores sociais na reprodução dos sistemas em que eles atuam. Para o autor, uma das qualidades do monitoramento da ação consiste na conectividade do agente, o que implica reconhecer tudo o que os atores sabem e creem acerca das circunstâncias de sua ação e da ação dos outros, apoiados na produção e reprodução dessa ação, incluindo o conhecimento tácito (“prático”; empírico, não explícito) e o conhecimento discursivamente disponível (“teórico”, formal, especializado) (GIDDENS, 2003).

O fundamento da teoria da estruturação presume que todos os atores sociais são “teóricos sociais natos”, isto é, agentes reflexivos e que monitoram sua ação. Eles são criativos e habilidosos em alterar suas “teorias espontâneas” à luz de suas experiências, além de serem receptivos a novas informações. Os atores conhecem muito, discursiva e tacitamente, a respeito do ambiente em que atuam e agem. As práticas sociais derivam do conhecimento que os atores possuem delas e, pela reflexividade, eles as reexaminam, a partir da troca de informações. Nesse processo, eles praticam o entendimento que têm sobre as coisas que fazem, embora nem sempre estudem, analisem e verbalizem esse entendimento. Eles conhecem as circunstâncias da sua ação e da ação de outros, e se empenham estrategicamente na produção e reprodução da ação (GIDDENS, 2003).

(...) a descrição de atividades humanas requer familiaridade com as formas de vida expressas naquelas atividades. É a forma especificamente reflexiva da cognoscibilidade dos agentes humanos que está mais profundamente envolvida na ordenação recursiva das práticas sociais. A continuidade de práticas presume reflexividade, mas esta, por sua vez, só é possível devido à continuidade de práticas que as tornam nitidamente “as mesmas” através do espaço e do tempo. Logo, a “reflexividade” deve ser entendida não

meramente como “autoconsciência”, mas como o caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social (GIDDENS, 2003, p. 3).

Segundo Giddens (2003), as ciências sociais – bem como as ciências sociais aplicadas – não podem descrever a atividade social sem conhecer o que seus atores constituintes sabem, tanto discursiva quanto tacitamente. Essa abordagem reconhece os atores sociais como agentes habilidosos e competentes. A habilidade dos atores (competência) é tudo o que os atores conhecem (ou aquilo que acreditam conhecer), de maneira tácita ou discursiva, sobre as circunstâncias de sua ação e da ação dos outros, e que eles utilizam na produção e reprodução da ação. Logo, as “descobertas” das ciências sociais não são inteiramente novas para aqueles aos quais elas dizem respeito. Elas são novas exclusivamente para os outros cientistas sociais, porque “o sociólogo tem como campo de estudo fenômenos que já são significativos” (GIDDENS, 2003, p. 335), para aqueles atores prosseguirem nas suas atividades sociais. Contudo, os sujeitos da pesquisa são competentes para incorporar a sua prática as descobertas científicas sobre elas, já que toda a pesquisa social pode ter “consequências práticas potenciais tanto para aqueles cujas atividades são investigadas quanto para outros” (GIDDENS, 2003, p. 339).

As atitudes dos atores competentes, nos sistemas em que atuam, têm certas consequências. Eles atuam a partir de redes de significado que possuem e planejam e agem estrategicamente para colocar determinados projetos em prática. Algumas consequências eles preveem e atingem, porém, outras são impremeditadas e atuam no próprio sistema, o que afeta seus destinos e os de outros.

A teoria da estruturação é uma clara crítica ao objetivismo, bem como a qualquer primazia ao espontaneísmo dos agentes individuais. O pressuposto epistemológico é que a vida social não é nem um enquadramento externamente condicionado, nem um produto intencional de seus atores constituintes, embora a conduta no dia a dia seja cronicamente levada a cabo, de modo deliberado pelo próprio agente imerso. As atitudes dos atores competentes, nos sistemas em que atuam, têm certas consequências. Eles atuam a partir de redes de significado que possuem e planejam, e agem estrategicamente para colocar determinados projetos em prática. Algumas consequências eles preveem e atingem, porém, outras são impremeditadas e atuam no próprio sistema, o que afeta seus destinos e os de outros. No estudo das consequências não premeditadas da ação que serão encontradas algumas tarefas mais características das ciências sociais.

É esse aspecto que Giddens (2003) mobiliza para ilustrar a concepção de dupla hermenêutica: as ciências sociais não estão isoladas de “seu mundo” de modo como as ciências naturais estão do “delas”, ou seja, as primeiras participam da própria constituição de “seu mundo”. Na ciência social existe íntima relação entre analistas sociais e leigos. As “descobertas” da ciência social não podem permanecer enquanto tais por muito tempo, pois quanto mais esclarecedoras elas forem, mais provavelmente serão incorporadas à ação dos atores, e se tornarão princípios familiares da vida social.

Evidenciar concepções teóricas e conceituais que possam descrever um espaço ou sistema social não é suficiente para tomá-los como contextos “dados”, visto que são produzidas e reproduzidas através da agência humana (GIDDENS, 2003). Ou seja, concepções teóricas e conceituais sobre determinadas realidades sociais existem na mente do observador, e apenas ilustram por meio do discurso científico o que os atores fazem rotineiramente no fluxo de suas atividades, em um sentido lógico. Conforme prescreve a teoria da estruturação,

O grande volume dos “estoques de conhecimento”, (...) não é diretamente acessível à consciência dos atores. A maior parte desse conhecimento é prático por natureza: é inerente a capacidade de “prosseguir” no âmbito das rotinas da vida social. A linha entre consciência discursiva e consciência prática é flutuante e permeável, tanto na experiência do agente individual quanto na que se refere a comparações entre atores em diferentes contextos da atividade social (GIDDENS, 2003, p. 5).

A teoria da estruturação também se compromete a elucidar os sentidos ontológicos que envolvem a ação dos atores. Essa ideia é expressa pelo conceito de reflexividade da vida social, que consiste no fato de que há uma reforma e exame à luz da informação renovada, de forma constante, das práticas sociais, o que pode alterar, de certo modo, constitutivamente o seu caráter. Trata-se de uma estruturação constante das realidades sociais, a partir da agência dos atores. Os atores sociais monitoram reflexivamente o que fazem, com base em entendimentos que possuem e que aprimoram por sua imersão, utilizando-se de regras e recursos disponíveis, e nesse ato reflexivo dão continuidade a práticas sociais que os conduzem na reprodução e produção de um sistema social. Conforme Giddens (2003), tudo o que os atores fazem habitualmente durante sua rotina manifesta “a natureza repetitiva de atividades empreendidas de maneira idêntica dia após dia” (GIDDENS, 2003: p. XXV) e expressa a base do caráter recursivo da vida social.

A rotinização é vital para os mecanismos psicológicos por meio dos quais um senso de confiança ou segurança ontológica é sustentado nas atividades cotidianas da vida social. Contida primordialmente na consciência prática, a rotina introduz uma cunha entre o conteúdo potencialmente explosivo do inconsciente e a monitoração reflexiva da ação que os agentes exigem (GIDDENS, 2003, p. XXVI).

O monitoramento reflexivo da ação se baseia no conhecimento tácito que só pode ser expresso no discurso de modo parcial. Esse conhecimento prático e contextual, não é inconsciente para os atores, pelo contrário, é base para sua rotina, motivação e ação, e advém, sobretudo, da interação entre os atores e da interação deles com as redes de significados institucionalizadas no contexto de sua atividade social. Nas seções seguintes, são mobilizados debates teóricos e conceituais sobre a inovação, seu processo, tipos e gestão; ecossistemas de inovação e seus modelos; e agentes imersos interessados (*stakeholders*), seu papel e atuação. O estado da arte interpretativo sobre tais conceitos são fundamentais para basilar os critérios de observação e análise dos entendimentos sobre a inovação que os informantes da pesquisa manifestam, e a forma como esses agentes, independentemente de suas características e qualidades, os mobilizam para monitorar reflexivamente sua ação, durante a continuidade de suas atividades sociais.

2.2 O CONCEITO DE INOVAÇÃO

O conceito de inovação, na forma como é definido e caracterizado pelos diversos estudos que se dedicam a investigar esse fenômeno, seja em termos de iniciativa dos agentes para inovar, seja para desvendar os fatores relacionados ao processo de inovação, seja para verificar os resultados ou a função econômica da inovação para o crescimento e o desenvolvimento, servem de parâmetro para estabelecer uma concepção discursiva disponível e formal. Portanto, teórica e especializada, que se supõe, permeie de alguma forma e em algum grau o entendimento que os diferentes *stakeholders* imersos em ecossistemas inovadores fazem da inovação.

Do ponto de vista teórico e especializado, a inovação – em seu processo e gestão – é um tema que pode ser visto de diversas perspectivas (HAUSER, TELLIS; GRIFFIN, 2006). Historicamente, houve resistência às ideias inovadoras e ao próprio conceito de inovação, mas transformações do século XVIII e XIX impulsionaram uma

nova visão de mundo (MCCLOSKEY, 2009). Já no começo do século XX, Joseph Schumpeter forja entendimentos que são até hoje replicados a respeito da inovação.

Schumpeter (1985) descreve inovação como a destruição criativa por meio da introdução de novos produtos e processos radicalmente diferentes. Desde então, esse entendimento vem evoluindo, estudiosos de todo o mundo produziram um vasto leque de pesquisas acadêmicas sobre o assunto.

A palavra "inovação" tem sua origem no latim e significa introduzir algo novo no domínio existente e na ordem das coisas. Dessa maneira, advoga-se que um grande impulsionador da inovação tem sido o aumento da conectividade e da capacidade de buscar outros contatos com os quais é possível trocar ideias e combiná-las com nossas próprias percepções para gerar algo novo (HOWE, 2006). Os famosos "cafés" durante o iluminismo e os salões parisienses no modernismo eram considerados verdadeiros motores de criatividade por propiciar um espaço em que as ideias podiam se combinar, se misturar e gerar novas concepções. Giddens (2003) enfatizou os encontros como elemento prático da atividade cotidiana, capaz de aproximar e estabelecer a relação entre diferentes atores que atuam em sistemas sociais.

Nos últimos anos, surgiram diversas novas formas de conexão e de encontrar novas pessoas que possuem aquela "peça" que faltava para completar a ideia em andamento, ou mesmo de se deparar com alguma informação nova e incrível que poderia ser usada para desenvolver ou melhorar as ideias em desenvolvimento (JOHNSON, 2001). Neste cenário de alta conectividade, o qual Castells (2001) denomina de sociedade informacional, o relacionamento dos diferentes atores sociais, como por exemplo, clientes e empresas, está cada vez mais próximo, o que possibilita que os mesmos possam participar cada vez mais do processo de criação de diversos produtos e serviços, ao fomentar também, a inovação. Contudo, o que efetivamente entende-se por inovação? Antes de entender melhor o conceito de inovação é importante trazer a diferença destacada por Schumpeter (1988), quando afirma que: "invenção é diferente de inovação, uma invenção é uma ideia, esboço ou modelo para um novo ou melhorado artefato, produto, processo ou sistema. Uma inovação, no sentido econômico somente é completa quando há uma transação comercial envolvendo uma invenção e assim gerando riqueza (SCHUMPETER, 1988)".

A inovação, consoante Barbieri e Alves (2003), é o resultado da geração de uma ideia que foi implementada com resultados positivos, que ocorrem se, por

exemplo, a empresa obtiver lucratividade em seu negócio e, para os consumidores, se tiverem suas necessidades supridas.

Já Nelson e Rosenberg (1993), a descrevem como o processo pelo qual as organizações adquirem ou colocam em prática novas tecnologias em produtos ou serviços, agregando valor social ou riqueza. Inclusive, diversos autores discorrem sobre o fato de que compreender a inovação em seu papel social e econômico é um aspecto chave para compreender o crescimento e o desenvolvimento econômico, decorrente do mencionado resultado positivo, trazido pelos autores supracitados.

Do ponto de vista das empresas, uma inovação é percebida como o “final feliz da jornada de competência da inventividade”, quando essa jornada é realmente bem-sucedida e leva a criação de sustentáveis e promissores nichos ou novos mercados (CARAYANNIS, 2009). A inovação ocorre quando antigos processos organizacionais são trocados por motivação de novas ideias, métodos produtivos, e capacidades (BROUWER, 1997).

Nessa perspectiva, “a ligação estreita e mecânica existente entre comportamento econômico e tecnológico veio a dominar, durante décadas, os estudos sobre inovação” (MACIEL 2001 *apud* ANDRADE, 2005, p. 146). Para Flichy (1995), existe um problema metodológico nas teorias que procuraram estabelecer as relações entre pressão da demanda, oferta tecnológica e inovação. De acordo com o autor, tais teorias trabalharam com modelos e cruzaram determinadas variáveis, mas ainda não conseguiram efetivamente explicar como os processos inovativos aparecem e se desenvolvem.

O patamar atingido pelos estudos sobre o tema tem em sua ampliação o conceito de inovação, tal como se constata na formulação tecno-científica proposta por Nelson (1990). Para o autor, a pesquisa e desenvolvimento (P&D) são as bases das inovações, ao destacar na função do laboratório de pesquisas, “o coração da moderna máquina capitalista”. Esse enquadramento conceitual pode ser melhor discutido. Para tanto, assume-se neste estudo, que em qualquer caso, planejada ou não, a inovação origina-se nas pessoas e é um esforço contínuo, não intermitente ou esporádico nas organizações, conforme defende Kelley (2007). Para o autor, a construção de um ambiente plenamente engajado com a “mudança positiva” e impregnado de uma “cultura rica em imaginação e renovação”, significa “criar uma empresa com 360 graus de inovação”, e enfatiza que uma empresa que quiser alcançar o sucesso em inovação precisará de novos *insights*, de novos pontos de vista

e de novos papéis. Para Nelson (1990), a inovação poderá ocorrer no produto ou no processo, ou ainda na própria organização ou mercado; poderá ser contínua, incremental ou radical, ou disruptiva.

O conceito de inovação é mais que um conceito que gera algum tipo de vantagem e, principalmente não quer dizer que essa vantagem tenha que ser competitiva. Assim, têm-se pontualmente no conceito de inovação o apontado por Quinn, Baruch e Zien (1997), quando argumentam que a inovação consiste nos processos sociais e administrativos com os quais soluções são traduzidas. Num primeiro momento no que tange ao uso social e, posteriormente, se tornam uma cultura. Entretanto, os mesmos autores destacam que a inovação tecnológica envolve uma combinação de arte, de ciência e de ofício, empregados para criar os bens ou os serviços utilizados pela sociedade.

Desta maneira, o conceito de inovação tem sido ampliado com o passar dos anos. Especificamente, por lançar luzes de análises antes não utilizadas para compreender os fenômenos que circundam os indivíduos na sociedade. O debate teórico-conceitual científico e especializado sobre o conceito de inovação ainda repercute sobre três possíveis formas como o fenômeno pode ser exposto: inovação tecnológica, inovação aberta e inovação social.

2.2.1 Inovações Tecnológicas

A concepção do conceito de inovação, com base no viés tecnológico é a que fora mais amplamente discutida até então, bem como ainda representa grande parte da pauta de discussões sobre o tema. É importante destacar que esse conceito emerge de uma discussão econômica, especificamente a partir da corrente da economia institucional que tem o seu núcleo formador nos estudos de Schumpeter desde os anos 1930. Neste sentido, a análise recai sobre o empresariado e a empresa, e mais detidamente sobre a firma, em economia. Ao seguir essa linha de análise, a aprendizagem e o conhecimento são fatores que norteiam a criação da firma. A firma é a criação de uma estrutura organizacional de produção, que se torna viável economicamente quando o custo de utilizar o mercado para a produção de um bem ou serviço é maior que o custo de internalizar uma nova atividade produtiva à firma estabelecida (COASE, 1937; WILLIAMSON, 1985).

A internalização da produção é suscetível à aquisição e organização de recursos específicos, baseadas nas habilidades e conhecimentos especializados, e unidos através de uma estrutura organizacional (WERNERFELT, 1984, PENROSE, 1995, PAVITT, 1992). O ator responsável pela criação da firma é o empreendedor, que avalia a decisão de internalizar a produção baseado no lucro e na demanda estimados (SIMON, 1997; COHEN E CYERT, 1965; BASKERVILLE E DULIPOVICI, 2006). O processo de tomada de decisão é dividido em três fases: (1) previsão, em que são estimadas as reações dos competidores, demandas, custos e as metas de lucros, entre outros; (2) avaliação, os esforços são feitos para encontrar a melhor alternativa, dados as previsões; e (3) reavaliação, as estimativas de custos e as demandas são revisadas (COHEN E CYERT, 1965).

Quanto à inovação na firma, um novo produto será uma nova solução de conhecimento para um problema corrente, em que as soluções correntes para o problema já estão esgotadas. Quando o produto cruzar a barreira de produção sustentada inicial e começa a ser vendido a um determinado valor, o qual um número substancial de clientes está disposto a pagar um preço que trará lucro para o vendedor, este produto realiza a inovação (MARX, 1988; JACOBIDES e WINTER, 2003; FREEMAN e SOETE, 2008).

A geração de novos conhecimentos pode incentivar a inovação que, conforme Nelson e Rosenberg (1993), é o processo pelo qual as firmas adquirem ou colocam em prática novas tecnologias em produtos ou serviços, ao agregar valor social ou riqueza. Leonard e Sensiper (1998), também definem a inovação como uma fonte de vantagem consolidada para a maioria das firmas. Todavia, antes de ser uma inovação, o novo produto ou processo é algo tecnologicamente novo para firma e para o mercado, construído com base no conhecimento em estado-da-arte.

Para Schumpeter (1961), as inovações tecnológicas dizem respeito à intensidade com que ocorrem, bem como dos impactos que causam nos sistemas econômicos. Dessa maneira, tais impactos na visão do autor podem ser: inovações radicais que para o autor são fontes de causa de revoluções tecnológicas que tem como reflexo romper outro aspecto importante das inovações tecnológicas diz respeito à intensidade com que ocorrem e os impactos que causam no sistema econômico, podendo ser: inovações radicais, que em geral são causadoras de grandes revoluções tecnológicas que rompem radicalmente com o passado que podem ser responsáveis por transformações que podem vir a alterar o sistema econômico em vigência; e as

inovações incrementais que são aquelas que fazem alterações mais impactantes com potencial de reflexo maior no funcionamento econômico futuro.

Freeman e Perez (1988) sugerem que além destas duas formas de se ter inovação, há ainda outras duas. De acordo com os autores, os quatro tipos de inovação são: (1) incremental, que ocorre continuamente em produtos e serviços, mas em diferentes taxas, em diferentes setores industriais e diferentes países, dependendo das combinações de demandas, fatores socioculturais, oportunidades e trajetórias tecnológicas; (2) radical, que é caracterizada por eventos descontínuos, resultado das atividades de pesquisa e desenvolvimento, sendo um impulsionador para o desenvolvimento de novos mercados, e para o surgimento de novos investimentos; (3) mudança nos sistemas econômicos, que são mudanças tecnológicas que afetam diversos setores da econômica, assim como dão nascimento a novos setores; e (4) mudança no paradigma tecnoeconômico (revoluções tecnológicas), que são mudanças tecnológicas que influenciam o comportamento de todo o sistema econômico, em consonância com o desenvolvimento de um ou vários sistemas tecnológicos.

Independentemente da filosofia de implementação, quando as empresas param de inovar, seus concorrentes vão se recuperar e torná-los irrelevantes, e/ou obsoletos (SRIVANNABOON; MUNKONGSUJARIT, 2016). Contudo, é possível entender inovação como o ato de criar e explorar com sucesso uma nova ideia (GAYNOR, 2001; ADAMS et al., 2006). Esse conceito diferencia inovação de invenção (KLINE; ROSENBERG, 1986). A atividade de inovação é importante para a criação e sustentação da firma, pois sua vantagem competitiva resulta da habilidade em criar novos produtos e processos melhores que seus concorrentes (PAVITT, 1992).

Schumpeter (1961), ao descrever o processo que ele chamou de destruição criativa, enfatiza a necessidade de constante inovação da firma para manter-se no mercado. Na destruição criativa o desenvolvimento econômico é um processo contínuo de crescimento e movimento dinâmico, altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente no mercado. Como mencionam Zawislak, Boehe e Lacerda (2006, p. 02), “a firma, para ser “firma”, estará sempre em busca de novas (para si) e diferentes (para o mercado) alternativas de valor”. Em suma, a inovação tecnológica pode ser obtida por meio da união do conhecimento científico com o conhecimento empírico. Esta união é dada pela aproximação entre o agente gerador de conhecimento científico tecnológico e o agente responsável pela aplicação

econômica deste conhecimento. Com isso, a inovação tecnológica é algo tecnologicamente novo para a organização e para o mercado, construído com fundamento no conhecimento em estado-da-arte, e não somente a partir do rearranjo de tecnologias correntes.

A inovação tecnológica desencadeia, intrinsecamente, toda uma série de transformações, que ultrapassam os limites tecnológicos propriamente ditos, ao difundir-se em novos processos e produtos, e afetar os hábitos e costumes sociais institucionalizados em toda a sociedade (CONCEIÇÃO, 2000). Corroborando com Conceição (2000), Zawislak (1995) destaca que a tecnologia é a execução de uma ação que foi aperfeiçoada pelo conhecimento. Ainda nas palavras do autor, o surgimento de uma tecnologia ocorre pela necessidade do homem em ultrapassar um tipo de obstáculo, como a falta de força, precisão ou mais conhecimento (ZAWISLAK, 1995).

Sob o ponto de vista de classificação, a Inovação Tecnológica defendida pelos autores acima sempre remeteu a uma lógica de performance, de resultados, de criação de novos produtos, ou seja, habitualmente se chama de inovação fechada. Esse modelo demasiadamente produtivista e indicador de “diferenciação ou performance começava a dar claros sinais de que não se sustentaria no século XXI. Foi nesse interim, que Chesbrough (2003) de maneira muito perspicaz ao perceber esse modelo que venham mostrando uma determinada circularidade apontou um novo olhar para o processo de inovação. Um olhar, uma direção que deixa o processo de inovar mais aberto, mais inclusor. Essa nova perspectiva denominou de inovação aberta, assunto que será melhor abordado no próximo tópico.

2.2.2 Inovações Abertas

A proposta da Inovação Aberta foi uma clara percepção de que o modelo de Inovação Fechada estava “cansado”, destaca Chesbrough (2003) em seu livro denominado de “*Open Innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology*, por Henry Chesbrough”. Para o autor, a inovação aberta combina ideias internas e busca inovações externas, em bases cognitivas especializadas ou numa rede de especialistas, para suprir as necessidades de inovação de uma empresa (CHESBROUGH, 2003).

Na inovação aberta, as empresas podem se utilizar de ideias externas e combiná-las com as internas para criar inovações, ou disponibilizá-las em seu entorno para lucrar com suas capacidades. O autor observa que nem todas as empresas são necessariamente obrigadas a migrar para inovação aberta para obterem sucesso, mas ter um modelo de negócio aberto certamente às influenciaria ou aumentaria as suas chances de sucesso, (RODRIGUES, FRANÇA E HERINGER, 2010). O quadro 1 formulado por Chesbrough (2003) representa as principais diferenças entre a lógica tradicional de inovação fechada e a lógica proposta por para a inovação aberta.

Quadro 1- Principais contrastes de Inovação fechada e aberta

Inovação Tecnológica (Fechada)	Inovação Aberta
Pessoas inteligentes trabalham somente para nós.	Nem todas as pessoas inteligentes trabalham para nós, então precisamos encontrar conhecimento e pessoas inteligentes fora de nossa empresa.
Se nós mesmos descobirmos, ganharemos o mercado primeiro.	P&D externas podem criar valores significativos; P&D internas é somente uma pequena parte do valor.
Se formos os primeiros a comercializar uma inovação, nós ganharemos.	Construir modelos e negócios melhores é melhor que ganhar o mercado primeiro.
Se criarmos o maior número e as melhores ideias na indústria, nós ganharemos.	Se nós fizermos o melhor uso das ideias internas e externas, nós ganharemos.
Nós devemos ter controle sobre nossa propriedade intelectual, para nossos concorrentes não tirem proveito de nossas ideias.	Devemos tirar proveito utilizando nossa IP e devemos adquirir outras IPs sempre que precisarmos melhorar nosso modelo de negócio.

Fonte: Chesbrough (2003, p. 38).

No modelo de inovação aberta, as empresas podem prospectar ideias e inovações existentes. Do mesmo modo, podem explorar suas competências internas, combiná-las com ideias externas e comercializá-las através de canais tradicionais ou outros que atinjam mercados ainda não atendidos pelas corporações. Em outras palavras, no modelo de inovação aberta, a fronteira entre uma empresa e o seu ambiente de entorno é mais poroso, permitindo a inovação se mover facilmente entre os dois, (RODRIGUES, FRANÇA E HERINGER, 2010). O paradigma da inovação aberta supõe que a pesquisa e o desenvolvimento (P&D) podem ser tratados como um sistema aberto. Inovação sugere que ideias valiosas podem vir de dentro ou fora da empresa e pode ir ao mercado tanto pela empresa quanto de fora da empresa. Esta abordagem coloca ideias e meios externos de ir ao mercado com o mesmo nível de importância que o reservado para ideias e caminhos internos para o mercado.

A base do paradigma criado por Chesbrough sobre inovação aberta, tanto em (2003; 2006), levem em conta que as empresas façam uso tanto de ideias internas como de ideias externas como forma aprimorar a tecnologia e os processos e consequentemente inovar mais, acrescentando o fato de com a inovação aberta há uma maior integração da cadeia na qual a empresa está envolvida, bem como todos os *stakeholders*. Destaca-se também o fenômeno chamado de *spillovers*: que no caso é quando “as empresas geram e recebem “transbordamentos” ou “respingos” de conhecimento e tecnologia na relação com seus parceiros. Este pode ser um fator decisivo para a aproximação das pequenas empresas com as grandes”, (NEVES, 2021). Aderente ao que vem sendo discutido, o próprio Chesbrough (2006), amplia a sua comparação com a inovação fechada tradicional. Neste sentido, o quadro 2 apresenta melhor essa evolução.

Quadro 2 - Evolução das distinções entre os modelos fechado e aberto de inovação

Diferenças	Inovação fechada	Inovação aberta
1 – Gestão da propriedade intelectual	Considerada um subproduto da inovação, uso defensivo.	Permite diversos usos para as patentes.
2 – Características do conhecimento	Escasso, difícil de se encontrar, perigoso de confiar.	De alta qualidade, distribuído amplamente.
3 - Origem do conhecimento	Interna.	Interna e externa.
4 - Modelo de negócio (ramo de atuação)	Limita a escolha de projetos.	Projetos que não se encaixam no modelo de negócios podem ser desenvolvidos e, depois, negociados externamente.
5 - Avaliação de erros na seleção de projetos	A maior preocupação é não causar “falsos positivos”, enquanto projetos não selecionados pela empresa podem causar erros do tipo “falsos negativos”, em que a empresa perde oportunidades de lucro.	Preocupação em gerenciar “falsos negativos” de forma a identificá-los e encontrar-lhes destino no mercado, com o objetivo de obter lucro a partir deles.
6 - Fluxos intencionais para externalização do conhecimento que não encontrou lugar internamente.	Não considerados.	Considerados.
7 – Mercados intermediários	Quase inexistentes.	Surgimento de intermediários.
8 – Métricas de inovação	Percentual de gastos na P&D interno; número de produtos desenvolvidos; percentual de vendas dos novos produtos; número de patentes produzidas com os investimentos.	P&D conduzida dentro da cadeia de suprimento da firma; porcentagem de inovação originada fora da firma; o tempo que leva para ideias saídas do laboratório chegarem ao mercado; patentes não utilizadas;

Fonte: Chesbrough (2006).

Relacionando com a teoria de Giddens utilizada nesse estudo como sendo a base referencial sociológica e refletindo até aqui sobre os tipos de inovação pode-se perceber que a inovação fechada, tradicional, que fora base do pensamento dominante (*mainstream*) tanto do campo teórico como empírico reflete de fato um ideal estrutural funcionalista de conceitos e práticas. Por outro lado, pode-se destacar a inovação aberta com algo mais relacionado a uma sociologia da ação, dado seu caráter mais amplo e agregador e, por outro lado, menos estruturante.

Frente a essa discussão, o próximo tópico discorre sobre o conceito de inovação social.

2.2.3 Inovações Sociais

A perspectiva de se ampliar o debate com vistas a compreender o impacto que as inovações tecnológicas geram na sociedade sejam elas fechadas ou abertas é o ponto de partida para se compreender o conceito de inovação social. Corroborando com a linha de debate estabelecido, Andrade (2005) coloca no centro desse debate, sociologicamente falando a perspectiva de Bruno Latour. Contudo, antes Andrade (2005) desta que: o pensamento de inovação, inicia:

a partir dos anos de 1970, quando o pensamento sociológico começou a adentrar no debate sobre inovação trazendo novas perspectivas de análise. Uma das grandes críticas dos grandes críticos dos cientistas sociais à tradição reside no determinismo e na abstração dos modelos de inovação, que precisam dar lugar a uma abordagem circunstancial e multilinear, que não aceitam como autossuficientes os parâmetros das escolhas racionais (ANDRADE, 2005, p. 148).

Ainda na visão de Andrade, a obra de Bruno Latour sem dúvida tem apresentado novos parâmetros para a perspectiva da inovação em confronto à tradição estabelecida a partir de Schumpeter. Fatores importantes da análise econômica, como mecanismos de mercado e progresso técnico, passam a ter sua capacidade explicativa questionada por abordagens que privilegiam as relações circunstanciais da prática inovativa (ANDRADE, 2005, p. 149).

O conceito de contexto adquire importância capital em sua sociologia da inovação. Em suas práticas, os agentes inovadores ao mesmo tempo constroem e se submetem aos seus respectivos contextos de inovação. Toda inovação solicita um

contexto que lhe seja favorável e, caso seja impedido de manipular tal ambiente, o agente inovador se verá incapacitado para impor novas regras de articulação entre as tecnologias e o comportamento social, (ANDRADE, 2005, p. 149.)

Assim, torna-se relevante pensar, em termos dos agentes interessados que atuam nos ambientes de inovação, até que ponto tais preocupações estariam em pauta no percurso do monitoramento da sua ação? O provável é que haja – se de fato há essa preocupação fora do debate mais acadêmico – variação em alguma medida, nesse sentido, quanto mais abrangente seja o entendimento do ator sobre a complexidade, causas e consequências do processo de inovação. Contudo, é bem duvidoso até que ponto o entendimento dessa complexidade influencia os atores que praticam a inovação e atua sobre suas motivações.

Segundo Lévesque (2002 apud RODRIGUES; KOZONOI, 2012) explica em seu estudo:

Explica que inovações sociais acontecem na emergência de uma nova configuração do capitalismo, mas seus contornos se tornam móveis e variáveis, segundo os diversos níveis de análise. O autor elaborou um histórico e explica que a partir da década de 1990, um período não mais de crises sociais, mas de mutações e reconfigurações do Estado, emergência de novas formas de regulação, modalidades de coordenação e novos modos de governança, tem-se que o termo “inovação social” designa esse conjunto de iniciativas socioeconômicas que promovem um maior bem estar de indivíduos face aos problemas sociais (LÉVESQUE, 2002 apud RODRIGUES; KOZONOI, 2012).

Para Maciel (2001 apud ANDRADE, 2005):

Na esteira das formulações construtivistas de Latour (2000), alguns autores empenharam-se ao longo dos anos de 1990 em detectar situações concretas em que a produção de inovação adquiriu significação sociológica especial. O conceito de ambientes de inovação, formulado inicialmente no interior da física, trouxe importantes contribuições nesse sentido. Esse conceito representa um enfoque diferenciado acerca das possibilidades de construção da prática da inovação, visando a articular tecnologia, economia e vida social de uma maneira diferenciada e aberta, distante do padrão que relaciona a inovação tecnológica exclusivamente ao setor produtivo (MACIEL, 2001 apud ANDRADE, 2005, p. 149).

Nesse contexto, envolve um espaço institucional de relações de forças intangíveis, que um grupo disponibiliza para implementar práticas que sejam inovadoras, como descreve Maciel (MACIEL, 1997 apud ANDRADE, 2005):

[...] procura dar conta do conjunto de condições – limites, obstáculos, possibilidades, estímulos – da inovação em uma determinada

formação social. Ambiente de inovação refere-se, portanto ao conjunto de fatores políticos, econômicos, sociais e culturais que estimulam ou dificultam a inovação [...]

Os ambientes de inovação são muito mais abrangentes e inclusivos em comparação com a perspectiva dos sistemas de inovação. Nesses, elementos advindos da herança cultural e da criatividade peculiar de um grupo social não são reconhecidos como componentes de inovação, em contraposição ao que ocorre nos ambientes. Como exemplo, no estudo de Maciel (1996) sobre a Itália, o fortalecimento do processo inovativo nos anos de 1980 dependeu fortemente do enquadramento da flexibilidade de seu ambiente. Neste trabalho, a autora utiliza a noção de ambiente e detecta um importante componente cultural e estético que explica o grande impulso à inovação que o país atravessou, independentemente do contexto macroeconômico regional do período. De acordo com sua análise, a capacidade estética (*design*), a herança cultural italiana e a instituição familiar forneceram um ambiente extremamente fecundo para o estímulo de uma produção diferenciada, apesar da reconhecida ineficiência das iniciativas estatais na área de ciência e tecnologia. Constituiu-se no país um ambiente de inovação especialmente propício para arranjos institucionais e diálogos entre empresas, governos e incubadoras de forma plural e criativa, o que em outros países não se deu na mesma intensidade.

A autora diferencia a inovação em sentido estreito – tecnológico – e em sentido amplo – socioeconômico. Essa forma de abordar a questão lhe permite asseverar que a chave para a explicação do grande surto inovativo da Itália, naquele momento, se devia mais a fatores culturais e familiares do que à atuação dos agentes produtivos. Por exemplo, a entrada maior das mulheres no mercado de trabalho e as tendências pós-fordistas que fortaleceram a propriedade familiar representam fontes explicativas mais consistentes do que os gastos em P&D convencionais. Por meio da noção de ambiente de inovação foi possível para a autora constatar o potencial criativo advindo de aspectos tradicionais da sociedade italiana e os rearranjos institucionais e administrativos que se construíram a partir da omissão do Estado. Empresas, órgãos governamentais, trabalhadores, universidades, associações familiares, partidos e institutos de pesquisa conformaram uma grande rede, disforme e cambiante, que possibilitou a construção de um modelo específico, fruto de arranjos interdisciplinares e interinstitucionais propícios ao incremento das inovações tecnológicas, muitas delas já presentes anteriormente. Sem essa conjugação de esforços e interesses, específicos ao caso italiano em um determinado período, o desempenho econômico do país provavelmente não teria o mesmo efeito (MACIEL, 1997, p. 109 apud ANDRADE, 2005, p. 150).

Esse amplo debate acadêmico expõe o fenômeno da inovação em seu sentido teórico, ou seja, definição abstrata e classificável, baseada em conhecimento especializado e em observações empíricas. Trata-se da análise científica e técnica da questão e que expressa um entendimento discursivo formal, que inclusive classifica a inovação em pelo menos três formas: inovação tecnológica, inovação aberta e inovação social. Esse tipo de conhecimento favorece inclusive a prescrição de modelos aplicáveis à realidade, como se fossem receituários, especialmente quando mobilizados por gestores públicos e privados. Contudo, quando se busca observar um espaço de atuação voltado à inovação, não se pode afirmar, com precisão, em que nível e em que medida os atores – e quais atores – mobilizam tais conceitos formais

em sua prática e experiência empírica. Parece mais provável que a inovação de fato seja entendida pelos atores com base em sua experiência prática e conhecimento tácito, nem tão conceitual e técnico, embora eles sejam competentes em manifestar discursivamente um entendimento sobre inovação, quando estimulados para isso.

Após clarificar os conceitos de inovação, ainda se sente a necessidade de aprofundar mais sobre o conceito e a aplicação do conceito e seus atores a partir da temática de Ecossistemas de Inovação. O referido conceito, por sua vez, é relativamente novo e vem ganhando um espaço na seara do debate acadêmico e de mercado cada vez mais intenso.

2.3 O CONCEITO DE ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

O conceito de inovação fez com que novas tipologias organizacionais fossem propostas ao mercado, e que invariavelmente fazem parte do Ecossistema de Inovação. Antes de que se possa classificar cada uma das tipologias organizacionais, é importante destacar que elas nascem com um apelo tecnológico e inovador. Nesse sentido, apresentam o conceito da inovação no centro de desenvolvimento. O termo "Ecossistema de Inovação" tornou-se popular na indústria, mercado, academia e governo (OH, 2014).

A construção do ecossistema, como forma de tornar as interdependências mais explícitas, ganhou proeminência para a estratégia de negócios (MOORE, 1999; IANSITI, 2004; ADNER, 2006). A evolução destas abordagens aliadas ao conceito de inovação aberta (CHEBROUGH, 2006) traz a importância das redes de cooperação que podem ser definidas como o conjunto de transações repetidas e sustentadas por configurações relacionais e estruturais dotadas de fronteiras dinâmicas e elementos interconectados (TODEVA, 2006).

Inclusive, de acordo com Ramella (2020), a dimensão geográfica é um elemento com importância fundamental para a inovação, além da dimensão sistêmica (relacionamento entre instituições de diversas áreas, entre atores, individualmente e coletivamente, e sujeitos públicos e privados). "Os atores da inovação (empreendedores, pesquisadores, instituições de pesquisa, etc) valem-se de relações fundamentadas em laços (fracos ou fortes) que dinamizam "recursos cognitivos de variedade", assim como "normativos de coesão e confiança" (NEVES, 2021, p. 36).

Existem diferentes tipologias de ecossistemas de inovação. Esta tese não tem como objetivo aprofundar-se na discussão sobre a questão territorial da inovação, pois “seria necessário um aprofundamento que relaciona a evolução dos modelos produtivos aos cenários competitivos” (NEVES, 2021, p.36).

O que se busca no presente tópico é compreender que os ecossistemas, ambientes de inovação, podem ter diferentes composições, mas a sua dimensão social e relacional é o que se quer focar, já que as trocas promovidas pelos ecossistemas são fundamentais para o processo inovativo, pois possuem um componente dialógico fundamental: o diálogo, a conversa, o relacionamento. Este componente potencializa a aprendizagem e a capacidade inovativa (LESTER; PIORE, 2004).

O trabalho de Audy e Piqué (2016) classificam os ambientes de inovação (ecossistemas) em duas dimensões: as áreas de inovação e os mecanismos de geração de empreendimentos inovadores. Cada uma dessas dimensões apresenta subtipos que as compõem (Figura 1).

Figura 1 - Ambientes de inovação



Fonte: Audy e Piqué (2016).

Há um especial interesse na atividade de três “atores”, quais sejam: as universidades, as empresas e os governos. Esta abordagem foi concebida por Henry Etzkowitz e Loet Leydesdorff, e é chamada de Tripla Hélice. Defende a colaboração

sistêmica e crescente entre as três esferas mencionadas (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998, 2000).

A teoria da Tripla Hélice apresenta três configurações existentes nos modelos de interação entre universidade-empresa-governo, sendo tais formatos correspondentes com a evolução dos sistemas de inovação. De acordo com Etzkowitz e Leydesdorff (2000), a Tripla Hélice I é um modelo que decorre de uma situação histórica específica, na qual a hélice governo abrange academia e indústria, e “comanda”, direciona as relações existentes entre eles.

Segundo os autores, alguns exemplos deste modelo podem ser encontrados na ex-União Soviética e nos países da Europa de Leste sob o “socialismo existente”. Versões mais fracas também podem ser encontradas nas políticas de alguns países latino-americanos e, em certa medida, em países europeus como a Noruega. É um modelo visto como fraco, pois ao invés de promover iniciativas de inovação, acaba fazendo o contrário (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 2000; RANGA; ETZKOWITZ, 2013).

Já a Tripla Hélice II, também conhecida como modelo Laissez-Faire, consiste em, separadamente, classificar esferas institucionais com fortes divisões de fronteiras entre elas, e limitar as relações entre as esferas (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 2000).

Finalmente, a Tripla Hélice III prevê uma infraestrutura de conhecimento em termos de esferas institucionais sobrepostas, com cada uma assumindo o papel da outra e com organizações híbridas, ao emergir nas interfaces entre elas. A diferença entre as duas últimas é que o modelo II implica em uma política para reduzir o papel do Estado na Triple Helix I. Contudo, a maioria dos países e regiões estão atualmente tentando atingir alguma forma de Tripla Hélice III. O objetivo comum é desenvolver um ambiente que seja propício à inovação, no qual das universidades surjam empresas do tipo *spin-offs*, em iniciativas trilaterais para o desenvolvimento econômico baseado no conhecimento, e alianças estratégicas entre empresas que operem em diferentes áreas e com diferentes níveis de tecnologia, além de governos, laboratórios governamentais e grupos de pesquisa acadêmica (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 2000).

Tais “configurações tornaram-se modelos aplicáveis que permitem tanto compreender os estágios do processo de inovação quanto analisar as formas como se dão as relações entre as três esferas” (SARPONG *et al.*, 2017 *apud* DOIN; ROSA,

2019), além de identificar possíveis conflitos que possam emergir nesta complexa relação (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 2000). Um aspecto importante suscitado por essa abordagem é que os diferentes agentes possam transpor fronteiras uns dos outros, adquirindo aprendizados que não possuem. Neste contexto, espera-se que em teoria cada um cumpra seu papel no ecossistema de inovação, além de trocar informações estratégicas importantes. Na prática, elas podem assumir o papel das demais em eventuais faltas observadas, por exemplo: a universidade assume o papel da indústria, ao estimular o desenvolvimento de novas empresas a partir da pesquisa, introduzindo "a capitalização do conhecimento" como objetivo acadêmico.

É importante destacar que as empresas desenvolvem treinamento para níveis cada vez maiores e compartilham conhecimento por meio de *joint ventures*, agindo um pouco como universidades. Os governos atuam às vezes como "capitalistas de risco", enquanto continuam atividades reguladoras. Em contraste com as teorias que enfatizam o papel do governo ou as empresas na inovação, a tripla hélice concentra-se na universidade como fonte de empreendedorismo e tecnologia, bem como investigação crítica (ETZKOWITZ; ZHOU, 2017). A participação das "hélices" do ecossistema de inovação passou a ser regulada no Brasil com base no estabelecimento do marco legal em 2004 e 2005, destacadamente com o advento da Lei de Inovação (Lei nr.10.973) e Lei do Bem (Lei nr. 11.196) (IKENAMI; GARNICA; RINGER, 2016).

A fim de conseguir maior competitividade, empresas se organizam em blocos, nos quais, por meio de parcerias, compartilham informações em projetos de desenvolvimento de inovações. Essa forma de inovar em conjunto reinventa os ecossistemas, no que tange a pesquisa e desenvolvimento (TRAITLER, WATZKE; SAGUY, 2011). Embora as pesquisas existentes estejam mais centradas nas demandas da própria academia, as universidades contribuem para a capacidade de inovação dos ecossistemas. Nesse cenário, os alunos e pesquisadores podem exercer papéis críticos, muitas vezes ignorados. Modelos de gestão universitária podem potencializar a inovação, a partir de melhores práticas de aprendizagem integrada com a indústria (RAMPERSAD, 2015).

Há um entrelaçamento entre os diferentes atores do ecossistema de inovação. E nesse contexto dinâmico, as organizações devem entender e potencializar sua posição como em uma rede. Isso, por meio de parcerias, ao visar o desenvolvimento de tecnologias e facilitar a criação de alianças (IKENAMI; GARNICA; RINGER, 2016).

Isto porque, “a inovação está baseada em eventos processuais que são permeados por relações entre os agentes que a promovem. Na prática a existência de inovação dependeria de relações que a traduzissem, conceitualmente e fisicamente” (NEVES, 2021, p.40).

Esse debate sobre inovação leva a discutir, para além do escopo espacial e temporal do estudo, o conceito de ecossistema de inovação, que se complementa pela gestão da inovação. A conceituação formal e especializada de ecossistemas de inovação permite a elaboração de modelos prescritivos, que corroboram, por exemplo, com projetos de criação de parques científico-tecnológicos, incubadoras e acelerados por parte da iniciativa pública articulada com a iniciativa privada, embora, nem sempre, se pode prever o efetivo potencial e mensurar os resultados dessa criação de *habitats* de inovação mais artificiais.

2.3.1 Gestão da Inovação

Após abordar o conceito de inovação e de ecossistemas sobre diferentes vieses de análises, parte-se para os estudos sobre o processo de gestão da inovação. A busca por desempenho superior em um ambiente de incerteza econômica e de rápidas mudanças tecnológicas tem levado a uma crescente relevância do tema inovação (MUNFORD, 2000; REITER-PALMON e ILLIES, 2004). A importância do assunto “capacidade de inovação” é traduzida em uma vasta literatura em áreas como economia, engenharia e psicologia, e percorre diversos campos como marketing, estratégia, e teoria organizacional (CROSSAN e APAYDIN, 2010; DOUGHERTY, 2009).

Após as críticas e sugestões feitas por Fiol (1996) e Wolfe (1994), um número crescente de publicações de pesquisas empíricas, no campo de inovação organizacional, apontaram para a necessidade de estudos que analisem os antecedentes de forma mais integrada (PRAJOGO e AHMED, 2006), prescrevendo que, para se obter sucesso por meio da inovação, uma complexa gama de atividades deve acontecer de forma coordenada e sincronizada.

Ainda sob esta ótica, Tidd *et al* (2001 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009):

Defendem que o processo de gestão da inovação envolve: Busca de uma abordagem estratégica para a inovação e para o desafio de sua gestão; Desenvolvimento e utilização de mecanismos e estruturas de implementação

efetivos; Desenvolvimento de um contexto organizacional que suporte a inovação; Construção e manutenção de interfaces externas efetivas (Tidd *et al*, 2001 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009 p.2).

Já para TUSHMAN *et al* (1997 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009):

A gestão da inovação está relacionada à construção de uma abordagem para a solução integrada de problemas gerenciais e ao entendimento das conexões entre as correntes de inovação, os times executivos e a própria evolução da organização.

Fica evidente que o processo está relacionado à ação gerencial: ações direcionadas por estratégias claras, objetivos e visão, ação disciplinada pela coleta sistemática de informações e ação que eventualmente renova a organização através da inovação estratégica e da mudança.

Apesar dos obstáculos técnicos inerentes ao processo de inovação, boa parte dos insucessos se devem a fraquezas no modo como ele é gerenciado. (TUSHMAN *et al*, 1997 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009, p.2).

Acrecenta, Tidd *et al* (2001 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009), que:

Apesar dos obstáculos técnicos inerentes ao processo de inovação, boa parte dos insucessos se devem a fraquezas no modo como ele é gerenciado. Neste sentido, Tidd *et al* (2001) afirma que os dois ingredientes básicos para o bom desempenho da atividade inovadora são os recursos técnicos (pessoas, infraestrutura, conhecimentos e capital) e a competência da organização em gerenciá-los. Este cenário mostra a necessidade das empresas desenvolverem uma nova competência: a habilidade de gerenciar o processo de inovação (Tidd *et al*, 2001 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009 p.2).

A literatura apresenta pesquisas ligadas à inovação oriundas de diversos campos de conhecimento, tais como história, sociologia, economia e gestão. Comenta NIETO (2003 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009):

Pesquisas nestas áreas, evidentemente com suas diferentes óticas, contribuíram significativamente para o entendimento da inovação em nível macro (sociedade, sistema econômico e indústria) e micro (empresa). Entretanto, por muito tempo esses avanços não foram compartilhados entre as diferentes áreas, devido ao foco em diferentes unidades de análise e a presença de metodologias típicas por parte de cada grupo (NIETO, 2003 apud STEFANOVITZ; NAGANO, 2009, p.4).

Ainda de acordo com Stefanovitz e Nagano (2009):

Nas pesquisas voltadas à dimensão da empresa (micro) evidentemente sempre predominaram as investigações de grupos de pesquisa em gestão. A evolução do conhecimento nesta dimensão, acompanha de certa forma, o progresso de paradigmas administrativos mais gerais. Foi a partir do final da década de 1990, e início dos anos 2000, que a gestão integrada da inovação emerge, envolvendo todas as dimensões do seu conjunto. Esta nova

abordagem para o entendimento da inovação foi fortemente influenciada pela superação do modelo linear e sequencial da inovação, que via a pesquisa acadêmica e a pesquisa tecnológica do setor privado como fornecedoras de inovações tecnológicas “prontas” para serem implementadas pelas demais funções da empresa (STEFANOVITZ; NAGANO, 2009, p. 04).

Neste íterim, busca-se identificar indicadores de inovação para que se tenha parâmetros para a construção de um quadro de indicadores para a análise das inovações em ecossistemas de inovação, e do processo inovativo em si. Viotti (2003) justifica a averiguação de indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) como essencial para compreender e monitorar processos de produção, conhecimentos científicos, tecnologias e inovações. Destaca-se a importância de buscar a compreensão dos fatores determinantes dos processos, a formulação e avaliação de políticas públicas, e auxiliar na definição e avaliação de estratégias tecnológicas de empresas.

Dentre diversos setores da economia, existem alguns que geram e incorporam verdadeiras revoluções em inovações, por exemplo, os setores: farmacêutico e de ciências da computação. Porém, há outros cujas velocidades de mudanças se apresentam em ciclos de maior duração, como é o caso do setor da construção civil. Embora o setor da construção civil não seja percebido como inovador, Ferreira e Theóphilo (2006), o mencionam como importante para o desenvolvimento social e econômico, e que gera melhoria na qualidade de vida, seja por meio de moradias ou oportunidades de trabalho (FLORIANI; BEUREN; HEIN, 2008, p. 01).

A preocupação com a mensuração da inovação tecnológica é um fator mais recente, especialmente na América Latina, sendo que os primeiros países a realizarem “pesquisas de inovação com cobertura nacional, nos moldes das *Community Innovation Survey* (CIS) conduzidas pela OCDE foram: Uruguai, em 1986; Chile, em 1995, Colômbia em 1996; e Argentina, México e Venezuela, em 1997” (ROSÁRIO; RITA; SÁ, 2015, p. 52). Por isso, trata-se com especial atenção a iniciativa da fundação *Red Iberoamericana de Indicadores de Ciencia y Tecnologia* (RICYT) ocorrida em 1995 com apoio da UNESCO e da *International Science Foundation*. Além disso, a publicação do *Manual de Bogotá*, em 2001 também foi um marco no que tange aos procedimentos de sistematização de indicadores de inovação tecnológica empresarial na América Latina (ROSÁRIO; RITA; SÁ, 2015).

No caso do Brasil, as experiências na área de geração de indicadores de inovação tecnológica empresarial são representadas pelas iniciativas de duas instituições: a Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das

Empresas Inovadoras (ANPEI), e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). De acordo com Rocha e Dufloth (2007):

Os esforços pioneiros foram desenvolvidos pela ANPEI, organização privada, que no período 1992-2000 construiu a “Base de Indicadores Empresariais de Inovação Tecnológica”, reunindo informações anuais sobre inovação tecnológica de um conjunto de empresas. O painel de empresas respondentes da ANPEI, entretanto, era bastante limitado, e no último ano correspondia a pouco mais de trezentas empresas em todo o país. Diante da crescente demanda de informações sobre inovação tecnológica nas organizações empresariais, e considerando-se a pequena abrangência da base de dados da ANPEI, o IBGE, órgão oficial de estatísticas no Brasil, realizou então, no período 1998-2000, a primeira Pesquisa Industrial Inovação Tecnológica (PINTEC), de periodicidade trianual. Fonte única de informações sistemáticas diretas sobre o processo de inovação tecnológica nas empresas industriais, com cobertura nacional, a PINTEC investiga um amplo leque de itens sobre inovação tecnológica, e seu objetivo geral é produzir dados e informações importantes para estudiosos, pesquisadores e formuladores da política industrial, científica e tecnológica no Brasil (ROCHA; DUFLOTH, 2007).

Nesta linha de raciocínio, e com vistas a parametrizar o desempenho no processo de inovação nas empresas, os estudos de Rocha e Dufloth (2007) propõem um quadro de indicadores para avaliar a inovação. Tendo em vista a variada gama de dados produzidos pela PINTEC, os autores compilaram um conjunto restrito de indicadores (sete) de modo a conhecer melhor a inovação tecnológica empresarial no âmbito das diferentes regiões do Brasil, no que diz respeito aos seguintes aspectos principais: esforço de inovação empreendido pelas empresas, amplitude e intensidade da inovação tecnológica realizada pelas empresas, utilização do mecanismo de proteção do conhecimento por meio de patentes, e apoio governamental às empresas que atuam nas diferentes regiões do Brasil.

Com vistas a ilustrar melhor os indicadores formulados pelos autores, o Quadro 3 abaixo apresenta com uma melhor propriedade.

Quadro 3 - indicadores de Inovação Tecnológica Selecionados da PINTEC 2013.

Indicador	Unid.	Significado
1) Esforço Inovador	%	Mensura o valor do dispêndio das empresas em atividades inovativas em relação à receita líquida de vendas. São consideradas atividades inovativas: desenvolvimento interno de pesquisa e desenvolvimento (P&D), aquisição externa de P&D, aquisição de máquinas e equipamentos, treinamento, introdução de inovações tecnológicas no mercado e projeto industrial.
2) Intensidade Tecnológica	%	Valor dos dispêndios das empresas inovadoras com a atividade de pesquisa

3) Taxa de Inovação	%	Corresponde ao percentual do número de empresas que implementaram inovação de produto ou processo em relação ao total de empresas respondentes.
4) Mecanismo de Patenteamento-Painel de Respondentes	%	Participação percentual do número de empresas com depósito de patente e patente em vigor, em relação ao número total de empresas respondentes.
5) Uso do Mecanismo de Patenteamento-Empresas Inovadoras	%	Participação percentual do número de empresas inovadoras com depósito de patente e patente em vigor, em relação ao número total de empresas inovadoras.
6) Suporte Governamental-Painel de Respondentes	%	Percentual do número de empresas que receberam suporte do governo para as empresas.
7) Suporte Governamental-Empresas Inovadoras	%	Percentual do número de empresas que receberam suporte do governo para as atividades inovadoras em relação ao número de empresas inovadoras.

Fonte: PINTEC 2013 e autores

Diante do exposto, Marins e Zawislak (2010, p. 03) propõem a elaboração de novos indicadores de inovação que “permitam a mensuração da atividade de inovação nas firmas, de modo a complementar o exame de entradas e saídas realizado pelos indicadores tradicionais”. Os autores ainda defendem que indicadores desse tipo se mostram cruciais para clarificar o entendimento acerca do desempenho inovativo de firmas de economias emergentes, ao considerarem práticas interorganizacionais, nem sempre formalizadas ou estruturadas que possam fazer parte da atividade inovativa em uma firma. “Além disso, eles também são interessantes para firmas localizadas em economias industrializadas, que teriam a chance de atentar para aspectos da atividade de inovação, que não são explorados pelos indicadores tradicionais” (MARINS; ZAWISLAK, 2010, p. 03). Frente a isso, os autores propõem um quadro de indicadores (Quadro 4).

Quadro 4- Conjunto de novos indicadores de inovação

Dimensão	Indicador	Medida
Empreendedorismo	Criatividade	Nº de ideias geradas pelos colaboradores de uma firma e convertidas em projetos de inovação
	<i>Project champions</i>	Nº de colaboradores em uma firma responsáveis por impulsionar o início de um projeto de inovação a partir de uma nova ideia
	Capacidade de realização	Nº de projetos de inovação empreendidos por uma firma que foram concluídos com sucesso (novo produto lançado no mercado)
	Controle de erros	Grau de formalização das práticas de controle de erros

		nas firmas - escala: (0) não existe relatório de não conformidade; (1) existe relato informal de não conformidade; (2) existe relatório formal de não conformidade
Estrutura	Externalização	Distribuição externa de atividades de inovação para desenvolvimento de novos produtos - <i>dummy</i> : (0) não há distribuição externa de atividades de inovação; (1) há a distribuição externa de atividades de inovação
	Interatividade	Percentual de novos produtos originados a partir da interação de pelo menos
	Recursos físicos tangíveis	Percentual do volume total investido por uma firma em dispositivos tangíveis relacionado à atividade de inovação
	Aplicações tecnológicas	Número de novos produtos gerados por uma firma a partir da aplicação de uma nova tecnologia
Coordenação	Estratégia de inovação	Existência de estratégias de inovação em uma firma e seu grau de alinhamento com a estratégia de negócios da mesma - escala: (0) não existe estratégia de inovação; (1) existe estratégia de inovação não formalmente deliberada; (2) existe estratégia de inovação formalmente deliberada e alinhada à estratégia de negócios.
	Portfólio de projetos de inovação	Perfil predominante (mais de 50,00%) dos projetos desenvolvidos por uma firma - escala: (0) projetos de rotina; (1) projetos de inovação incremental e de curto prazo; (2) projetos de inovação incremental e de longo prazo; (3) projetos de inovação radical e de curto prazo; ou (4) projetos de inovação radical e de longo prazo.
	Cadência	Nº de projetos de inovação que uma firma é capaz de desenvolver simultaneamente com base em seus próprios recursos financeiros, físicos, humanos.
	Parcerias	Percentual de parceiros estratégicos para a atividade de

	Estratégicas	inovação em relação ao número total de parceiros de uma firma
Valor	Lucro operacional inovativo	Percentual do lucro operacional de uma firma oriunda de novos produtos
	<i>Time to Market</i>	Tempo médio entre a concepção de uma ideia de novo produto e a disponibilização deste novo produto no mercado
	<i>Time to Profit</i>	Tempo médio entre a concepção de uma ideia de novo produto e a auferição de lucros advindos desse novo produto
	Valor agregado	Percentual do valor agregado por uma firma devido às atividades de inovação dessa organização

Fonte: Marins e Zawislak (2010).

Boa parte da análise desse conjunto de indicadores e variáveis pesquisadas no contexto dos ecossistemas de inovação é analisada a partir do objeto empírico *Startups* e *Spin Offs*. Desse modo, entende-se ser indicado fazer uma rápida apresentação conceitual do que representam essas novas tipologias organizacionais presentes nos referidos ecossistemas.

O conceito de *startup* é ainda recente e sem uma definição única, mas em geral diz respeito a organizações geradas para a criação de novos produtos e serviços sob condições de extrema incerteza, em busca de um modelo de negócio repetível e escalável, demandando dos empreendedores predisposição a riscos, visto que necessitarão alocar recursos com base em intuições ou demandas de mercado, que muitas vezes podem ser desconhecidas (BLANK, 2013; RIES, 2011; TRIMI; BERBEGAL-MIRABENT, 2012). Não obstante, as *spin-offs*, numa primeira análise, podem ser compreendidas como empresas juridicamente constituídas que tiveram como principal fator de criação o aproveitamento de uma oportunidade de negócios gerada pelos resultados finais ou parciais de uma pesquisa acadêmica. As *spin offs* também podem surgir de empresas privadas já constituídas.

De acordo com Azevedo (2005), diversos estudiosos e entidades internacionais definem *spin-offs* de formas distintas – ou mais restritas ou mais abrangentes. Por exemplo, para a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2000) *spin-offs* são firmas criadas por pesquisadores do setor público (pessoal do

staff, professores ou pós-graduandos); empresas emergentes que dispõem de licenças de tecnologias geradas no setor público; empresas emergentes sustentadas por uma participação direta de fundos públicos, ou que foram criadas a partir de instituições públicas de pesquisa.

Estudos têm apontado a criação de *startups* no Brasil como um fato novo frente às tendências históricas na trajetória do movimento empreendedor no país, que permite dar maior visibilidade à ocorrência de uma “forma especial de empreendedorismo, mais sofisticada e de maior valor agregado, ancorada em domínios técnicos de vanguarda e novas tendências de mercado” (MOCELIN; AZAMBUJA, 2017, p. 33). Nessa perspectiva, pode-se definir que *Startups* são empresas iniciantes e de grande potencial de expansão, que “caracterizam-se por terem na combinação de conhecimentos e tecnologias um insumo fundamental para seu negócio” (MOCELIN; AZAMBUJA, 2017, p. 33). Por se tratar do caso de empresas em formação, fundamentado em iniciativas de jovens técnicos e pesquisadores, poder-se-ia sugerir que abarcariam um contingente de novos empreendedores, com maior entendimento sobre aspectos teóricos e conceituais que envolvem o processo e a gestão da inovação. Seriam as *startups* um tipo de *stakeholder* empresarial com maior visão sobre inovação do que os agentes mais tradicionais do mercado?

2.4 O CONCEITO DE *STAKEHOLDERS*

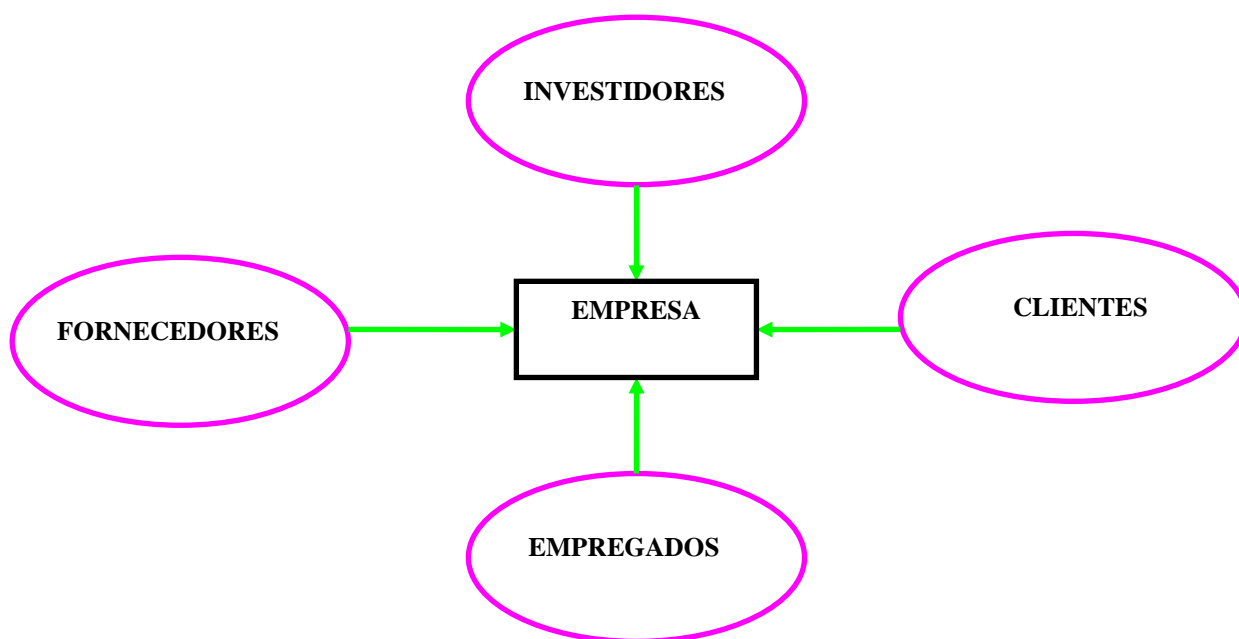
Feita a apresentação de ecossistema de inovação e seus desdobramentos teóricos utilizados, é importante também que se analise o extrato teórico sobre *stakeholders* que fazem parte de um Ecossistema de Inovação. As relações entre as organizações e a sociedade mudaram, especialmente a partir da década de 1980. Novas demandas são impostas às organizações por consumidores, colaboradores e sociedade em geral. Nesse sentido, é importante que estudos discutam estas novas relações, inclusive para delimitar o âmbito de responsabilidade e atuação das organizações (FREEMAN, 1998).

O termo *stakeholder* foi usado pela primeira vez em 1963, como uma derivação do termo *shareholder*. Em um memorando interno do Stanford Research Institute (SRI, 1894, p.46), a palavra *stakeholder* foi usada referindo-se a "qualquer grupo ou indivíduo que possa afetar ou ser afetado no alcance dos objetivos da empresa", na qual também foi mencionado que os gestores deveriam considerar acionistas,

funcionários, clientes, fornecedores, credores e sociedade como grupos de interesse. Freeman (1984), com base na teoria da firma, propôs a teoria dos *stakeholders* com o objetivo de destacar a importância de olhar para além dos limites da empresa.

Até então, as empresas eram concebidas sob a ótica dos insumos e produtos em que investidores, fornecedores e funcionários competiam com os insumos do processo produtivo, que eram transformados em produtos, em benefício dos consumidores. Para tanto, os relacionamentos eram unilaterais: investidores, fornecedores e funcionários em relação à empresa ou a empresa em relação aos seus clientes.

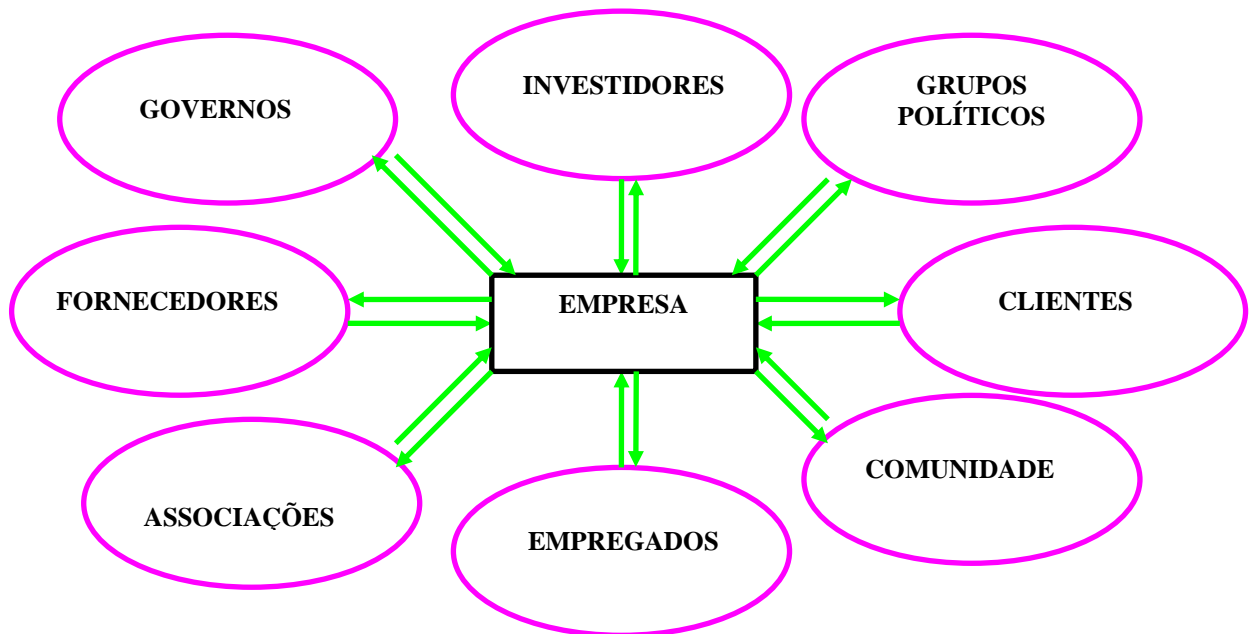
Figura 2 - Modelo de empresa entrada-transformação-saída



Fonte: Donaldson e Preston, (1995).

O modelo proposto por Freeman (1984) contrasta explicitamente com o modelo input-output, como se pode ver na Figura 3.

Figura 3 - Empresa baseada no modelo de *stakeholders*

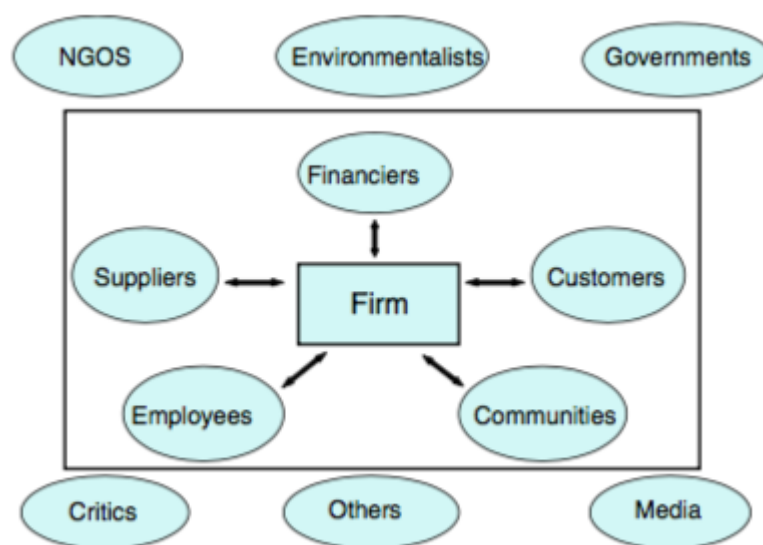


Fonte: Donaldson e Preston, (1995).

As Figuras ilustradas acima, (Figura 2 e Figura 3), apesar de se apresentarem de maneira simplificadas, possibilitam estabelecer algumas comparações sobre as duas formas de representar uma empresa em seu ambiente. Pode-se observar que há mudanças nas setas que representam a relação das empresas com os demais grupos da sociedade, passando a ser representada por duas setas em sentidos opostos, que demonstram interação, influência, relações de poder, dependência, etc, maior entre empresa e os demais atores. A introdução de novos agentes, os quais, apesar de estarem presentes no ambiente da empresa, não são representados no modelo de empresa de entrada-saída (Figura 2), pois o modelo considera que estes não fazem parte do objeto de estudo sobre gestão. Ao modificar a forma de conceber a empresa, passa-se de uma visão de entradas-transformação-saídas para uma concepção da empresa como uma rede formada por diversos atores com interesses no funcionamento desta (DONALDSON e PRESTON, 1995), passando a incorporar novas dimensões do pensamento sistêmico na gestão das empresas (KATZ e KAHN, 1987).

Em 2003, Freeman publicou o artigo "A abordagem de *Stakeholders* revisitada¹", na qual ele propôs algumas melhorias em seu trabalho original (1984), e, dentre elas, o modelo em si, ao apresentar um número maior de *stakeholders* envolvidos, como fizeram Donaldson e Preston (1995), mas, desta vez, separados de acordo com sua proximidade da organização. O modelo atualizado, proposto por Freeman em 2003 é apresentado na Figura 4 a seguir.

Figura 4 – Modelo para análise de *Stakeholders*



Fonte: Freeman, 2003, p.115

Percebe-se que nos estudos clássicos apresentados anteriormente sobre a teoria dos *stakeholders*, assim como na maior parte da literatura, a organização é colocada como o núcleo de análise, sugerindo, portanto, que é a empresa que define os *stakeholders* e determina a estratégia da organização para cada um dos agrupamentos, com o objetivo de coordenar os interesses de todos, visto que é uma teoria que tem uma perspectiva da organização (STEURER, 2005).

Contudo, a tônica mais recente dos estudos dos *stakeholders* direciona no entendimento de como esses *stakeholders* tem se mobilizado na tentativa de influenciar a organização focal (FROOMAN, 1999; ROWLEY, 1997). De acordo com Savage et al. (1991),

É nesta complexa rede de relações que as organizações desenvolvem suas estratégias, procurando desenvolver políticas que equilibrem as

¹ Tradução do autor para o título original em inglês: The Stakeholder Approach Revisited

necessidades organizacionais e as dos seus *stakeholders* ou adotar uma perspectiva integrativa, assumindo que uma estratégia organizacional para ser eficaz requer consenso no que diz respeito aos constituintes chave, relativamente ao que deve ser feito e como deve ser feito (SAVAGE *et al.*, 1991, p. 61).

Ainda, alguns autores afirmam que os objetivos das organizações podem ser mais complexos e, portanto, partes interessadas como a sociedade civil, agências governamentais e outras instituições, às vezes se unem com organizações, a fim de encontrar uma solução para um problema que afeta a todos, que é muito complexo para ser resolvido de forma eficaz, sem colaboração mútua. Nestes casos, tais stakeholders podem ser tão ou mais influentes do que a organização dentro do objetivo comum (ROLOFF, 2008).

A literatura de *stakeholders* já estava amplamente disseminada nas discussões tanto no âmbito acadêmico quanto organizacional, em suas diferentes abordagens, quando Donaldson e Preston (1995) identificaram que o assunto estava sendo discutido, explicado, apoiado, criticado ou utilizado por vários autores basicamente em três abordagens: aspecto descritivo, aspecto instrumental e aspecto normativo.

No aspecto descritivo, os trabalhos descrevem e explicam as características da empresa através do design da empresa e sua relação com os diversos stakeholders. Já no instrumental, busca-se enfatizar os resultados (crescimento, rentabilidade) obtidos pelas empresas que adotam a gestão considerando os *stakeholders*. Por fim, o normativo tem um viés mais filosófico e busca discutir a finalidade da organização perante a sociedade. Segundo os autores, o núcleo seria o aspecto normativo porque é o que justifica, de fato, a teoria (DONALDSON; PRESTON, 1995).

Embora criticada por alguns autores, por sua abrangência, e considerada por muitos como tendo uma orientação filosófica, a abordagem de *Stakeholders* pode ser considerada um mecanismo para incorporar a ética nas organizações. Donaldson e Preston (1995) trouxeram uma contribuição para a Teoria quando propuseram que ela se estruturasse em bases éticas, uma vez que entenderam que a construção de princípios morais e éticos dos negócios permite definir o papel e a importância dos stakeholders envolvidos.

Mitchell *et al.* (1997, p.855) ainda afirma que a Teoria dos *Stakeholders* é "uma ferramenta heurística poderosa, projetada para aumentar a visão administrativa de seus papéis e responsabilidades, além da função de maximização de lucro para incluir interesses e demandas de grupos que não são proprietários das ações da empresa.

"Outros autores mostram que a teoria dos stakeholders tende a se basear na justiça e na equidade, tendo maior impacto nos stakeholders que terceirizam a razão moral por meio de mudanças nas iniciativas (CARROL, 1989; BOURNE; WALKER, 2008).

Friedman e Miles (2002), em sua pesquisa destacam que a teoria dos *stakeholders* é importante para o desenvolvimento do ambiente, no qual as organizações e os relacionamentos interorganizacionais se estabelecem. Não obstante, o engajamento de *stakeholders* para inovação é interpretado como a capacidade dinâmica definida como "a capacidade da empresa de integrar, construir e reconfigurar as competências internas e externas para lidar com ambientes em rápida mudança" (TEECE et al., 2007, p. 516).

Isso ocorre porque os relacionamentos com partes interessadas externas dão às empresas acesso a recursos fora de seus limites e aumentam a base de recursos organizacionais (HELFAT et al., 2007), e porque as relações das partes interessadas impulsionadas por uma necessidade de inovação são mais fortemente voltadas para a reconfiguração de recursos do que outros tipos de alianças (SCHILKE, 2014).

Os conceitos apresentados neste capítulo ilustram parte do conhecimento teórico e especializado sobre algumas das dinâmicas que envolvem o processo e a gestão da inovação, fazendo referência aos ambientes em que a inovação ocorre e o papel desempenhado por diferentes agentes interessados, e como eles atuam nos sistemas de inovação, em teoria. Um questionamento de fundo que pode ser aqui proposto é em que medida efetivamente todo esse quadro teórico e conceitual especializado, efetivamente é mobilizado pelos agentes nos ecossistemas de inovação em pauta, durante o monitoramento de sua ação. O fato é que esse é um estoque de conhecimento disponível para os agentes interessados que atuam nesses sistemas. Contudo, não se sabe em que medida esse arcabouço se traduz em conhecimentos conhecidos, acessados e mobilizados pelos *stakeholders*.

É necessário avançar, a partir daqui, sobre o conjunto de entendimentos que tais agentes manifestam acerca da inovação, em suas atividades práticas e experiências profissionais, e como esses entendimentos foram coletados e analisados, com base na abordagem da teoria da estruturação.

Diante de todos os conceitos apresentados, ressalta-se que a mesma tinha o propósito de sustentar teoricamente o problema de pesquisa, os objetivos e corroborar as hipóteses apresentadas. Basicamente foi sustentada até o momento, a composição dos aspectos metodológicos que irão nortear a forma como foi realizada a

investigação proposta na presente tese. Para tanto, discorre-se a seguir sobre cada uma das etapas constituintes dos procedimentos metodológicos.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 IDENTIFICAÇÃO EPISTEMOLÓGICA: O PARADIGMA PÓS-POSITIVISTA

As ciências da natureza e as ciências sociais atravessam um período de transição importante, no qual a concepção clássica de ciência, dominante há vários séculos, é posta em questão, e origina esforços renovados de reconstrução e desdogmatização (SANTOS, 1989). Neste aspecto, talvez a mudança mais significativa apontada por Santos, ocorrida na sociedade, seja a maneira como os pesquisadores têm interpretado os diferentes fenômenos e campos de pesquisa. Desse modo, as lentes disponíveis para essa interpretação cristalizam-se na forma de paradigmas científicos. Seguindo a linha de raciocínio, por paradigma científico adota-se o entendimento de Guba (1990), na qual define paradigma científico como sendo um conjunto de crenças que orienta a ação, sendo que no caso, a ação refere-se à investigação disciplinada.

Na forma como se entende ciência, o autor defende que existem diferentes maneiras de se interpretar, analisar e perceber a realidade a ser pesquisada, tendo em vista que essas diferentes percepções decorrem de diferentes identidades epistemológicas por parte dos pesquisadores. Contudo, cada paradigma é caracterizado seguindo três dimensões: a ontológica (referente à natureza do cognoscível), a epistemológica (relação entre conhecedor e conhecido) e a metodologia (como o conhecimento é construído pelo pesquisador), (GUBA, 1990).

De acordo com Guba e Lincon (1994), os paradigmas pós-modernos que mais tiveram atenção por parte dos pesquisadores em ciências sociais apontam para quatro tipos principais (positivismo, o pós-positivismo, a teoria crítica e o construtivismo). Ainda, os autores defendem que os paradigmas teoria crítica e construtivismo disputam legitimidade com os paradigmas positivistas e pós-positivistas, geralmente aceitos e com legitimidade intelectual entre si. Nesse sentido, o Quadro 6 apresenta em detalhes os quatro principais paradigmas.

Quadro 5- Crenças básicas dos paradigmas investigativos alternativos – atualização

Questão	Positivismo	Pós-Positivismo	Teoria Crítica e outras	Construtivismo	Participativo
Ontológica	Realismo ingênuo – realidade “real”, mas inteligível.	Realismo crítico – realidade “real”, mas apenas imperfeitamente e probabilisticamente inteligível (apreensível)	Realismo histórico – realidade virtual influenciada por valores sociais, políticos, econômicos, étnicos, de gênero cristalizados ao longo do tempo	Realismo – local e realidades especificamente construídas	Realidade participativa – realidade subjetiva-objetiva, co-criada pela mente e por um dado cosmos
Epistemológica	Dualista\objetivista; descobertas verdadeiras descobertas provável – saber experimental,	Objetivista\ dualista modificada; tradição crítica\ comunidade; medidas por proposicional e prático;	Transacional\ subjetivista; descobertas lógica ampliada das descobertas co-criadas.	Transacional\ subjetivista; descobertas criadas, mente verdadeiras.	Subjetividade crítica na transação com o cosmos; epistemovalores.
Metodológica	Experimental\manipuladora; multiplismo crítico; sobretudo quantitativa-experimental compartilhado.	Experimental modificada\manipuladora; colaborativa; primazia do teses; pode incluir.	Dialógica\dialética, hipóteses; métodos baseados no contexto.	Hermenêutica\investigação de ação falsificação de hipóteses	Participação política na verificação das práticas; uso da linguagem – métodos qualitativos.

Fonte: Denzin e Lincoln (2006), adaptado pelo autor.

Apesar de ter sido assumida apenas nesse ponto da discussão, a identidade epistemológica pós-positivista acima postulada, direcionava as escolhas teóricas apontadas em outras oportunidades do trabalho, principalmente no que se refere ao quadro teórico de referência para a pesquisa do presente fenômeno. Não somente isso, essa é uma escolha que o autor vem adotando e lapidando ao longo de sua jornada científica, destacado já em Venturini (2012). Para Guba (1990), a visão pós-positivista é um olhar modificado do positivismo: ciente dos problemas em que se atribuíram para seus antecessores, os pós-positivistas buscam rever os pontos insustentáveis, na tentativa de limitar as perdas. Dessa forma, admitem que a preocupação com a objetividade poderia resultar em muitos desequilíbrios, os quais tentam corrigir, embora predição e controle sejam metas a serem atingidas (GUBA, 1990).

No que diz respeito ao caráter metodológico, Guba (1990) aponta que o pós-positivismo indica uma multiplicidade crítica, definida como uma forma de triangulação. Isto se deve ao fato de que para resolver os desequilíbrios anteriores mencionados e direcionados ao positivismo, é essencial que os resultados sejam baseados num maior número possível de fontes (dados, investigadores, teorias e métodos). Ainda, acrescenta que essa identidade epistemológica tem procurado desenvolver as pesquisas em ambientes mais naturais e recorrendo mais a métodos qualitativos (GUBA, 1990).

Phillipis (1990) adverte que autores como Popper, Lakatos e Feyerabend já se encarregaram em desmontar os principais pilares do positivismo. Ou seja, com essa contribuição de Phillipis (1990), destaca-se a importância de um afastamento do pensamento positivista “puro” e a aceitação e identificação com uma corrente de pensamento (identidade epistemológica) que possui propriedades e coerência própria.

Apresentada a identidade epistemológica a ser adotada neste estudo, parte-se no momento subsequente para a apresentação dos procedimentos da pesquisa.

3.2 CARACTERIZAÇÃO E MÉTODO DA PESQUISA

A pesquisa é de caráter exploratório, ou seja, propôs recortar um objeto pouco explorado, ao adentrar lacunas de uma temática consolidada. Segundo Malhotra (2002), o principal objetivo da pesquisa exploratória é explorar um problema ou uma situação para prover critérios de compreensão sobre um objeto novo. Ainda na concepção do autor, a pesquisa exploratória é caracterizada por flexibilidade e versatilidade, com respeito aos métodos, por que não são empregados protocolos e procedimentos formais de pesquisa, optando por uma triangulação de elementos teóricos e metodológicos capazes de responder o problema de pesquisa levantado.

A natureza ou abordagem do estudo é qualitativa. Sob o ponto de vista qualitativo, ancora-se nas contribuições de Vieira e Zouain (2004, p. 15), “a pesquisa qualitativa garante a riqueza dos dados, permite ver um fenômeno na sua totalidade, bem como facilita a exploração de contradições e paradoxos”. Vieira e Zouain (2004) afirmam ainda que,

A análise qualitativa é aquela em que a lógica e a coerência da argumentação não são baseadas simplesmente em relações estatísticas entre variáveis, por meio das quais certos objetos ou unidades de observação são descritos. Entretanto, é bom lembrar que a não utilização de técnicas estatísticas não significa que as análises qualitativas sejam especulações subjetivas (VIEIRA; ZOUAIN, 2004, p. 17).

Nessa concepção, foi mobilizada a perspectiva da reflexividade e do monitoramento da ação, concebida na teoria da estruturação de Giddens (2003), uma vez que a mesma considera a ontologia que orienta os atores nas atividades sociais que realizam, relevante para compreender o sentido da ação dos atores sociais. Ao aplicar essa abordagem, buscou-se observar como operam os entendimentos sobre inovação e ecossistemas entre os *stakeholders* nos sistemas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

3.3 INFORMANTES DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos intencionalmente, pois o foco está no entendimento do fenômeno, conforme indicado por Bauer e Gaskell (2002), e por homogeneidade com características distintas, de acordo com a indicação de Creswell, (1994). Sendo assim, o número apropriado de sujeitos em um estudo qualitativo é aquele que responde adequadamente à pergunta de pesquisa (MARSHALL, 1996).

A presente pesquisa contou com 25 atores no estudo, representando os mais variados *stakeholders* nos dois estados pesquisados. Destes, foram escolhidos 10 em Santa Catarina e 15 no Estado do Rio Grande do Sul, são eles: empresários, reitores, professores, representantes governamentais, consultores, representantes de entidades de classes, conselhos e empresários.

Os *stakeholders* que orbitam nos dois ecossistemas de inovação. Para melhor apresentá-los, primeiramente são elencados os do estado de Santa Catarina e, posteriormente, os do Rio Grande do Sul.

Quadro 6- Atores da pesquisa em Santa Catarina

Stakeholders Entrevistados	Sujeitos da pesquisa	Atores	Formação acadêmica	Cargo / Função
Empresas	Micro empresa	Ator 6	Especialização	Empresário
	Grande empresa	Ator 3	Doutorado	Gerente de P&IT
Universidades	Instituição de Ensino Superior 1	Ator 4	Doutorado	Professor
	Instituição de Ensino Superior 2	Ator 1	Doutorado	Reitor

	Instituição de Ensino Superior 1	Ator 5	Doutorado	Ex Reitor
Representantes empresariais	Representante empresarial 1	Ator 2	Doutorado	Representante SRI
	Representante empresarial 2	Ator 9	Especialização	Vice-presidente regional
Representante governamental	Diretor do SENAI	Ator 8	Especialização	Diretor
Incubadora de empresas	Incubadora de empresas de inovação tecnológica	Ator 10	Mestrado	Gestor
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE	Apoio às micro e pequenas empresas	Ator 7	Mestrado	Analista

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Após a apresentação dos atores do Estado de Santa Catarina, o Quadro 7 apresenta os atores pesquisados no Estado do Rio Grande do Sul.

Quadro 7- Atores da pesquisa no Rio Grande do Sul

Stakeholders Entrevistados	Sujeitos da pesquisa	Atores	Formação acadêmica	Cargo / Função
Grande Empresa	Empregado Multinacional	Ator 17	Especialização	<i>Controller</i>
Startups	Empresa 1	Ator 11	Graduação	Empresária
	Empresa 2	Ator 15	Graduação	Empresária
Representantes empresariais	Representante empresarial 1	Ator 13	Graduação	Ex Presidente Associação Gaúcha de Startups (AGS)
	Representante empresarial 2	Ator 20	Especialização	Presidente ABI Calçados
Representante governamental	Secretário Municipal de Desenvolvimento e Gestão	Ator 16	Mestrado	Secretário
	Auditor Fiscal da Receita Municipal	Ator 23	Mestrado	Auditor da Fazenda Municipal
Incubadora de empresas	Incubadora de empresas de inovação tecnológica	Ator 14	Graduação	Gestor
Consultores Empresariais	Mentor e Consultor	Ator 12	Mestrado	Empresário
	Membro de Conselho de Administração	Ator 21	Graduação	Empresário
Gerente de Entidade para Promoção da Inovação	Gerente de Relação com o Mercado	Ator 18	Graduação	Gerente
Gerente de Coworking	Gerente de empresa de Coworking	Ator 19	Graduação	Gerente
Universidade Unisinos	Coordenadora de Curso e Ex Presidente CRA	Ator 24	Doutorado	Professora
Conselho de Classe (CRA)	Vice Presidente CRA	Ator 22	Mestrado	Professor
Plataforma de Investimentos	Diretor	Ator 25	Graduação	Empresário

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Assim, conforme os quadros 6 e 7, o *corpus* desta pesquisa proveio de 25 entrevistas com roteiros semiestruturados, realizadas com empresários, representantes de instituições de ensino superior, representantes governamentais, representantes de classe empresarial, alguns dos principais *stakeholders* do ecossistema de inovação de um estado da região Sul do Brasil.

3.4 TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS

Na primeira fase da pesquisa, executada entre março de 2018 e março de 2020, foi realizado amplo levantamento bibliográfico nacional e internacional, bem como coleta de dados secundários, por meio também de uma pesquisa documental em trabalhos científicos, arquivos públicos, particulares, fontes estatísticas e pesquisa junto aos sites e núcleos de parques tecnológicos. Essa coleta tem como propósito formular um quadro teórico referencial que balize critérios para classificar e avaliar o entendimento dos agentes entrevistados sobre inovações, ecossistema de inovação, startups e *stakeholders*.

Na segunda fase da pesquisa, executada entre dezembro de 2019 e junho de 2021, foram realizadas as entrevistas, presencialmente e/ou via internet. O roteiro de entrevistas seguiu um padrão de perguntas para a coleta de informações, embora, dependendo do perfil do agente entrevistado, houve adaptações. Os roteiros aplicados estão disponíveis nos apêndices dessa tese. A duração média das entrevistas foi de 45 minutos, sendo que houve entrevistas com mais 1h de duração.

3.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise das entrevistas foi realizada de forma a ordenar os dados, organizando-os em padrões, categorias e unidades básicas descritivas. Essa interpretação envolve a atribuição de significado à análise, ao explicar os padrões encontrados e procurar por relacionamentos entre as dimensões descritivas (PATTON, 1980). Ainda, a análise dos dados em pesquisas qualitativas consiste em três atividades interativas e contínuas de acordo com Miles e Huberman (1984).

- Redução dos dados: processo contínuo de seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados originais provenientes das observações de campo. Na verdade, a redução dos dados já se inicia antes da coleta de dados propriamente dita;
- Apresentação dos dados: organização dos dados de tal forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir dos dados (textos narrativos, matrizes, gráficos, esquemas etc.);
- Delineamento e verificação da conclusão: identificação de padrões, possíveis explicações, configurações e fluxos de causa e efeito, seguida de verificação, retornando às anotações de campo e à literatura, ou ainda, replicando o achado em outro conjunto de dados.

De maneira pontual, a análise de conteúdo foi a técnica utilizada para analisar os documentos utilizados na presente pesquisa. Dessa forma, Bardin (1977) argumenta que:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a influência de conhecimento relativo às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

O protocolo da entrevista com o roteiro semiestruturado foi elaborado com base na revisão da literatura conceitual realizada, e no conjunto de autores que analisam o tema do processo, da gestão da inovação e dos ecossistemas de inovação. Os entrevistados foram identificados individualmente no texto como atores 1 a 25, conforme convencionado nas entrevistas.

As categorias analisadas são unidades temáticas identificadas nos textos da revisão conceitual, dispostas no Quadro 8, quais sejam: conceitos e tipos de inovação, ecossistema de inovação e papel dos *stakeholders*. O quadro retrata os principais construtos teóricos e os principais autores que corroboraram a sustentação teórica dos construtos da Tese. É importante reforçar que ainda carece de uma literatura nacional mais presente no debate acerca dos diferentes temas que orbitam ao entorno da inovação. Sob o ponto de vista teórico explorou-se três construtos teóricos (Tipos de Inovação; Ecossistema de Inovação e *Stakeholders*) fundamentais para embasar as questões de pesquisa, os objetivos e as hipóteses. Os demais desdobramentos teóricos são em decorrência dos três supracitados.

Quadro 8 - Síntese das categorias das teorias da inovação mobilizadas para elaboração de critérios de avaliação do conhecimento teórico dos informantes da pesquisa sobre dimensões da inovação (principais autores)

Dimensões de análise das teorias da inovação		
Tipos de inovação	Ecossistema de inovação	Stakeholders
Inovação tecnológica: radical, incremental e estratégica (Schumpeter (1985); Dewar e Dutton, 1986; Hamel, (1998))	Tripla hélice Etzkowitz e Zhou (2017); Ramella (2020); Audy e Piqué (2016)	Papel das universidades e instituições de pesquisa Rampersad (2015); Etzkowitz e Leydesdorff (1998 e 2000)
Inovação aberta Chesbrough (2003); Neves (2021); Asheim e Gertler (2006); Griliches (2007)	Gestão da inovação Munford (2000); Fiol (1996); Wolfe (1994); Tidd et al (2001); Sharma (1999)	O papel do governo e aparato estatal Etzkowitz e Zhou (2017); Ramella (2020)
Inovação social Moulaert et al (2005); Mumford (2002); Rollin e Vicent (2007) e Crises (2010)	Cooperação entre os <i>players</i> Moore (1999); Adner (2006); Traitler et al. (2011); Neves (2021)	O papel das empresas Freeman (1984); Ikenami et al., (2016); Mocelin; Azambuja (2017); Wolffenbüttel (2020)

Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa bibliográfica.

Ademais, seguramente outros tantos autores importantes abordam os temas acima relatados, especialmente na literatura internacional, mas para a presente Tese esses foram selecionados, analisados e incorporados no estudo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados do estudo, com a finalidade de obter subsídios para responder o problema de pesquisa proposto, cumprir os objetivos e testar as hipóteses aventadas nesta pesquisa. Para tanto, são apresentadas primeiramente as análises da coleta dos dados em Santa Catarina (seção 4.1), seguidos dos resultados da coleta realizada no Rio Grande do Sul (seção 4.2), e, por fim, compara-se a realidade dos dois estados (seção 4.3).

Ainda, as seções 4.1 e 4.2 estão ambas subdivididas, de forma a explorar: quais são os *stakeholders* analisados em cada estado; quais as características destes *stakeholders* e seu papel no ecossistema de inovação; como é a interação e relação dos *stakeholders* dentro do ecossistema; a compreensão dos *stakeholders* sobre inovação, sua aplicação e o processo de gestão em cada ecossistema.

4.1 O ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO DE SANTA CATARINA

O estado de Santa Catarina é um dos três estados que compõem a região Sul do Brasil e, em termos de inovação, vem sendo considerado referência para outros estados e regiões do país. Em entrevista recente, o secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável, Luciano Buligon, comentou que o projeto catarinense de fortalecimento do ecossistema inovador “conta com a implantação de Centros em regiões estratégicas e que se conectam. O sistema é (...) referência para outros estados, disseminando experiências, crescimento e desenvolvimento. As parcerias são vitais e favorecem o crescimento mútuo”.

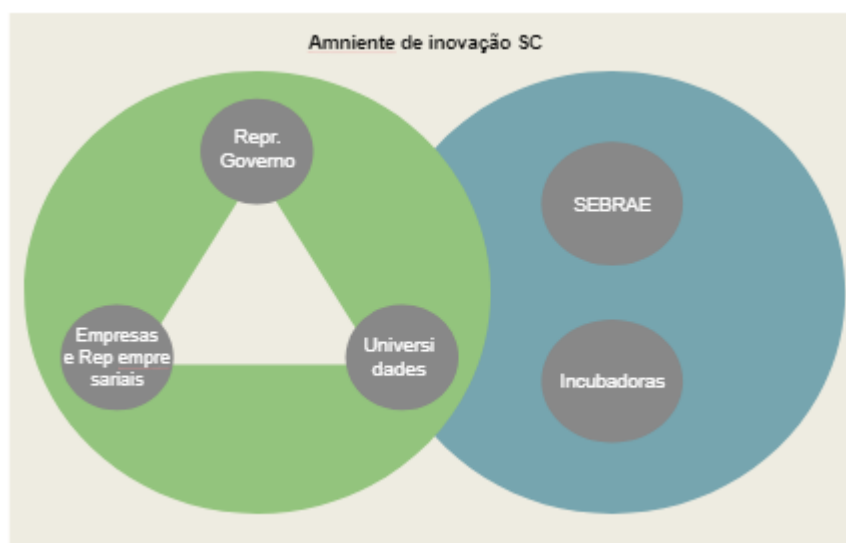
O que fora mencionado acima pelo secretário, em entrevista publicada no site oficial do Governo do Estado de Santa Catarina, acabou sendo confirmado na fala de alguns entrevistados. O Ator 10 (*stakeholder* Incubadora de empresas) menciona que “a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável do Estado que privilegia a inovação, desde a gestão anterior e trouxe um modelo de Barcelona para

desenvolver no estado. Nós temos um projeto fantástico, que é os centros de inovações”.

O Ator 9 (*stakeholder* representante empresarial) corrobora, comentando que o estado de Santa Catarina é, de fato, peculiar no que tange à inovação: “nosso estado é muito inovador. Se pegar os dados, a economia do nosso estado, territorialmente, menos de 2% e temos um PIB altíssimo, devido à diversidade da nossa matriz econômica”.

Coerente com os objetivos contemplados na presente pesquisa, como se tem interesse em conhecer o entendimento dos diferentes *stakeholders* presentes no estado acerca do conceito de inovação, é importante que estes sejam apresentados. A Figura 10, apresentada a seguir, ilustra a composição presente no estado de Santa Catarina.

Figura 10 - *Stakeholders* Santa Catarina



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2021), baseado em Audy e Piqué (2016); Etzkowitz e Leydesdorff (2000) e Freeman (1984).

Os *stakeholders* considerados nesta pesquisa, para o estado de Santa Catarina, foram: representantes do governo de SC, empresas e representantes empresariais do estado, universidades, incubadoras e o SEBRAE. A Figura x demonstra um possível modelo de arranjo que segue o que traz a literatura, em que os stakeholders universidade, governo e empresas podem ter uma relação de tripla hélice, e, ainda, que outros *stakeholders* fomentadores de inovação podem compor e estabelecer uma relação, formando assim, um ambiente favorável à inovação. Se,

efetivamente, os atores estão assim posicionados, ou se existe uma relação entre eles, será discutido nos próximos tópicos.

4.1.1 Características dos *stakeholders* e seu papel no ecossistema de inovação em Santa Catarina

Nesta seção, são apresentados o perfil e características dos *stakeholders*, bem como a visão que eles têm sobre seu papel como *stakeholders* de um ecossistema de inovação. Foi selecionado um grupo variado de *stakeholders* no estado de Santa Catarina, tendo desde respondentes da esfera pública, universidades, a atores da iniciativa privada. Um ponto importante de se destacar, é no que tange o aspecto da formação dos profissionais, que é algo que merece destaque maior, tendo atores com Especialização, Mestrado e Doutorado.

O Quadro 9 abaixo ilustra melhor os atores pesquisados no estado de Santa Catarina.

Quadro 9 - Atores da pesquisa em Santa Catarina

Stakeholders Entrevistados	Sujeitos da pesquisa	Cargo / Função	CONHECIMENTO PREDOMINANTE SOBRE INOVAÇÃO
Universidade	Representante da Instituição de Ensino 1	Reitor	TEÓRICO
	Representante da Instituição de Ensino 5	Ex Reitor	TEÓRICO
	Representante da Instituição de Ensino 4	Professor de Inovação	TEÓRICO
Representantes empresariais	Representante empresarial 2	Consultor – Representação SRI)	TÁCITO E PARCIALMENTE TEÓRICO
	Representante empresarial 3	CEO de Tecnologia e Sócio Proprietário da Empresa G&G SYSTEM	TÁCITO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Representante Entidade de Apoio Empresarial	Diretor de Apoio as Micros e Pequenas Empresas de Santa Catarina 6	Diretor	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
	Analista Sebrae Santa Catarina 7	Analista	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Representantes Entidades de Classe	Diretor do SENAI Vale do Itajaí/ Diretor do Instituto SENAI de Tecnologia na área de Eletroeletrônica e da Faculdade SENAI 8	Diretor	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO

	Diretor-Presidente Endomarq – Vice-presidente Regional FIESC 9	Vice Presidente FIESC	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Incubadora	Gestor Incubadora 10	Gerente	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Após o detalhamento dos atores pesquisados no Estado de Santa Catarina, parte-se para um momento de compreensão das questões específicas da pesquisa.

4.1.1.1 Universidades e instituições de pesquisa

Há compreensões divergentes do papel a ser desempenhado pelas universidades e pelas instituições de pesquisa e desenvolvimento.

A universidade tem o papel de disseminar o conhecimento gerado aqui dentro [...] Eu acho que esse é o papel fundamental da universidade. Disseminar o conhecimento que é gerado aqui. Mas o conhecimento que é gerado aqui, é um fim para ele mesmo, você escreve para os pares. Deve-se transferir para as empresas o que é gerado aqui [...]. Então, teria que ter essa aproximação das empresas com a universidade [...], fazendo com que os empresários tenham essa aproximação (ATOR 1, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

[...] fizemos um trabalho de entender que a inovação deveria passar aqui pela região, não pela universidade, não é uma questão da universidade, é uma questão da sociedade. Assim, aproximamos várias instituições de ensino, [...] instituições federais e colocamos dentro da incubadora da Universidade, mudamos a concepção do instituto, trazendo o governo municipal e outros governos, alinhando com o governo estadual. No ponto de vista político da universidade, colocamos isso em primeiro plano, como fazer da instituição. Paralelo a isso, tivemos várias ações dentro da universidade, de regerar uma política de inovação tecnológica, criar uma política exatamente para isso e recentemente fazer funcionar (ATOR 9, *STAKEHOLDER VICE PRESIDENTE FIESC*).

[...] tem um histórico que não acontece apenas no Brasil, a empresa privada procura a inovação nas universidades e no próprio governo (ATOR 10, *STAKEHOLDER GERENTE DE INCUBADORA*).

Gassmann, Enkel e Chesbrough (2010) destacam que as universidades são como torres de marfim reclusas em suas práticas. Atualmente, as universidades ainda são amplamente financiadas por dinheiro público, mas em muitas regiões do mundo esse financiamento diminuirá. Na visão dos autores, grandes empresas como ABB, Daimler, Siemens e GE já reduziram suas atividades de pesquisa corporativa ou aumentaram o financiamento de terceiros, ou seja, nas universidades. Na realidade,

na visão dos autores isso obrigará todos os jogadores do jogo da inovação a cooperar ainda mais.

Observa-se com base na fala dos entrevistados, que a realidade brasileira é um tanto quanto diferente. Espera-se uma contribuição na elaboração de pesquisas e inovações, mas sem a presença de capital externo ao governo, ou seja, das empresas. Em contrapartida, ou talvez, como consequência deste fato, pode-se inferir que a conexão da universidade com a sociedade, empresas, organizações, no sentido de promover a inovação, também é esparsa.

O Ator 1, *stakeholder* Universidade, ao ser questionado sobre como este processo ocorre explica que, em sua opinião, a universidade tem processos muito morosos, burocráticos. “A própria legislação da universidade impede você de fazer algumas coisas. Não lembro qual autor que dizia que é mais fácil mudar um cemitério de lugar do que a cultura de uma universidade”.

4.1.1.2 Governo e Aparato Estatal

O papel do governo é o que mais varia entre os entrevistados. Parte acredita que o mesmo exerce papel basilar, outros acreditam que o estado faria muito em não interferir.

[...] penso abertamente que nós temos um modelo de inovação iniciando no estado, e se vai prosperar ou não, vai depender muito das lideranças não só governamentais (ATOR 2, *STAKEHOLDER* CONSULTOR REPRESENTANTE SRI).

Eles (O Estado) poderiam investir, em um todo. Hoje estamos passando por um processo político muito carente em nosso país. Estamos vivendo uma época em que tudo está estagnado por vários fatores. Eu vejo que o poder público pode investir muito desde a escola, ensino médio. Já vem sendo criado, por várias instituições, a mentalidade em nossos alunos, de empreender e inovar. Quando se fomenta desde pequeno, fica muito mais fácil de você atingir o plano final (ATOR 5, *STAKEHOLDER* REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO).

A fala dos entrevistados 2 e 5 coaduna com o defendido por Zayas e Carrillo (2012), de que na trílice hélice, é função do governo regular e fomentar as atividades econômicas locais, bem como gerar bem-estar para os cidadãos, por meio da implementação de políticas públicas. As empresas, por sua vez, são as responsáveis

por gerar riqueza, e a universidade é a responsável pela geração e transmissão de conhecimento, que pode ocorrer por meio de publicações ou educação formal.

Eu entendo que o papel principal do governo é criar políticas públicas. Por exemplo: quando falamos da criação do Centro de Inovação, estamos criando condições para que alguns municípios e regiões possam internalizar a inovação (ATOR 6, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DE ENTIDADE EMPRESARIAL*).

Existe até uma Secretaria, que trabalha muito nisso, mas como o estado tem problemas muito maiores para resolver, acaba não sendo uma prioridade. Ele poderia com certeza ajudar muito mais (ATOR 7, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DE ENTIDADE EMPRESARIAL*).

Mas olha, você já viu alguma funcionar? É um cabide de pessoas que estão lá para fazer campanhas políticas. Quem sobrou, vai para lá. Então seria uma inovação, seria ótima, não é? (ATOR 8, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DE ENTIDADE DE CLASSE*).

Os governos oferecem incentivos fiscais, pressionam as instituições acadêmicas para ir além de executar as funções tradicionais da educação e investigação, criam políticas públicas para fortalecer o relacionamento universidade, indústria e governo. Os governos também mudam suas relações com as instituições econômicas, ao fortalecer o envolvimento entre as partes (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1995).

É crível, a partir da fala dos entrevistados, que o apoio governamental é um problema não somente no ecossistema de inovação pesquisado, mas como uma realidade nacional brasileira. O Brasil investe menos de 0,5% do seu PIB em Inovação, o que comparado com outros países como, por exemplo, os Estados Unidos é muito baixo, pois o mesmo investe em torno de 3,5% do PIB em Inovação.

4.1.1.3 Empresas

As empresas e grupos de empresas são citados com menor frequência. No entanto, nas falas dos entrevistados, fica evidente o papel de interatividade das empresas com o meio econômico e social em que estão inseridas:

Nós temos um caso aqui, que também é interessante, de ralo linear. Uma pequena empresa desenvolveu um ralo linear, ganhou prêmios nacionais. Uma inovação que você vê que não é absurda, ela desenvolveu um ralo linear para colocar no chão, saiu na revista nas Pequenas Empresas e Grandes Negócios como um dos grandes empreendedores, de 2012 ou 2013 (ATOR 1, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

[...] temos uma indústria forte e diversificada, temos um ambiente muito propício à inovação. Uma empresa somente é inovadora quando seus clientes também são. Ou seja, inovação tem que estar na cabeça das pessoas de toda a cadeia produtiva (ATOR 3, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE EMPRESARIAL*).

Não sabe se precisa de mais *startups* fazendo com que empresários olhem para aquilo com maior apetite, ou você precisa de empresários que abram suas portas para que startups tenham maior chance de sucesso. Ainda não sabemos quem dá ignição nesse processo todo (ATOR 4, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

Pesquisas empíricas realizadas por Botelho, Carrijo e Kamasaki (2007) constataram que uma teia de relações estabelecidas pelas empresas influencia as atividades produtivas em geral e as inovativas em particular. Isso destaca-se tanto na indústria como, nos dias atuais, nas *startups* e *spin offs*.

De acordo com Looy *et al.* (2004) e Park e Leydesdorff (2010), as relações com clientes e fornecedores, com empresas concorrentes e com institutos de pesquisa e/ou universidades figuram nas pesquisas como as mais importantes relações no âmbito dos ecossistemas de inovação. Ao se analisar a fala do entrevistado 4, destaca-se que é preciso que os empresários abram as portas para que o processo flua de uma melhor maneira entre a empresa tradicional e as *startups*.

Do lado das empresas, Camboim (2013) destaca que a indústria, representada tanto por grandes quanto pequenas empresas, precisam: (i) desenvolver produtos ou serviços inovadores; (ii) buscar interação com os centros de pesquisa; e (iii) liderar os processos de mudança. Entre as suas limitações, estão: (i) pouca capacidade de investimento em P&D; (ii) falta de preparo para desenvolvimento de pesquisas (CAMBOIM, 2013).

4.1.2 Ambientes de Inovação e Interação entre *stakeholders*

Nesta seção são apresentados os resultados das análises sobre o ambiente de inovação existente em Santa Catarina, e sobre como ocorre (se ocorre) a interação entre os *stakeholders* no processo de inovação, uma vez que um grande impulsionador da inovação tem sido o aumento da conectividade e da capacidade de buscar outros contatos com os quais possamos trocar ideias e combiná-las com nossas próprias percepções para gerar algo novo.

Considera-se que o envolvimento ativo dos *stakeholders* ajuda no estágio de detecção ativa e aumenta a eficiência durante a pilotagem e escalonamento. O Ator 8 (*stakeholder* representante governamental) comenta que existe uma convergência no processo de inovação do estado: “existe intenção sim, de fato existe, a própria ideia do governo do estado de Santa Catarina criando o centro de inovação”.

O Ator ainda faz menção à tripla hélice, conceito que defende a colaboração sistêmica entre universidade, empresas e governo (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 1998, 2000).

Em Jaraguá do Sul o assunto inovação, está sendo tratado por um grupo tripartite. Onde temos o governo, as IES e as empresas. A cidade de Jaraguá está organizada sim e dificilmente um empresário está por fora desse projeto da cidade. Há um planejamento e uma organização bastante expressiva por essas entidades tripartites. Nós temos um projeto em que os acadêmicos desenvolvem protótipos para um grupo de empresas que trazem sua problemática. Estamos desenvolvendo várias startups, vários desafios com empresas patrocinando, para que os alunos entrem nessa cadeira inovativa e comecem a se relacionar com essas empresas aqui dentro (ATOR 8, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE GOVERNAMENTAL*).

Contudo, o único entrevistado que comentou com tamanho entusiasmo sobre a existência desta interação foi o Ator 8. O entrevistado 1 (*stakeholder* universidade) comenta: “houve uma época em que compartilhávamos diversas experiências, compartilhamos ainda. A instituição tem uma pré-incubadora, onde se começa os empreendimentos ali, muitos em conjunto com a associação comercial”.

Alguns atores entrevistados alegam que não se percebem, na realidade do ecossistema catarinense, acordos com o objetivo de coordenar parcerias de compartilhamento de informações e recursos entre os entrevistados. O entrevistado 9, por exemplo, menciona que efetivamente não há relação entre os *stakeholders*, nem, tampouco, uma convergência no processo de promoção de inovação no estado, mas chama a atenção sobre o papel do governo neste sentido, mencionando que não há promoção de iniciativas por parte deste *stakeholder*.

O que eu vejo, é que essas entidades de classe são em regiões, possuem atitudes muitas vezes, associativistas. Jaraguá mesmo, se você olhar, a integração academia/empresa existe na parte teórica, mas na prática não. Existe muito mais nas pessoas, em algumas, não todas. A própria academia não tem isso incorporada como um dos objetivos. O poder público, se você ver em âmbito municipal, muitas delas querem atrair empresas inovadoras, mas não se preparam para isso. Não se preparam para trazer empresas para se instalar em uma zona restrita, por que todos querem essas empresas, com valor agregado bastante grande, às vezes não geram tributos estaduais, mas geram ISS, que é serviços (ATOR 9, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE ENTIDADE DE CLASSE*).

Convergente com a reflexão trazida pelo entrevistado 9, o respondente 10 também traz sua visão sobre o papel do estado frente à inovação, como se lê a seguir.

A empresa privada procura a inovação nas universidades e no próprio governo. Tem um livro muito importante, que se chama o Estado Inovador, em que todo mundo critica o estado, mas quem mais faz inovação e ajuda a fazer inovação é o estado. Isso se repete no estado de Santa Catarina e no mundo todo. Se fizermos um levantamento, onde se tem grandes inovações são nas estatais. A empresa privada precisa sobreviver no mercado, então não pode gastar muito dinheiro para pesquisa de desenvolvimento, ou contratar pessoas que fiquem 2, 3 anos pensando como lançar um novo produto para o mercado, então elas são muito práticas (ATOR 10, *STAKEHOLDER INCUBADORA DE EMPRESAS*).

Importante mencionar que o ator 9 é o *stakeholder* representante empresarial e o ator 10 é o *stakeholder* incubadora de empresas. O raciocínio trazido pelo Ator 10, no que tange aos desafios da empresa privada para inovar constantemente, encontra, de certa forma, compreensão na literatura acadêmica, em que Flichy (1995) menciona existir um sério problema que persegue as relações entre pressão da demanda, oferta tecnológica e inovação. Contudo, tais análises não permitem perceber que a inovação tem um ritmo técnico próprio que não se submete totalmente às modificações do mercado (NICOLAS; MYTELKA, 1994; MACIEL, 2001).

Ao se retomar a questão das relações no ecossistema de inovação catarinense, o entrevistado 2 comenta que “a percepção que eu tenho, que as empresas estão inovando muito por conta própria”, reforçando a ideia de que não existe, na prática, a cooperação entre os *stakeholders* que Enright e Bourns (2010) comentavam ser profícua para que os atores envolvidos identificassem ainda mais oportunidades de inovação. Ele ainda complementa: “Eu acho que está muito solto. Talvez exista, de uma forma muito modesta. Poderia ser de uma forma mais alinhada. O que acaba estragando um pouco esse movimento são as paternidades, e a convergência às vezes deixa de existir por vaidades”.

A relação entre os *stakeholders* é indicada como sendo desarticulada e sem uma linha de continuidade de interação entre os mesmos. Sob o ponto de vista sociológico o processo de estruturação ainda não está tão consolidado, e em contrapartida a ação dos indivíduos é um registro a ser destacado. Cada ator dotado de sua carga acionista na forma de planejar é responsável não somente pela sua atuação, mas bem como na efetivação do processo de inovação em cada ecossistema.

4.1.3 Compreensão dos *stakeholders* sobre inovação, sua aplicação e o processo de gestão da inovação

De maneira geral todos os respondentes apresentam entendimentos bem alinhados, tanto sobre o conceito de inovação, quanto sobre como ela é gerada e aplicada. Inovação esta, que de uma forma ou de outra encontram respaldo na literatura acadêmica. Dessa forma, pode-se colocar que a hipótese deste estudo, de que diferentes *stakeholders* envolvidos no ecossistema de inovação nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina tem diferentes concepções sobre o que é inovação fundamentado nos seus espaços e rotinas de trabalho, bem como de suas trajetórias de vida e profissionais, que pode ser parcialmente confirmada, dado que representa, sim, uma certa convergência e um entendimento parecido entre os *stakeholders* sobre o conceito e inovação, como será discutido a seguir.

No que tange à compreensão dos entrevistados sobre inovação, eles conseguiram, de forma geral, trazer um entendimento que é convergente com o que os autores apontam sobre o conceito. O Ator 3, por exemplo, explica que “inovação é trazer algo diferenciado para o cliente. Não necessariamente um produto novo”, ideia com a qual o Ator 5 corrobora:

Para mim, inovação é tudo aquilo que você desenvolve, pensa e coloca em prática na melhoria na qualidade de vida das pessoas e de uma sociedade. Não precisa ser necessariamente um produto fantástico, com muita coisa tecnológica. Basta que em uma determinada situação, um determinado problema público, por exemplo, você encontre uma solução, que melhore ou traga algum benefício, podendo ser feitas em processos, não necessariamente em produtos (ATOR 5, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

Com um aprofundamento maior, a classificação da inovação e o conhecimento sobre os tipos radical e incremental foram pontos lembrados por profissionais que atuam ou atuaram como professores na área. O Ator 10 explica: “inovação radical é a criação de produto ou processo que nunca foi feito antes, e traz algum benefício para sociedade ou para empresa. Inovação incremental é a melhoria de um produto, serviço ou processo existente, a que se acrescenta um valor agregado”. Ao corroborar

com o que vem sendo discutido, o Ator 2 relaciona os tipos de inovação com a realidade e com a cultura do Brasil, como se lê a seguir.

Há dois modelos de inovação, a inovação radical e incremental. Eu lembro que a radical é a mais difícil de ser implementada, depende de muitos recursos e a política brasileira para as empresas que investe em P&D não é incentivadora, e as empresas brasileiras não investem nesses modelos por uma cultura do país, e infelizmente, se olhar a matriz brasileira, nosso superávit vem de commodities com pouquíssimo valor agregado (ATOR 2, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE EMPRESARIAL*).

No entanto, há quase um consenso no fato de que a inovação não precisa ser algo radical para ser considerada inovação. Ou seja, há um forte entendimento de que incrementar processos ou produtos é inovação. Na acepção de Ritala e Hurmelinna-Laukkanenvisão (2013), as diferenças em termos de resultados de inovação incrementais e radicais podem surgir por causa do conhecimento semelhante que possam apresentar junto aos seus concorrentes e, por causa do impacto diferente destes resultados nos mercados em que atuam. O Entrevistado 5 explica:

Não precisa ser necessariamente um produto fantástico, com muita coisa tecnológica. Basta que em uma determinada situação, um determinado problema público, por exemplo, você encontre uma solução, que melhore ou traga algum benefício, podendo ser feitas em processos, não necessariamente em produtos (ATOR 5, *STAKEHOLDER UNIVERSIDADE*).

Em relação à aplicação da inovação no Estado de Santa Catarina, o entrevistado 9 (*stakeholder representante empresarial*) menciona, quando comenta que entende que seu estado (Santa Catarina) é muito inovador, sobre as empresas catarinenses, corrobora que boa parte do faturamento das empresas são provenientes de produtos inovadores. Além disso, acrescenta que a inovação também está presente nos processos. Explica, ainda, como, no entendimento dele, elas aplicam a inovação, como se lê a seguir.

Se você analisar uma empresa como a WEG, que é ela apresenta isso, que 55% do faturamento é proveniente de produtos que tiveram alguma inovação nos últimos cinco anos. Então mais da metade do faturamento vem dos produtos em que ela inovou. Além de inovar nos processos, é preciso inovar nos produtos que comercializa. Se você olhar as indústrias têxteis da região, também começaram a inovar muito. A Hering é uma indústria têxtil. Qual o produto principal que ela trabalha? É uma fábrica de camisetas, e dentro dessa fábrica ela tem uma marca com mais de 800 lojas. Então ela transformou uma fábrica de camiseta em um produto, uma grife. A mesma coisa, se pegarmos Marissol, de varejo, está presente com as suas franquias e duas ou três marcas em potencial, em todo o país e inclusive

fora dele, em lojas de shoppings. Inovou em seus processos, tornou-se uma grife e agregou valor (ATOR 9, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE EMPRESARIAL*).

Esta visão sobre inovação e sobre sua aplicação também é vista pelo stakeholder representante governamental (entrevistado 8), que comenta sobre a importância do processo inovativo no sentido financeiro.

temos produtos que nos últimos 3 anos já representam um terço do faturamento total. A faculdade hoje praticamente um terço dela, é faturamento de produtos que foram lançados nos últimos 3 anos. O instituto SENAI de tecnologia, o seu faturamento deste ano, será uma quantidade de 80% de produtos que nós criamos no ano passado. Então, em síntese, a gente não sobrevive se não tivermos esse caráter inovador o tempo todo (ATOR 8, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE GOVERNAMENTAL*).

Não obstante, a inovação aberta, citada uma única vez por um dos entrevistados, também se apresenta como um conceito pouco familiar aos entrevistados. É importante destacar que para Gassmann, Enkel e Chesbrough (2010), a era da inovação aberta acaba de começar. Uma grande mudança começou em direção a um novo paradigma no sentido de Kuhn (1962).

A inovação pode ser aberta ou fechada. Pode ser incremental ou radical, e aí tem o termo da inovação disruptiva, que veio na década de 90. E aí quando se entra em inovação aberta, onde você tem o sucesso maior, onde é possível ter plataformas colaborativas e onde se tem fóruns de gestão do conhecimento (ATOR 4, *STAKEHOLDER UNIVERSIDADE*).

De acordo com Gassmann, Enkel e Chesbrough (2010), ao desenvolver uma abordagem alternativa à inovação, a inovação aberta forneceu uma nova explicação para essas anomalias. Outras pesquisas validaram amplamente essa abordagem e a ampliaram significativamente.

A inovação aberta ocorre por meio da colaboração entre diferentes organizações. O processo de inovação, notadamente, a etapa referente à pesquisa, é compartilhado com outras instituições ou comunidades (CARVALHO, 2009). Ao que indica o entrevistado 2, não se percebe uma prática de inovação que leva os pressupostos de inovação aberta.

Sobre o processo de gestão da informação, alguns entrevistados mencionaram o termo “tripla hélice”, como se lê a seguir, mas percebe-se que em termos de aplicação, os entrevistados não conseguem reconhecer que haja um processo

estruturado. Etzkowitz e Zhou (2017) destacam que tríplice hélice foi originada como uma metáfora com a finalidade de identificar os protagonistas de um sistema regional de inovação e tornou-se um modelo reconhecido internacionalmente, fundamental em estudos de inovação.

No meu ponto de vista, os ambientes, com base no que eu já vivi, são ambientes múltiplos, onde você tem os atores em sinergia, como a tríplice hélice, trabalhando de forma coordenada, tem todos os demais stakeholders trabalhando engajados (ATOR 5, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

Olha, eu vejo principalmente, essa relação com os parques tecnológicos, dessa relação que eles têm com as empresas, incubadoras das empresas. Tem até um livro, que fala sobre a Tríplice Hélice, que fala sobre as universidades, o governo e as empresas (ATOR 1, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

Contudo, o que parece ocorrer na realidade catarinense são algumas iniciativas de inovação e algumas alianças pontuais que buscam fomentar a prática no estado. Todavia, para que haja no estado a organização de um ecossistema de inovação, com um processo de gestão estruturado, ainda parece existir um caminho a ser percorrido. A seguir, apresentam-se as falas dos atores 3 e 5 evidenciam este raciocínio.

Nós temos um processo muito moroso, no que tange documentação, ou abrir uma empresa aqui no país. Mas aos poucos, as pessoas veem percebendo que o empreendedorismo em um todo, é necessário. Eu acompanhei vários projetos e peguei várias dicas com o SEBRAE. Eu achei muito legal, não vou dizer a popularização, mas algo parecido com isso, no que diz respeito ao empreendedorismo. E quando falamos de empreender, falamos de inovar também (ATOR 3, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE EMPRESARIAL*).

Vejo que o estado de Santa Catarina tenta por uma agenda de inovação, a gente percebe isso pela FAPESC, pelo desenvolvimento dos centros de inovação. Mas está distante de se tornar uma realidade. Há também uma gerência pública, que não é uma gerência convergente. As preocupações são: Quando vamos inaugurar o centro de algum lugar? Fica se esperando a inauguração sem fazer por onde. Teve o centro de Lajes, mas é pouco usado por lá (ATOR 5, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

A seguir, de forma resumida e geral, traz-se um resumo dos resultados do ecossistema de Santa Catarina.

4.1.4 Discussão dos Resultados em Santa Catarina

Nesta etapa da pesquisa, discutem-se resumidamente os principais achados do ecossistema de Santa Catarina. Também, procura-se encaminhar evidências para que se possa responder aos objetivos deste estudo na etapa de Considerações Finais. Apesar de terem sido entrevistados diferentes *stakeholders*, com histórias de vida, formações e trajetórias profissionais muito diferentes entre si, foi possível identificar algumas convergências nos entendimentos deles sobre inovação.

O Quadro 10 apresentado a seguir, tem como objetivo resumir e facilitar o entendimento sobre o que cada *stakeholder* entende sobre inovação, e sobre como enxerga seu papel no processo de promoção da inovação no ecossistema de Santa Catarina. Anteriormente, foi analisado o que os respondentes comentaram ser o papel dos principais *stakeholders*, utilizando-se a conceituação da Tripla Hélice. Neste momento, o objetivo é focar a auto percepção dos atores.

Quadro 10- Resumo das visões dos *stakeholders* catarinenses

Stakeholder	O que entende por Inovação	Como atua para promover o processo de inovação
Empresas	Inovação é trazer algo diferenciado para o cliente. Não necessariamente um produto novo, é fazer do mundo um lugar melhor.	A gente busca utilizar as ferramentas mais recentes de mercado, para fazer novas ferramentas no nível de tecnologia mais recentes, assim conseguimos trazer novas viabilidades em ferramentas antigas. É nossa forma de promover a inovação.
Representantes empresariais	Inovar é fazer diferente! Simples assim. Se for olhar em uma visão mais ampla, é sinônimo de sustentabilidade e resiliência. Forma de inovar faz ser mais sustentável e resiliente.	O papel da ACIJS é representar as empresas, mas eu vejo que as empresas estão inovando muito por conta própria e utilizando pouco os recursos da ACIJS.
Representantes governamentais	Inovação para mim é muito simples, é um produto ou melhoria de processo que gera negócio. Se não gera negócio ou resultado, para mim é um protótipo, uma ideia bem qualificada. Eu tenho várias ideias aqui dentro, de colegas que trouxeram ótimas ideias, todas calculadas, plano de negócio, planilha, conceito, mas não gerou 1 real. Isso para mim não é inovação.	O SENAI tem uma importância extrema para o Brasil e Estado de Santa Catarina. Inclusive, nós formamos quase 70% da mão de obra da indústria.

SEBRAE	Eu tenho uma simpatia muito grande pela forma que nós trabalhamos Inovação aqui. Trabalhamos inovação disruptiva, aquela que sai fora de casa, e a incremental, que é legal também, mas muitas vezes eu acho que eles chamam de inovação incremental a mudança de processos. Aqui, o conceito de inovação e de mudança de processo às vezes não fica muito claro e há uma certa mistura. Às vezes uma simples mudança de processo já é tratada como inovação.	O nosso objetivo no SEBRAE é melhorar o ambiente da micro e pequena empresa. Em inovação, temos desde o programa nacional de inovação empreendedora, na forma de levar o conteúdo para os clientes, onde é usada umas estratégias que está fora do nosso escopo tradicional. Nós trabalhamos na parte de inovação, muito em parceria, nas gestões técnicas.
Universidade	Para mim, inovação é tudo aquilo que você desenvolve, pensa e coloca em prática na melhoria na qualidade de vida das pessoas e de uma sociedade. Não precisa ser necessariamente um produto fantástico, com muita coisa tecnológica. Basta que em uma determinada situação, um determinado problema público, por exemplo, você encontre uma solução, que melhore ou traga algum benefício, podendo ser feito em processos, não necessariamente em produtos.	A instituição tem uma pré-incubadora, onde se começa os empreendimentos ali, muitos em conjunto com a associação comercial, algumas empresas de ponta que temos aqui na região. Mas, uma interação maior, dos nossos professores que está ali, envolvido com a empresa, ajudando com a pesquisa, produção de novos conhecimentos.
Incubadora de Empresas	Existem dois conceitos de inovação. A inovação radical, que é a criação de produto ou processo que nunca foi feita antes, e que traz algum benefício para sociedade ou para alguma empresa. Já a Inovação incremental é a melhora de um produto, serviço ou processo existente, que se acrescenta um valor agregado.	O papel das incubadoras é realizar o processo de amadurecimento junto com outras incubadoras.

Fonte: desenvolvido pelo próprio autor (2021).

O quadro permite analisar que as percepções e entendimentos são variados e não seguem uma linha única e contínua de análise. Ou seja, não se tem uma pauta rotineira para os diferentes *stakeholders* que compõem o ecossistema de inovação catarinense. Ao corroborar os dados apresentados, e segundo Giddens (2003), a rotina constitui a expressão primordial da dualidade da estrutura em relação à continuidade da vida social. A rotina se refere a tudo que é feito habitualmente. É apenas a partir de uma estruturação proposta por Giddens que se tenderá a ter uma repetição de práticas, processos, atos, discursos e narrativas. Especialmente quando se leva em consideração o caráter novo e desarticulado dos atores envolvidos.

Discutido esses aspectos e compreendido mais a concepção e funcionamento do Ecossistema de Inovação de Santa Catarina, parte no próximo tópico para uma análise no Ecossistema de Inovação no Rio Grande do Sul.

4.2 O ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

O estado do Rio Grande do Sul, assim como Santa Catarina, também é um dos três estados que compõem a região sul do Brasil. De acordo com pesquisa recente divulgada, o Rio Grande do Sul é o 4º estado mais inovador do Brasil, e a própria região sul é a região mais inovadora do país, já que os três estados que a compõem estão entre os quatro primeiros lugares (FIEC, 2021).

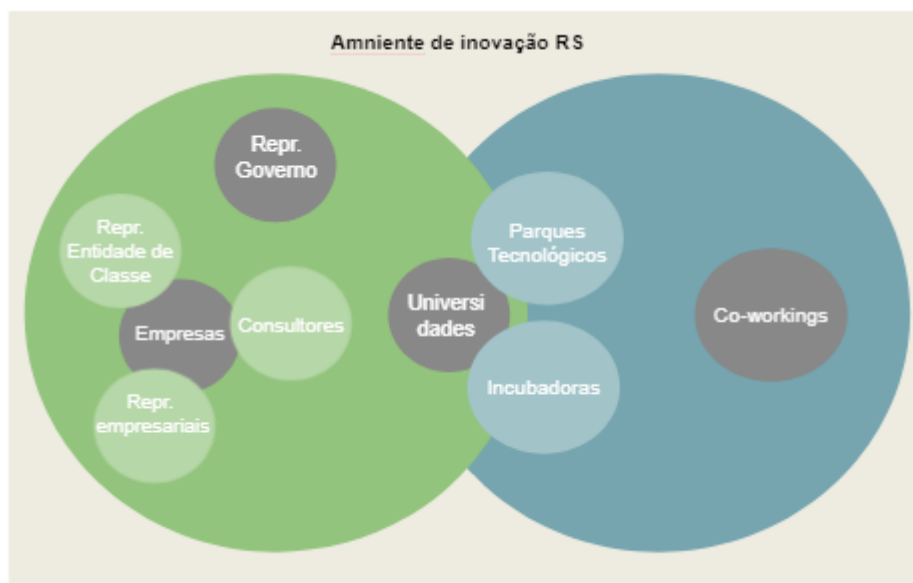
A visão dos respondentes sobre inovação no estado, de forma geral, é convergente sobre ainda existir muito caminho a ser traçado para que o Rio Grande do Sul atinja a condição de estado efetivamente inovador. O Ator 21 (*stakeholder* Consultor Empresarial) comenta que percebe várias iniciativas, o que mostra uma tendência positiva a médio e longo prazo.

De forma convergente com esta visão, o respondente 22 (*stakeholder*), de forma otimista, acrescenta à discussão, que o estado está “no caminho para virar a chave”. São vários os movimentos de ecossistemas com significativa atuação, seja por parques tecnológicos, seja por incubadoras nas faculdades.

Alguns entrevistados mencionam e abordam a questão da cultura do Rio Grande do Sul, que, segundo eles, é muito fechada, e que isto, portanto, dificulta a inovação. O Ator 12 (*stakeholder* representante empresarial) ilustra este ponto: “temos uma cultura rançosa avessa ao novo e ao diferente. (...), Mas aos poucos, muito aos poucos, o efeito prático da inovação na sociedade vai sendo percebida e seu espaço tem aumentado, tanto na esfera pública como na privada”.

O respondente 23 corrobora: “ainda estamos muito centrados em commodities, o que dificulta a agregação de valor. Nossa cultura ainda é “campeira”, principalmente na metade sul. Há regiões bem mais avançadas, como o polo metalmecânico da serra gaúcha”.

A Figura 6 ilustra um esquema sobre a composição dos *stakeholders* presente no estado do Rio Grande do Sul.

Figura 6 – Stakeholders do Rio Grande do Sul

Fonte: Desenvolvido pelo autor (2021), baseado em Audy e Piqué (2016); Etzkowitz e Leydesdorff (2000) e Freeman (1984).

Os *stakeholders* do estado do Rio Grande do Sul são representantes do governo estadual, empresas, consultores e representantes empresariais do estado, universidades, coworkings e representantes de entidades de classe.

4.2.1 Perfil e as características dos *stakeholders* que compõem ecossistema de inovação

Os atores pesquisados no Ecossistema de Inovação no Estado do Rio Grande do Sul têm um perfil variado de formação e de atuação profissional, e contribuem de maneira distinta no Ecossistema de Inovação.

Quadro 11 - Atores da pesquisa no Rio Grande do Sul

Stakeholders Entrevistados	Sujeitos da pesquisa	Cargo / Função	CONHECIMENTO PREDOMINANTE SOBRE INOVAÇÃO
Grande Empresa	Funcionário Multinacional	Controller	TÁCITO
Startups	Empresa 1	Empresária	TÁCITO
	Empresa 2	Empresária	TÁCITO
Representantes empresariais	Representante empresarial 1	Ex Presidente Associação Gaúcha de Startups (AGS)	TÁCITO E PARCIALMENTE TEÓRICO

	Representante empresarial 2	Presidente ABI Calçados	TÁCITO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Representante governamental	Secretário Municipal de Desenvolvimento e Gestão Auditor Fiscal da Receita Municipal	Secretário Auditor da Fazenda Municipal	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Incubadora de empresas	Incubadora de empresas de inovação tecnológica	Gestor	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Consultores Empresariais	Mentor e Consultor Membro de Conselho de Administração	Empresário Empresário	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Entidade para Promoção da Inovação	Gerente de Relação com o Mercado	Gerente	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
<i>Coworking</i>	Gerente de empresa de <i>Coworking</i>	Gerente	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Universidade Unisinos	Coordenadora de Curso e Ex Presidente CRA	Professora	TEÓRICO
Conselho de Classe (CRA)	Vice Presidente CRA	Professor	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO
Plataforma de Investimentos	Diretor	Empresário	TÉCNICO E PARCIALMENTE TEÓRICO

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No que se refere à importância da Universidade, há visões diferentes sobre o papel que se espera ser desempenhado por tais organizações, que nem sempre parecem convergir em direção ao conceito teórico de Tripla Hélice, o qual articula o papel dos elementos, Universidades, Governo e Empresas. Contudo, sua importância é reconhecida no ecossistema. O entrevistado 17, por exemplo, representante do *stakeholder* empresa, comenta que os únicos movimentos que conhece para promoção da inovação são ambas iniciativas das universidades, em parceria com parques tecnológicos ou empresas privadas.

O respondente 18 (*stakeholder* Entidade para Promoção da Inovação) também enaltece o papel das universidades como atores que trabalham ativamente no desenvolvimento e educação de profissionais voltados para a inovação. De forma convergente, o respondente 25, *stakeholder* Plataforma de Investimentos, comenta que muitas iniciativas são realizadas no âmbito da inovação, mas que “na prática, são as Universidades e as Entidades Privadas de âmbito municipal de promoção da indústria e do comércio aqueles que fazem a diferença”.

Tal percepção possui amparo na teoria, em que Gassmann, Enkel e Chesbrough (2010) destacam que as universidades são destino de investimento de diversas empresas e do próprio governo, justamente pela sua capacidade de gerar inovação.

Sobre o papel do governo, em suas diferentes esferas (municipal, estadual e federal) e do aparato estatal, existe quase uma convergência entre os respondentes sobre a importância deste *stakeholder* para capitanear projetos de inovação e projetos que promovam o relacionamento entre os *stakeholders*. O Ator 24 comenta que “o poder público é decisivo para que isso aconteça”, onde “isso” refere-se à inovação.

Os respondentes menos otimistas sobre o papel do governo, como o entrevistado 18 (*stakeholder* Entidade para Promoção da Inovação) comentam que “o poder público acaba influenciando negativamente, ao contribuir com uma agenda burocrática e que não incentiva a pesquisa, inovação e o empreendedorismo – além de não trazer a pauta como fundamental na área da educação”. Dentro desta mesma perspectiva, o Ator 24, *stakeholder* Universidade, traz uma afirmação forte: “a gente escuta muito que a melhor coisa é: se não atrapalhar, já está ajudando”.

Em outra perspectiva, alguns respondentes destacam iniciativas promovidas pelo estado, no intuito de fomentar a inovação. O respondente 25, *stakeholder* Plataforma de Investimentos, explica que “não entendo que os entes estatais sejam protagonistas no fomento à inovação no estado, mas vejo com muito bons a intenção por trás de programas como o Inova RS, por exemplo”.

Outra menção positiva, ainda que pontual, foi feita pelo entrevistado 20, representante empresarial, ao afirmar que “a SICT - Secretária de inovação, ciência e tecnologia que atua nas parcerias entre universidades e empresas, na modernização de setores tradicionais da economia, como o calçadista, além de fomentar a inovação nos negócios”.

Já o papel do *stakeholder* empresas, na visão dos entrevistados é um dos principais agentes de inovação no Rio Grande do Sul, ou seja, pode-se dizer que existe um “consenso” de que a iniciativa privada é ponto chave para geração de inovação no Estado, principalmente no que tange à tipologia de *startups*, como pode ser visto na afirmação do respondente 18, *stakeholder* Entidade para Promoção da Inovação:

As *startups* são a grande fonte do produto da inovação em si, é lá que as tecnologias mais disruptivas costumam aparecer. As empresas tradicionais precisam beber desta fonte, trazendo negócios com *startups* para dentro do

seu dia a dia, mas buscando também transformar suas estruturas internas para que possibilitem a inovação a surgir internamente também, (ATOR 18, ENTIDADE DE PROMOÇÃO DA INOVAÇÃO).

Esta afirmação encontra respaldo também em pesquisas empíricas realizadas por Botelho, Carrijo e Kamasaki (2007), ao constatarem que uma teia de relações estabelecidas pelas empresas influencia as atividades produtivas em geral, e as inovativas em particular. Isso destaca-se tanto na indústria como, nos dias atuais, nas *startups* e *spin offs*.

4.2.2 Ambientes de Inovação e Interação entre *stakeholders*

De acordo com Ramella (2020), os *stakeholders* envolvidos no processo de inovação em um ambiente valem-se de relações fundamentadas em laços (fracos ou fortes). Sabe-se que os ecossistemas, ambientes de inovação, podem ter diferentes composições (NEVES, 2021), e, nesta seção, busca-se analisar como está estruturado (se está) o ambiente de inovação no estado do Rio Grande do Sul, e, ainda, se ocorre, como é a interação dos diferentes *stakeholders* entrevistados neste ambiente.

No que tange a existência de um ambiente de inovação no estado, alguns entrevistados são mais entusiastas do que outros. O Ator 14 (*stakeholder* Incubadora de Empresas), por exemplo, menciona que “o RS possui excelentes instituições de ensino e pesquisa, um parque fabril robusto e um nível de educação de sua população superior à média brasileira. Estes fatores contribuem para que o nosso estado seja um dos mais inovadores do Brasil”.

O respondente 18 (*stakeholder* Entidade para Promoção da Inovação) também vê de forma positiva o ambiente de inovação no estado, e comenta: “somos um dos principais “fabricantes” de startups no Brasil, temos a força da academia e parques tecnológicos, além de capital humano abundante”. Já o entrevistado 22 menciona a existência de diversos programas voltados à inovação, e que *stakeholders* como SEBRAE, Governo do Estado, Instituições de Ensino e Organizações de diversos setores, estão se empenhando em difundir o processo de inovação. Apesar de citar tais agentes, o respondente, e de forma geral, todos os entrevistados, foram incapazes de mencionar programas efetivos e organizados para a promoção da inovação.

A literatura é convergente ao comentar que o relacionamento entre diferentes *stakeholders* é fundamental para o processo de inovação e para que existam ambientes de inovação abundantes, produtivos (RAMELLA, 2020). No que tange a existência de processos e a uma real organização dos *stakeholders* gaúchos de cooperação e de trocas sistemáticas (LESTER; PRIORE, 2004), de forma similar ao que foi identificado em Santa Catarina, percebe-se que é necessário que existam iniciativas que fomentem este ponto, o que pode ser visto na fala do Respondente 18 (*stakeholder* Entidade para Promoção da Inovação): “precisamos diminuir a burocracia e incentivar empresas de base tecnológica, além de conectar esses diferentes atores do ecossistema para avançarem com pautas complementares para reforçar o ecossistema como um todo, sem dissipar tantos esforços”.

Sobre a questão da burocracia, mencionada pelo respondente 18 acima, o entrevistado 23, *stakeholder* Representante Governamental, opina e traz um contraponto importante, mencionando que “quando há consolidação de um mercado, o que mais se busca é essa regulamentação, como uma barreira de entrada. Isso cria aquele paradoxo: a regulamentação só é interessante quando me convém”.

A importância, contudo, da existência da dimensão social e relacional a serem promovidas pelos ecossistemas é reconhecida na fala do entrevistado 12, Representante Empresarial, que menciona que os diferentes *stakeholders* têm objetivos diferentes ao buscar “gerar” inovação, e cita empresas tradicionais e parques tecnológicos para elucidar seu raciocínio.

Entende-se, todavia, que justamente esta divergência de interesses e de inovações geradas é o que poderia enriquecer o ecossistema como um todo, indo ao encontro do que trazem os autores estudiosos sobre o tema (LESTER; PRIORE, 2004). O Ator 23 (Representante Governamental) afirma que as iniciativas de uma convergência entre os *stakeholders* acontece mais no discurso, mas pouco na prática.

Às vezes boas ideias são descontinuadas porque há troca de líderes, tanto nos governos, como em outros atores. Ao longo desses 20 anos vi muitas iniciativas boas não serem concluídas, exatamente por não haver convergência de interesses na prática, apenas no papel. Um exemplo disso é a incubadora empresarial de Porto Alegre, descontinuada na segunda metade da década passada (ATOR 23, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE GOVERNAMENTAL*).

Também convergente com o que os respondentes catarinenses comentaram, os gaúchos sinalizam a necessidade de um maior protagonismo do governo na

promoção de inovação, e especialmente de programas que promovam espaços de troca entre os *stakeholders*. O respondente 12 (*stakeholder* Representante Empresarial) menciona que “do ponto de vista público, temos poucas lideranças políticas que incluíram a inovação como uma de suas pautas de atuação em seus cargos, quer sejam eletivos ou não”. Mesmo o Ator 16, *stakeholder* Representante Governamental, concorda que “infelizmente ainda existe muita divergência, pouca inserção do poder público”. O Ator 14 (Incubadora de Empresas), vai além, e menciona exemplos de ações que poderiam ser promovidas pelo âmbito governamental, com este propósito:

A ação do poder público nas suas três esferas é de vital importância para que ocorra inovação no estado do RS, visto que, podem determinar políticas públicas favoráveis; propiciar programas de fomento; injetar recursos; fomentar a aproximação do ente estatal, empresas, instituições de ensino e pesquisa e sociedade organizada; entre outras ações possíveis (ATOR 14, *STAKEHOLDER* INCUBADORA).

No estado de Santa Catarina, diversos respondentes evidenciaram a existência de uma tripla hélice, especialmente quando questionados sobre o relacionamento que eles enxergavam existir (ou não) entre os *stakeholders*, ao se remeter ao conceito cunhado por Etzkowitz e Zhou (2017). Os respondentes gaúchos, por sua vez, em nenhum momento mencionaram ter conhecimento sobre isto. Sendo assim, pode-se inferir que o mesmo é desconhecido ou de pouca relevância para os agentes do Estado do RS, apesar de eles trazerem isoladamente considerações sobre os componentes da Tríplice Hélice, universidades, empresas e poder público, como se percebe na fala do Ator 24 (*stakeholder* Universidade), que menciona os três *stakeholders* sem relacioná-los.

Acho que tem uma convergência na prática de promoção do processo. Se analisarmos o movimento das três instituições de ensino aqui do Estado: PUC, Unisinos e UFRGS, junto com o poder público, com o município, já demonstram que tantos parques tecnológicos se apoiam e se desenvolvem, assim como suas incubadoras, assim como o poder público tá cada vez mais direcionado para que esse processo de desenvolvimento aconteça, para que essa promoção de inovação no nosso Estado, então essas práticas demonstram isso, além do que, os espaços de atendimento, os empreendedores com suas inovações (ATOR 24, *STAKEHOLDER* UNIVERSIDADE).

Fica evidente a necessidade de uma maior cooperação entre os diferentes *stakeholders*, tendo em vista o quão importante a existência deste relacionamento é para o processo inovativo (ENRIGHT; BOURNS, 2010). Segundo Etzkowitz e Zhou

(2017), somente a partir dessa cooperação que os mecanismos efetivos dos *stakeholders* permitem que os atores identifiquem oportunidades de inovação. Pelo entendimento sociológico, embora Giddens (2003) reconheça que os atores sociais são sujeitos capazes de cognição que monitoram continuamente os contextos de interação social nos quais estão envolvidos, Giddens considera que uma parcela considerável do comportamento dos agentes humanos e das práticas sociais não é motivada. Ou seja, a rotina é um elemento que se presta à estabilização das relações sociais. Nesse sentido, fica perceptível de acordo da fala dos diferentes *stakeholders* uma carência de “falta de rotina” de cooperação propositiva entre os diferentes *stakeholders* que compõem os ecossistemas de inovação.

4.2.3 Compreensão dos *stakeholders* sobre inovação, sua aplicação e o processo de gestão da inovação

De forma ampla, os entrevistados do Rio Grande do Sul trouxeram vários conceitos para o tema Inovação, que trazem algumas características em comum, como a ideia de melhorar algo que já existe. Nesse contexto, muitos entrevistados mencionam que para que algo seja inovador, não precisa, necessariamente, estar atrelado à tecnologia. Comparativamente à SC, vê-se que os respondentes gaúchos não trouxeram visões tão academicistas e técnicas do conceito, e acabaram respondendo de modo mais “informal”.

A maioria dos entrevistados mencionam conceitos simples de inovação, de melhorar coisas que já fazemos. O Ator 16 (*stakeholder* Incubadora de Empresas) comenta que se trata de “um novo produto/serviço ou melhoria de um já existente que gere valor às pessoas e/ou organizações”. O respondente 11, por sua vez, (*stakeholder Startups*), menciona que inovação são “maneiras / ideias diferentes de se realizar tarefas comuns”.

Um ponto que chama a atenção é a relação que alguns entrevistados, como o Respondente 12 e o 16 mencionam, ao falar do conceito de inovação, como inovação social. O trabalho de estudiosos sobre o assunto (MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BORGES; DANDOLINI; SOARES, 2020) explica que a inovação social ocorre como resposta aos grandes desafios da sociedade moderna, na medida em que as inovações tecnológicas não são suficientes, por si só, para dar conta dos desafios globais. A seguir, lê-se o que dizem os Respondentes 12 e 16:

Atualmente há mais aceitação à inovação como instrumento de transformação social, tanto na esfera pública como na privada. A pandemia da covid-19 também foi um fator que gerou maior conscientização quanto à necessidade das empresas estarem atualizadas ao contexto atual e também quanto à necessidade dos governos estadual e municipais de abrirem espaços em suas políticas para a promoção da melhoria dos ecossistemas regional e locais (ATOR 12, *STAKEHOLDER CONSULTOR EMPRESARIAL*).

Acredito que a inovação possa ser definida não somente com algo inédito, mas sim uma melhoria que irá gerar mais valor para indivíduos e para a sociedade. Diferente de muitos conceitos, acredito que inovar não necessariamente precisa estar relacionado ao conceito de tecnologia, inovar é buscar novas formas de solucionar os problemas diários de forma mais rápida e ecologicamente sustentável (ATOR 16, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE GOVERNAMENTAL*).

O conceito de inovação incremental, radical e aberta é lembrado por profissionais que atuam ou atuaram como professores universitários e/ou profissionais que possuem mestrado, o que demonstra a importância do mundo acadêmico para um entendimento mais teórico e sistemático do tema. Os entrevistados 14, 16 e 19 mencionam terem conhecimento sobre a existência dos tipos de inovação radical, incremental, disruptiva, que “variam de acordo com o seu nível de destruição criativa” (ATOR 19). No entanto, apesar desses profissionais trazerem para suas respostas os tópicos inovação incremental, radical e aberta, em nenhum dos casos houve aprofundamento dos conceitos, e nem mencionados exemplos de aplicação dessas tipologias na prática.

4.2.4 Discussão dos Resultados no Rio Grande do Sul

Quanto aos avanços no processo de inovação no Estado do Rio Grande do Sul, a maioria dos entrevistados concorda que o mesmo vem ocorrendo, mas também concordam que a velocidade deste avanço poderia ser maior para que tanto as empresas como a comunidade pudessem se beneficiar desta melhoria.

Outro ponto de destaque é que todos os entrevistados acreditam na importância do poder público para incentivar a inovação, apesar de todos indicarem que o poder público (municipal, estadual e federal) são os *stakeholders* que contribuem de maneira pouco efetiva para o desenvolvimento da inovação no Rio Grande do Sul. Seria “forte” demais dizer que são os que menos contribuem para fomentar e potencializar a inovação no Estado do Rio Grande do Sul.

No que tange à compreensão dos diferentes *stakeholders* sobre o conceito de inovação e de que forma atuam para a promoção de um processo de inovação no Estado, o Quadro 12, apresentado a seguir, busca resumir e organizar as visões dos atores.

Quadro 12 - Resumo das visões dos *stakeholders* gaúchos

Stakeholder	O que entende por Inovação	Como atua para promover o processo de inovação
Empresas	Inovação é a ação de realizar algo diferente com sucesso.	As empresas têm um grande desafio hoje em dia que é encontrar profissionais capacitados para liderar tais temas no RS e principalmente convencer as altas hierarquias que a mudança se faz necessária.
<i>Startups</i>	Maneiras/ideias diferentes de se realizar tarefas comuns. Criar algo que a comunidade de usuários até o presente momento não tenha.	Através de Startups, o estado pode incentivar a inovação em outras empresas que ainda possuem um certo pé atrás para inovar. Ainda, gera um movimento de buscar a resolução de um problema ou situação que acometa maior parte da população, gerando então uma solução em massa. E para o estado gera riqueza, desenvolvimento humano, novas possibilidades.
Representantes empresariais	Inovação está relacionada com evolução, com melhoria contínua. Para inovar, nós devemos melhorar em relação a nós mesmos como indivíduos e como comunidade. Inovar é desenvolver um senso coletivo ao mesmo tempo em que desenvolvemos a nossa noção de responsabilidade como indivíduos. Deveria ser aplicado amplamente em todas empresas, independente de setor. É uma novidade ou melhoria que pode ser implementada no mercado e que gere valor para as pessoas e para as organizações.	Temos grupos para promover a inovação no Rio Grande do Sul. Recentemente a Rede RS Indústria 4.0 lançou um portal com o objetivo de reunir informação e conhecimento para difundir a cultura 4.0 e a Abicalçados faz parte dessa iniciativa. A intenção da Rede RS Indústria 4.0 é ser referência em Indústria 4.0 para todo o Estado, por meio de um ecossistema que busque essa nova jornada.
Representantes governamentais	Não é somente algo inédito, mas sim uma melhoria que irá gerar mais valor para indivíduos e para a sociedade. Diferente de muitos conceitos, acredito que inovar não necessariamente precisa estar relacionado ao conceito de tecnologia, inovar é buscar novas formas de solucionar os problemas diários de forma mais rápida e ecologicamente sustentável. É a atividade de encontrar ganhos de qualidade por meio de geração de bens e serviços ou a melhoria	É necessário a criação de mais planos governamentais, para explorarmos mais os princípios inovativos.

	dos atuais por meio da alteração de processos ou do próprio bem ou serviço.	
Incubadora de empresas	Um novo produto/serviço ou melhoria de um já existente que gere valor as pessoas e/ou organizações.	As incubadoras de empresas são de grande importância para o fortalecimento do ecossistema local de empreendedorismo e inovação, visto que, as chances de uma ideia tornar-se um negócio sustentável aumentam muito quando passam pelo processo de incubação. Propiciam um acompanhamento do negócio, capacitação dos empreendedores envolvidos, mentorias e conexões com os setores público e privado.
Universidade	Inovação é fazer alguma coisa, alguma atividade, algum serviço, algum produto de forma diferente, de forma mais eficaz, mais eficiente. Acho que buscamos muito essa aceleração nos serviços e produtos, na qualidade e entrega dos produtos.	Se analisarmos o movimento das três principais instituições de Ensino no RS, PUCRS, Unisinos e UFRGS, um dos principais fatores de contribuição é o apoio a importantes organizações como parques tecnológicos e incubadoras.
Coworking	É a entrega de um novo valor, que impacta de forma significativa para mudar o mundo à sua volta.	Através do networking com consultores e clientes, circulação em hubs de inovação e tecnologias.
Consultores Empresariais	Encontrar uma alternativa para solucionar algo com eficiência, seja com o uso de tecnologia/software ou não.	Os consultores têm um papel fundamental, pois vivemos em um sistema ainda atrasado em relação ao desenvolvimento dos negócios e os negócios que temos são muito engessados e complexos.
Gerente de Entidade para Promoção da Inovação	É um <i>mindset</i> que busca olhar um fato/problema por outras lentes, buscando sempre algum processo de mudança, transformação ou invenção, que gere impacto positivo e evolução.	Grande aglutinador das diferentes iniciativas que acontecem no Rio Grande do Sul, uma espécie de “one stop shop” para a inovação no Estado, onde todos os atores possam se <i>plugar</i> em rede.
Conselho de Classe	A inovação é uma transformação, seja em momentos de crise ou de sucesso. É estar em inconformidade com status quo.	Não respondeu sobre seu entendimento do papel do conselho de classe na promoção da inovação
Plataforma de Investimentos	Inovação significa melhorar ou desenvolver processos, produtos ou serviços por meio de atos, ações ou processos. A inovação, por si, é o resultado destas referidas melhorias ou desenvolvimentos.	O papel é de extrema relevância, sobretudo para um estado da federação fortemente ligado ao setor primário e com baixo nível de investimento público tanto em educação, quanto em pesquisa e desenvolvimento aplicados aos setores econômicos mais relevantes para a sua economia.

Fonte: desenvolvido pelo próprio autor (2021).

No Quadro 13 acima, foram consolidadas as falas dos respondentes representantes de cada stakeholder analisado. Com isso, cada um fala sobre seu papel, como enxerga que atue para a promoção da inovação. No que tange à compreensão do conceito em si, pode-se dizer que, de forma geral, existe o entendimento de inovação muito sob uma perspectiva da inovação social, principalmente no que tange à referência feita pelos entrevistados de que a inovação tem como resultado trazer benefícios sociais e até no âmbito da sustentabilidade. Este pensamento é coerente com o que Moulaert et al (2005) aborda, sobre a inovação social ter relação com mudanças sociais que visem à satisfação das necessidades humanas.

As falas dos diferentes *stakeholders* são desarticuladas em termos de discurso e ações convergentes dentro dos referidos ecossistemas de inovação analisados. Na lógica sociológica acerca da teoria de Giddens (2003), a reflexividade constitutiva da consciência discursiva refere-se à capacidade dos atores sociais de apresentarem as razões do que fazem, como fazem e por que fazem em suas vidas cotidianas. Além disso, a reflexividade discursiva se refere à aptidão que os agentes humanos têm de dizer algo acerca não só das condições de suas ações, mas também da ação dos outros atores presentes em contextos de interação.

Essa capacidade é um desdobramento da reflexividade discursiva, que comporta uma avaliação ou monitoramento, por parte dos agentes humanos, das circunstâncias e contextos de interação social. Em segundo plano, a reflexividade constitutiva da consciência prática refere-se a todas as ações empreendidas pelos agentes humanos que têm por finalidade e objetivo manter-se ou continuar na vida social, sem, entretanto, serem capazes de expressar discursivamente as razões de suas condutas.

4.3 ANÁLISE IMBRICADA PELA ÓTICA DOS DIFERENTES *STAKEHOLDERS*: UM COMPARATIVO DOS PRINCIPAIS RESULTADOS EM SANTA CATARINA E NO RIO GRANDE DO SUL

O objetivo deste tópico é discorrer sobre os resultados das entrevistas aplicadas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, comparando os principais resultados dos *stakeholders*: Universidades, Governo e Empresas, nas quais é possível identificar algumas diferenças significativas sobre os principais

extratos teóricos trabalhados no presente estudo. É pertinente neste momento analisarmos o cruzamento dos dados sobre o ponto de vista da base sociológica.

Assim sendo, neste movimento de alta velocidade e de grande complexidade, Giddens (1991) explicita uma atitude de pensamento que põe em questão as relações entre as estruturas da modernidade e os indivíduos. De acordo com ele, ao passo em que há uma distinção entre os antigos referenciais vistos como sólidos e estáveis em relação aos atuais, nos quais a atividade social é comumente desencaixada dos contextos de copresença, torna-se possível a liberdade de restrições anteriores, referentes às práticas e hábitos dos sujeitos. Com isto, emerge a noção de reflexividade.

A concepção de reflexividade ou de um sujeito reflexivo é compreendido pela premissa de que há por parte dos indivíduos um autoexame das suas próprias ações e através dele a possibilidade de reformulação das mais diversas práticas sociais e do próprio sujeito, tendo em vista a percepção de acesso ao pensamento e às informações, formuladas e reformuladas continuamente durante toda a existência do indivíduo. Quando comparamos a visão dos entrevistados, tanto do Rio Grande do Sul quanto de Santa Catarina, em relação às Universidades e às Instituições de Pesquisa é possível observar que o Estado de SC possui uma cultura mais desenvolvida em relação a inovação a partir da fala de seus *Stakeholders*, conforme falas abaixo:

O estado está receptível, muito mais que anos atrás. Essa é minha percepção. Tanto para você gerar inovação, você precisa de pessoas, você precisa de conhecimento. Então o estado está desenvolvendo a partir de universidades, incubadoras, parques tecnológicos, o estado está se desenvolvendo, (ATOR 4, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

Quando assumimos em 2010, 2011, já existia essa preocupação, no sentido que as universidades brasileiras e catarinenses, deveria se envolver mais com inovação. Isso teve muito impulso, com o sistema CAF, com a criação do Inova 2022, que é um plano da secretaria do crescimento econômico sustentável, ligada ao governo do estado, criando centros de inovação, 13 regiões e a maioria delas ligadas a universidades, como em Blumenau, e já com uma temática pronta, (ATOR 5, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO*).

Tem uma coisa que eu me esqueci de comentar, que em Florianópolis, só havia a Universidade Federal. Santa Catarina soube criar um modelo de universidades comunitárias. Eu digo que isso aconteceu por sermos um estado com inovação. Distribuimos universidades em todo estado, e com isso, elas foram crescendo pela comunidade com o investimento interno. Isso

fez com que criasse um modelo de inovação, (ATOR 6, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DE ENTIDADE EMPRESARIAL*).

Muito do que fora relatado acima pelas entrevistas, reforça não somente os dados públicos que reforçam o fato de SC estar à frente do RS no que se refere ao potencial e predisposição de inovar, bem como ao que se pode perceber vem trabalhando publicamente para alterar a matriz econômica de maneira mais rápida para a inovação.

Ao analisarmos a visão dos entrevistados, tanto do Rio Grande do Sul quanto de Santa Catarina, em relação ao Poder Público (Municipal, Estadual e Federal) em relação ao incentivo à inovação, ambos os entrevistados (RS e SC) destacam a importância de aumentar e melhorar sua participação no processo de inovação conforme falas abaixo:

Não, por que não se tem uma visão sistêmica de ajudar o empreendedor. Parece mais uma caridade do que uma ajuda de fato. Na verdade, deveria existir um pacote de coisas, desde uma classificação que é específica, tributação específica, facilidade na burocratização da abertura de empresa (ATOR 2, *STAKEHOLDER CONSULTOR REPRESENTANTE SRI*).

Eles poderiam investir, em um todo. Hoje estamos passando por um processo político muito carente em nosso país. Estamos vivendo uma época em que tudo está estagnado por vários fatores. Eu vejo que o poder público pode investir muito desde a escola, ensino médio. Já vem sendo criado, por várias instituições, a mentalidade em nossos alunos, de empreender e inovar. Quando se fomenta desde pequeno, fica muito mais fácil de você atingir o plano final (ATOR 3, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE EMPRESARIAL*).

Definitivamente, não! O que há de inovação no estado iniciou-se sem apoio do poder público há muitos anos atrás e financiado por agentes externos ao estado ou por poucas iniciativas privadas do RS. Apesar de haver no governo atual maior alinhamento com a inovação, ainda é cedo para afirmar que o poder público será ativo com políticas duradouras, independente de qual partido esteja no governo (ATOR 12, *STAKEHOLDER CONSULTOR EMPRESARIAL*).

Infelizmente não, vejo ainda muita divergência ainda, pouca inserção do poder público em parques tecnológicos e incubadoras, por exemplo (ATOR 16, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE GOVERNAMENTAL*).

Por mais que se destaque o fato do ambiente de inovação (Ecossistema de Inovação de Santa Catarina) parecer estar em um momento mais à frente do que o do Rio Grande do Sul, tanto sob o ponto de vista dos atores pesquisados, bem como dos dados públicos divulgados, é crível que ainda há um espaço muito amplo por parte do poder público em aumentar sua participação na promoção e no fomento para a inovação em seus diferentes *Stakeholders*.

Ainda, percebem-se movimentos isolados e ações pontuais em determinados governos, mas com características nítidas de ações de governo e não de estado. Quando se analisa o *stakeholders* empresas percebe-se nitidamente o desalinhamento na fala dos dois estados a partir das falas dos atores de grandes empresas. Especificamente, destaca-se uma percepção mais positiva do passado (histórico) de inovação por parte dos empresários de Santa Catarina e enquanto no Rio Grande do Sul paira um ceticismo maior em se crer que as empresas tradicionais ainda não estão voltadas para a Inovação. Abaixo as falas revelam amiúde essa constatação.

Sim, elas promovem! Eu acompanho essa inovação no âmbito tecnológico. Florianópolis, por exemplo, tem um nível de empresas *startups* muito grandes. Então eu me refiro no âmbito nacional mesmo. As inovações que acontecem, boa parte, são de produtos no dia a dia tecnológico, principalmente na questão de segurança, que é a área que eu mais acompanho. Temos grandes empresas de tecnologia e segurança, que fazem trabalhos para o governo. Criaram ferramentas de monitoramento, questão de segurança, porque hoje estamos na era de inovação digital. Então, essa inovação veio com produtos novos e Santa Catarina, na área tecnológica, como na cidade de Blumenau, tem grandes empresas que trabalham com esse desenvolvimento de produtos e eu acho isso muito interessante, (ATOR 3, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE EMPRESARIAL*).

Vou dar o exemplo de Jaraguá do Sul: é uma cidade industrial a partir da década de 60, com a WEG tendo nascido e outras empresas, e os conceitos de inovação que elas utilizam. Nós temos uma cadeia de empresas muito forte na região e muitas pessoas saíram dessas empresas e foram empreender. Então, elas já saíram com os conceitos de inovação, por isso as empresas são fortes, (ATOR 6, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DE ENTIDADE EMPRESARIAL*).

A cidade de Jaraguá está organizada sim e dificilmente um empresário está por fora desse projeto da cidade. Há um planejamento e uma organização bastante expressiva por essas entidades tripartites. Nós temos um projeto em que os acadêmicos desenvolvem protótipos para um grupo de empresas que trazem sua problemática. Estamos desenvolvendo várias startups, vários desafios com empresas patrocinando, para que os alunos entrem nessa cadeia inovativa e comecem a se relacionar com essas empresas aqui dentro, (ATOR 8, *STAKEHOLDER REPRESENTANTE DE ENTIDADE DE CLASSE*).

Não, pois muitas empresas já consolidadas no mercado não têm interesse em investir em inovação, (ATOR 11, *GRANDE EMPRESA*).

As empresas tradicionais precisam beber desta fonte, trazendo negócios com startups para dentro do seu dia a dia, mas buscando também transformar suas estruturas internas para que possibilitem a inovação a surgir internamente também, (ATOR 18, *ENTIDADE DE PROMOÇÃO DA INOVAÇÃO*).

Poucas empresas tem este espírito de inovação em suas ações; na grande maioria, o que se tem é uma cultura de disputa por espaços e fazer o necessário para não entrar em evidência, (ATOR 22, *COWORKING*).

Corroborando com a análise das diferenças sensíveis e latentes da percepção dos diferentes *Stakeholders* dos dois estados sobre não termos uma região ou cidade como referência em Inovação, mais uma vez o aspecto notório e positivo de Santa Catarina se destaca a partir da fala dos atores, pois destacaram cidades como Florianópolis e Blumenau como sendo ou despontando como polos de inovação, enquanto que nos 15 *stakeholders* do Rio Grande do Sul não foram mencionados qualquer cidade ou região.

Tem dois grandes polos ganhando força. Que é o Polo de Florianópolis e o Polo de Joinville. O resto eu acho que ainda é inexpressivo. Mas se esses dois polos tiverem sucesso, como estão tendo, eles tendem a influenciar a criação de mais outros polos que podem ir nesse caminho. Então eu diria que temos nossa inovação mais concentrada na nossa costa do Atlântico principalmente, no eixo da br-101, onde está concentrada nossas indústrias, (ATOR 2, *STAKEHOLDER* CONSULTOR REPRESENTANTE SRI).

Sim, elas promovem! Eu acompanho essa inovação no âmbito tecnológico. Florianópolis, por exemplo, tem um nível de empresas startups muito grandes. Então eu me refiro no âmbito nacional mesmo. As inovações que acontecem, boa parte, são de produtos no dia a dia tecnológico, principalmente na questão de segurança, que é a área que eu mais acompanho. Temos grandes empresas de tecnologia e segurança, que fazem trabalhos para o governo. Criaram ferramentas de monitoramento, questão de segurança, porque hoje estamos na era de inovação digital. Então, essa inovação veio com produtos novos e Santa Catarina, na área tecnológica, como na cidade de Blumenau, tem grandes empresas que trabalham com esse desenvolvimento de produtos e eu acho isso muito interessante, (ATOR 3, *STAKEHOLDER* REPRESENTANTE EMPRESARIAL).

Outro aspecto divergente entre os entrevistados dos dois Estados é a existência da cultura de incentivo para a Inovação, ou seja, é possível identificar uma visão positiva do Estado de Santa Catarina, o que não é possível identificar nos *stakeholders* do Rio Grande do Sul.

Nós temos uma cultura aqui no Vale do Itajaí, em Santa Catarina em uma forma geral, comparando com os outros estados, nós temos uma cultura de inovação mais recente, com o Desenvolvimento dos parques tecnológicos. Agora com a crise deu uma estagnada, desacelerou. Mas de uma maneira geral, eu vejo que sim, Santa Catarina tem uma cultura de inovação sim, tanto o vale como o estado todo. No Oeste com as plantas leiteiras, Pinhalzinho ser considera a capital do leite, então as plantas tecnológicas ser encontradas só na Europa ou Estados Unidos, então nós recebemos sim a inovação de uma forma aberta (ATOR 4, *STAKEHOLDER* REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO).

Nesta pesquisa, que explorou o entendimento de *stakeholders* sobre o conceito de inovação e o seu papel no ecossistema de inovação, foi enfatizado o papel das universidades e do governo, desconsiderando o papel fundamental de parcerias intra

e intersetoriais de inovação, visando potencializar resultados e diminuir custos apontados por Adner (2006).

Sobre o papel das universidades, os entrevistados identificam como um local de grande potencial de apoio, mas que por motivos burocráticos e ou protocolares acabam não oferecendo o apoio necessário para potencializar a inovação em empresas e na comunidade em geral. Rampersad (2015) aponta o importante papel do aluno/pesquisador nos programas de pesquisa e extensão e o papel fundamental que exerce em ecossistemas bem sucedidos. Porém, não parece terem recebido a atenção necessária pelos diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação entrevistados.

O papel do governo também se caracteriza de maneira diferente para cada um dos *stakeholders* entrevistados. Para alguns, o governo deve atuar com aporte financeiro, por meio de subvenções de recursos às empresas com potencial inovador ou por meio de concessões de isenções e/ou incentivos tributários. Outros entrevistados entendem que o papel do governo é não atrapalhar o empreendedorismo e a inovação.

No Brasil, predomina o conceito de Etzkowitz e Zhou (2017), de sociedades estadistas, em que indústria e universidades estão em certa medida subordinadas ao governo. O governo brasileiro impacta no ecossistema de inovação por meio de ações regulatórias, incentivos e financiamentos. Por meio de agências de fomento ou bancos estatais são oferecidas condições especiais às empresas com potencial inovador. A finalidade é tentar equilibrar as condições de sobrevivência de determinados empreendimentos, dando-lhes acesso às subvenções e até mesmo aos recursos a fundo perdido.

Essa busca de equilíbrio tenta contrabalancear a alta carga tributária, custo de capital de investimento, problemas de infraestrutura, de logística e de acesso à educação e assessoramento. Inclusive há programas que se destinam a oferecer assessoramento às empresas escolhidas. Tendo os ideais de Schumpeter (1985) como pano de fundo, pode-se dizer que os empreendedores cumprem o mais importante papel na sociedade, pois eles produzem a mudança. Nessa perspectiva, há necessidade de oferecer melhores condições para que empreendedores possam inovar, facilitando e desburocratizando o acesso aos financiamentos.

Nessa medida, e em virtude de uma baixa aderência tácita, há conceitos de inovação aberta que têm uma base cooperativa presente em sua concepção. Outro

fator que se pode observar no campo são as poucas iniciativas conjuntas desenvolvidas pelos *stakeholders* do ecossistema de inovação. Especula-se que o ambiente de baixa confiança entre os parceiros e concorrentes contribui para a falta de parcerias, assim como a falta de uma melhor política pública de fomento à inovação.

Para Giddens (2003), a reflexividade pode ser considerada como a capacidade de cognição dos atores sociais. É neste momento que se busca uma maior interface entre os achados empíricos frente ao extrato teórico social maior. Ainda na visão de Giddens, existem dois níveis de análise para compreender a conduta reflexiva: em primeiro plano, a reflexividade está contida na consciência discursiva dos atores sociais; e, num segundo plano, a reflexividade está contida na consciência prática dos atores sociais.

Diante do conjunto de contribuições de diferentes *stakeholders* e como forma de estruturar melhor os resultados do estudo, o Quadro 14 reflete as três principais dimensões teóricas para o estudo e dividido em subcategorias que refletem melhor os resultados empíricos obtidos. Tais categorias refletem no campo as dimensões indicadas no arcabouço teórico e corroboram o entendimento dos resultados no campo.

Após a construção do Quadro 13 que identificou as categorias da teoria de inovação elaboradas a partir do arcabouço teórico, o Quadro abaixo faz o cruzamento disso com as respostas obtidas no campo, e retrata a percepção dos diferentes *stakeholders*. Ademais, de forma um tanto quanto “reducionista”, atribui-se de maneira pontual percepções dos atores sobre as diferentes dimensões teóricas e seus reflexos no campo.

Quadro 13 - Cruzamento da síntese das categorias das teorias da inovação mobilizadas para elaboração de critérios de avaliação do conhecimento teórico dos informantes da pesquisa sobre dimensões da inovação e sua classificação acerca de compreensão.

Stakeholders	Informantes da pesquisa		UF	Perfil profissional		Dimensões e indicadores das teorias da inovação (manifestações espontâneas)								
	Tipo de agente	Ator		Formação	Cargo/ Função	Tipos de Inovação			Ecossistema			Stakeholders		
						IT	IA	IS	TH	GI	CO	UN	GV	EP
E	Micro	6	SC	Especialização	Empresário	S	N	N	P	N	P	N	N	S

	Grande	3	SC	Doutorado	Gerente de P&IT	S	P	N	N	S	N	N	N	S
	Grande	17	RS	Especialização	Controller de multinacional	S	P	N	N	S	N	N	N	S
	Startup	11	RS	Graduação	Empresária/sócia	S	S	N	P	S	P	P	P	S
	Startup	15	RS	Graduação	Empresária/sócia	S	P	N	P	S	P	P	P	S
Universidades	Instituição de Ensino	4	SC	Doutorado	Professor	S	P	P	S	S	S	S	S	N
	Instituição de Ensino	1	SC	Doutorado	Reitor	S	P	P	S	S	S	S	S	P
	Instituição de Ensino	5	SC	Doutorado	Ex Reitor	S	P	P	S	S		S	S	P
	Instituição de Ensino	24	RS	Doutorado	Professora	S	P	N	S	S	S	S	S	N
	Incubadora	10	SC	Mestrado	Gestor	S	P	N	S	P	S	S	S	P
	Incubadora	14	RS	Graduação	Gestor	S	P	N	S	P	S	S	S	P
Governo	SENAI	8	SC	Especialização	Diretor	S	P	N	P	P	P	P	S	P
	Secretário Municipal	16	RS	Mestrado	Administrador e Político	S	P	P	P	P	P	P	S	P
	Receita Municipal	23	RS	Mestrado	Auditor Fiscal	S	N	N	P	N	N	N	S	N
Intermediários	Representant e empresarial	2	SC	Doutorado	Representante SRI	S	N	P	P	N	P	N	P	S
	Representant e empresarial	9	SC	Especialização	Vice-president e regional	S	P	N	P	P	P	P	P	S
	Representant e empresarial	20	RS	Especialização	Presidente e ABI Calçados	S	N	N	P	P	P	P	P	S
	Associação empresarial	13	RS	Graduação	Ex Presidente e Associação Gaúcha de Startups (AGS)	S	S	N	P	S	S	P	P	S
	Conselho de Classe (CRA)	22	RS	Mestrado	Professor / Vice Presidente e CRA	S	P	N	P	P	S	P	P	P
	SEBRAE	7	SC	Mestrado	Analista	S	P	N	P	S	S	P	P	S
	Mentor empresarial	12	RS	Mestrado	Empresário	S	P	N	P	S	S	P	S	S
	Consultor empresarial	21	RS	Graduação	Empresário / Conselheiro	S	P	N	P	S	S	P	N	S
	Instituto Caldeira	18	RS	Graduação	Gerente	S	P	P	S	S	S	P	P	S
	Coworking	19	RS	Graduação	Gerente	S	P	N	S	S	S	P	P	S

Plataforma de Investimentos	25	RS	Graduação	Empresário e Diretor	S	P	N	N	P	P	N	N	S
-----------------------------	----	----	-----------	----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa empírica. Análise de conteúdo com base nas entrevistas realizadas.

Legenda: (1) Dimensões de análise das teorias da inovação. Tipos de inovação: Inovação tecnológica (IT), Inovação aberta (IA), Inovação social (IS). Ecossistema de inovação: Tripla hélice (TH), Gestão da inovação (GI), Cooperação entre os *players* (CO). Teoria de *stakeholders*: Papel das universidades e instituições de pesquisa (UN), O papel do governo e aparato estatal (GV) e O papel das empresas (EP). (2) O conteúdo do quadro exprime a manifestação espontânea dos informantes da pesquisa sobre dimensões da teoria da inovação, classificadas como: Não manifesta conhecimento conceitual mais especializado (N), Não manifesta; (S), Sim, manifesta e Manifesta parcialmente, (P).

A compreensão do quadro acima vai ao encontro, sob o ponto de vista teórico, do processo de dualidade proposto por Giddens (2003). Nesse sentido, na percepção de Asensi (2005) o conceito de dualidade da estrutura se constitui como peça-chave para compreensão dessa teoria. Cumpre dizer, a grosso modo, que o indivíduo recebe uma posição privilegiada na teoria da estruturação, pois são asseguradas na sua consciência as condições e as consequências de seus atos. Mesmo assim, não cai na armadilha das correntes teóricas que superdimensionam ou que subdimensionam o papel do sujeito, ao admitir que, inevitavelmente, não há conhecimento ou domínio completo das condições de atuação, e alguns resultados não podem mesmo ser previstos, (ASENSI, 2005, p. 2.) e no contexto do presente estudo, no entendimento do papel e ações dos mesmos nos ecossistemas de inovação.

Nesta perspectiva, a dualidade estrutural pode ser entendida com base na afirmação de que as estruturas são limitadoras, mas também, é o que propicia as transformações. Ou seja, a realidade social é composta de estruturas, e também de agentes (aquele que pode fazer a diferença) e estes se entrelaçam. Corroborando com o exposto, Giddens (1978) destaca que:

[...] as qualidades constitutivas dos atores sociais; a racionalização dessas qualidades em formas de atuação; as características não explicadas dos conjuntos de interação que provocam e permitem o exercício de tais capacidades, que podem ser analisadas em termos de elementos de motivação, e o que eu chamarei de “dualidade da estrutura”. (GIDDENS, 1978, p.109,).

Ainda na percepção de Giddens (1978):

[...] esta dualidade da estrutura é a característica mais integral dos processos de reprodução social, que, por sua vez, podem sempre ser analisados em princípio como um progresso dinâmico de estruturação. Analiticamente, três elementos das formas de interação podem ser distinguidos: toda interação envolve comunicação (tentativa), a operação do poder e relações morais. As modalidades pelas quais os atores participantes “trazem” esses elementos para a interação também podem ser tratadas como meios pelos quais as estruturas são reconstituídas. (GIDDENS, 1978, p.134).

Dessa forma, as pessoas vivem e se organizam por meio de processos dinâmicos de interação social, ou seja, todos os indivíduos têm potenciais que são desenvolvidos ao longo da sua vida ou no caso de análise, da sua participação no ecossistema de inovação. Entretanto, há certos limites à autonomia das ações dos indivíduos: a regularidade da conduta, o inconsciente, e as consequências não premeditadas. Logo, a conduta não é nem mecânica nem aleatória, pois há o elemento que conduz a sua padronização no tempo e no espaço; também não é rígida, pois há um limiar de autonomia nas ações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo investigou o entendimento de *stakeholders* sobre a inovação e o seu papel no ecossistema de inovação nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. O estudo foi motivado pelas contribuições de Etzkovitz e Leydesdorff (1995), reforçadas por Fiates (2014), e pela lacuna teórica apontada por Nalebuff e Brandenburger (1997) e Afuah (2000), ao investigar o entendimento acerca do conceito e processo de inovação, bem como identificar a forma como os diferentes *stakeholders* estabelecem relações.

Quando se analisa a literatura constituinte no presente estudo, ancora-se a base teórica em três pilares: o conceito de inovação e suas diferentes derivações apresentadas e debatidas no Capítulo 2; o conceito de ecossistema de inovação e seus desdobramentos e, por fim, o extrato teórico da teoria de *stakeholders*. Pode-se perceber que em qualquer um dos pilares adotados, a teoria ainda não se consolidou sob o ponto de vista de correntes de pensamento e atitude científica, ou seja, é um espaço ainda amplo e fértil de debate e contribuição. Contudo, avanços teóricos têm sido notáveis.

A pesquisa bibliográfica para compor a base conceitual foi vasta e diversa, teórica, conceitual e técnica. Logicamente que a base de formação do autor não podia ser desprezada, e por isso as contribuições da área de Administração fundamentadas em autores que pesquisam sobre os três pilares se fizeram presentes. Contudo, uma pesquisa minuciosa nas bases científicas da Sociologia (principais periódicos A1; A2 e B1 que tinham os conceitos teóricos centrais foram analisados) corroborou para o entendimento do fenômeno teórico. Ainda, a explicação do fenômeno teórico a partir

de um imbricamento teórico de três conceitos complementares leva a flancos de exposição que podem caracterizar-se como “falhas” ou até mesmo limitantes, mas também inovadores. Da base teórica derivaram seis hipóteses que serão analisadas no corpo das considerações finais.

É importante destacar que o arcabouço teórico confirmou em partes os achados empíricos encontrados no campo. De certo modo, a teoria ainda está, parece, que muito à frente do campo empírico, ao menos na realidade investigada. Há um espaço amplo a ser discutido sobre possíveis novas problematizações e hipóteses que podem ser elaboradas e investigadas no fenômeno investigativo, com vistas a ampliar os conhecimentos advindos do campo teoricamente. Não necessariamente isso condiz com retrocesso do campo, mas sim de um momento no qual ele passa em termos de maturidade. Por exemplo, não se percebe, nos diferentes atores, um discurso sólido e propositivo sobre indicadores de inovação, enquanto que a literatura já avançou muito sobre o referido tema.

Aderente ao que vem sendo discutido, tanto o conceito de Estrutura, bem como o conceito relacionado de reflexividade em Giddens (2003), encontra espaço para debate e evolução. Percebeu-se nos ecossistemas um espaço amplo de estruturação por parte dos diferentes *stakeholders*, a partir de discursos e práticas sobre o conceito e prática de inovação. Ademais, a reflexividade como ideal de práticas sociais que são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, altera assim, constitutivamente seu caráter, encontra espaço para compreensão e melhor entendimento com base no fenômeno estudado.

Ao se analisar os aspectos metodológicos buscou-se manter uma coerência epistemológica e metodológica, que dialogou tanto com as escolhas teóricas do autor, bem como com os resultados encontrados no campo. De fato, muitas outras escolhas poderiam ter sido feitas e direcionadas, mas possivelmente fugiriam do enquadramento ontológico e epistemológico exposto.

A escolha dos diferentes *stakeholders* que compuseram os diferentes ecossistemas se deu de forma natural e fundamentada na indicação de outros atores ou por conhecimento por parte do pesquisador. A pandemia dificultou um pouco a coleta dos dados pelo fato de os respondentes terem tido dificuldade em se ambientar com o “novo normal”, bem como o pesquisador. Outro fator que deve ser mencionado é a escolha dos atores pesquisados em cada um dos ecossistemas supracitados.

Logicamente que existem outros tantos e, quem sabe, possivelmente com mais carga contributiva que os pesquisados até então, é bem possível.

Nesse contexto, importante sinalização de limitação da pesquisa reside no fato de o grupo de *stakeholders* pesquisados ser de 25, (10 em Santa Catarina e 15 no Estado do Rio Grande do Sul) não permitir a generalização dos resultados. Logicamente que pelo fato de se ter escolhido uma pesquisa de essência qualitativa já se parte com o propósito da busca por realidades generalizáveis, mas sim compreender com profundidade o objeto investigado. Outra limitação que pode ser indicada é o fato de ter escolhido dois ecossistemas de inovação que são relevantes no cenário nacional, não há dúvidas, mas quando falamos do maior Ecossistema em termos de relevância de PIB, faturamento, inovações e patentes geradas teria que se pesquisar São Paulo. Nesse caso, os escassos recursos para pesquisa no Brasil, e neste caso em que não foi solicitada bolsa, foi um fator inibidor para realizar em outros territórios e se configura em uma fragilidade do estudo.

Sob o ponto de vista dos principais resultados obtidos no estudo, destaca-se uma desarticulação entre os conceitos e as ações dos diferentes *stakeholders* tanto no discurso, quanto no campo. Os ecossistemas de inovação apresentam amplo espaço para debate e articulações de discursos, políticas e ações. Sob a forma de conhecimento apresentam formas especializadas (com noções práticas), mas com traços de carência de um maior domínio teórico. Esse destaque é perceptível nas falas dos *stakeholders* que representam o elo do público nos ecossistemas. Ainda, é importante mencionar que na realidade brasileira a falta de políticas assumidas de Estado coíbe uma linha contínua de atuação dentro de uma pauta propositiva, que nesse caso, indica-se para a inovação. Não há um protagonismo explícito na multiplicação do conceito e das práticas de inovação dos atores públicos, tampouco no que diz respeito a políticas perenes de promoção da inovação e da prática de inovação.

Na mesma linha de análise, a primeira hipótese foi corroborada parcialmente quando buscou-se compreender se de fato os *stakeholders* são atores competentes em elaborar discursivamente uma concepção de inovação, mas elaboram essa definição de forma mais complexa (mais próxima do debate científico e conceitual especializado) quanto mais distante se encontram da experiência prática de inovação, pois se entendeu, com base no estudo, que há muitas formas de conhecimento envolvido sob o ponto de vista de inovação e que de fato, não necessariamente ele

se transforma em prática de inovação e tampouco em articulação para uma melhor promoção do conceito de inovação entre os diferentes stakeholders que compreendem os ecossistemas de inovação pesquisados. É importante ratificar que há uma variedade discursiva na concepção de inovação.

De encontro aos resultados indicados pelos atores do público, o *stakeholder* universidade apresenta uma robustez teórica, a definição do conceito e uma compreensão menor do operacional, embora não sem algum embasamento empírico sobre esse último. No ecossistema de inovação os atores universidades, no contexto analisado, ainda não têm uma proeminência no encabeçamento do debate e dos discursos para a ação no ecossistema. As Universidades acabam de maneira pontual tendo espaços de inovação a partir de Parques Tecnológicos, Incubadoras e Aceleradoras como “produtos” no seu portfólio, com vistas a ampliar seus referidos modelos de negócio. Entretanto, essa lógica não se aplica à Universidade Pública (não analisada no presente estudo) e que tem (quando tem Parques Tecnológicos ou Incubadoras) um “braço” de fixação do seu egresso para contribuir ainda mais na colocação não somente de profissionais capacitados, mas como também de oportunizar que a Universidade gere empreendedores capacitados. Importante destacar que mesmo com discursos e percepções diferentes, nos governos e universidades há uma concepção mais formal e teórica, preocupada com as condições de atuação de diferentes empresas e realização da inovação em termos relacionais.

Os *stakeholders* empresas privadas, por sua vez, apresentam características de conhecimentos totalmente tácitos, deverasmente empírico. Isso é corroborado não somente pelas falas dos atores, mas também pela sinergia dos discursos desse público nos dois estados. Aqui o conceito e a prática de inovação orbitam ao entorno da firma, com vistas e foco em gerar diferenciais competitivos para uma atuação da empresa no mercado. O aspecto teórico não é evidenciado e tampouco uma sinergia nos discursos desses *stakeholders* é percebida. De certo modo, o conceito maior de ecossistema perde mais espaço e sentido para os referidos atores.

Incutido na mesma linha de resultados, os *stakeholders startups* e *spin offs* e os consultores de inovação o conceito é deverasmente tácito, restrito à firma, ou seja, direcionado para a lógica própria em suas estratégias e em iniciativas de prospecção de mercados na qual atuam. Dessa maneira, o conceito e prática de inovação em forma “maior”, visando uma lógica de ecossistema, ainda não avançou. De certa

forma, tinha-se a expectativa de um maior conhecimento conceitual desse tipo de agente, dado que são, por caracterização, empreendedores de um novo tipo, por suposto, oriundos do próprio ambiente acadêmico. Uma pauta de entendimento comum e propositiva para esse *stakeholder* ainda não parece ter sentido em suas práticas e ainda longe, de certo modo, em suas ações.

Há uma corroboração hipótese segunda do estudo que buscou compreender, sendo que ficou evidenciado que os *stakeholders* empresariais (firmas, empresários e *startups*) concebem a inovação a partir de aspectos derivados de sua experiência prática, mais dotados de um conhecimento técnico e tácito e menos teórico, bem como demonstram preocupações com suas estratégias mais decorrentes de aspectos particulares internos e de mercados do que de qualidades do ecossistema de inovação em que atuam e agem.

Há comprovação parcial da terceira hipótese, que visou compreender que a universidade incorpora mais elementos teóricos especializados e conhecimento científico na sua concepção de inovação, ao monitorar sua ação com vistas a estimular o desempenho dos ecossistemas de inovação em que atuam. De fato, o estímulo do “maior”, ou seja, do ecossistema pensado como um todo, ainda é menor do que as ações e discursos que a universidade tem que promover para corroborar suas atuações para seus próprios *stakeholders* (governos, professores, técnicos administrativos, alunos, egressos, comunidade, etc).

Ao contrário, negou-se a quarta hipótese que visou identificar que em sua forma de atuação e interação no ecossistema de inovação o *stakeholder* governo apresenta uma forma desarticulada e esparsa de contribuição, e apresenta diferentes níveis de atuação e influência nas ações dos diferentes integrantes do ecossistema de inovação. As políticas tendem a ser de governo e não de estado, e para identificar isso não necessariamente tem que ser exaustivamente citado pelos atores, pois as políticas de estado com vistas a impulsionar e instigar as ações de inovação e de fomentar estratégias conjuntas nos diferentes ecossistemas de inovação não são claras e nem citadas pelos *stakeholders* de governo e também universidades.

Parcial é a comprovação da quinta hipótese do estudo quando buscou-se compreender que os *stakeholders* intermediários (consultorias, mentorias, investidores) incorporam na sua concepção de inovação tanto elementos práticos quanto teóricos, ao monitorar sua ação com vistas a influenciar e qualificar o processo e a gestão da inovação no contexto dos ecossistemas de inovação em que atuam. O

atingimento parcial se deve ao fato de que os aspectos teóricos são menos trabalhados e deliberados, sendo que inicialmente se pensou que elementos práticos e teóricos tinham o mesmo peso em sua concepção de qualificar o processo e gestão de inovação nos diferentes ecossistemas de inovação.

A sexta e última hipótese elencada como possível forma de responder às questões de pesquisa foi confirmada parcialmente no sentido em que sim, a maior variedade de *stakeholders* em um ecossistema amplia a rede de significados sobre o processo e a gestão da inovação, ao promover a prática da inovação para além de modelos teóricos formais vigentes. Quanto mais os significados da inovação expressam conhecimentos teóricos e empíricos, menos artificial se torna o ecossistema de inovação e mais entendimentos os agentes interessados mobilizam para monitorar a sua ação inovadora. O ponto que não se confirma é que os entendimentos os agentes interessados mobilizam para monitorar a sua ação inovadora não é articulada e de certo modo, tácitos acerca de sua realidade estrita. Especificamente, seus interesses residem no limite das fronteiras dos interesses da firma, das empresas no qual atuam e compreendem, e promovem a inovação e a gestão da inovação.

Após refletir e responder como foi se comportou no campo cada uma das seis hipóteses que foram formuladas nesse estudo é importante destacar que a Tese do presente estudo, ou seja, qual a grande contribuição que ela traz para a reflexão e ampliação do debate destaca-se que a inovação é concebida dentro de uma lógica individual e ainda pouco estruturada. Os discursos e as práticas ainda são reflexos de atitudes e ações de indivíduos que dentro de suas organizações públicas ou privadas tem um “ímpeto” maior ou menor para inovar. De fato, há um processo resultante da globalização que corrobora esse aspecto mais individual e menos estruturante. Giddens (2008) ressalta que a globalização está forçando as pessoas a viver de um modo mais aberto e reflexivo.

Destacando abertamente os principais limitantes do estudo destaca-se um caráter mais direto e até mesmo empírico na construção do estudo. Seguramente que o arcabouço teórico não representa o polo mais forte e atraente do estudo, é sabido entendido e até mesmo aceito. De fato, buscou-se uma compreensão mais “básica”, introdutória e sim, inicial sobre o fenômeno e o campo. Não tenho receio em compartilhar isso com o leitor, pois este estudo apesar de fragilidades teóricas pode ser um *insight* pertinente para novos estudos e novos pesquisadores. É plenamente

crível a partir de ponto aprofundar pesquisas em diversos aspectos, vertentes teóricas e composições metodológicas.

Ao se tratar sobre as indicações de estudos futuros, vários aspectos emergem nessa linha de análise. Retrata-se aqui uma pequena gama de possibilidades que a presente tese suscitou. Assim, recomenda-se que novas pesquisas explorem o entendimento de diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação, ao se analisar o papel dos mesmos nos diferentes ecossistemas de inovação existentes. Além disso, uma opção seria elaborar um instrumento para uma pesquisa de natureza quantitativa, com vistas a determinar bases generalizáveis e, conseqüentemente, contribuir para a evolução do processo científico. Talvez esse tenha sido um dos maiores ganhos do presente estudo, uma vez que os resultados permitem identificar dimensões de análise e indicadores para elaborar um instrumento de coleta de dados em uma abordagem quantitativa. Compreender se outros pesquisadores com outras vertentes epistemológicas teriam resultados diferentes frente aos dados apurados, já indica a necessidade de estudos futuros.

Com isso, destaca-se a possibilidade de um estudo longitudinal com os atores pesquisados. Isso possibilitaria um aprofundamento das variáveis identificadas e uma maior solidez na proposição de novas hipóteses da pesquisa. Do mesmo modo, indica-se ampliar a base de dados pesquisada, ao se buscar mais *stakeholders* nas categorias pesquisadas, e, até mesmo, levantar a possibilidade de, a partir dessa pesquisa, criar categorias de análise, e com isso construir um questionário e aplicar uma *survey* com um grupo maior de *stakeholders* atuantes em ecossistemas de inovação.

É passível de uma análise no nível de artigo, dissertação ou até mesmo tese o papel dos *stakeholders* no estado de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul na promoção conjunta da inovação para os dois estados e, conseqüentemente, para a região sul do Brasil. Pode até mesmo ser incluído o estado do Paraná, para contribuir na discussão. Apenas novas pesquisas sobre o objeto construído poderiam promover uma reflexão mais ampla sobre as inquietações suscitadas no presente estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Richard; BESSANT, John; PHELPS, Robert. Innovation management measurement: A review. *International journal of management reviews*, v. 8, n. 1, p. 21-47, 2006.

Adner, R. (2006). Match your innovation strategy to your innovation ecosystem. *Harvard Business Review*, 84(4), 98-107; 148. Harvard Business School Publication Corp.

AFUAH, Allan. How much do your co-opetitors' capabilities matter in the face of technological change? **Strategic management journal**, v. 21, n. 3, p. 397-404, 2000.

ANDRADE, T. Inovação e Ciências Sociais: em busca de novos referenciais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 20 nº. 58 junho/2005.

ASENSI, F., D. O Espaço da Ação Coletiva na Teoria da Estruturação de Anthony Giddens. **Revista Habitus**, v. 3. n. 1, p. 1 - 8, 2005.

AZEVEDO, GUSTAVO CARRER IGNÁCIO. Transferência de Tecnologia Através de Spin-offs: os desafios enfrentados pela UFSCar. São Carlos, Dissertação de Mestrado, Engenharia de Produção/ Universidade Federal de São Carlos, p.149, 2005.

BARBIERI, José Carlos; ALVES, Antonio Carlos Teixeira. Inovações nas organizações empresariais. **Organizações inovadoras: estudos e casos brasileiros**, v. 2, p. 41-63, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal, Lisboa: edições 70, 1977.

BASKERVILLE, Richard; DULIPOVICI, Alina. **The theoretical foundations of knowledge management**. *Knowledge Management Research & Practice*, v. 4, n. 2, p. 83-105, 2006.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. 2002. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 516 p.

BLANK, Steve. Why the lean start-up changes everything. *Harvard business review*, v. 91, n. 5, p. 63-72, 2013.

BOERNER, Christopher S.; MATCHER, Jeffrey T.; TEECE, David J. A review and assessment of organizational learning in economic theories. In: DIERKES, Meinolf et al. *Handbook of organizational learning & knowledge*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BORGES, M. A; DANDOLINI, G. A; SOARES, A. L. O processo de formação de parcerias intersetoriais em iniciativas de inovação social em Portugal. **Análise Social**, v. 55, n. 234 (1, p. 118-143, 2020).

BOURNE, Lynda; WALKER, Derek HT. Project relationship management and the Stakeholder Circle™. **International Journal of Managing Projects in Business**, 2008.

BOWER, Joseph L.; CHRISTENSEN, Clayton M. Disruptive technologies: catching the wave. 1995.

BROUWER E.; KLEINKNECHT A. Measuring the unmeasurable: a country's non-R&D expenditure on product and service innovation. *Research Policy*, v. 25, p. 1235-1242, 1997.

CARAYANNIS, Elias G. Firm evolution dynamics: Towards sustainable entrepreneurship and robust competitiveness in the knowledge economy and society. *International Journal of Innovation and Regional Development*, v. 1, n. 3, p. 235-254, 2009.

CARROL, A. B. *Business and society: ethics and stakeholders management*. Cincinnati: South-Western Publishing, 1989.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, p 1-3. 2001.

CHESBROUGH, Henry William. **Open innovation: The new imperative for creating and profiting from technology**. Harvard Business Press, 2003.

CHESBROUGH, Henry. **Open business models: How to thrive in the new innovation landscape**. Harvard Business Press, 2006.

COASE, R. H. **The nature of the firm**. *Economica*, 404 p., 1937.

COHEN, Kalman J.; CYERT, Richard Michael. *Theory of the firm; resource allocation in a market economy*. Prentice-Hall, 1965.

CONCEIÇÃO, OAC. **A centralidade do conceito de inovação tecnológica no processo de mudança estrutural** In: CONCEIÇÃO, OAC (Ed.) *Ensaio FEE*. 21(2), 58-76, 2000.

CRESWELL, J. **Research Design: Qualitative & Quantitative Approaches**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

CRISES. **Centre de recherche sur les innovations sociales**. Disponível em < <http://www.crisis.uqam.ca/>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

CROSSAN, Mary M.; APAYDIN, Marina. A multi-dimensional framework of organizational innovation: A systematic review of the literature. *Journal of management studies*, v. 47, n. 6, p. 1154-1191, 2010.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Artmed, 2006.

DOIN, T.; ROSA, A. R. Interação Universidade-Empresa-Governo: o caso do Programa de Cooperação Educacional para Transferência de Conhecimento Brasil-Cingapura. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 17, n. 4, 2019.

DONALDSON, T.; PRESTON, L. E. The stakeholder theory of the corporation: concepts, evidence and implications. **Academy of Management Review**, Mississippi, v. 20, n. 1, p. 65-91, 1995.

DOSI, G. The nature of the innovative process. in: Dosi, G., C Freeman, R Nelson, L Soete (eds.). **Technical Change and Economic Theory**. London, Pinter, 1992.

DOUGHERTY, D. (2009). Organizando para a inovação. *Handbook de Estudos Organizacionais* (1st ed., p. 420). São Paulo: Atlas.

DYER, J.H; SINGH, H. The Relational View: Cooperative Strategy and Sources of Interorganizational Competitive Advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 4, p. 660–679, 1998.

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university-industry-government relations. **Research Policy**. Nº 29, pp. 109-123, 2000.

ETZKOWITZ, Henry; LEYDESDORFF, Loet. The endless transition: a "triple helix" of university-industry-government relations: Introduction. *Minerva*, p. 203-208, 1998.

ETZKOWITZ, Henry; ZHOU, Chunyan. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. *Estudos avançados*, v. 31, p. 23-48, 2017.

FIATES, José Eduardo Azevedo et al. Influência dos ecossistemas de empreendedorismo inovador na indústria de Venture Capital: estratégias de apoio às empresas inovadoras. 2014.

FIOL, C. Marlene. Squeezing harder doesn't always work: Continuing the search for consistency in innovation research. **Academy of Management Review**, v. 21, n. 4, p. 1012-1021, 1996.

FLICHY, Patrice. (1995), *L'innovation technique*. Paris, La Découverte.

FLORIANI, Ricardo; BEUREN, Ilse Maria; HEIN, Nelson. Indicadores de Inovação nas Empresas de Construção Civil de Santa Catarina que aderiram ao Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Habitat (PBQP-H). In: XXV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica. 2008.

FREEMAN, Christopher; PEREZ, Carlota. Structural crises of adjustment, business cycles and investment behaviour. *Technology, Organizations and Innovation: Theories, concepts and paradigms*, p. 38-66, 1988.

FREEMAN, C., & Soete, L. A economia da inovação industrial. Campinas: Unicamp. 2008.

FREEMAN, E. A Stakeholder Theory of the Modern Corporation. In: HARTMAN, L. (Org). Perspectives in Business Ethics. McGraw-Hill International Editions. 1998.

FREEMAN, E. Strategic Management: a Stakeholder Approach. London: Pitman Publishing, 1984.

FREEMAN, E. The stakeholder approach revisited. ZFWU, v.5, n.3, pp. 228-254, 2003.

FRIEDMAN, Andrew L.; MILES, Samantha. Developing stakeholder theory. Journal of management studies, v. 39, n. 1, p. 1-21, 2002.

FROOMAN, J. Stakeholder influence strategies. **The Academy of Management Review**, v.2, pp. 191-205, 1999.

GAYNOR, G.H. Innovator: what does it take to be one? IEEE Antennas and Propagation Magazine, vol. 43, nº. 3, p. 126–130, 2001.

GIDDENS, A. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. Disponível em: <<https://www.sc.gov.br/noticias/temas/desenvolvimento-economico/santa-catarina-sera-modelo-de-inovacao-para-o-norte-e-nordeste-do-pais>>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

GUBA, E. **The Paradigm Dialogue**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990.

GUBA, Egon G. et al. **Competing paradigms in qualitative research**. Handbook of qualitative research, v. 2, n. 163-194, p. 105, 1994.

HAUSER, John; TELLIS, Gerard J.; GRIFFIN, Abbie. Research on innovation: A review and agenda for marketing science. Marketing science, v. 25, n. 6, p. 687-717, 2006.

HELFAT, C. E.; FINKELSTEIN, S.; MITCHELL, W.; PETERAF, M.; SINGH, H.; TEECE, D.; WINTER, S. Dynamic capabilities: understanding strategic change in organizations. Malden, MA: Blackwell, 2007.

HOWE, J. The Rise of Crowdfunding. Wired. 2006.

IANSITI, Marco; LEVIEN, Roy. The keystone advantage: what the new dynamics of business ecosystems mean for strategy, innovation, and sustainability. Harvard Business Press, 2004.

IKENAMI, Rodrigo Kazuo; GARNICA, Leonardo Augusto; RINGER, Naya Jayme. Ecosistemas de inovação: abordagem analítica da perspectiva empresarial para

formulação de estratégias de interação. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace*, v. 7, n. 1, 2016.

JACOBIDES, Michael G.; WINTER, Sidney G. Capabilities, transaction costs, and evolution: Understanding the institutional structure of production. Unpublished manuscript, 2003.

JOHNSON, S. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KATZ, D.; KAHN, R. *Psicologia social das organizações* (Tradução brasileira de Auripebo Simões). São Paulo: Editora Atlas, Caps, v. 2, n. 3, p. 4, 1987.

KELLEY, Ken. Methods for the behavioral, educational, and social sciences: An R package. *Behavior Research Methods*, v. 39, n. 4, p. 979-984, 2007.

KLINE, S; ROSENBERG, N. An overview of innovation. In: R. Landau; N. Rosenberg (eds.). *The positive sum strategy*. National Academy Press, Washington, 275-306, 1986

LATOURETTE, B. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

LEONARD, Dorothy; SENSIPER, Sylvia. The role of tacit knowledge in group innovation. *California management review*, v. 40, n. 3, p. 112-132, 1998.

LESTER, Richard K.; PIORE, Michael J. *Innovation—The missing dimension*. Harvard University Press, 2004.

MACIEL, M. L. Hélices, sistemas, ambientes e modelos. Os desafios à Sociologia da Inovação. In: **Sociologias**, ano 3, n. 06, p. 18-29, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. São Paulo: Bookman, 2002.

MARGLIN, S. A.; SCHOR, J. (Ed.). **The golden age of capitalism: reinterpreting the postwar experience**. Clarendon: Oxford University Press, 1990.

MARINS, L. M.; ZAWISLAK, P.A. O Desempenho Inovativo de Sete Firms Brasileiras à Luz de um Conjunto de Novos Indicadores de Inovação. In: Encontro da associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração, Rio de Janeiro. ANPAD, 2010. CD ROM

MARSHALL, Martin N. Sampling for qualitative research. *Family practice*, v. 13, n. 6, p. 522-526, 1996.

MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MCCLOSKEY, Deirdre Nansen. *Bourgeois dignity and liberty: Why economics can't explain the modern world*. 2009.

MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael. Drawing valid meaning from qualitative data: Toward a shared craft. *Educational researcher*, v. 13, n. 5, p. 20-30, 1984.

MITCHELL, Ronald K.; AGLE, Bradley R.; WOOD, Donna J. Toward a theory of stakeholder identification and salience: Defining the principle of who and what really counts. *Academy of management review*, v. 22, n. 4, p. 853-886, 1997.

MOCELIN, D. G.; AZAMBUJA, L. R. Empreendedorismo intensivo em conhecimento: elementos para uma agenda de pesquisas sobre a ação empreendedora no Brasil. **Sociologias** (UFRGS). n. 46, v.19, p.30 - 75, set/dez., 2017.

MOORE, Geoff. Tinged shareholder theory: or what's so special about stakeholders?. **Business Ethics: A European Review**, v. 8, n. 2, p. 117-127, 1999.

MOULAERT, F.; MARTINELLI, F.; SWYNGEDOUW, E; GONZÁLEZ, S. Towards alternative model(s) of local innovation. **Urban Studies**, vol. 42, n. 11, p. 1969-1990, 2005.

MUNFORD, M. D. (2000). Managing Creative People: Strategies and Tactics for Innovation. *Human Resource Management Review*, 10(3), 313-351.

NALEBUFF, Barry J.; BRANDENBURGER, Adam M. Co-opetition: Competitive and cooperative business strategies for the digital economy. **Strategy & leadership**, 1997.

NELSON, R. R.; WINTER, S. G. An evolutionary theory of economic change. Estados Unidos: Harvard U. P, 1982.

NELSON, Richard R. Capitalism as an engine of progress. *Research policy*, v. 19, n. 3, p. 193-214, 1990.

NELSON, Richard R. The simple economics of basic scientific research. *Journal of political economy*, v. 67, n. 3, p. 297-306, 1959.

NELSON, RR, N ROSENBERG. Technological Innovation and National Systems. In: Nelson, RR. (Ed). **National Innovation Systems: a Comparative Study**. Oxford Univ. Press, New York, 1993.

NEVES, Felipe Möller. **A cooperação interfirmas na perspectiva das startups: uma análise dos ambientes de inovação do Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 230, 2021.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

O'DWYER, Gisele; MATTOS, Ruben Araujo de. Teoria da Estruturação de Giddens e os estudos de práticas avaliativas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 20, p. 609-623, 2010.

OH, Deog-Seong et al. Innovation ecosystems: A critical examination. *Technovation*, v. 54, p. 1-6, 2014.

PATTON, Michael Quinn et al. *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills, CA: Sage publications, 1980.

PAVITT, Keith. Internationalisation of technological innovation. *Science and Public Policy*, v. 19, n. 2, p. 119-123, 1992.

PENROSE, Jan. Essential constructions? The 'cultural bases' of nationalist movements. *Nations and Nationalism*, v. 1, n. 3, p. 391-417, 1995.

PHILLIPIS, B.S. *Pesquisa social: estratégias e táticas*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1990.

PIENING, Erk P.; SALGE, Torsten Oliver. Understanding the antecedents, contingencies, and performance implications of process innovation: A dynamic capabilities perspective. *Journal of Product Innovation Management*, v. 32, n. 1, p. 80-97, 2015.

PINTEC – Pesquisa de Inovação. Disponível em: <<https://dados.gov.br/dataset/it-pesquisa-de-inovacao>>. Último acesso em: 18 de junho de 2020.

PINTEC 2003-IBGE. ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO–ENANPAD, v. 31, p. 1-12, 2007.

PIQUE, Jose; AUDY, Jorge Luis Nicolas. *Dos Parques Científicos e Tecnológicos aos ecossistemas de Inovação: Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento*. 2016.

PRAJOGO, Daniel I.; AHMED, Pervaiz K. Relationships between innovation stimulus, innovation capacity, and innovation performance. ***R&D Management***, v. 36, n. 5, p. 499-515, 2006.

QUINN James Brian, BARUCH, Jordan, ZIEN, Karen Anne. *Innovation explosion: using intellect & software to revolutionize growth*. New York: Free Press, 1997.

RAMELLA, Francesco. ***Sociologia da inovação econômica***. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 374, 2020.

RAMBERSAD, Giselle Camille. Developing university-business cooperation through work-integrated learning. *International Journal of Technology Management*, v. 68, n. 3-4, p. 203-227, 2015.

RANGA, Marina; ETZKOWITZ, Henry. Triple Helix systems: an analytical framework for innovation policy and practice in the Knowledge Society. *Industry and higher education*, v. 27, n. 4, p. 237-262, 2013.

REITER-PALMON R., ILLIES J. J. Leadership and Creativity: Understanding Leadership from a Creative Problem-solving Perspective. *Leadership Quarterly*, 15, 55–77, 2004.

RICHARDSON, R.; PERES, J. de S. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Terceira. São Paulo: Atlas, 1999.

RIES, Eric. *The lean startup: How today's entrepreneurs use continuous innovation to create radically successful businesses*. Currency, 2011.

ROCHA, Elisa Maria Pinto; DUFLOTH, Simone Cristina. Indicadores de Inovação Tecnológica Empresarial nas Regiões do Brasil: análise de dados da

RODRIGUES, Andrea Leite; KOZONOI, Nathalia; ARRUDA, Fausto Augusto Marucci. Organizações sociais: um estudo de caso sobre possibilidades e limitações da geração de inovação social pela Osesp. **Gestão. Org**, v. 10, n. 2, p. 344-368, 2012.

RODRIGUES, L. C.; FRANÇA, A. L.; HERINGER, B. H. F. Inovação aberta e inovação distribuída em empresas de alta tecnologia. In: XXVI Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica. Vitória/ES - nov., 2010.

ROLLIN, J.; VICENT, V. **Acteurs et processus d'innovation sociale au Québec**. Québec: Université du Québec, 2007.

ROLOFF, J. A life cycle model of multi-stakeholder networks. *Business Ethics: A European Review*, v. 17, n. 3, p. 311-325, 2008.

ROSÁRIO, Francisco José Peixoto; SANTA RITA, Luciana Peixoto; DE OLIVEIRA SÁ, Eliana Maria. Esforço inovador na indústria alagoana: uma survey. *Revista Nexos Econômicos*, v. 9, n. 1, p. 49-72, 2015.

ROWLEY, T. J. Moving beyond dyadic ties: A network theory of stakeholder influences. *Academy of Management Review*, v. 22, n. 4, p. 887-910, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SAVAGE, Grant T. et al. Strategies for assessing and managing organizational stakeholders. *Academy of Management Executive*, v. 5, n. 2, p. 61-75, 1991.

SCHILKE, Oliver. On the contingent value of dynamic capabilities for competitive advantage: The nonlinear moderating effect of environmental dynamism. *Strategic management journal*, v. 35, n. 2, p. 179-203, 2014.

SCHUMPETER, J. A. *Capitalism, socialism and democracy*. New York: Harper and Brothers, 1961.

SCHUMPETER, Joseph. "O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico". In *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985

SCHUMPETER, J.A. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SHARMA, Anurag. Central dilemmas of managing innovation in large firms. *California Management Review*, v. 41, n. 3, p. 146-164, 1999.

SIMON, Herbert A. *An Empirically Based Microeconomics*, Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

SRIVANNABOON, Sabin; MUNKONGSUJARIT, Songphon. Project management and project portfolio management in open innovation: Literature review. In: 2016 Portland International Conference on Management of Engineering and Technology (PICMET). IEEE, 2016. p. 2002-2007.

STEFANOVITZ, Juliano Pavanelli; NAGANO, Marcelo Seido. Gestão da inovação: proposta de síntese conceitual. *ENCONTRO DA ANPAD*, v. 33, 2009.

STEURER, R. et al. Corporations, stakeholders and sustainable development I: a theoretical exploration of business-society relation. *Journal of Business Ethics*, Dordrecht, v. 61, n. 3, p. 263-281, 2005.

TEECE, David J. Explicating dynamic capabilities: the nature and microfoundations of (sustainable) enterprise performance. ***Strategic management journal***, v. 28, n. 13, p. 1319-1350, 2007.

THOMAS, E.; BIGNETTI, L.C.; Entre a Inovação Aberta e a Inovação Fechada: Estudo de Casos na Indústria Química do Vale do Rio dos Sinos. *ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO-ENANPAD*, 2009.

TIDD, Joe. Innovation management in context: environment, organization and performance. ***International journal of management reviews***, v. 3, n. 3, p. 169-183, 2001.

TODEVA, E. *Business networks. Strategy and structure*. London: Routledge, 2006.

TRAITLER, Helmut; WATZKE, Heribert J.; SAGUY, I. Sam. Reinventing R&D in an open innovation ecosystem. ***Journal of food science***, v. 76, n. 2, p. R62-R68, 2011.

TRIMI, Silvana; BERBEGAL-MIRABENT, Jasmina. Business model innovation in entrepreneurship. ***International Entrepreneurship and Management Journal***, v. 8, n. 4, p. 449-465, 2012.

VARGO, S. L.; LUSCH, R. F. It's all b2b and beyond...: toward a systems perspective of the market. *Industrial Marketing Management*, 40(2), 181-187, 2011.

VARGO, S. L.; WIELAND, H.; AKAKA, M. A. Institutions in innovation: a service ecosystems perspective. *Industrial Marketing Management*, 44(1), 63-72, 2015.

VENTURINI, Jonas, C., **Discutindo Fatores de Dissolução das Redes Horizontais de Empresas**. Porto Alegre, Tese de Doutorado, Departamento de Administração, EA/UFRGS, p. 314, 2012.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. Pesquisa qualitativa em administração. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VIOTTI, E. B. Fundamentos e evolução dos indicadores de CT&I. Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil. Campinas: Editora Unicamp. p. 41-87, 2003.

WERNERFELT, Birger. A resource-based view of the firm. **Strategic management journal**, v. 5, n. 2, p. 171-180, 1984.

WILLIAMSON, O. The economic institutions of capitalism: firms, markets, relational contracting. New York: Free Press, 1985.

WOLFE, Richard A. Organizational innovation: Review, critique and suggested research directions. **Journal of management studies**, v. 31, n. 3, p. 405-431, 1994.

WOLFFENBUTTEL, R. F. The social production of innovation: the electric automobile and innovation networks in Brazil. **Sociologias**, v. 22, p. 412-417, 2020.

ZAWISLAK, P. A. . Gestão da Inovação Tecnológica e Competitividade Industrial: Uma Proposta Para O Caso Brasileiro (2). Revista Brasileira de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 157-174, 1995.

ZAWISLAK, Paulo. A. BOEHE, Dirk. LACERDA, Juliana S. **O Que Condiciona o Sucesso nas Relações Integradas entre Clientes e Fornecedores?** In: Encontro Nacional da ANPAD, Salvador, 2006.

APÊNDICES



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (BRDE)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira o BRDE entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que o BRDE desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de um banco de fomento no que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (FACISC)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho se trata de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a FACISC entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a FACISC desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma entidade de classe como a FACISC no que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como? O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (FAMPESC)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a FAMPESC entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a FAMPESC desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma entidade de classe como a FAMPESC no que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (FAPESC)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a FAPESC entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a FAPESC desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma agência de fomento a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (FIESC)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a FIESC entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a FIESC desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma entidade de classe como a FIESC no que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (FURB)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a FURB entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a FURB desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma IES para a promoção da pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (Grande Empresa)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a empresa em que atua atualmente entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a sua empresa desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma grande empresa no que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (Prefeitura Municipal)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a Prefeitura Municipal entrou em sua trajetória profissional?

De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a Prefeitura Municipal desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de um órgão público municipal para a promoção da pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (SEBRAE)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira o SEBRAE entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que o SEBRAE desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma entidade como o SEBRAE no que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (Incubadora)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a Incubadora entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Incubadora desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma incubadora no que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como? O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (GOVERNO ESTADUAL)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação no estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira a Secretaria de Estado entrou em sua trajetória profissional?

De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a Secretaria Estadual desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de um órgão público estadual para a promoção da pesquisa e a inovação?

Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia



ROTEIRO DE ENTREVISTA (STARTUPS)

Objetivo Geral do estudo: Investigar de que maneira os diferentes *stakeholders* do ecossistema de inovação do estado de Santa Catarina compreendem, percebem e agem para promoverem e realizarem o processo de inovação.

Ressaltamos que este trabalho trata-se de uma pesquisa acadêmica e suas respostas às nossas perguntas são estritamente confidenciais.

Dados pessoais

Nome:

Cargo:

Formação:

Tempo no cargo/ocupação:

Compreensão do conceito de inovação

Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

De que maneira o universo Startups entrou em sua trajetória profissional?

De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado de SC?

Para você o que é inovação?

Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em SC, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Como está o Estado de Santa Catarina no que diz respeito à inovação?

O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Quais são os principais desafios de uma Startupsno que tange a pesquisa e a inovação?

Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes *stakeholders* (Parques Tecnológicos, incubadoras, *Startups*, *Spin Offs*, empresa tradicional, etc)?

Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de SC? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

MUITO OBRIGADO!



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 1

Nome: Ator 1

Profissão: Reitor UNOESC

Formação: Graduação em Filosofia, Pedagogia e Direito.

Pergunta: Há quanto tempo como reitor?

Entrevistado: Olha, eu estou como reitor há 12 anos. Fui reeleito agora por um período de mais 4 anos e meu mandato termina agora em maio de 2020.

Pergunta: E há quanto tempo como professor na UNOESC?

Entrevistado: Na UNOESC eu comecei em 1977. Irá fazer 40 anos em Agosto desse ano.

Pergunta: E a Universidade vai fazer 50 anos?

Entrevistado: A universidade vai fazer 50 anos nesse ano de 2018.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua trajetória profissional? Quando que entrou e qual era o contexto social da época?

Entrevistado: Esse conceito de inovação, e UNOESC começou a vive-lo e discuti-lo em 1990, na criação de universidade, quando apareceu a necessidade de uma universidade no oeste de Santa Catarina, juntando aquelas pequenas fundações em cada uma das cidades. Pensava-se em um modelo diferente de gestão e de aplicação do ensino, da pesquisa e da extensão, com a criação de uma organização que pudesse dar conta da oferta do ensino e da formação no oeste de Santa Catarina. Você sabe que o oeste é marginalizado do estado, as coisas sempre são tardias, é feitas depois e com muito sacrifício, com desconfiança da metrópole sobre o interior. Então, não propriamente com foco em inovação para isso, mas com uma filosofia interna de inovação permanente e a partir da criação em diante, a instituição passou por inúmeras mudanças. Mudanças estatutárias, mudanças de projetos futuros, mudanças organizacionais, embora seus dirigentes não tenham permanecido, por muito tempo, mas com essa ideia de permanente reestruturação, inovação e adequação.

Pergunta: E qual a rotatividade dos profissionais dentro da UNOESC?

Entrevistado: Hoje há uma rotatividade maior, por conta de concursos em diversas áreas. Porém, temos diversos profissionais na UNOES com cerca de 20, 30 anos de instituição.

Pergunta: Você chegou a privilegiar em sua trajetória a inovação, dentro de sua trajetória de formação e de vida?

Entrevistado: Dentro da minha história eu não tenho dedicado o estudo da inovação.

Pergunta: Não estudar, praticar ela?

Entrevistado: Nós temos uma equipe que trabalha muito com isso, principalmente sobre a inovação metodológica, na forma de você trabalhar em uma universidade e formação de estudante. Essa equipe tem viajado para o exterior, feito formação nos Estados Unidos e no Canadá, faz parte de um consórcio juntamente com algumas instituições. Nós temos dados a essa equipe de trabalho e discussão interna, juntamente a coordenadores de cursos, professor e gestores para a colocação em praticas de outros métodos.

Pergunta: E como é feito esse link com a sociedade? O que a sociedade, empresas, organizações não só empresariais precisam na formação? Onde a inovação caminha junto nesse processo?

Entrevistado: Eu te diria assim, quase não tem caminhado, não é?! Por quê? A universidade é um elefante moroso e burocrático, legalista, em que a própria legislação que estrutura a universidade, impede você de fazer algumas coisas mais rápidas. Não lembro qual autor que escreveu em que dizia que é mais fácil mudar um cemitério de lugar do que a cultura de uma universidade.

Pergunta: Qual o papel da universidade dentro dessas empresas, aqui no oeste do estado? Como é desenvolvida, junto com as empresas, a promoção da inovação?

Entrevistado: Nós conseguimos uma interligação, primeiro por que: As empresas do Oeste possuem uma alta tecnologia. Havia uma época em que compartilhávamos diversas experiências, compartilhamos ainda. A instituição tem uma pré-incubadora, onde se começa os empreendimentos ali, muitos em conjunto com a associação comercial, algumas empresas de ponta que temos aqui na região. Mas, uma interação maior, dos nossos professores que está ali, envolvido com a empresa, ajudando com a pesquisa, produção de novos conhecimentos, se tem muita dificuldade.

Pergunta: Uma escola de negócio será que não melhoraria esse processo?

Entrevistado: Nós estamos pensando nisso em Chapecó. O que nós percebemos? Nós percebemos uma dificuldade do empresário entender a universidade como uma coisa produtiva, alguém que faz ensino. Nós tínhamos aqui algumas áreas com professores altamente qualificados com uma relação muito boa com as empresas voltadas à engenharia mecânica. Como esses concursos vieram, esses professores foram embora e acabamos perdendo esses projetos, tem que recomeçar.

Pergunta: O que o senhor entenderia como um ambiente de inovação?

Entrevistado: Eu penso que um ambiente de inovação não se da em um espaço físico determinado. Ele se da em uma circulação de ideias, que se faz com pessoas discutindo soluções de problema, enfim, hoje não teria certeza o que seria um ambiente de inovação. Dentro da universidade, tentamos promover a discussão da inovação em todos os setores da educação, para que as pessoas se envolvam, conheçam, buscando melhorias das coisas que se faz para o futuro. A discussão sobre inovação, ela não é nova, ela sempre cedeu nos momentos de crise, de mudanças. Lá em 1946, depois da segunda, houve uma mudança brutal no pensamento político, no governo. Nessa área da educação, nós tivemos dois autores que conversaram e discutiram sobre exatamente o que hoje nós estamos falando, sobre a inovação no ensino.

Pergunta: Dentro desse contexto na universidade, deve ter incubadoras, aceleradoras, startup gerou outras empresas na área do agronegócio?

Entrevistado: Não, essas mesmas empresas que utilizaram o agronegócio para produzir outras coisas.

Pergunta: E não houve parcerias com o SINEPE?

Entrevistado: Nós tivemos vários projetos e sempre fomos barrados por que são instituições privadas e os editais tem que ser específicos para instituições privadas.

Perguntas: E se conciliarmos o discurso do governo e da universidade referente a inovação, será que não iria gerar mais inovação na própria sociedade e dentro da própria sociedade?

Entrevistado: Com certeza, pois hoje esses discursos são dispares.

Pergunta: Sim, até por que se discute só ideias novas, mas só ideias novas não é inovação.

Entrevistado: Sim, são ideias novas! Aqui, nós temos capitaneado essa discussão, junto com a sociedade, mas tem sido difícil.

Pergunta: E tem a secretaria de desenvolvimento regional aqui?

Entrevistado: Sim!

Pergunta: E serve para alguma coisa, ou só para bonito?

Entrevistado: Mas olha, você já viu alguma funcionar? É um cabide de pessoas que estão lá para fazer campanhas políticas. Quem sobrou, vai para lá. Então seria uma inovação, seria ótima, não é?!

Pergunta: Quando foram criadas, teve um curso sequencial, acho que teve aqui também, de agentes regionais?

Entrevistado: Sim, eu fiz parte do conselho de desenvolvimento regional, eu era representante daqui no conselho de desenvolvimento estadual. A ideia era boa! Mas se você não tem liberdade ou recurso orçamentário para fazer, fica na ideia. Então, para que serve o agencia de desenvolvimento regional? Para repassar para o estado alguns problemas que não foram desenvolvidos por aqui.

Pergunta: E outros agentes? BRDE, BNDES? Não vem nada para cá?

Entrevistado: Muito difícil, muito difícil. Até temos conversado, com BRDE, mas muito difícil.

Pergunta: E empresas de fora? Você tem conversado para formar alianças?

Entrevistado: As empresas que tem vindo para região, vão as universidades para consultar dados e informações, do município, para fazer algum diagnóstico. Para citar um fato interessante, nós tivemos uma empresa de Blumenau, para montar aqui uma empresa de logística, por que a previsão que aqui seja um entroncamento da estrada de ferro, a Leste/Oeste. Então, eles queriam saber, quantos caminhões transitavam na cidade, enfim esses dados todos.

Pergunta: Professor, eu consegui captar praticamente todas as informações, sem precisar fazer as perguntas, o senhor veio falando diretamente. Tem alguma parte da conversa que o senhor não gostaria que aparecesse?

Entrevistado: Não, pode colocar sem problemas.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 2

Nome: Ator 2

Profissão: Biovita: Consultor – Representação SRI

Entrevistado: Eu passei pela associação empresarial de Jaraguá do sul, como vice-presidente na função de meio ambiente, durante 5 anos, de 2008 até 2013. Fiz parte do conselho associação empresarial. Após isso, fui secretário municipal de desenvolvimento econômico e planejamento urbano e nessa mesma época, eu representei Jaraguá do Sul na rede catarinense de inovação. Fui mentor do Inovativa Brasil e várias instâncias ligadas a startups. Em 2015 com minha saída da prefeitura, me desliguei da minha função municipal e da recepeti, mas continuei envolvido com todo o processo de inovação da região.

Pergunta: Em qual momento que você lembra, que o conceito de inovação entrou em sua vida profissional?

Entrevistado: Conceito de inovação eu ouvi pela primeira vez foi através do meu professor, chamado Sebastião Lauro Nau, que é gerente da Ambev na área de inovação, ele foi meu professor na área de engenharia. Isso deve ter sido no inicio dos anos 2000, 2003 de repente.

Pergunta: E você lembra qual era o conceito social daquela época?

Entrevistado: Inovação era corporativa, nas grandes empresas. Naquela época havia 2 modelos de inovação, que era a inovação radical e incremental. Eu lembro que era falado que a radical mais difícil de ser implementada, dependia de muitos recursos e a política brasileira para as empresas que investe em P&D não era incentivadora, e as empresas brasileiras não investem nesses modelos por uma cultura do país, de infelizmente, se olhar a matriz brasileira, nosso superávit vem de commodities com pouquíssimo valor agregado.

Pergunta: No primeiro, você se direcionou a inovação para sua trajetória profissional? O que te motivou?

Entrevistado: Quando começamos com a Biovitta em 2007, ainda estava com o pé mais na WEG do que na Biovitta. Quando começou na Biovitta, eu percebi que muito que poderíamos fazer estava ligado a inovação e novas tecnologias. Desde geração de energia a tratamento de resíduos, tratamento de água. De uma forma ou de outra, havia tecnologias consolidadas e eu comecei a perceber que se a gente quisesse obter sucesso, nós deveríamos entender o que está acontecendo, mas também está com o pezinho no lugar. Tanto é que, começamos mal dos negócios voltado para energia, resíduos, e área química, porque focamos em um nicho de mercado de inovação. Alguns negócios não deram certo, outros deram e no fim ficou de aprendizado. Quando a gente começou a expandir e eu fui para a prefeitura, ficou mais claro que nós enquanto empresa não focássemos na inovação, como um vetor de desenvolvimento para empresa a inovação nossa para a solução de problemas para os nossos clientes, nosso setor de negócio iria se tornar uma commodities. Lá em 2009, quando criamos o Auba, percebemos que em algum momento da próxima década, próximo de 2020 nós já tínhamos a percepção de que a consultoria seria

gradativamente por inteligência artificial e ferramentas que nos obrigaria a nos posicionarmos.

Pergunta: De que maneira, na representação empresarial, a ACIJS entrou em sua carreira profissional? E qual sua avaliação sobre o papel dela no desenvolvimento e promoção da inovação no estado?

Entrevistado: Em 2008, entrei como vice-presidente. Eu lembrei bem que ACIJS acabou contribuindo muito para que eu tivesse uma visão mais ampla de um todo. Em 2009, com recursos próprios eu fui para Alemanha, participar de uma feira pela Biovitta, mas aproveitamos para visitar tecnologias de incineração de resíduos para trazer para nossa região. Isso por si só, já é uma baita inovação e nós defendíamos isso na acijs.

Pergunta: Para você, o que é inovação?

Entrevistado: Fazer diferente! Simples assim. Se você fazer igual, não está inovando. Se for olhar em uma visão mais ampla, para nós na Biovitta é sinônimo de sustentabilidade e resiliência. Tanto que é isso que eu trato. Como que se faz para a empresa ser mais sustentável e resiliente. Isso vale para cidades, pessoas, se você ampliar, pode falar de resiliência pessoal. Forma de inovar como pessoa, que nos faz ser mais sustentável e resiliente como pessoa.

Pergunta: Então assim, se eu puder juntar os dois, poderia falar que inovação para você é fazer algo diferente, que garante uma sustentabilidade de uma organização?

Entrevistado: Isso! Pode ser em uma cidade, empresa. Quando nós trouxemos esse conceito de cidade criativa para a prefeitura, nós estávamos inovando a sustentabilidade da cidade de uma forma que a tornasse mais resiliente no futuro.

Pergunta: E como você avalia o ambiente de inovação para o estado de Santa Catarina? Nós temos cultura para inovação?

Entrevistado: Cara, para inovação, eu acho que sim para incremental e não para radical. Assim, se você olhar a característica do estado de Santa Catarina, pelos seus colonizadores, no meu ponto de vista, o modo que eles construíram aqui, eles são muito conservadores. Então, a visão que eles enxergam a mudança aqui, algumas vezes assusta. Então eu acho que tem apetite para inovação incremental, mas não para radical.

Pergunta: E como está o nosso estado em respeito à inovação?

Entrevistado: Eu acho que falta a criação da cultura de inovação. Falta criar essa cultura. Então você não sabe o que vem primeiro. Não sabe se precisa de mais startups fazendo com que empresários olhem para aquilo com maior apetite, ou você precisa de empresários abram suas portas para que startups tenham sucesso. Ainda não sabemos quem da ignição nesse processo todo. Ai você olha para o Vale do Silício. Lá pela década de 50, a economia forte era na costa leste. Uma turma foi trabalhar para o Prêmio Nobel, acho que de física, e esse grupo trabalhou um tempo com esse ganhador, só que ele tinha um gênio ruim e a turma acabou saindo. E cada um deles, com uma visão diferente, trabalhou em uma fábrica de microprocessadores e após isso, cada um deles montou uma empresa, como a Intel. Então, criou-se uma cultura de inovação e empreendedorismo com alto risco, e não só isso, investidores da costa leste viram essa oportunidade e começaram a colher frutos, fazendo com que chamasse a atenção de mais empreendedores, para que olhassem para o Vale.

Pergunta: E pensando nessa ideia, de uma mudança, no estado de Santa Catarina, nós temos uma distribuição de pequenas e médias cidades, nós não temos uma concentração, como em outros estados, que tudo se concentra na capital. Se pensarmos como tu estás falando, da Califórnia, o estado tem uma inovação mais distribuída?

Entrevistado: Tem dois grandes polos ganhando força. Que é o Polo de Florianópolis e o Polo de Joinville. O resto eu acho que ainda é inexpressivo. Mas se esses dois polos tiverem sucesso, como estão tendo, eles tendem a influenciar a criação de mais outros polos que podem ir nesse caminho. Então eu diria que temos nossa inovação mais concentrada na nossa costa do Atlântico principalmente, no eixo da br-101, onde está concentrada nossas indústrias.

Pergunta: E você compreende sobre os ambientes de inovação?

Entrevistado: No meu ponto de vista, os ambientes, com base no que eu já vivi, são ambientes múltiplos, onde você tem os atores em sinergia, como a tríplice hélice, trabalhando de forma coordenada, tem todos os demais stakeholders trabalhando engajados.

Pergunta: E quais são os principais desafios que a Acijs tem, no que tange a pesquisa e inovação? Como representante das empresas.

Entrevistado: Então eu penso: Será que a Acijs está realmente representando as empresas? Uma constatação minha. E a percepção que eu tenho, que as empresas estão inovando muito por conta própria e utilizando pouco os recursos da Acijs.

Pergunta: Você acha que há uma convergência na promoção no processo de inovação no em todos os stakeholders noestado?

Entrevistado: Eu acho que está muito solto. Talvez exista de uma fora muito modesta. Poderia ser de uma forma mais alinhada. O que acaba estragando um pouco esse movimento são as paternidades. Essa convergência muitas vezes deixa de existir por vaidades.

Pergunta: De que maneira pratica a inovação se diferencia nos parques tecnológicos, incubadoras, startups, empresas tradicionais?

Benamin: Eu que acho que são fases da inovação. Você tem inovação acontecendo nas IES a partir dos centros de pesquisas. Tem a inovação acontecendo nos institutos de pesquisa e desenvolvimentos externos. Tem as incubadoras no primeiro estágio de inovação nas empresas que tem essa vocação. Ainda não temos uma cultura de aceleração de startups no estado, mas está ganhando corpo. Ainda não há um ecossistema onde os investidores anjos tenham uma percepção de valor no estado, e acaba drenando os recursos para fora, por mais que se tenham algumas iniciativas boas.

Pergunta: Poderia me dizer o que você conhece mais sobre os tipos de inovação?

Entrevistado: Assim: A inovação pode ser aberta ou fechada. Pode ser incremental ou radical, e aí tem o termo da inovação disruptiva, que veio na década de 90. E aí quando se entra em inovação aberta, onde você tem o sucesso maior, onde se pode ter plataformas colaborativas onde se tem fóruns de gestão do conhecimento. Mas basicamente é isso.

Pergunta: Para fechar, o poder público nas três instâncias: Municipal, Estadual e Federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça?

Entrevistado: Não, por que não se tem uma visão sistêmica de ajudar o empreendedor. Parece mais uma caridade do que uma ajuda de fato. Na verdade deveria existir um pacote de coisas, desde uma classificação que é específica, tributação específica, facilidade na burocratização da abertura de empresa. As startups devem ser tratadas diferente, em todos os aspectos, não só startups. Se olhar inovação como uma forma geral, você empresas usando fundos de inovação para trocar lâmpadas, motores elétricos, não de fato para inovar.

Pergunta: Estamos encerrando a gravação, há algo que queira tirar? Podemos usar toda?

Entrevistado: Pode sim, tudo tranquilo.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 3

Nome: Ator 3

Profissão: CEO de Tecnologia e Sócio Proprietário da Empresa G&G SYSTEM

Formação: Graduação Engenheiro de Telecomunicações – Especialista em Datacenter, serviço, projetos e operação – Gestão de Segurança da informação.

Entrevistado: Hoje nós estamos com 4 sócios, 2 sócios são analistas de sistema e os outros dois engenheiros. Nós começamos como Startup, com uma ideia se tornando viável e conseguimos agregar um valor em nosso produto bem interessante, captando investidores. Inicialmente nós começamos com apenas dois, eu e mais um sócio e depois conseguimos mais dois sócios investidores. Hoje nós temos uma equipe de 5 profissionais e 20 associados. Os associados são engenheiros de outras áreas, e dentro do nosso networking, engenheiros de outras áreas. Então nós conseguimos agregar nossos produtos a diversas áreas, por conta dessas diferentes áreas.

Pergunta: E qual o produto principal da empresa?

Entrevistado: Nós temos um produto que é desenvolvido pelo Gelson, que é um dos nossos sócios, que é de monitoramento da bacia do Rio Itajaí Açu. É um produto de geolocalização em que conseguimos mapear todo volume do rio, ou o volume previsto. É um projeto bem bacana, que está há mais de sete anos.

Pergunta: E há quanto tempo à empresa existe?

Entrevistado: A empresa existe há 4 anos e agora estamos migrando para uma empresa de porte um pouco maior, de fato saindo de uma startup e vamos montar uma empresa com uma estrutura melhor. Vai completar quatro anos e quando estiver completando quase 5, mudaremos para uma empresa de porte maior, saindo do conceito de startup.

Pergunta: Agora partindo para inovação. Em que momento o conceito de inovação entrou na sua vida profissional?

Entrevistado: A todo o momento, o conceito de inovação, entra na área profissional. Hoje nós temos uma concorrência muito grande, principalmente no ramo da tecnologia. Então, quando a gente fala de algo tecnológico, as pessoas já pensam em computador ou algo parecido. Nós temos uma serie de concorrentes, que fazem programas, serviços similares ao nosso. Então, para inovar, não necessariamente pensamos em desenvolver algo extremamente novo, uma ferramenta extremamente nova. Pensamos em ajustar uma ferramenta de modo que o usuário pense que é alguma coisa nova. Com a qualidade do nosso corpo de técnicos muito avançados. Então, nós primamos na qualidade, para ter um nível de aceitação muito maior.

Pergunta: Profissionalmente, qual foi o primeiro momento que você ouviu a palavra inovação?

Entrevistado: Sim, foi na faculdade, em 2007 ou 2008, quando muito se falava na inovação. Nós estávamos passando por uma área de transição dos celulares para os smartphones, então aquilo era algo inovador, super inovador, e a Apple que foi uma das grandes responsáveis disso, por mais que tivessem alguns concorrentes, como a Nokia e a Blackberry. Então, aquilo foi meu primeiro contato, no que tange a inovação, com algo super inovador que hoje é referencia de mercado.

Pergunta: Então, quando você falou que prima pela qualidade no trabalho, pode-se dizer que você privilegia a inovação na sua trajetória profissional?

Entrevistado: Exatamente! A gente busca utilizar as ferramentas mais recentes de mercado, para fazer novas ferramentas no nível de tecnologia mais recentes, assim conseguimos trazer novas viabilidades em ferramentas antigos, lógico, com todo aporte da nossa equipe.

Pergunta: E de que maneira você pensou em montar uma startup na sua carreira profissional?

Entrevistado: Então, o próprio termo startup, começou no Brasil não faz muito tempo. Foi dentro da universidade que nós pensamos, na época nós tínhamos a possibilidade de irmos para o Instituto Genius e acabamos não indo naquele período, mas um dos meus sócios participou de um projeto. Então, essa ideia já foi amadurecendo de conversas, na universidade mesmo. Na engenharia, temos cadeiras voltadas para o empreendedorismo, do investidor, da inovação, então lá já tínhamos esse contato, essa noção. Começou tudo na universidade.

Pergunta: Dentro do contexto de Santa Catarina, você acha que as Startups promovem a inovação no estado?

Entrevistado: Sim, elas promovem! Eu acompanho essa inovação no âmbito tecnológico. Florianópolis, por exemplo, tem um nível de empresas startups muito grande. Então eu me refiro no âmbito nacional mesmo. As inovações que acontecem, boa parte, são de produtos no dia a dia tecnológico, principalmente na questão de segurança, que é a área que eu mais acompanho. Temos grandes empresas de tecnologia e segurança, que fazem trabalhos para o governo. Criaram ferramentas de monitoramento, questão de segurança, por que hoje estamos na era de inovação digital. Então, essa inovação veio com produtos novos e Santa Catarina, na área tecnológica, como na cidade de Blumenau, tem grandes empresas que trabalham com esse desenvolvimento de produtos e eu acho isso muito interessante.

Pergunta: E para você, o que é inovação?

Entrevistado: Inovação é trazer algo diferenciado para o cliente. Não necessariamente um produto novo, lembrando de volta do IPHONE. Smartphone não era um produto novo, mas a Apple trouxe um produto diferenciado. Você consegue que o cliente note esse diferencial. Inovação vai partir desse momento, quando consegue trazer algo diferente.

Pergunta: E para você, Santa Catarina tem um ambiente de negócio para inovação? Nossa cultura é propícia a receber algo inovador?

Entrevistado: Sim, sim. Em um âmbito geral, não só Santa Catarina, mas no Brasil, a cultura ainda não é muito grande. Isso porque nós temos um processo muito moroso, no que tange documentação, ou abrir uma empresa aqui no país. Mas aos poucos, as pessoas veem percebendo que o empreendedorismo em um todo, é necessário. Eu acompanhei vários projetos e peguei varias dicas com o SEBRAE. Eu achei muito legal, não vou dizer a popularização, mas algo parecido com isso, no que diz respeito ao empreendedorismo. E quando falamos de empreender, falamos de inovar também.

Pergunta: E tu achas que o estado de Santa Catarina, pensando só na região, como está o processo de inovação?

Entrevistado: Então, alguns artigos recentes em que eu li, que podemos destacar, nós temos uma empresa aqui da região, chamada Brandili, que automatizou todo o seu estoque, de uma maneira bem parecida que a Amazon utiliza. Isso é uma inovação muito interessante, trazer a transformação tecnológica que é usada no exterior, para o estado. Temos a Weg, aqui na nossa cidade, que é uma das líderes do nosso país, ou até mesmo da América do Sul, nessa questão de transformadores e eficiência

energética. Temos outras empresas na área têxtil, reaproveitamento de dejetos, então Santa Catarina está sim passando por um processo de inovação e acaba levando para o restante do país, e até mesmo para fora dele. É um potencial muito grande.

Pergunta: E o que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Acredito que sejam ambientes que sempre tendem a trazer para as empresas algo inovador. Eu sempre correlaciono inovação com a evolução, porque sempre que temos ela, nós temos uma evolução de algum produto ou processo que levaremos para o cliente.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma startup, no que tange pesquisa e inovação?

Entrevistado: A burocracia em um todo para regulamentação, todas essas taxas que temos que pagar. Isso acaba inviabilizando muita coisa. A Startup começa, como falam no Vale do Silício, no fundo da garagem, e não tem muito investimento. Então, quando você tem alguma burocracia, mais viabilizar isso, acaba desmotivando, tantas ideias boas que não saíram do papel, pois não conseguiram viabilizar por conta disso. Hoje, você não vê uma startup de uma pessoa, você vê um grupo que fortalece a ideia, cria uma startup e daí por diante só tende a crescer. Só que todo esse crescimento, toda questão econômica, de você ter um encargo financeiro de conseguir fazer todas as coisas. Hoje, no país, tu não consegue se manter por muito tempo sem esse investimento.

Pergunta: Em sua opinião, de que maneira as áreas de inovação se diferencia, pensando em parques tecnológicos, incubadoras, empresas tradicionais? Você acha que agem da mesma maneira?

Entrevistado: Não, eu acredito que cada startup hoje é diferente, tem uma ideia diferente. A partir disso, a característica da empresa acaba se moldando. Por exemplo, a Weg, a inovação dela é diferente das startups. A inovação dela é sempre tentar evoluir os seus produtos que já estão consolidados no mercado, com seus clientes previamente formados. Já startup não, essa evolução tem que ser uma explosão de crescimento muito grande, para chegar no mercado, ao contrário de uma empresa que já está a muito tempo nele, que consolidada, só precisa evoluir nos produtos.

Pergunta: Existe uma convergência para a prática da promoção da inovação, aqui no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: Existe, mas de forma segmentada. E como? Vou dar um exemplo pela nossa empresa que foi convidada a participar de um hackathon, onde seria desenvolvido um software que poderia trazer economia para o estado, onde iríamos apresentar e ter premiações e esse desenvolvimento da empresa ficaria disposto ao governo. Esse é um tipo de atividade. Mas ela não tem link com as outras. Então, ao meu ver, não tem muito essa convergência.

Pergunta: Então me leva a uma última pergunta. O poder público, municipal, estadual e federal, tem sido decisivo para que a inovação aconteça aqui em Blumenau e no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: A meu ver, o poder público é decisivo em todas as partes. Tudo parte, todos os projetos parte da questão legal, e quando falamos disso caímos no poder público. Se fosse facilitado ou um plano bem desenvolvido de como possa se empreender e inovar e ser divulgado pelo poder público, acredito que haveria uma abrangência maior.

Pergunta: Além disso, o governo não poderia fazer mais?

Entrevistado: Eles poderiam investir, em um todo. Hoje estamos passando por um processo político muito carente em nosso país. Estamos vivendo uma época em que

tudo esta estagnado por vários fatores. Eu vejo que o poder público pode investir muito desde a escola, ensino médio. Já vem sendo criado, por varias instituições, a mentalidade em nossos alunos, de empreender e inovar. Quando se fomenta desde pequeno, fica muito mais fácil de você atingir o plano final.

Pergunta: E nos termos financeiros? Podem aportar mais recursos?

Entrevistado: Dando os exemplos da escola. Nós temos o exemplo da escola de ensino médio a ETEVI, em que ela aborda essas questões de empreendedorismo. Mas aqui, apesar de sermos uma instituição pública, é pública municipal e tem mensalidade, então é quase como uma escola privada. Essa mesma ideia não se tem nas escolas públicas. Se a prefeitura partisse dessa ideia, nas escolas públicas levar a questão de empreendedorismo e inovação, seria um grande passo. Nós temos o Instituto Gene, que traz muitas coisas para nossas cidades, SEBRAE, SENAI. Se investirmos na educação, por que você mostra o que está fazendo desde cedo, vai acarretar em um processo bem interessante no final.

Pergunta: Entrevistado, encerramos a gravação aqui. Não sei se queres que tire alguma parte da entrevista?

Entrevistado: Não, não, tudo tranquilo.

Pergunta: Obrigado.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 4

Nome: Ator4

Profissão: Professor Universitário – Universidade Regional de Blumenau

Formação: Graduação Administração – Especialização: Sistemas de Produção –

Mestrado: Administração – Doutorado: Ciências Contábeis e Administração

Entrevistado: Comecei a fazer pesquisa em 2014, mas como professor já dou aula na graduação e especialização desde 2007.

Pergunta: Então 10 anos?

Entrevistado: 10 anos, foi quando comecei o mestrado. Vim para cá para fazer o mestrado e acabei gostando da área de pesquisa. Desde então, comecei a lecionar, entre 2007 e 2008, não sei precisar a data, mas foi mais ou menos quando comecei o mestrado. Foi depois do primeiro ano do mestrado, mais preciso em 2008.

Pergunta: Dentro da ocupação, está hoje como professor?

Entrevistado: Hoje estou como professor.

Pergunta: Pesquisador também?

Entrevistado: Isso. Eu trabalho no mestrado com a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Administração e também há a disciplina de Cultura Organizacional e Inovação que é para o mestrado e doutorado agora mais recentemente.

Pergunta: E além dessa ocupação, de professor e pesquisador, você exerce outra função em conselhos e da Instituição, ou representação do colegiado? Não precisa dizer todos, mas os que são relacionados com inovação. Teria alguma coisa?

Entrevistado: Não dentro da Universidade, mas, eu faço parte da AMPADE, eu coordeno o tema da dentro da GCT, que é Gestão Tecnologia e Inovação, que é a área de criatividade e inovação, dentro da Universidade não. Dentro da Universidade estou dentro do Conselho de Graduação, dentro do Colegiado e dentro do Comitê de Ética.

Pergunta: Dentro da Incubadora?

Entrevistado: Dentro da Incubadora não.

Pergunta: Então eu vou iniciar com os primeiros questionamentos, e qualquer dúvida nós fazemos as paradas e vai esclarecendo. Em que momento o conceito de inovação entrou na sua vida profissional? Em qual contexto social para inovação naquele momento?

Entrevistado: Em minha vida profissional, sendo mais específico, dentro do profissional acadêmico, de uma forma mais profunda, foi quando vim fazer o mestrado. Antes até tinha, quando eu trabalhava em uma eletrônica e fazia muito curso de lançamentos de produtos e de curso dos produtos sobre aquele produto novo. Mas dentro do conceito, mais específico, a primeira vez que me apareceu com a definição mais clara sobre o que é inovação, foi quando eu entrei no mestrado. Na graduação temos um pouco de contato, mas aqui da forma mais concreta e aprofundada, foi no mestrado e no doutorado, quando eu pesquisei sobre o tema inovação. Principalmente no doutorado.

Pergunta: Naquele momento, em que tu teve contato mais profundo com a inovação, dentro do doutorado, qual era o contexto que existia na academia, qual o contexto

histórico sobre inovação? Era novidade? Relacionavam-se as áreas? Eles estavam pesquisando sobre inovação? Qual foi esse contexto?

Entrevistado: Quando eu entrei no mestrado, os dois temas que eu entrei foi Cultura Organizacional e Inovação. Até então, na época, só havia uma professora que pesquisava inovação. Na época era um ponto mais isolado. Porém, tanto inovação como cultura organizacional, são contextos transversais e se aplicam em todas as disciplinas. Naquele momento, inovação era mais isolada, hoje ela é mais abrangente e está ganhando muita força. Naquele momento não, era mais isolada. Se falava, mas não era algo tão profundo. Quando entrei, a inovação se resumia naquilo que estava nos livros, mas dentro da academia, não tinha uma relação externa.

Pergunta: Seu mestrado começou em 2006? Ou 2007?

Entrevistado: Comecei em 2007 e terminei em 2008, mas em 2008 teve uma enchente e terminei em fevereiro de 2009. E fui ter contato com inovação mesmo no mestrado, com a professora Denise. No doutorado, que tive maior contato, foi em 2010, 2011.

Pergunta: E o ano que começou a se falar mais de forma genérica sobre inovação, nas empresas, propagandas governamentais, na publicidade. Acho que forte mesmo foi em 2013...

Entrevistado: Exato. Teve uma explosão, nos últimos 4 anos, que se tornou mais disseminada o conceito, o conceito de startup, das incubadoras, dos parques tecnológicos. Antes não tinha uma difusão muito grande sobre isso.

Pergunta: Acho que até mesmo, por essa pesquisa, que muita gente está usando o conceito e abordagem de inovação, tem entendimentos diferentes e o intuito dessa pesquisa é tentar fazer uma leitura em todo esse ecossistema, para chegar em algo comum, ou algo mais abrangente, para não ser tão biotômicos entre as áreas, e algumas áreas do ecossistema falar uma coisa e outras áreas falarem outras...

Entrevistado: Exato, inovação é um tema multifacetado e com inúmeras definições. Cada autor tem uma diferente.

Pergunta: Como você privilegia a inovação na sua trajetória, agora como pesquisador? Você privilegia isso? Por qual motivo se direcionou para inovação e não para outras áreas?

Entrevistado: O meu contato com a inovação era pouco, como posso te dizer, eu estava estudando outra área, eu estava estudando marketing, meu mestrado foi em marketing e meu doutorado estava sendo também, comportamento do consumidor. Enfim, a partir de um professor ficar doente, aí eu acabei mudando minha linha de pesquisa para inovação. No momento foi um choque, duas coisas muito diferentes, foi um choque muito grande, de conceitos, linhas de pesquisa, abordagem etc.. Mas hoje eu vejo que foi um acerto. Naquele momento, como não havia muitas linhas de pesquisas, para mim foi uma mudança drástica, mas hoje eu vejo que foi um acerto. Por que inovação está relacionada com todas linhas de pesquisa, eu posso relacionar inovação com marketing, com desenvolvimento de produto, até em questão de comportamento do consumidor, utilização de novos produtos, eu posso utilizar como estratégia, internacionalização de empresas, então para mim, inovação foi um grande diferencial na minha vida profissional. Todas pesquisas que estou fazendo hoje, a partir de agora, no doutorado acaba escrevendo de tudo um pouco, estão todas ligadas com inovação. E ela tem um caminho bem amplo para se percorrido. Hoje minhas pesquisas estão trabalhando com aprendizagem, com orientação empreendedora e inovação. Então ainda tem um campo a ser explorado. Eu também relaciono a minha linha de pesquisa a cultura e inovação, mas eu percebo que ambas

oscilam, se tem épocas que cultura e inovação está mais alta e épocas mais baixas. Então, a inovação já alcançou o pico de estudos, então ela oscila. Aprendizagem, orientação empreendedora, ainda está em uma crescente, como outras áreas que ainda estão em ascendência. Então tem muita coisa para pesquisar, muito campo, principalmente na gestão de pessoas.

Pergunta: De que maneira a FUB entrou na sua trajetória profissional e de maneira ampla, qual sua avaliação no seu papel na FUB, que a FUB desenvolve na promoção da inovação no Estado de Santa Catarina?

Entrevistado: Vou ser bem objetivo aqui. A FUB entrou na minha vida profissional por meio do doutorado, no ano que eu tive contato com a inovação. Na outra parte da pergunta, a FURB tem um papel fundamental no contexto da inovação, como local, no Vale do Itajaí, como para o estado, pela representatividade no estado muito grande. Hoje a FURB está abrindo mais, apesar de nós entendermos que ela está um pouco fechado, mas ela está abrindo mais, por meio do parque tecnológico, então a FURB está ganhando uma representatividade maior. Ela não é um fim nela mesmo. Então, ela está com o papel fundamental sim, no desenvolvimento da inovação no contexto local e estadual.

Pergunta: E conceitualmente, para você, o que seria para você inovação?

Entrevistado: Então, como eu te falei, inovação é um tema multifacetado com várias definições. Eu costumo falar para meus alunos, com uma explicação que eu faço no quadro. Primeiro eu faço uma explicação de geração de ideia. Você tem uma ideia, e a partir dela, você precisa tem que ser criativo com essa sua ideia, então você tem uma ideia mais a criação e tem algo criativo e novo. Essa estrutura, esse protótipo que você criou, não é uma invenção ainda, pois não foi aceito pela sociedade, pelos parques. A inovação ocorre quando essa invenção é aceita pela sociedade e gera um retorno econômico para empresa ou para quem está desenvolvendo. Então assim, se é alguma coisa nova, um produto ou serviço que gera retorno financeiro. Ai a partir do ponto de vista da empresa, se ela desenvolve um produto novo, ou faz um novo serviço, apesar desse serviço já ter no mercado, ela é uma inovação para empresa. Então, a inovação pode ser algo que não é totalmente novo. Ai então, tem as tipologias, como a definição de Schumpeter, que é no mercado, novo local, novo para o mercado, novo para indústria, mas no modo geral é quando desenvolve um produto que é aceito, podendo ser totalmente novo, ou apenas modificado.

Pergunta: Então, resumidamente, uma ideia nova que foi tirada do papel e posta em prática, e que essa prática gerou um benefício para quem se frizou dela, através de um produto ou serviço, e que tenha gerado um resultado econômico, um retorno financeiro para empresa...

Entrevistado: Basicamente é esse o entendimento sobre inovação e ai depois tem outras vertentes, outras tipologias de inovação.

Pergunta: E para você, como tens olhado o aspecto de inovação no estado de Santa Catarina ou Blumenau, mas como você avalia essa ambiente de negócio para inovação no estado e como nossa cultura está para receber a inovação? Nós temos cultura para receber a inovação ou não temos? Se temos uma cultura muito fechada que não permite que se desenvolva?

Entrevistado: Nós temos uma cultura aqui no Vale do Itajaí, em Santa Catarina em uma forma geral, comparando com os outros estados, nós temos uma cultura de inovação mais recente, com o Desenvolvimento dos parques tecnológicos. Agora com a crise deu uma estagnada, desacelerou. Mas de uma maneira geral, eu vejo que sim, Santa Catarina tem uma cultura de inovação sim, tanto o vale como o estado todo. No oeste com as plantas leiteiras, Pinhalzinho ser considera a capital do leite, então as

plantas tecnológicas ser encontradas só na Europa ou Estados Unidos, então nós recebemos sim a inovação de uma forma aberta.

Pergunta: Então, respondendo já a 6, como estado está a respeito da inovação, o estado está mais receptível a inovação?

Entrevistado: O estado está receptível, muito mais que anos atrás. Essa é minha percepção. Tanto para você gerar inovação, você precisa de pessoas, você precisa de conhecimento. Então o estado está desenvolvendo a partir de universidades, incubadoras, parques tecnológicos, o estado está se desenvolvendo.

Pergunta: E não é só para grandes empresas...

Entrevistado: Exato, bem lembrado, para pequenas empresas, startups, em todas as áreas. Nós percebemos aqui em uma disciplina de cultura e inovação no semestre passado, numa visita todas as áreas, em todas as áreas, não só para grandes empresas. Fundamentalmente para pequenas empresas. Nós temos um caso aqui, que também é interessante, de ralo linear. Uma pequena empresa de Blumenau desenvolveu um ralo linear, ganhou prêmios nacionais. Uma inovação que você vê que não é absurda, desenvolveu um ralo linear para colocar no chão, saiu na revista nas Pequenas Empresas e Grandes Negócios como um dos grandes empreendedores, de 2012 ou 2013. Interessante que falando em pequena empresa e grande empresa, quando essa empresa ganhou a premiação, a Tigre estava, e tempos depois lançou o ralo linear. Só depois, descobri que foi desenvolvido por um cidadão de Blumenau.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Olha, eu vejo principalmente, essa relação com os parques tecnológicos, dessa relação que eles tem com as empresas, incubadoras das empresas. Tem até um livro, que fala sobre a Tríplice Hélice, que fala sobre as universidades, o governo e as empresas. Então eu acho que o ambiente de inovação é isso, o governo tem que fomentar, está aí para ser o moderador, tem que ter essa troca entre os três. Há muito pensamento que o governo tem que dar para as pessoas. Então o governo está como moderador, e ele que coordena essa relação entre universidade e empresa.

Pergunta: E qual seria o papel da universidade dentro dessa Tríplice Hélice? Quais são os principais desafios da IES na promoção da pesquisa da inovação?

Entrevistado: Então, esse questionamento é bem interessante. Quando começamos a conversar, eu falei que a universidade é um fim nela mesmo. Então, fazemos muita pesquisa aqui e fica aqui. A universidade tem o papel de disseminar esse conhecimento que é gerado aqui dentro. O que eu falo para os meus orientados e cobro deles, toda pesquisa que é feita nas empresas é necessário dar um feedback para ela, ou resultado da pesquisa. Se você fez uma pesquisa em uma empresa x, você apresenta o relatório dessa empresa, como essa empresa está em comparativo com as outras empresas do setor. Eu acho que esse é o papel fundamental da universidade. Disseminar o conhecimento que é gerado aqui. O conhecimento que é gerado aqui, é um fim para ele mesmo, você escreve para os pares. Os empresários hoje, um microempresário, não tem tempo para ler um artigo de 16 páginas. Ele não quer saber a regressão linear ou alguma outra coisa, ele quer saber o resultado. Transferir para as empresa o que é gerado aqui. E de outra forma, trazer a empresa para dentro da universidade. Muitas vezes, o conhecimento que é gerado aqui, nem é de interesse das empresas. Então, teria que ter essa aproximação das empresas com a universidade, para saber qual a real necessidade das empresas, o tipo de conhecimento que ela precisa, por que realmente, na área de administração é feito muito pouco. Necessidade de fazer semanas de empreendedorismo para que tenha

essa aproximação. O departamento agora, está fazendo essas semanas do empreendedorismo e fazendo com os empresários tenham essa aproximação.

Pergunta: Você já falou que há diversos tipos de inovação...

Entrevistado: Sim, tem várias tipologias que normalmente são os pares. Produtos e Processos, Radical e Incremental, Administrativo e Tecnológico. E aí, cada autor tem uma definição.

Pergunta: E na sua percepção sobre convergência na prática da promoção do processo de inovação dentro do estado e da região, na prática dos diferentes autores, existe uma convergência? E se existe, como ela é feita e como é sua participação e dessa sua área para que você trabalha para essa convergência?

Entrevistado: Isso precisa melhorar bastante, em todos os sentidos e esferas. Tanto no setor público, como eu como pesquisador, não temos essa sintonia. Até existe essas iniciativas, mas muitas vezes não existe essa sintonia por parte da universidade e por parte, por exemplo, você fala do poder público estadual e municipal, muitas vezes não tem essa convergência. O poder municipal faz uma atividade, mas não convida a universidade, e a universidade faz uma atividade e não convida o poder municipal. Eu estava comentando antes, é criada a inovação, mas não existe essa sintonia.

Pergunta: Complementando, será que a universidade, por ser esse elo tão forte da sociedade, poderia inserir um processo inovador até dela, e ela fazer todos os autores e inserir algo mais interessante para fazer essa convergência acontecer de alguma forma? Seria um projeto inovador.

Entrevistado: Está caminhando para isso, uma aproximação maior com as empresas, chamar as empresas para as universidades ou a própria universidade visitar as empresas, ter essa aproximação é necessário. Chegou um momento que não tem como fazer pesquisa e traçar um fim nela mesmo. Não irá agregar em nada, não haverá retorno, as empresas não responderão os questionários por não ter retornos e essa sintonia. Então com certeza, é necessário caminhar para isso, sim.

Pergunta: E para encerrar, você acha que o poder público, tanto municipal, estadual e federal, está sendo decisivo para que a inovação aconteça ou ela tá acontecendo muito mais por que o mercado está exigindo, a sociedade está querendo?

Entrevistado: Eu entendo que o papel do governo não deve atrapalhar. Nós temos essa mentalidade que o governo tem que prover para nós, tem que dar e tudo são culpa do governo. O governo tem que deixar que as empresas se desenvolvam não criar barreiras para isso. Se tu me perguntares diretamente, eu acho que não, como poderia estar fomentando. Nós não podemos culpar o governo pelo fracasso da empresa, acho que vai do empreendedor buscar, é um papel muito mais dele do que o governo. O governo não pode ser o responsável pelo processo de inovação, ele não tem que atrapalhar, ele tem que fomentar os projetos, financiamentos, mas não é só culpa do governo, as empresas precisam buscar e inovar. O governo não tem que atrapalhar e ajudar por meio de projetos. Muitas vezes, acontece que os projetos que o governo lança não são absorvidos pelas empresas, por que elas não conseguem fazer projetos para mandar para o governo e captar dinheiro. Tem pessoas que faz isso, pega ideia da empresa e transforma em projeto para captar dinheiro. O empresário não sabe fazer projetos, não sabe montar. Então, às vezes o governo acaba atrapalhando esse processo. Vai ganhar quem souber fazer projetos, escrever bem. O empresário não sabe, tem a ideia, sabe fazer o produto, mas não sabe fazer um projeto. Então não pode culpar o governo, que não pode atrapalhar, tem que facilitar esse acesso.

Pergunta: Então eu te agradeço e encerramos aqui a entrevista.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 5

Nome: Ator 5

Profissão: Ex Reitor da FURB

Formação: Graduação em Medicina – Residência em Neurologia – Universidade Federal do Paraná.

Pergunta: Professor, há quanto tempo está no cargo e na FURB?

Entrevistado: Estou no início do 7º ano. 6 anos e 4 meses e estou na FURB desde 1991.

Pergunta: Em sua carreira, como o senhor tem privilegiado a inovação, dentro desse contexto profissional?

Entrevistado: Como dirigente da instituição, primeiro eu preciso ter uma visão sistêmica da organização e ver que ela é muito simétrica, muito diferente. Então por exemplo, na FURB temos algumas áreas, principalmente dentro das engenharias, que é voltada para inovação e como fazê-la. Outras áreas, até de outra natureza, não há isso em pauta, de certa forma é desconhecida. Quando assumimos em 2010, 2011, já existia essa preocupação, no sentido que as universidades brasileiras e catarinenses, deveria se envolver mais com inovação. Isso teve muito impulso, com o sistema CAF, com a criação do Inova 2022, que é um plano da secretaria do crescimento econômico sustentável, ligada ao governo do estado, criando centros de inovação, 13 regiões e a maioria delas ligadas a universidades, como em Blumenau, e já com uma temática pronta. Aqui para nossa região, o governo preparou a área têxtil, que é uma vocação natural, mas também teríamos a questão de energias limpas, como um dos polos principais, o que reflete de uma certa forma o que a universidade já vinha fazendo. Nós somos a única universidade que o centro de inovação está dentro de um campus, e procurando buscar parceiros. Temos uma grata satisfação em termos uma universidade, que há muito tempo já havia pensado nisso, na questão do Instituto Gene, mas já por diversas razões ele acabou saindo da universidade. Mesmo assim, fizemos um trabalho de entender que a inovação deveria passar aqui pela região, não pela universidade, não é uma questão da universidade, é uma questão da sociedade. Assim, aproximamos várias instituições de ensino, a UFSC, o SENAI, instituições federais e colocamos dentro do Gene, mudamos a concepção do instituto, trazendo o governo municipal e outros governos, alinhando com o governo estadual. No ponto de vista político da universidade, colocamos isso em primeiro plano, como fazer da instituição. Paralelo a isso, tivemos várias ações dentro da universidade, de reger uma política de inovação tecnológica, criar uma política exatamente para isso e recentemente fazer funcionar.

Pergunta: Professor, eu até tinha a avaliação do papel da FURB, como ela desenvolve a promoção, porém o senhor já falou. Mas além disso, que o senhor falou, o centro de inovação e os programas, tem mais algo que a FURB faz de inovação? Qual a avaliação desse papel da FURB na inovação do estado de Santa Catarina? Não só em Blumenau, mas no estado todo?

Entrevistado: Ele é bastante aquém do que a universidade poderia proporcionar. Primeiro, como expliquei anteriormente, a universidade é heterogênea, a cultura da

inovação não atinge todas as áreas. As engenharias já foram comentadas, a Engenharia química, Engenharia Elétrica, Engenharia Ambiental. Olhando a sociedade, olhando mais para o lado da pesquisa, dentro da universidade, existem as soluções educacionais que passam por métodos inovadores. É um grande desafio de fora para dentro da universidade. Há muito tradicionalismo, há muito conservadorismo e certa distância, do corpo docente das suas práticas pedagógicas e educacionais em relação à inovação na educação. Então, isso também eu diria que a universidade não cumpre esse papel em uma totalidade. Existem iniciativas, bons exemplos disso, mas ainda são exemplos, ilhas de iniciativa. Internamente, é necessário tentar disseminar essa cultura inovadora na prática na universidade, principalmente no ensino e na pesquisa ampliar o interesse por isso. O exemplo disso é o próprio PPG de administração e agora começa a se preocupar com a linha de inovação e gestão. Mas nós perdemos grandes oportunidades aqui, nós tivemos uma provocação de universidade de Suécia, sobre parcerias para desenvolver produtos inovadores e soluções inovadoras para idosos saudáveis, ou idosos com problemas neurológicos ou crônicos. Procuramos a saúde, cursos da saúde, mas não havia ninguém que se interessasse e percebesse que poderia ser um desenvolvimento para a universidade. Pergunta: Professor, para você, o que seria inovação?

Entrevistado: Para mim, inovação é tudo aquilo que você desenvolve, pensa e coloca em prática na melhoria na qualidade de vida das pessoas e de uma sociedade. Não precisa ser necessariamente um produto fantástico, com muita coisa tecnológica. Basta que em uma determinada situação, um determinado problema público, por exemplo, você encontre uma solução, que melhore ou traga algum benefício, podendo ser feitas em processos, não necessariamente em produtos.

Pergunta: E como você avalia o ambiente de negócio aqui em Santa Catarina? Essa cultura para receber a inovação? É propício para receber a inovação?

Entrevistado: É propício, inclusive acho que é uma grande mudança que essa região trouxe até então sobre suas atividades econômicas principais. Acho que há uma refratariedade em cima dos cursos. Mas nós temos bastante dificuldade de aproximação ou sensibilização das empresas, por exemplo. Principalmente das grandes empresas.

Pergunta: Como a própria FURB faz a pesquisa da promoção da pesquisa da inovação dentro de alguns ambientes? Pensando na área têxtil, tecnologia da nossa região? Ela tem isso como pesquisa? Ela está promovendo junto à inovação?

Entrevistado: Sim, são áreas restritas, não muitas na universidade, mas esse ambiente ou esse pensar ou essa cultura são presentes em algumas áreas da universidade, áreas de atuação. Eu imagino, são recentes, espaços comuns de pensar e criar, de convergência. É como eu disse, o Instituto Gene nasceu na FURG com objetivo de inovação, mas por diversas razões ele saiu da universidade, então agora estamos retomando toda essa questão em diversos setores da universidade, nós procuramos mais ambientes de convergências, estudantes, docentes, com o intuito de aumentar isso aí. Nossa preocupação existe. Também, a preocupação existe com o auxílio fora da universidade, de estar participando desses encontros, desses fóruns ou dos grupos de inovação na cidade. Há um exemplo disso: tem um grupo fora da universidade, na cidade, que pensa em inovação na área da saúde, principalmente em processos.

Pergunta: O senhor teria ideia de se a prática da cadeira de inovação é diferente da inovação da própria universidade?

Entrevistado: É diferente. O ambiente acadêmico tem uma prática muito diferenciado. Praticamente na FURB, a inovação é presa a grupos de pós-graduação com uma

determinada lógica de funcionamento. Ainda não conseguimos construir um grupo que atenda especificamente demandas de mercado com uma resposta ágil que o mercado precisa.

Pergunta: O senhor conhece os vários tipos diferentes de inovação?

Entrevistado: De nomenclatura sim.

Pergunta: Na sua concepção, há uma convergência na prática da promoção nos diferentes atores, poder público, universidade, há uma convergência no estado ou na região no desenvolvimento da inovação?

Entrevistado: Que eu saiba, não. Há uma preocupação muito comum, em um traço do Brasil, que é a questão do palácio e da rua, das pessoas. Imagina a construção de um prédio, um centro de inovação, ele seria igual a prática da inovação. Então os esforços agora, são esforços que convergem para isso. É como eu te disse o governo municipal, principalmente, ele tem que ser um indutor dele, em relação a isso. A indução do governo é a busca de condições para que isso aconteça em Blumenau isso. Como eu comentei com você, quando coloca, o porquê do distrito de inovação ainda não é uma realidade, é uma inércia do poder público. O porquê de políticas públicas ainda não são desenvolvidas para inovação, em termos de facilidades de impostos, ou uma agenda para inovação. Eu vejo que o poder público estadual, e um pouco do municipal, está se concentrando muito em uma agenda de eventos. Não vejo Blumenau como uma cidade inovadora ou a inovação sendo posta pelo poder público como prioridade.

Pergunta: E o estado de Santa Catarina seria muito conservador?

Entrevistado: Pelo contrário. Vejo que o estado de Santa Catarina tenta por uma agenda de inovação, a gente percebe isso pela FAPESC, pelo desenvolvimento dos centros de inovação. Mas está distante de se tornar uma realidade. Há também uma gerência pública, que não é uma gerência convergente. As preocupações são: Quando vamos inaugurar o centro de algum lugar? Fica se esperando a inauguração sem fazer por onde. Teve o centro de Lajes, mas é pouco usado por lá.

Pergunta: O que o professor almeja quando entregar o cargo, em termos de inovação, que a FURB tenha alcançado?

Entrevistado: Eu acho o seguinte, o primeiro esforço que estamos fazendo, é que em cada área de conhecimento da universidade, ter um programa de pesquisa e pós-graduação. Nas universidades, é muito raro ter inovação fora desses programas. O segundo passo é dar condições para os pesquisadores ou quem queira se envolver com inovação, para que isso seja feito na universidade. Então nós temos já aprovado uma política de pesquisa facilitatória, temos também aprovada uma pesquisa de prestação de serviços, que permite que o pesquisador ou quem se envolva com isso traga dinheiro para a universidade e para ele próprio, como salário, nós temos questões normativas avançadas, como a política de inovação que já está pronta, construção de uma equipe que trabalha com inovação, pois é inadmissível que uma universidade como essa gerar uma patente vire um acontecimento. Se conseguirmos abrir uma agenda nessa gestão e gestões para frente, de que é muito importante discutir a pertinência do que é feito aqui com a sociedade, quer seja inovação em outras áreas, acho extremamente importante. Acho que com todas nossas dificuldades, nós colocamos a inovação como algo importante em nossa universidade, não apenas como algo normativo ou menor que tenha que constar. Acho que estamos caminhando devagar para isso. Além disso, tem que ter as condições para isso, a própria universidade divulga isso, que é uma universidade inovadora, que se faz inovação. Mas entre o que é midiático e o que deve ser feito, é um caminho muito grande.

Pergunta: Então eu agradeço e não sei se há algo que o professor queira retirar da gravação?

Entrevistado: Não, as críticas são assumidas.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 6

Nome: Ator 6

Profissão: Diretor de Apoio as Micros e Pequenas Empresas de Santa Catarina

Formação: Graduação em Administração – Especialização: Gestão Empresarial – Mestrando em Gestão do Conhecimento.

Entrevistado: Fiz capacitação em inovação pela Universidade de Barcelona, que é para formação de gestores da inovação. Foram 3 atividades: 1 em Barcelona e 2 em Santa Catarina. Na sociedade civil fui idealizador, digamos assim, do grupo Pró-Jaragua, fui um dos primeiros atores do grupo. Onde queríamos que Jaraguá se desenvolvesse e pudesse expandir sua matriz econômica não só no âmbito industrial. Também fui presidente da federação das micros e pequenas empresas do estado de Santa Catarina, por 4 anos. Presidente da minha associação local, vice-presidente da ACIJS, também participo do movimento Startup Weekend de Santa Catarina e participo do movimento de inovação de Santa Catarina. Fui Secretário do desenvolvimento econômico de Jaraguá, nos anos de 2007 e 2008. Depois fui direto de desenvolvimento econômico, no Instituto Jordan.

Pergunta: Tempo e cargo no governo do estado?

Entrevistado: Já estou desde junho de 2016, logo completo 1 ano. Atuo com a micro e pequena empresa. Para de se ter uma ideia, nossa diretoria apoia a Startup Weekend, porque as micros e pequenas empresas são aquelas geradoras da inovação e precisando de muito apoio para isso no estado e no Brasil. E elas foram negligenciadas, porque ficamos olhando muito para as grandes empresas. Se você ver os recursos que foram dados no Brasil, muitos foram dados para as grandes empresas e quando surgiu esse movimento da Startup Weekend, que é um movimento mundial, nós percebemos que é uma forma de nós trazermos a micro e pequena empresa para esse momento da inovação, tão necessário que precisamos para fazer um país melhor.

Pergunta: Para você, em que momento o conceito de inovação entrou na sua vida?

Entrevistado: Em 1987, eu era de uma instituição religiosa, e fui convidado para ser o representante do Brasil no Vaticano, que falava do papel do leigo na igreja. Mas nessa viagem, o que mais me impressionou foi a Europa, era 1987, e era muito diferente do Brasil. E nesse encontro, tínhamos pessoas do mundo todo, e eu pensei que queria o Brasil assim. Eram pessoas diferentes, que pensavam de formas diferentes, em tornar a sociedade algo melhor. Eu sou de uma família muito simples e na escola nós aprendíamos a ler e escrever, mas não era para fazer um ser humano melhor, não era esse o grande objetivo. E as pessoas que encontrei lá, possuíam boa formação e olhavam o mundo de forma diferente. E quando olhávamos para Europa, víamos pessoas melhorando suas atividades, melhorando a sociedade. Quando eu olhava as calçadas largas que tem ruas estreitas, quando entrava em um ônibus e não precisava pagar para ninguém, mas ficava preocupado em pagar, vi que as pessoas poderiam ser muito mais conscientes e ativas na sociedade.

Pergunta: Para você, o que é inovação?

Entrevistado: Inovação é fazer um mundo melhor.

Pergunta: Você privilegia a inovação nessa sua trajetória profissional?

Entrevistado: Sim, se eu contar um pouco da trajetória, cada ação que eu tenho feito, eu busco isso.

Pergunta: Já que são 30 anos, fale os 5 principais pontos que você privilegiou nessa trajetória?

Entrevistado: Ok. Pessoalmente foi ter entrado na faculdade e ter terminado ela, ter sido um ator ativo no período. Não me contentava em ser só aluno, gostaria de ser um aluno que pudesse fazer a diferença na universidade. Os próprios professores comentavam que tínhamos um grupo muito privilegiado nesse sentido, porque fazíamos muito a diferença nas aulas. E como entramos na faculdade mais velhos, com mais de 24 anos, já entramos com uma cabeça para fazer a diferença, de um mundo melhor. Tanto que a maioria hoje, estão muito bem posicionados nas suas atividades. Em função dessa questão. Outra coisa, foi entrar no associativismo. Eu sempre falo, que a primeira conta que paguei quando abri minha empresa, foi a do contador e a segunda foi da associação, porque eu entendia que era um privilégio em Jaraguá do Sul e em Santa Catarina. Outra coisa foi ter sido Secretário de Desenvolvimento Econômico. Eu gosto muito de estatística e eu estudava muito os números de Jaraguá. Quando nós formamos o grupo do Pró-Jaraguá, eu pude mostrar esses números, e nós podemos sentar e avaliar com um grupo muito bom, com nível muito elevado, com visão de mundo diferente. Outro quinto ponto, foi quando eu montei a minha empresa. Eu pude estar com vários empresários e eles tinham visão diferente do que eles poderiam fazer pela empresa. E observando esses empresários, ficou muito claro que a inovação é aquilo que vai fazer as empresas mudarem. A nossa visão de Jaraguá era muito engraçada, eu dizia que tinha uma empresa e as pessoas perguntavam qual era, eu dizia que era de consultoria e eles não falavam que eram empresa. Para Jaraguá, empresa era as de galpão e as de manufatura.

Pergunta: De que maneira a Secretaria do estado entrou na sua trajetória profissional?

Entrevistado: Na verdade, no outro governo, eu era Diretor do Instituto Jordan e mesmo antes eu fui convidado pelo estado para fazer o curso de gestor de parques tecnológicos. Eles entendiam que precisavam de pessoas novas e eu gosto de dizer que não tinha a visão de inovação como eu tenho hoje. E quando o secretário assumiu em 2 anos, ele me convidou para vir para o governo e eu não pude aceitar o convite, pois estava com muitos negócios andando em Jaraguá do Sul, e desde então começamos a caminhar juntos.

Pergunta: Qual sua avaliação sobre o papel da Secretaria Estadual que você participa para desenvolver a promoção de inovação do estado?

Entrevistado: Eu entendo que o papel principal do governo é criar políticas públicas. Por exemplo: Quando falamos da criação do Centro de Inovação, estamos criando condições para que alguns municípios e regiões possam internalizar a inovação. Nós temos um estado diferente. Foi o último a entrar na crise e vai ser o primeiro a sair. E muito por causa da nossa inovação.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócio para Santa Catarina? Como é nossa cultura para receber inovação?

Entrevistado: Tem uma coisa que eu me esqueci de comentar, que em Florianópolis, só havia a Universidade Federal. Santa Catarina soube criar um modelo de universidades comunitárias. Eu digo que isso aconteceu por sermos um estado com inovação. Distribuimos universidades em todo estado, e com isso, elas foram crescendo pela comunidade com o investimento interno. Isso fez com que criasse um modelo de inovação. Em termos de políticas públicas, de inovação, eu vejo muitos atores crescendo. Muitos empreendedores saíram da faculdade e começaram a montar suas empresas e eles forçaram o estado a ter esse olhar. Assim, começou

a se criar vários elementos dentro do estado. Podemos destacar várias incubadoras, o Instituto Gene em Blumenau,

Pergunta: Como você compreende sobre o que é os ambientes de inovação?

Entrevistado: Para mim o principal, sobre os ambientes de inovação, é você olhar para o ecossistema e seu desenvolvimento e dizer: Como posso aplicar inovação sobre o meu desenvolvimento e fazer isso crescer? Vou dar o exemplo de Jaraguá do Sul: é uma cidade industrial a partir da década de 60, com a WEG tendo nascido e outras empresas, e os conceitos de inovação que elas utilizam. Nós temos uma cadeia de empresas muito forte na região e muitas pessoas saíram dessas empresas e foram empreender. Então, elas já saíram com os conceitos de inovação, por isso as empresas são fortes.

Pergunta: A prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders, Incubadoras, Parques tecnológicos, Startups, empresas tradicionais?

Entrevistado: Em algumas cidades, ela é muita proeza. Em outras, ainda precisa dar uma caminha. Vou dar um exemplo: Nós tivemos um curso com o pessoal de Standford, avaliando cidades que os centros de inovação. Foi pego uma cidade que a vocação inicial dela é madeira, desde a plantação até a entrega de móveis. Quando eles apresentaram o que iriam fazer no centro de inovação, o pessoal de Standfor falou que eles não iriam fazer nada na madeira. Então, foi apresentado para eles, um instituto canadense que eles tem mais de duas mil patentes no mundo só de madeira. Então, esse enxergar para dentro de si e dizer, como que eu posso inovar, nós somos muito diferentes ainda em muita região.

Pergunta: Existem diferentes tipos de inovação, quais são?

Entrevistado: Existem aquelas duas básicas né. Temos a incremental e a radical. A WEG quando chegou, foi totalmente radical. Nós saímos de um ambiente agrícola, a maioria das pessoas morando na área rural para 30, 40 anos depois, a maioria da população, mais de 90%, morando na área urbana. Nós saímos de um momento que a maioria da população era semianalfabeta, para maioria escolarizada.

Pergunta: E na sua percepção, há uma convergência na prática da promoção do processo de inovação no estado por partes dos diferentes atores? Governos, empresas, IES

Entrevistado: Há sim. Até um tempo atrás, cada um fazia do seu jeito e tentava, mas eu acho normal, o mundo cresceu assim. Depois eles se associam, e cada vez mais esse mundo de inovação tem se associado. Então, quando a gente fala de fazer um grande evento para a promoção da inovação, chega lá muitos atores que você já conhece, promovendo para atores novos. Cada vez mais esse movimento cresce, em diversas cidades, muito ator vão lá, voluntariamente. Quando eu falo da Startup Weekend, que é muito parecido com o movimento da micro e pequena empresa, nós vamos lá, de coração aberto. Vai haver a Startup Weekend lá em Tubarão e em gente saindo daqui de Blumenau, de Joinville para ir até lá contribuir para o crescimento daquela região. E quando fizermos aqui no norte do estado, os atores de Tubarão pode vir trazer as experiências também, então há uma convergência nesse sentido. Quando o estado promove esses eventos é justamente para isso, para que esses atores possam cada vez mais contribuir um com o outro para que possa melhorar todo o ambiente de Santa Catarina.

Pergunta: E para fechar, o poder público, municipal, estadual e federal, tem sido decisivo para a inovação no estado?

Entrevistada: Em alguns aspectos, é bem decisivo. Volto a falar, quando ele trabalha as políticas públicas do estado, na secretaria. Quando se criou a FAPESC, Sinapse da inovação, as políticas públicas que fazem com que os recursos possam alavancar

a inovação e alavancar principalmente, a formação dos atores e de novos empreendedores. Os números de Santa Catarina mostram isso, que os atores do governo tem feito trabalho para isso. Nós precisamos alavancar, eu entendo que precisamos agir mais nas pequenas empresas, mais nos atores menores. Entendo que é muito caro fazer inovação, temos um modelo muito tradicional para investir em algum lugar. Temos que ter um professor/doutor para investir, fazendo o negócio e parte do recurso vai para ele. Acho que isso tem que ser disruptivo, pode ser um programa, onde um professor pode alavancar várias micro empresas. Não um para cada negócio. É importante sim um professor, que traz uma visão diferente para o negócio por conta de ter estudado muito, mas a gente precisa muito mais, precisaram ter programas voltados para a micro empresa, para que assim possamos alavanca-las.

Pergunta: Entrevistado, eu vou desligar a nossa gravação. Tem alguma coisa que queira que não esteja na gravação?

Entrevistado: Não, está tranquilo.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 7

Entrevista

Nome: Ator 7

Profissão: Analista 2 SEBRAE Santa Catarina

Formação: Graduação em Administração – Especialização em Marketing e Pequenos Negócios. Mestrado em Administração.

Pergunta: Qual seu tempo de SEBRAE?

Entrevistado: São 12 anos.

Pergunta: Em que momento conceito inovação entrou na sua vida profissional?

Entrevistado: Logo que entrei no SEBRAE. Uma das vertentes aqui é a inovação. Embora, aqui, o conceito de inovação e de mudança de processo as vezes não fica muito claro e há uma certa mistura. As vezes uma simples mudança de processo já é tratada como inovação.

Pergunta: Qual era contexto de inovação quando você entrou no SEBRAE?

Entrevistado: Nós estamos incentivado muito as pessoas fazerem nosso curso da Universidade Corporativa. Então, ali na universidade tem uma série de cursos online e provavelmente ali foi meu primeiro contato com inovação junto ao SEBRAE.

Pergunta: Dentro da sua trajetória profissional, você privilegia a inovação?

Entrevistado: Eu diria que a gente está muito focado no micro e pequeno negócio. E quanto menor um negócio, menor é o índice do quem ser feito, digamos assim. Basicamente, quando se inicia um negócio, é com o conhecimento técnico do proprietário. Pode ser um padeiro, que sai de uma padaria e monta a própria, um açougueiro que monta o próprio, mecânico, enfim, diversas áreas. Então, esse pessoal, começa com o conhecimento técnico e pouco conhecimento de gestão. Na maior parte das vezes, nós temos que trabalhar, primeiro de tudo, ensinar o proprietário a fazer o básico, para depois entrar no critério de inovação. Eu não diria nem que ele vai inovar, ele não vai fazer as premissas básicas do que tem que ser feito.

Pergunta: Mas e dentro da sua trajetória, você usa de supertefugios que acabam desenvolvendo a inovação e estratégias?

Entrevistado: Nós estamos passando por uma transformação, passado pelo programa nacional de inovação empreendedora, na forma de levar o conteúdo para os clientes, onde é usada umas estratégias que está fora do nosso escopo tradicional.

Pergunta: Como o SEBRAE entrou na sua vida?

Entrevistado: Em 1994, eu queria montar um negócio próprio. Efetivamente eu montei esse negócio e fui ao SEBRAE ver o que ele poderia me auxiliar. Foi milhares de vezes menor, comparado ao apoio que nós damos hoje, mas foi muito importante para que eu iniciasse meu negócio próprio. Em 2005, havia um processo seletivo para o SEBRAE e três amigos meus me indicaram para esse processo seletivo, sem um saber que o outro havia indicado e sem eu saber dos três. Apenas pediram para eu ir, falara com tal pessoa e participar do processo.

Pergunta: E assim, de maneira ampla, qual a sua avaliação do papel do SEBRAE para desenvolver e promover a inovação no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: Nós temos algumas coisas importantes, que trabalhamos no cenário das micros e pequenas empresas. Eu destacaria para você, umas políticas muito fortes, que temos, de políticas públicas. O nosso objetivo é melhorar o ambiente da micro e pequena empresa. Inclusive, há um artigo dentro de nossa constituição, em que o tratamento das micros e pequenas empresas deve ser favorecido e diferenciado. Mas isso foi em 1988. Só que isso nunca foi regulamentado. Então o SEBRAE abraçou isso e fizemos o que? Nós fazemos um trabalho dentro das câmaras de vereadores e prefeituras, para que as prefeituras consigam regulamentar essas leis, para que efetivamente o pequeno negócio tenha esse tratamento da constituição. O processo que utilizamos é a criação de uma espécie de fórum, onde se tinha todos departamentos da prefeitura, que lidam com o registro da pequena empresa.

Pergunta: E para você, dentro de toda experiência de vida, o que é inovação?

Entrevistado: Eu tenho uma simpatia muito grande pela forma que nós trabalhamos aqui. Eu gosto mais da inovação disruptiva, aquela que sai fora de casa. A incremental é legal também, mas muitas vezes eu acho que eles chamam de inovação incremental a mudança de processos.

Pergunta: Você conhece os diferentes tipos de inovação:

Entrevistado: Nós temos o nosso material, nós trabalhamos bastante com isso com inovação de produto e processo, modelo de negócio, inovação incremental e radical. Mas, eu percebo que para o mundo do pequeno negócio, é um emaranhado só, uma coisa só na cabeça dele, então eu imagino para o dono do pequeno negócio é assim, possivelmente para o consumidor comum, seja também uma incógnita e por isso, qualquer novidade é inovação.

Pergunta: E você acredita que o empresário da micro e pequena empresa, pratica mais inovação incremental ou radical?

Entrevistado: O que eu vejo no dia a dia, é mais incremental. Na quantidade, embora as vezes surge algumas ideias bem interessante.

Pergunta: E no seu ponto de vista, o estado de Santa Catarina está recebendo como a inovação? Temos essa cultura?

Entrevistado: Já fomos piores mas temos muito a melhorar. Todo mundo, absolutamente todo mundo que eu atendi no SEBRAE, em outras cidades, o empreendedor tem uma consciência de um diferencial competitivo. Por exemplo: Alguém quer montar uma padaria, ela está ciente que terá que fazer algo diferente para se destacar. Mas algumas vezes é um diferencial fraco, não é competitivo. Mas há a consciência desse diferencial competitivo. Só que, temos outra situação, muitas vezes é apenas um diferencial competitivo, mas não é algo inovador. Antigamente era montado algum negócio pela necessidade de mercado. Hoje em dia, além dessa necessidade de mercado, também tem o diferencial competitivo.

Pergunta: E como você acha que o estado todo, de maneira geral, não só para micro e pequena empresa, está no que diz respeito a inovação?

Entrevistado: Existem ilhas de inovação. Alguns centros de pesquisa e desenvolvimento com determinados polos. Exemplo: SENAI de São Bento na área de inovação na indústria madeireira. SENAI de Jaraguá do Sul, Eletricidade, Joinville Plástico. Então, você tem polos de inovação espalhado pelo estado. Mas ainda há espaço para desenvolver inovação como cultura, não como necessariamente, ah, vamos inovar.

Pergunta: Você compreende o que seria os ambientes de inovação?

Entrevistado: Eu nunca pensei em ambientes, como ambientes. O que vemos é diferenciais, não existe inovação nenhuma e aí você fomenta por outros lugares onde

existe um ambiente inovador, por empresas querendo inovar, IES, governo, SENAI, SEBRAE, onde há diversos órgãos querendo inovar.

Pergunta: Quais são os desafios do SEBRAE, no que tange pesquisa e inovação?

Entrevistado: Nós trabalhamos na parte de inovação, muito em parceria, nas gestões técnicas. Como nossa praia é a gestão, nossos processos gerados em consultorias mais simples, todos nossos processos são em parceria com empresas de consultoria, as vezes com o SENAI.

Pergunta: O SEBRAE está conseguindo se desenvolver?

Entrevistado: Se formos analisar, temos 200 funcionários e 300 consultores credenciados. A quantidade de pessoas envolvidas com inovação, nós temos essa gerencia, mas está muito mais focada para os nossos processos e programas de gestão. Nós temos editais de inovação para o SEBRAE, onde tem funcionários específicos separados para isso. Nós temos programas de agentes locais de inovação, onde jovens que terminaram a graduação a pelo menos 3 anos atrás, fazem toda uma capacitação e vão para dentro das empresas levar a inovação.

Pergunta: Em sua opinião, de maneira prática, a inovação se diferencia nos diferentes áreas de inovação que existem no estado, como incubadora, parques tecnológicos, startups, grandes empresas?

Entrevistado: Eu diria que a grande diferença está no foco. Quem estiver focado para inovação e algumas dessas realmente estão, eles vão pensar somente em inovação. Tem outras empresas que o foco não é necessariamente inovação, tem algumas ações, mas não necessariamente voltada para isso.

Pergunta: Você acha que o poder público, municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: Existe até uma secretaria, que trabalha muito nisso, mas como o estado tem problemas muito maiores para resolver, acaba não sendo uma prioridade. Ele poderia com certeza ajudar muito mais.

Pergunta: Com essa questão encerro a gravação.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 8

Nome: Ator 8

Profissão: Diretor do SENAI Vale do Itajaí/ Diretor do Instituto SENAI de Tecnologia na área de Eletroeletrônica e da Faculdade SENAI

Formação: Graduação em Tecnologia Eletrônica, Pós graduação em Engenharia de Automação, Mestrado em Engenharia Elétrica e Doutorando em Engenharia do Conhecimento

Pergunta: Qual o tempo que você está no cargo de direção?

Entrevistado: Direção há 4 anos e estou dentro do SENAI há 23 anos. Comecei como professor, por muitos anos, mais de 15 anos. Coordenador de curso e de negócios. Trabalhei um período em Florianópolis, em nossa sede estadual, no departamento regional, 3 anos.

Pergunta: Mas ainda continua na sala de aula?

Entrevistado: Eu gosto, sou professor de Pós Graduação, no curso de MBA em Energias Renováveis, que é minha formação, na área de Engenharia Elétrica e também eu faço questão de manter um vínculo com a educação, nem que seja em algum tempo espaçado mas que eu consiga manter.

Pergunta: Em que momento conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto oficial da inovação naquele momento?

Entrevistado: O conceito de inovação, eu passei a ouvir inovação pela primeira vez, já faz alguns anos. Eu diria, já que estamos em 2017, eu diria em 2007 nós começamos a ouvir de uma forma mais intensa. Inovação é algo que a gente sempre ouviu, é uma palavra que faz parte de nosso vocabulário. Mas ela passou a ser difundida de uma forma sistemática, principalmente dentro da organização que eu trabalho, a partir de 2007. Eu lembro até de campanha, que o sistema FIESP e SENAI tiveram, quando lançou um concurso chamado Inova, em 2007, depois lançou o curso Concride, que é de criatividade e inovação. Então, esse sistema de inovação, criação, eles começaram a existir com um efeito mais sistemático, em minha vida profissional, a partir de 2007.

Pergunta: Você divergia sobre inovação em sua trajetória? Nas pesquisas, por qual motivo se direcionou para esse assunto?

Entrevistado: A gente aqui, somos uma instituição de Tecnologia e Educação. A gente não sobrevive se não inovarmos. Inclusive, em nossos contratos de gestão, quem está aqui na função de diretor e também na gerencia e coordenação, todos nós temos uns conjuntos de indicadores, que são medidos e um deles é a proporção de receita, faturada de novos produtos nos últimos 3 anos.

Pergunta: E você pode falar?

Entrevistado: Esse é um dado estratégico, mas vou dar exemplos claros. Nós temos hoje produtos aqui dentro do SENAI, da escola técnica, uma linha de produtos nossa, nós temos produtos que nos últimos 3 anos, eles já representam um terço do faturamento total. A faculdade hoje, SENAI, praticamente um terço dela, é faturamento de produtos que foram lançados nos últimos 3 anos. O instituto SENAI de tecnologia, praticamente o seu faturamento desse ano, será uma quantidade de 80% de produtos que nós criamos no ano passado. Então, em síntese, a gente não sobrevive se não

tivermos esse caráter inovador o tempo todo. Acho até que devemos ser mais ousados. Existem departamentos que já conseguiram, alinhar essa proposta, e tem alguns que ainda tem as suas raízes.

Pergunta: Isso até, inovação, é instalada dentro da missão da organização?

Entrevistado: É um dos 4 pilares nossos no mapa estratégico. Então se pegamos o mapa estratégico no sistema FIESP, SESC, SESI e IEL, nós temos o pilar chamado Ambiente Institucional, o pilar chamado Educação, o pilar Qualidade de Vida e o pilar Tecnologia e Inovação. Ele é um pilar e dentro dele há objetivos estratégicos, ações e indicadores.

Pergunta: Qual o papel do SENAI para que se desenvolva a promoção da inovação no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: O SENAI tem uma importância extrema para o Brasil e Estado de Santa Catarina. Primeiro, nós formamos quase 70% da mão de obra da indústria. Por que eu falo isso? Por que nós temos em torno de 63%, 68% da formação que envolve formação técnica no Brasil. E Em Santa Catarina um pouco mais.

Pergunta: Aqui na região, você sabe?

Entrevistado: Aqui nós predominamos. Jaraguá do Sul chega a 87%. Um curso técnico, nós chegamos a 87%. Qualificação profissional, nós chegamos há quase 90%, que é formação do trabalhador de indústria. Então o grau de importância, no estado não é diferente essa fotográfica, varia muito de uma região para outra, uma outra pesquisa que colabora com essa informação que eu estou dizendo, é o premio Impar, onde o SENAI Santa Catarina foi novamente premiado como a instituição pela rede record, como a mais lembrada quando se fala em educação profissional e isso só vem a acertar a nossa posição do nosso Market share do mercado, que é factível na formação do trabalhador, e do futuro trabalhador que irá ingressar na indústria. Mas um outro que é decisivo no meu ponto de vista, é a criação dos institutos de inovação e tecnologia do SENAI. O SENAI criou 62 no Brasil, em Santa Catarina foram 10, 3 de inovação e 7 de tecnologia. E o papel desses institutos é fomentar tecnologia e inovação, para segmento industrial específico.

Pergunta: Para você, o que é inovação?

Entrevistado: Inovação para mim é muito simples, é um produto ou melhoria de processo que gera negócio. Se não gera negócio ou resultado, para mim é um protótipo, uma ideia bem qualificada. Eu tenho varias ideias aqui dentro, de colegas que trouxeram ótimas ideias, todas calculadas, plano de negócio, planilha, conceito, mas não gerou 1 real. Isso para mim não é inovação.

Pergunta: Como é o ambiente de negócio em Santa Catarina? Como é nossa cultura para receber inovação?

Entrevistado: Eu acho que Santa Catarina precisa evoluir bastante nesse sentido e eu falo isso com dados. Nós temos hoje um ranking que mede uma série de indicadores, as cidades mais inovadoras do Brasil. Nós temos lá no topo São Paulo e em segundo Florianópolis. Tirando Florianópolis dentro do estado de Santa Catarina, a próxima cidade é Joinville, mas que está lá em trigésima posição. Temos também Blumenau, que esta bem colocada. Mas a grande maioria é cidade de São Paulo, algumas do Paraná, uma ou outra do Rio de Janeiro, mas nós temos de Santa Catarina Florianópolis, que tem todo um ambiente propicio voltado para o processo de inovação, mas quando eu falo que as cidades precisam se estruturar, eu não estou falando somente de instituições de ensino e empreendedores, mas eu falo desde uma estrutura física, mas vai além da física. Ambientes adequados que preparam o empreendedor tecnológico. Desde a burocratização do processo, a agilidade, questões jurídicas, isenção de tributação para que a tecnologia possa avançar

ambientes favoráveis. Vejo que Jaraguá do Sul está no caminho certo, desde a criação dos parques tecnológicos.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma IES para promoção da pesquisa e inovação do estado?

Entrevistado: Eu diria que sustentabilidade de um negócio. Quando você entra profundamente em uma área de pesquisa, é uma caixa preta. Você estima, você ouve um problema, você detalha um problema e estima um tempo de desenvolvimento. Você projeta um custeio e você recebe esse custeio e nem sempre ele fica conforme você planejou. As regras que existem hoje, os incentivos de pesquisa e extensão, captação de recursos não te dá margem para você criar um aditivo. Você entrou em um projeto de extensão e pesquisa de uma empresa, você aportou um milhão de reais, é o valor que você tem, se der mais o problema é seu. Hoje, as áreas de inovação e pesquisa vivem sempre em risco. O que as públicas fazem? Elas não tem essa preocupação do orçamento, justamente por isso, elas tem um orçamento limitado também, mas o tempo de pesquisa é de acordo com orçamento que ela tem. Ela deixa muito claro para as empresas. Já nós na privada somos diferentes, eu sento na empresa e estimo um orçamento com eles, primeiro que eles querem de nós um tempo menor que a pública. Esse é o primeiro passo. Eles não vão aceitar um projeto que eu vá levar 2, 3 anos. É 1 ano e meio no máximo. Segundo, se o orçamento ultrapassa, é problema da instituição. Então, hoje um dos desafios é a sustentabilidade.

Pergunta: De maneira prática, a inovação tem diferentes áreas, parques tecnológicos, incubadoras, startups, empresas tradicionais. Como a inovação está se diferenciando de cada uma delas em nossa região?

Entrevistado: Eu vou responder, dizendo que, eu não classificaria em categorias. O que eu tenho de dado? Se eu pegar dados estatísticos, existe a indústria do setor de alimentos e de confecção é a que menos trabalha a inovação do seu parque fabril. Isso não quer dizer que não trabalha a inovação dos seus processos e seus produtos. Inclusive são empresas extremamente criativas. Nós temos hoje uma empresa de alimentos em Jaraguá, que é uma das mais inovadoras do mundo. Porém, se pega a empresa de metalúrgicas, eu acredito mais na posição do gestor líder, do que traduzir em categorias.

Pergunta: Há uma convergência no processo de inovação do estado? É uma percepção essa convergência?

Entrevistado: Eu não sei se isso está claro para diferentes áreas. Existe intenção sim, de fato existe, a própria ideia do governo do estado de Santa Catarina criando o centro de inovação. Eu acho que Jaraguá do Sul, aqui o assunto inovação, está sendo tratado por um grupo tripartite. Onde temos o governo, as IES e as empresas. A cidade de Jaraguá está organizada sim e dificilmente um empresário está por fora desse projeto da cidade. Há um planejamento e uma organização bastante expressiva por essas entidades tripartites. Nós temos um projeto em que os acadêmicos desenvolvem protótipos para um grupo de empresas q trazem sua problemática. Estamos desenvolvendo várias startups, vários desafios com empresas patrocinando, para que os alunos entrem nessa cadeia inovativa e comecem a se relacionar com essas empresas aqui dentro. Exemplo: Esse ano já tem organizado fazer um startup da Google, dentro da faculdade, na área de saúde, uma startup na área de moda, um startup na área de automação, na área de inteligência artificial e está confirmado um startup na área na Audaces equipamentos de TI de Florianópolis.

Pergunta: Está gravada nossa entrevista, e você me permite reproduzi-la? Posso identificar o senhor?

Entrevistado: Pode, essas falas eu fiz eu falo abertamente. Eu sempre coloco, que penso abertamente que nós temos um modelo de inovação iniciando no estado de Santa Catarina e se vai prosperar ou não, vai depender muito das lideranças não só governamentais. Eu sempre chamo de tripartite, governo, iniciativa privada e IES, isso em cada cidade. Aqui em Jaraguá do Sul, a meu ver, o modelo está organizado. É claro que há muito que fazer, e muitas ações para serem feitas. Quando eu falo organizada, isso começou ha muitos anos e foi um avanço, retornou depois de uns anos e hoje de novo, retomado, e nós temos condições hoje de tornar o distrito inovação um grande centro de pesquisa e inovação para a região de Jaraguá do Sul, justamente para fomentar o que nós estamos chamamos de tecnologias e processos de produtos inovadores, tanto para startups como para grandes empresas, que pode estar adquirindo essas startups no futuro.

Pergunta: Estamos encerrando a entrevista, muito obrigado Professor Entrevistado.e



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 9

Nome: Ator 9

Profissão: Diretor-Presidente Endomarq – Vice-presidente Regional FIESC

Formação: Especialização – Qualidade e Produtividade - Marketing e Vendas

Pergunta: Qual o tempo que está na FIESC nesse cargo? E na empresa?

Entrevistado: O cargo na FIESP esse ano completa 6 anos, e fico mais um até agosto do ano vem. Na endomarq 48 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou na sua vida profissional?

Entrevistado: Eu diria que a nossa empresa, pela peculiaridade dela, que é uma máquina que trabalha na automação de empacotamentos, sempre teve que inovar. O termo inovação, começou a entrar mais no meu dia a dia, nos anos de 2008 e 2009, quando começou esse modismo da palavra, e logo após que assumi uma função pública, de secretário de desenvolvimento, trabalhando com os parceiros mais esse tempo.

Pergunta: Você privilegia a inovação nessa sua trajetória? Por qual motivo se direcionou para a área tecnológica?

Entrevistado: Eu sou da área da tecnologia. Minhas formações são em técnica em eletrônica, eletrônica, pneumática e alguma coisa de mecânica. A gestão foi por necessidade, conforme fui galgando postos na empresa. Então, em 1980, quando a saída do nosso fundador e os filhos assumindo, me convidaram a participar da diretoria, fazendo com que eu me interessasse mais na área da gestão.

Pergunta: E de que maneira a FIESC entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Eu sou presidente do sindicato das indústrias metalúrgicas, mecânicas e materiais elétricos da nossa região. Antes eu já estava na diretoria do sindicato e foi feito um convite irrecusável, e não pode dizer. Por ser presidente do sindicato e como todo sindicato é filiado a FIESC, associado, é que fui convidado a fazer parte da diretoria da gestão anterior e vice-presidente da gestão atual.

Pergunta: E como você avalia o papel da FIESC em desenvolver a promoção de inovação no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: Bom, a FIESC trabalha inovação em todos os campos, estimula as empresas a serem inovadoras no conceito que ela entende e que nós entendemos. É uma entidade ligada a confederação nacional da indústria, mas a peculiaridade do nosso estado é muito inovador. Se pegar os dados, a economia do nosso estado, territorialmente, menos de 2% e temos um PIB altíssimo, devido à diversidade da nossa matriz econômica. Então, a FIESC e dentro de seus departamentos de educação, através do SENAI, e saúde e qualidade de vida do trabalhador e da inovação de estágios da IEL, que são as 3 grandes casas da FIESC, em todas essas casas ela tem que desenvolver essa inovação.

Pergunta: E para você, bem objetivo, o que é inovação?

Entrevistado: Inovação é tudo o que você faz de novo, que é mercadologicamente viável. Isso é inovação. Se não for mercadologicamente viável, para mim não é inovação e sim invenção.

Pergunta: E como você avalia o ambiente de negócio para inovação em Santa Catarina?

Entrevistado: O estado como um todo, se você olhar ele, bastante diversificado e segmentado, eu diria que o conceito maior de inovação, ele desenvolveu mais em termo de inovação e marketing, na grande Florianópolis. Quando, a cidade tem o CELTA, Centro de Inovação por Excelência, e o conceito de inovação para estimular as empresas a buscar pela inovação, surgiu dentro da UFSC, que é a Fundação Certi.

Pergunta: Como está o estado de Santa Catarina no que se refere a inovação?

Entrevistado: Se você analisar uma empresa como a WEG, que e ela apresenta isso, que 55% do faturamento é provenientes de produtos que tiveram alguma inovação nos últimos cinco anos. Então mais da metade do faturamento vem dos produtos em que ela inovou. Além de inovar nos processos, é preciso inovar nos produtos que comercializa.

Se você olhar as indústrias têxteis da região, também começaram a inovar muito. A Hering é uma indústria têxtil. Qual o produto principal que ela trabalha? É uma fábrica de camisetas, e dentro dessa fábrica ela tem uma marca com mais de 800 lojas. Então ela transformou uma fábrica de camiseta em um produto, uma grife. A mesma coisa, se pegarmos Marissol, de varejo, está presente com as suas franquias e duas ou três marcas em potencial, em todo o país e inclusive fora dele, em lojas de shoppings. Inovou em seus processos, tornou-se uma grife e agregou valor.

Pergunta: E o que você compreende sobre ambiente de inovação?

Entrevistado: Se hoje trabalharmos em centros de inovação, há duas grandes finalidades. Apoiar e desenvolver que querem produtos inovadores, novas empresas e as que já existem. Nesses ambientes, tem que trabalhar a cultura inovadora, como uma matéria escolar. Colocar desde o início, apresentar para as pessoas o que é inovação, o conceito, que isso acabe sendo proposto que sempre precisamos empreender.

Pergunta: E quais são os grandes desafios na FIESC, no que tange pesquisa e inovação?

Entrevistado: Eu vejo que os grandes desafios, você formar núcleos de formação. E vejo, que a FIESC está dando um passo muito importante, que são os centros de inovação, que são três, e o centro de tecnologia. Mas aí vem o desafio constante. A FIESC, tem como grande desafio, é tirar da cabeça do empresário que existe verba fácil para investir em inovação. Essa verba não é fácil para investir em micro e pequenas empresas, por mais que você faça inovação, dissemina a ideia, as vezes os critérios para conseguir os recursos não são tão fáceis como as vezes são propagandeados.

Pergunta: O que é inovação para os diferentes stakeholders, como incubadora, parques tecnológicos, uma empresa tradicional, startup? O que se diferencia, em termos de inovação?

Entrevistado: Eu vejo que cada um tem seu papel, muito bem definido. Primeiro que quando se envolve grandes empresas, elas possuem uma estrutura interna para esse tipo de trabalho, com seus colaboradores, algum departamento, ao contrário. Entretanto, a grande vantagem das micros e pequenas, é que elas são mais ágeis na mudança de algum conceito. Agora eu vejo nesse desenvolvimento, é uma cadeia toda de stakeholders, você tem um relacionamento muito próximo com seus fornecedores e clientes. O que teu cliente espera de produtos inovadores, e falar diretamente com os fornecedores se eles conseguiriam atender com esses novos produtos para atender o mercado.

Pergunta: Você acha que há uma convergência no processo de promoção de inovação no estado? Entre os vários atores: Poder público, agência de fomento, entidades de classe, incubadores, IES?

Entrevistado: O que eu vejo, é que essas entidades de classe são em regiões, possuem atitudes muitas vezes, associativistas. Jaraguá mesmo, se você olhar, a integração academia/empresa existe na parte teórica, mas na prática não. Existe muito mais nas pessoas, e algumas, não todas. A própria academia não tem isso incorporada como um dos objetivos. O poder público, se você ver em âmbito municipal, muitas delas querem atrair empresas inovadoras, mas não se preparam para isso. Não se preparam para trazer empresas para se instalar em uma zona restrita, por que todos querem essas empresas, com valor agregado bastante grande, as vezes não geram tributos estaduais, mas geram ISS, que é serviços. Infelizmente eu vejo que o poder público não pensa em uma geração, pensa em uma eleição, na próxima. E tem pessoas boas que estão na gestão municipal e estadual que não são incentivados a montar um plano mais amplo.

Pergunta: Para finalizar, última pergunta, o poder público municipal, estadual e federal, tem trabalhado para que esse processo de inovação aconteça aqui no estado?

Entrevistado: Não, muito teórico e pontual. Eu tenho acompanhado muito a entidade FIESC, que tem trabalhado bastante a ponto de nós termos em Jaraguá hoje, um protótipo novo de um bloco novo para o centro escolar. Eu vejo o poder público tanto o municipal, que depende muito do repasse de valores do federal e isso muitas vezes não é aplicado na necessidade local. Eu vejo algumas iniciativas boas acontecendo aqui, com nosso ensino estadual, no qual eu participei, que é premiar a escola que participou de um projeto de sustentabilidade e economia. Ou seja, as escolas foram premiadas com seus ganhos de recurso fazendo economia simples, de papel, energia, água e gerou uma economia bastante grande. Elas ganharam um computador, que atualizou seus equipamentos, repassou e a gerência local de educação em parceria com outros, no caso do SENAI, adaptou, revisou, fez a manutenção e doaram o computador. Então, eu vejo, o poder municipal e estadual, precisam trabalhar entre si, de forma integrada. Eu vejo que temos uma competitividade para fazer captação e fazer eventos, mas não temos essa capacidade para integrar.

Pergunta: O senhor teria mais algum comentário?

Entrevistado: Não.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 10

Nome: Ator 10

Profissão: Gestor Incubadora

Formação: Graduação em Engenharia Mecânica – Mestrado: Engenharia de Produção

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Desde 2003.

Pergunta: Dentro da própria atividade de inovação na instituição?

Entrevistado: Naquela época se criou o projeto, com o intuito de criar produtos inovadores.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou na vida profissional do senhor?

Entrevistado: Tem algumas coisas interessantes. Grande parte da minha vida eu trabalhei em empresa privada e sempre dentro da área metal mecânica, eletrônica e petrolífera. Então, eu comecei a viver o contexto de inovação tecnológico, mesmo que não se usasse esse termo, em uma estatal de petróleo que o forte era fazer pesquisa geológica para detectar petróleo, já na década 60 e 70, na Argentina. Depois, quando eu vim para o Brasil e durante esse período, existiam muitos conflitos entre empresas multinacionais e estatais. As multinacionais diziam que não havia petróleo e se achava petróleo. Digamos que era conflitos comerciais. Então, a gente se via obrigado a tentar desenvolver tecnologia nacional, a modo que substituía as importações, que era muito difícil naquele momento.

Pergunta: E você privilegia inovação na sua trajetória profissional?

Entrevistado: Eu sempre trabalhei focado nessa área. Quando eu vim para o Brasil, a segunda empresa que trabalhei foi uma que produzia usinas de álcool, na época em que o álcool estava no auge no Brasil, e eu trabalhava no departamento de engenharia de projetos, onde desenvolvemos esse tipo de usinas entre 1977 até 1982. E os equipamentos que usávamos eram inovadores, pois eram trazidos da Alemanha para o Brasil.

Pergunta: E antes de 2003, o senhor vem se desenvolvendo inovação, privilegiando inovação aqui?

Entrevistado: Sim, isso foi no ano de 1977 até 1982. Mas após, fui para uma empresa que desenvolvia projetos de recuperação de óleos, para ferramentas e também era uma inovação, pois era a única empresa que desenvolvia esse tipo de serviço. E depois, fui para o ramo da informática, que era o início da era de tecnologia da informação, onde eram fabricadas nacionalmente, as primeiras impressoras, por exemplo. Eu trabalhava no departamento de engenharia de manufatura avançada, onde se desenvolvia todos os protótipos dos produtos, como impressoras.

Pergunta: E por que motivo, você se direcionou para a área de inovação?

Entrevistado: Na verdade, quando eu vim para o Brasil, no meu currículo por ser da Argentina, como engenheiro, tinha como especialidade a mecânica fina de precisão, que naquela época era muito raro encontrar naquela época. E essa especialidade está muito ligada à inovação tecnológica, por que faz parte da criação de novos produtos.

Pergunta: E de que maneira, depois, a incubadora entrou em sua trajetória profissional? Qual sua avaliação do papel dessa incubadora na promoção da inovação no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: Na verdade, eu vim do Rio de Janeiro pra Jaraguá, para gerenciar uma empresa de tecnologia tradicional. Quando comecei a fazer o mestrado, que foi feito na UNISC, que conheci Renato, coordenador dos cursos de engenharia. Ele já tinha iniciado um processo de criação de uma incubadora universitária, na UNERJ, em 1998. Depois ficou parado e ele me fez a proposta para trabalhar na universidade católica como professor e tocar o projeto de incubadora tecnológica. Nosso foco era ou de fazer uma incubadora tradicional ou nós fazíamos uma incubadora que desenvolvesse produtos de inovação tecnológicas, que agregasse valor. Nós pensamos na inovação incremental, pois a radical é muito rara de ser feita e são poucas. Então, nossa ideia foi trazer empresas, que trabalham conforme a matriz econômica da região, que é metal mecânico, têxtil e alimentício. Então, as primeiras empresas que falamos, foi na área de metal mecânico e TI, e na medida em que fomos divulgando o trabalho, muitos empreendedores com ideias inovadoras de produtos ouviram falar dessa incubadora.

Pergunta: E para você, qual foi a avaliação do papel da incubadora, desde 2003 para desenvolver a promoção da inovação no estado de Santa Catarina?

Entrevistado: O processo de amadurecimento junto com outras incubadoras, principalmente com o Instituto Gene. E um dos principais motivos para incorporar esse tipo de projetos, foi a criação da roda de inovação.

Pergunta: E quantas empresas e mais ou menos quantos funcionários passaram aqui pela incubadora?

Entrevistado: Aqui já passaram 18 empresas e 14 estão no mercado e em torno 200 funcionários. São micro e pequenas empresas de tecnologia. Algumas empresas ainda permanecem aqui, outras foram para o nordeste, Brusque é perto daqui. Mas grande maioria no estado de Santa Catarina.

Pergunta: E para você, o que seria inovação? Objetivamente.

Entrevistado: A partir do conceito de inovação tecnológica e para que ela se complete, tem dois conceitos de inovação. A inovação radical, que é a criação de produto ou processo que nunca foi feita antes, que traz algum benefício para sociedade ou para alguma empresa. E a Inovação incremental, que é a melhora de um produto, serviço ou processo existente, que se acrescenta um valor agregado.

Pergunta: E professor, como você avalia o ambiente no estado de Santa Catarina para inovação? Como você vê a cultura para receber essa inovação?

Entrevistado: Isso é um pouco complicado, porque o conceito de inovação, os trabalhos de inovação, tem um histórico que não acontece apenas no Brasil, a empresa privada procura a inovação nas universidades e no próprio governo. Tem um livro muito importante, que se chama o Estado Inovador, em que todo mundo critica o estado, mas quem mais faz inovação e ajuda a fazer inovação é o estado. Isso se repete no estado de Santa Catarina e no mundo todo. Se fizermos um levantamento, onde se tem grandes inovações são nas estatais. A empresa privada precisa sobreviver no mercado, então não pode gastar muito dinheiro para pesquisa de desenvolvimento, ou contratar pessoas que fiquem 2, 3 anos pensando como lançar um novo produto para o mercado, então elas são muito práticas.

Pergunta: Como está o estado de Santa Catarina, em termos de inovação?

Entrevistado: Hoje tem um projeto, que se chama Centro de Inovação, onde são 13 no estado, onde já foi inaugurado primeiro em Lajes, e algumas cidades estão estruturando. Mas isso é uma ideia de unificar a inovação tecnológica nos centros de

inovação que não são incubadoras, mas são centros de convivência para criação de startups, coworkings, um ambiente que vai atrair e vai se transformar em um distrito de inovação. É algo parecido com Palhoça.

Pergunta: E o que você compreende por ambientes de inovação?

Entrevistado: Ambiente de inovação é onde se cria uma sinergia, núcleos de inovação tecnológicos para um forte apoio de desenvolvimento, fundamental. E é fundamental que as IES incorporem essa cultura inovadora. Como o Instituto Gene dentro da FURB. O próximo passo, para poder vincular esse ambiente de inovação a alguma coisa que possa ser inserida no mercado com sucesso, é as aceleradoras de empresas, que nós estamos a desenvolver agora.

Pergunta: As incubadoras estão ainda na base da ideia? De solidificação das ideias?

Entrevistado: Claro, e da venda de produtos. Vamos dizer que a incubadora tem uma empresa que se destaque e precise de um empurrão mais forte para ir para o mercado. Ai entra o papel das aceleradoras, investindo o valor necessário para o projeto se concretizar.

Pergunta: Qual são os principais desafios da Incubadora no que tange pesquisa e inovação?

Entrevistado: Os desafios é der continuidade ao Jaraguatéc, pois não temos apoio governamental mais. Agora só a Católica apoia e o pagamento das próprias empresas incubadas, que é um valor simbólico. Então, o desafio aqui é financeiro. Mas naquele tempo de vacas gordas, conseguimos apoio da FINESC e montamos um laboratório de eletroeletrônica. Naquela época, podíamos participar de editais para conseguirmos possíveis recursos para a própria empresa incubada.

Pergunta: Vou pular uma pergunta e aproveitar já o que senhor esta falando. O poder público, tanto municipal, estadual ou federal, tem sido decisivo para a promoção da inovação no estado?

Entrevistado: A Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável do Estado que privilegia a inovação, desde a gestão anterior e trouxe um modelo de Barcelona para desenvolver no estado. Nós temos um projeto fantástico, que é os centros de inovações.

Pergunta: E no município?

Entrevistado: No município está começando a acontecer agora, com a ideia do distrito de inovação. Nos moldes de Palhoça. Claro que não é algo fácil para se fazer. Palhoça começou com o investimento imobiliário, e muitos prédios ainda não estão ocupados.

Pergunta: Como última questão, como você o futuro da Incubadora Jaraguatéc? Para 5 ou 10 anos?

Entrevistado: Bom, tu vêes que a Jaraguatéc tem quase 15 anos. Houve um momento de euforia, em 2010, em que se pensou ampliar a incubadora, para abrir mais investimentos, fazer um laboratório maior para pesquisas de desenvolvimento, mas com a crise começou a falta de recurso e a participação de empreendedores que entravam na incubadora. Aqui foram 14 empresas contempladas com o SINAPSE de inovação. Em 2016 não houve verba para isso. Nosso futuro está atrelado ao projeto do Centro de Inovação. Além de ser uma incubadora, nós trazemos os acadêmicos para desenvolver o TCC, para desenvolver algum estágio com as empresas incubadas. Nosso futuro é fornecer matéria-prima para os Centros de Inovação.

Pergunta: Senhor Entrevistado, tem alguma coisa que você não gostaria que aparecesse na entrevista? Ou tudo que está aqui pode ser posto?

Entrevistado: Não, não tem nada.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 11

Nome: Ator 11

Profissão: Sócia - Diretora

Formação: Técnica em Edificações / Estudante de Eng. Civil - UFPel

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistada: Há 1 mês.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistada: Minha vida profissional começou há pouco tempo, mas já conhecia o conceito de inovação, o contexto atual do mundo quase que nos obriga a conhecer e procurar inovações para suprir nossas necessidades.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistada: Sim, pois as mudanças que enfrentamos nesses últimos 2 anos, fez com que a sociedade necessitasse de inovações tanto na forma de estudar, trabalhar, comprar e se relacionar. Fazendo com que inovações relacionadas à essas atividades ganhassem cada vez mais espaço.

Pergunta: De que maneira o universo Startups entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistada: Entrou há pouquíssimo tempo, pelo convite de uma ex-colega para participar de uma startup, mas eu não conhecia quase nada desse mundo.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistada: Através de Startups o estado pode incentivar a inovação em outras empresas que ainda possuem um certo pé atrás para inovar.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistada: Maneiras / ideias diferentes de se realizar tarefas comuns.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistada: Acredito que está cada vez mais visto pelas empresas, com a ajuda das universidades e prefeituras está se tornando cada vez mais propício.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistada: Acredito que está em um bom caminho, mas precisa ser incentivado para melhorar o futuro da nossa economia.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistada: Ambientes que propiciem a criatividade, com tecnologias modernas e atualidades.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistada: Fazer com que as pessoas “comprem” a tua ideia de inovação, para que o negócio consiga se encaixar no mercado.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistada: Através do marketing e do produto/serviço oferecido.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistada: Sim, inovação em marketing, produtos, serviços, tecnologias.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistada: Não, pois muitas empresas já consolidadas no mercado não têm interesse em investir em inovação.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistada: Os poderes públicos apoiam a inovação através de ações de capacitação das empresas, concursos na área da tecnologia.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 12

Nome: Ator 12

Profissão: Sócio Fundador

Formação: Administrador e Mestre em Economia pela UFRGS

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 2 anos (desde abril/2019).

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Foi em 2011/2012, época em que eu atuava exclusivamente como docente. O contexto social brasileiro para a inovação era muito restrito a um seletivo grupo de startups, em regiões geográficas específicas no país e desconectadas umas das outras, sem ecossistemas estruturados.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim, porque vejo a inovação como um instrumento para o alcance do propósito social da empresa que fundei e também para a manutenção da minha motivação, principalmente quando estou frente a adversidades.

Pergunta: De que maneira o universo da Inovação entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Naquele período de 2011/2012 eu estava coordenando o laboratório de ensino-aprendizagem do curso de Administração do Centro Universitário Metodista IPA. O diagnóstico que fiz era que as atividades do laboratório não faziam sentido para os alunos, os quais sentiam-se obrigados a cumprir créditos previstos no currículo do curso e, também, não vi conexão das práticas exercidas no laboratório com o planejamento do curso. Busquei algo diferente que pudesse fazer sentido aos alunos, que cumprisse com a sua função de laboratório do curso e entregasse resultados sociais reais e significativos. A inovação foi o instrumento adequado, a meu ver, pois ela proporcionou a criação de atividades colaborativas e relevantes. A partir de então, o curso abraçou a inovação como um de seus valores, o qual passou a incorporar o planejamento pedagógico do curso e, por decorrência, passou a ser objeto de reuniões pedagógicas, cursos, eventos e atividades intra e extracurriculares.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado: De maneira ampla, uma startup serve de inspiração e referência de que a inovação não é algo distante da nossa realidade, exclusiva de estrangeiros ou de alguma determinada categoria de profissionais. Ela mostra para cada gauchinho e cada gauchinha que inovar é algo natural em nossas vidas e que levar essa naturalidade quando nos tornamos gaúchos e gaúchas pode gerar resultados quer sejam profissionais e pessoais, individuais e coletivos, financeiros e educacionais, econômicos e emocionais, difíceis de mensurar, mas fundamentais para melhorarmos o ambiente onde vivemos.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Inovar está relacionado com evolução, com melhoria contínua. Para inovar, nós devemos melhorar em relação a nós mesmos como indivíduos e como comunidade, quer seja em uma empresa ou em relações familiares ou sociais. Inovar é desenvolver um senso coletivo ao mesmo tempo em que desenvolvemos a nossa noção de responsabilidade como indivíduos.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Está se abrindo. Assim, no gerúndio. Lentamente, mas avançando, apesar de termos uma cultura rançosa avessa ao novo e ao diferente. Essa cultura fechada somada a um Estado falido faz com que sejam buscadas relações e financiamentos externos, os quais são os principais responsáveis por viabilizar a maior parte das startups gaúchas e a formação de educadores em inovação. Essas duas forças, startups gaúchas que se consolidam e educadores em inovação, constituem os alicerces para a geração de empregos, por um lado, e de mão de obra qualificada, por outro. Aos poucos, muito aos poucos, o efeito prático da inovação na sociedade vai sendo percebida e seu espaço tem aumentado, tanto na esfera pública como na privada.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Atualmente há mais aceitação à inovação como instrumento de transformação social, tanto na esfera pública como na privada. A pandemia da covid-19 também foi um fator que gerou maior conscientização quanto à necessidade das empresas estarem atualizadas ao contexto atual e também quanto à necessidade dos governos estadual e municipais de abrirem espaços em suas políticas para a promoção da melhoria dos ecossistemas regional e locais.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: São espaços de oportunidade dos quais surgem soluções que resolvem problemas reais.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: Elas são um laboratório de oportunidades para avançar as bases educacionais com dados e resultados locais e regionais. Além de oportunizar um ambiente de pesquisa integrado com universidades e demais instituições de ensino, as startups também têm o potencial de gerar soluções para os problemas comunitários. Por fim, as startups podem ser as viabilizadoras comerciais de soluções desenvolvidas em pesquisa acadêmica, de forma que essas soluções cheguem a quem realmente necessita delas.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: A diferenciação se dá principalmente em relação aos objetivos e à velocidade. Por exemplo: uma inovação gerada em uma empresa tradicional tem algum objetivo diretamente relacionado com os interesses da empresa (como redução de custos, ampliação da participação no mercado, criação de novo mercado, atualização do modelo de negócio, etc); já uma inovação gerada em Parques Tecnológicos pode ter vários objetivos, para vários entes inter-relacionados nesse ambiente (como uma atividade de carreira para jovens empreendedores, derivação de uma pesquisa acadêmica, etc).

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Do ponto de vista conceitual, sim. Mas na prática inovação é aquela que gera benefícios para os indivíduos e para a coletividade.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Como dito antes, está melhorando, mesmo que timidamente. Do ponto de vista público, temos poucas lideranças políticas que incluíram a inovação como uma de suas pautas de atuação em seus cargos, quer sejam eletivos ou não. Já o funcionalismo não tem incentivos para absorver e desenvolver uma mentalidade inovadora e estão distantes dessa realidade, assim como as entidades de classe. Os parques tecnológicos e incubadoras são os espaços mais evoluídos, embora ainda deixam muito a desejar quando comparados com similares de outros estados do país. Já as empresas estão sentindo o impacto da pandemia da covid-19 e estão começando a acordar, a meu ver.

Aos poucos, as poucas lideranças em cargos públicos vão conversando e convergindo com parques tecnológicos, agências de fomento, entidades de classe, empresas e incubadoras. Porém, o estado do Rio Grande do Sul está falido e a margem de apoio efetivo é muito estreita. Já as empresas estão sufocadas por encargos tributários que desincentivam a inovação, a começar pelo ICMS elevado.

Enfim, estamos convergindo mais do que antes, mas ainda há muito a evoluir.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Definitivamente, não! O que há de inovação no estado iniciou-se sem apoio do poder público há muitos anos atrás e financiado por agentes externos ao estado ou por poucas iniciativas privadas do RS. Apesar de haver no governo atual maior alinhamento com a inovação, ainda é cedo para afirmar que o poder público será ativo com políticas duradouras, independente de qual partido esteja no governo.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 13

Nome: Ator 13

Profissão: Diretor

Formação: Ciência da Computação

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 8 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Em 2013, quando me mudei para São Paulo pela primeira vez. Percebi que recém iniciava no Brasil o movimento de startups e comecei a participar de TODOS eventos para descobrir e entender aquele meio.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim. A inovação aumenta a competitividade das empresas. E você se torna um líder ao invés de seguidor.

Pergunta: De que maneira o universo Startups entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Participando de todos os eventos do setor quando me mudei para São Paulo, tendo contato com aceleradoras, investidores e empreendedores.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado: Extrema. Se houver mais startups, teremos um estado mais empreendedor e inovador, que, conseqüentemente, gera empregos, renda e a inovação eleva a qualidade dos serviços.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Um conceito que deveria ser transformado em metodologia para ser aplicado amplamente em todas empresas, independente de setor.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Ótima, possuímos os melhores (e maiores) parques tecnológicos do Brasil. Que geram mais de 10mil empregos diretos e renda de +4bi ano. Porém, somos péssimos em nos “vender” como ecossistema. Preferimos olhar pro vizinho do lado com meia dúzia de cases, ilha do silício mágica, sendo que temos MUITO mais cases de sucesso por aqui.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Resposta 6.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Compreendo tudo. É uma grande engrenagem com vários stakeholders.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: O principal desafio de QUALQUER startup é atingir o product market fit, e não morrer. O resto é matar um leão por dia, normal para quem inova.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: São aproachs diferentes. A inovação para um parque é ser um centro de referência, para as startups é o desafio de criar disrupção, para empresa tradicional é o pão e água para não morrer.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Incrementar e radical.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado de Santa Catarina por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Não. Apenas sabem se vender de forma “cool”. Sobre SC, deveria ter mais cursos de tech, formam muito pouco profissional de TI raiz.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Não. Uma boa iniciativa, sem fins lucrativos, criada de empreendedores para empreendedores é a www.agstartups.org.br



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 14

Nome: Ator 14

Profissão: Assessor da Reitoria UCPel / Gestor da Incubadora CIEMSUL

Formação: Engenharia Agrícola

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: 08 anos / 04 meses

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: O conceito de inovação entrou na minha vida profissional de uma forma mais definida quando trabalhei na área comercial de uma grande empresa de alimentos, atuando na área comercial, desenvolvendo novos produtos, sistemas de venda e mix de produtos.

Esta experiência ocorreu em meados dos anos 90, onde o acesso à tecnologia era muito restrito em função do “fechamento” do país e dificuldade de importação de equipamentos. Apesar do quadro, nesta época foi iniciado uma modernização, principalmente na indústria.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim. A inovação está presente no dia a dia das pessoas e empreendimentos, sendo a forma de desenvolver novas oportunidades e permanecer ativo com possibilidades de crescimento e/ou sobrevivência no mercado.

Pergunta: De que maneira o Parque Tecnológico entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Incubadora desenvolve para a promoção da inovação no estado do Rio Grande do Sul?

Entrevistado: O Pelotas Parque Tecnológico entrou na minha trajetória profissional quando trabalhei na Prefeitura Municipal de Pelotas, onde tive a oportunidade de acompanhar as consultorias e integrar os grupos de trabalho que conceberam o seu funcionamento. Já como colaborador da UCPel, participei do Conselho Municipal de Tecnologia, onde colaborei no engajamento dos partícipes do TECNOSUL (Associação que faz o gerenciamento do Parque) e na estruturação do seu regimento.

As incubadoras de empresas são de grande importância para o fortalecimento do ecossistema local de empreendedorismo e inovação, visto que, as chances de uma ideia tornar-se um negócio sustentável, aumentam muito quando passam pelo processo de incubação, pois, existe um acompanhamento do negócio, capacitação dos empreendedores envolvidos, mentorias e conexões com os setores público e privado.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Um novo produto/serviço ou melhoria de um já existente que gere valor as pessoas e/ou organizações.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação no RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Avalio como favorável, visto que, a necessidade de inovar está cada vez mais presente no dia a dia da nossa população e do nosso empresariado como forma de crescimento e até de sobrevivência em um mercado cada vez mais disputado e globalizado.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: O Rio Grande do Sul possui excelentes instituições de ensino e pesquisa, um parque fabril robusto e um nível de educação de sua população superior à média brasileira. Estes fatores contribuem para que o nosso estado seja um dos mais inovadores do Brasil.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: São espaços, fomentados por diversos interessados, voltados a implementação e desenvolvimento de ideias em produtos e/ou serviços inovadores, sustentáveis e rentáveis.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma incubadora no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: As incubadoras têm como principais desafios instigar e estimular os empreendedores para que tenham foco na resolução de problemas da sociedade. Fazer a integração entre os cursos de graduação e programas de pós-graduação que produzem conhecimento e novas tecnologias com os empreendedores que podem disponibilizar à sociedade de uma forma mais efetiva e rápida, o know-how criado dentro da Academia.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: Na minha opinião, o processo de inovação é único, sendo que, cada stakeholders contribui de forma específica para a consolidação da ideia inovadora.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Sim. Inovação radical, inovação incremental, inovação disruptiva e inovação de sustentabilidade.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Na minha percepção, está cada vez mais presente nas estratégias de inovação dos diferentes atores, a necessidade da colaboração entre os stakeholders e racionalização dos recursos disponíveis

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: A ação do poder público nas suas três esferas é de vital importância para que ocorra inovação no estado do RS, visto que, podem determinar políticas públicas favoráveis; propiciar programas de fomento; injetar recursos; fomentar a aproximação do ente estatal, empresas, instituições de ensino e pesquisa e sociedade organizada; entre outras ações possíveis.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 15

Nome: Ator 15

Profissão: Sócia Proprietária

Formação: Engenheira de Computação

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistada: Há 2 anos

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistada: O conceito de inovação começou a ser tratado ainda em sala de aula na disciplina de Sistemas Operacionais, nosso professor um entusiasta da inovação sempre trouxe assuntos pertinentes. Naquele momento era passado que a inovação mudaria nossa forma de agir, de pensar e nosso comportamento social como um todo.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistada: Acredito que novas formas de pensar e de viver podem ter contribuído na minha trajetória. Desde pequena me sentia atraída por dispositivos eletrônicos, gostava não somente de utilizar como também de mexer neles. Ao terminar meu curso técnico de eletrotécnica, entrei no mercado de trabalho e tive a certeza de que queria realmente fazer algo relacionado a computação. Gosto bastante de tecnologia, entender ela, desenvolver ela, e principalmente hoje eu percebo que o que realmente muda o mundo é o ser humano usando a tecnologia, são suas inquietações e necessidades humanas que nos levam a buscar novas tecnologias para resolvê-las e ampliar nossas possibilidades.

Pergunta: De que maneira o universo Startups entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistada: Com o auxílio da UCPEL, ao terminar o curso imediatamente dei andamento em estruturar e colocar a Dream Tech pra rodar. Com ajuda dos professores do curso tive acesso ao edital do CIEMSUL, ao entrar para o grupo então conheci todo pessoal das startups da região, embora já conhecesse alguns, aqui tive a oportunidade de convivência com os mesmos.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistada: Uma das suas maiores contribuições que eu percebo está relacionada ao movimento de gerar uma resolução de um problema ou situação que acometa maior parte da população, gerando então uma solução em massa. E para o estado gera riqueza, desenvolvimento humano, novas possibilidades.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistada: É criar ou desenvolver algo que a comunidade de usuários até o presente momento não tenham percebido ou sentindo sua necessidade, algo que até o momento antes de seu desenvolvimento todos utilizavam de uma forma analógica e sem imaginar que poderiam utilizar determinado produto ou serviço de uma forma diferente, e que partir do momento que se cria uma nova forma de utilização de serviço ou produto, isso se adapta rapidamente a todos de forma que a grande maioria não queira mais utilizar da forma antiga.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistada: Hoje percebo que com a maioria das pessoas, de posse de seus smartphones, sempre conectados e visualizando a todo momento uma chuva de informações e de novas possibilidades, eu acredito que os gaúchos estejam um pouco mais abertos a utilização e a experimentar. Ainda a passos lentos, mas percebo uma maior aceitação de que a tecnologia está disponível para gerar e criar uma nova forma de viver com mais conforto, controle, segurança, informação e praticidade.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistada: Pelo que acompanho através da internet, nosso estado está sempre buscando fomentar a inovação, busca também investimentos e estamos a frente de estados como Santa Catarina. Temos muito o que crescer, percebo que é um estado que tem grande potencial.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistada: Algo novo pode ser gerado a qualquer momento ou ambiente. Mas esses ambientes onde se encontram várias startups, acabam propiciando o desenvolvimento de novas soluções. O ecossistema gerado por um parque tecnológico por exemplo colabora no desenvolvimento de novas ideias.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação? Sempre acreditei que não existe desafio sem solução, o que falta para solucionar o desafio são competências que ainda não foram desenvolvidas por quem está a frente da inovação. Obvio que no quesito pesquisa estamos com poucos recursos, mas isso não pode ser um limitador, tão pouco uma desculpa. Não carrego comigo algo que possa ser dito como desafio externo. Maiores desafios de gerar uma inovação e de criar algo novo estão nas competências por mim ainda não desenvolvidas, mas é algo que se pode aprender e ir gradualmente para o próximo passo.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistada: A diferença está na forma de conduzir ou de disponibilizar o produto e a solução.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistada: Inovação pode ser uma nova forma de consumo de algo que já era por nós utilizado, ou um novo produto, ou uma nova forma de utilizar um serviço.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistada: Acredito que existam hoje muitas pessoas envolvidas com boas ideias e boas intenções de ajudar, porém percebo uma demora, não diria convergência, mas acredito que ainda temos muito a melhorar nesse quesito, as instituições de ensino estão cada vez mais próximas do empreendedor, mas na nossa região o poder público municipal não tem uma participação ativa.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistada: Não de forma alguma, nunca obtive ajuda do poder público, minha empresa é incubada numa instituição privada.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 16

Nome: Ator 16

Profissão: Secretário de Planejamento e Gestão do Município de Itaara

Formação: Superior Completo – Mestrado em Engenharia de Produção

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 3 meses.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Durante a primeira graduação (Administração), onde através de experiências dos docentes da época destacaram a importância do processo de inovação. Era um contexto social desse momento, era de buscar mais informações e de como aplicar em minha formação.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim, durante a minha primeira experiência profissional, ainda durante o período acadêmico, percebi que a inovação, deveria ser uma constante em minhas ações. Pois, para alcançar resultados mais amplos, não poderia usar das atuais estratégias que seguia, percebi que inovar, me levaria a alçar novos rumos. E de fato me levaram.

Pergunta: De que maneira a Prefeitura Municipal entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a Prefeitura Municipal desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado: No início do ano, havia recebido o convite para fazer parte, do secretariado da atual gestão, porém acreditava que não seria possível implementar processos administrativos e inovadores, de uma formação de mais de 20 anos em vida privada, na gestão pública. Porém após buscar mais informações sobre o plano do governo, e a grande possibilidade de inserir os conhecimentos adquiridos na gestão pública, me fizeram aceitar o convite.

Hoje percebo que a inovação deve estar em todas as secretarias do governo, buscamos alinhar nossas estratégias em busca de inovar sempre, pois somente assim, conseguiremos fazer implementar uma nova cultura, a qual é possível, é dever trabalharmos com a inovação no meio público.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Acredito que a inovação possa ser definida não somente com algo inédito, mas sim uma melhoria que irá gerar mais valor para indivíduos e para a sociedade. Diferente de muitos conceitos, acredito que inovar não necessariamente precisa estar relacionado ao conceito de tecnologia, inovar é buscar novas formas de solucionar os problemas diários de forma mais rápida e ecologicamente sustentável.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação no RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Vejo um avanço nos últimos anos, mais ainda precisamos acelerar esse processo, inovar deve estar presente em todas as culturas em todas as classes, a cultura do gaúcho é muito receptiva para receber a inovação ao meu ver.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Vejo alguns avanços mas é necessário a criação de mais planos governamentais, para explorarmos mais os princípios inovativos.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Vejo como espaços culturais que estimulem a pesquisa e o desenvolvimento. Precisamos ampliar esses espaços e dar acesso a todos as classes.

Pergunta: Quais são os principais desafios de um órgão público municipal para a promoção da pesquisa e a inovação?

Pergunta: Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Sim, inovação radical, semi-radical ou incremental.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Infelizmente não, vejo ainda muita divergência ainda, pouca inserção do poder público em parques tecnológicos e incubadoras, por exemplo.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Deveria ter, mais ainda não vejo isso.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 17

Nome: Ator 17

Profissão: Controller de Finanças

Formação: Administração com ênfase em Comércio Exterior

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 4 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Meu primeiro contato com o tema de inovação foi durante a graduação através das aulas de Empreendedorismo e Inovação, onde pude explorar e entender mais sobre tais conceitos e quão relevantes são para que as empresas sigam crescendo e se adaptando as mudanças de mercado, inclusive muitas vezes causando e liderando as próprias mudanças no mercado.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: A inovação para mim tem um peso fundamental uma vez que critica o status quo e avalia diferentes formas de fazer algo que sempre foi feito daquela forma. Inovar não significa criar algo novo somente, mas muitas vezes evoluir modelos, análises, formas, produtos e assim por diante. Motivo pelo qual, valorizo a inovação em cada aspecto do meu dia-a-dia.

Pergunta: De que maneira a empresa em que atua atualmente entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a sua empresa desenvolve para a promoção da inovação no estado do Rio Grande do Sul?

Entrevistado: A empresa Dell Technologies entrou na minha trajetória profissional quando eu estava em busca de uma multinacional para desenvolver minhas habilidades financeiras. Consegui ao longo dos anos desenvolver diariamente minhas habilidades e perceber que a Dell, por ser uma empresa de tecnologia, possuía uma abertura grande para novas ideias e, portanto, inovação. Hoje a Dell é líder de mercado com seus produtos, mas seu principal ativo são os profissionais de ponta em todas as áreas – desde contabilidade, marketing, vendas até TI. Isto tudo se dá pelo excelente trabalho da liderança em promover um ambiente aberto a novas ideias e tecnologias.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Para mim, de forma simples, inovação é a ação de realizar algo diferente com sucesso.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação no RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Eu acredito que o RS tenha enraizado uma cultura tradicionalista com pouca abertura para ideias diferentes, principalmente vindas de fora do estado. Pode ser que esta minha percepção seja errada, mas geralmente a reação que percebo quando alguém de fora traz alguma ideia, a primeira reação é sempre de proteger o que já temos ao invés de adaptar/inovar para algo diferente.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Eu não tenho grandes conhecimentos a nível do RS, mas eu diria que estamos atrasados.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Desconheço os ambientes de inovação.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma grande empresa no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: Hoje temos um grande desafio em nossa cia que é encontrar profissionais capacitados para liderar tais temas no RS e principalmente convencer as altas hierarquias que a mudança se faz necessária.

Pergunta: Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: Eu acredito que quanto mais direcionado os stakeholders estão para o tema de inovação, mais ideias são discutidas, testadas e implementadas. Quando comparo um parque tecnológico, incubadora ou startup versus uma empresa tradicional, imagino que parte do tempo da empresa tradicional é focado em discutir inovação enquanto demais stakeholders possuem em seu DNA a prática de inovação, ou seja, o tempo dedicado à inovação é muito maior e, portanto, a testagem e implementação das ideias.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Entendo que existem inovações em todas as áreas da empresa, desde estratégia, rota de mercado, produto, marketing, processo, análises, produção e assim por diante.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Os únicos movimentos que conheço são promovidos por entidades privadas, como universidades em parceria com parques tecnológicos e/ou outras entidades privadas.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Desconheço, mas se pudesse arriscar, meu entendimento é que existe pouco incentivo à pauta.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 18

Nome: Ator 18

Profissão: Gerente de Relacionamento com o Mercado

Formação: Ensino Superior completo (Relações Internacionais)

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistada: Há 6 meses.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistada: A pauta entrou há 9 anos, quando iniciei minha carreira em uma entidade empresarial. Como o foco era capacitar empresários e empresárias em temas relacionados à gestão, a inovação era um tema presente. O foco da entidade na época era em metodologias como design thinking e processo ágil e os impactos de novas tecnologias como blockchain que haviam surgido há poucos anos. Diversas empresas unicórnio brasileiras estavam surgindo nessa época. – iFood, Quinto Andar, Nubank, etc.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistada: A inovação como mindset sempre esteve presente na minha trajetória, busquei sempre acompanhar o mercado e tendências e aplicar em diferentes contextos. Porém, como objeto de trabalho a pauta foi e voltou como prioridade na minha trajetória de acordo com a empresa que eu atuei.

Pergunta: De que maneira a entidade que representas nesse momento entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a sua Entidade de Classe desenvolve para a promoção da inovação no estado do Rio Grande do Sul?

Entrevistada: Através do meu networking profissional. Desde que a entidade foi criada tive pessoas próximas a mim na liderança do projeto. Em 2020, fui convidada por um antigo líder para me juntar ao time.

Vejo o papel do Caldeira como um grande aglutinador das diferentes iniciativas que acontecem no Rio Grande do Sul, uma espécie de “one stop shop” para a inovação no Estado, onde todos os atores possam se plugar em rede.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistada: É um mindset que busca olhar um fato/problema por outras lentes, buscando sempre algum processo de mudança, transformação ou invenção, que gere impacto positivo e evolução.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistada: Sinto que o RS “dormiu” no ponto nos últimos anos em relação a pauta, mas o momento atual está extremamente propício, há uma espécie de “fear of missing out” por parte das lideranças empresariais para se conectarem com o tema. É necessário que o poder público se conecte com essa pauta para fazer transformações na burocracia e incentivos para um ambiente de negócios mais competitivo.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistada: Vejo o Estado competitivo, somos um dos principais “fabricantes” de startups no Brasil, temos a força da academia e parques tecnológicos, além de capital humano abundante. Precisamos diminuir a burocracia e incentivar empresas de base tecnológica, além conectar esses diferentes atores do ecossistema para avançarem com pautas complementares para reforçar o ecossistema como um todo, sem dissipar tantos esforços.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistada: Ambientes de inovação para mim devem apoiar iniciativas através de articulações de parcerias com diferentes atores, possibilitar acesso à capital para empreendedores e projetos, oferecer infraestrutura e capacitação para desenvolvimento de projetos em diferentes níveis.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma entidade de classe como a sua no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistada: Temos o desafio de aproximar de forma efetiva a universidade da iniciativa privada. Temos intenção de atrair partes do campus de players de educação para dentro do hub para auxiliar neste desafio, para que a pesquisa também aconteça diretamente lá de dentro e gere frutos para as empresas que estão lá alocadas.

Pergunta: Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistada: Para aplicar a inovação internamente, todos os players devem partir do mesmo ponto de partida, trabalhando o mindset e cultura da inovação em primeiro lugar. Dentro do ecossistema, acabam existindo players que são de fomento, tem o papel de conectar diferentes atores e iniciativas e acesso à capital, como os parques e hubs de inovação. Atores como incubadoras e universidades irão atuar no desenvolvimento e educação voltados para inovação. As startups são a grande fonte do produto da inovação em si, é lá que as tecnologias mais disruptivas costumam aparecer. As empresas tradicionais precisam beber desta fonte, trazendo negócios com startups para dentro do seu dia a dia, mas buscando também transformar suas estruturas internas para que possibilitem a inovação a surgir internamente também.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistada: Sim, há a inovação incremental, onde se aprimora um processo/produto já existente, e a inovação disruptiva, onde o novo produto é totalmente inédito e não se pode comparar a algo que já existia.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistada: É um grande desafio a promoção de uma pauta conjunta e convergente, sinto que falta muito mais diálogo e cooperação entre os diferentes atores, de forma que existam programas e iniciativas que possam se complementar e acontecer com o peso institucional e de inteligência de todos os players, ao invés de dissiparmos tantos recursos em diferentes projetos.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistada: Infelizmente muitas vezes o poder público acaba influenciando negativamente, ao contribuir com uma agenda burocrática e que não incentiva a pesquisa, inovação e o empreendedorismo – além de não trazer a pauta como fundamental na área da educação.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 19

Nome: Ator 19

Profissão: Gestor

Formação: Superior completo

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 14 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional?

Entrevistado: No início da Pandemia, pelo critério de necessidade.

Pergunta: E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Muitas instituições tiveram as suas atividades impedidas pela necessidade do distanciamento físico, seguido por decretos de fechamento e era preciso se reinventar.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória?

Entrevistado: Sim. Da mesma forma que sou um privilegiados por iniciativas de inovação.

Pergunta: Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Primeiro foi a necessidade, depois por oportunidade de preencher lacunas com o feedback do que testamos anteriormente.

Pergunta: De que maneira o universo da Inovação entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Através do networking com consultores e clientes, circulação em hubs de inovação e tecnologias (TecnoPuc, TecPark, Zalpy, etc) e, por fim, na docência.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado: Acredito que empreender possui muitas habilidades que te levam à inovação. O fato de gerar negócios para o preenchimento de lacunas impactam de forma benéfica na sociedade.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: É a entrega de um novo valor, que impacta de forma significativa para mudar o mundo à sua volta.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Vejo que temos muito ainda a trilhar. Os esforços são visíveis, mas ainda há paradigmas a serem quebrados. Vale do Sulício, por exemplo, é mais um nome de batismo do que uma realidade. Parece-me que a cultura ainda é um entrave.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Respondida na 8

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: São micro e macro ambientes que devem funcionar de forma sinérgica para que haja sempre a necessidade de mudança, de descoberta de novos rumos, de checar possibilidades de melhorar a vida das pessoas.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: Barreiras políticas, tributárias, capital, patrocínio e continuidade.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: Se diferencia quando é colaborativa e multidisciplinar. É contínua, quando a entrega do novo é um Mile Stone, uma referência que já precisa da busca de alternativas, algo ser superado logo ali na frente.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Basicamente, radical e incremental, quanto ao seu nível de destruição. Quanto ao tipo, temos de produto/serviços, processo, marketing, organizacional.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Questão 8, acrescentando que percebo alguns bons ensaios, de forma isolada, na prefeitura de Porto Alegre.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Questão 8



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 20

Nome: Ator 20

Profissão: Presidente-executivo

Formação: Administrador de Empresa

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado:

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional?

Entrevistado: Nos anos 90, quando participei de grupo que trabalhou na evolução do sistema de marcação de ponto, pois os sistemas que existiam eram morosos, e foi utilizado uma tecnologia que não era disponível no Brasil.

Pergunta: E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Não existia estímulo para inovação, tão pouco se falava nesse tema.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim. Entendo que a inovação é essencial para a evolução das pessoas e das empresas.

Pergunta: De que maneira a entidade que representas nesse momento entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Em 2010, quando fui chamado para participar da cartilha de segurança em máquinas e equipamentos para calçados e depois, para a construção do anexo X da NR12.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a sua Entidade de Classe desenvolve para a promoção da inovação no estado do Rio Grande do Sul?

Entrevistado: A Abicalçados participa de grupos para promover a inovação no Rio Grande do Sul. Recentemente a Rede RS Indústria 4.0 lançou um portal com o objetivo de reunir informação e conhecimento para difundir a cultura 4.0 e a Abicalçados faz parte dessa iniciativa. A intenção da Rede RS Indústria 4.0 é ser referência em Indústria 4.0 para todo o Estado, por meio de um ecossistema que busque essa nova jornada.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Entendo como inovação uma novidade ou melhoria que possa ser implementada no mercado e que gere valor para as pessoas e para as organizações.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Percebo que alguns setores já compreenderam que a inovação é condição essencial para aprimorar os produtos e manter a competitividade. Como mostra o índice FIEC de inovação, o estado é o terceiro mais inovador do país. Além disso, o Rio Grande do Sul possui programas de fomento para apoiar a inovação o que é de grande valia para a promoção da mesma.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Hoje o estado possui a SICT - Secretária de inovação, ciência e tecnologia que atua nas parcerias entre universidades e empresas, na modernização

de setores tradicionais da economia, como o calçadista, além de fomentar à inovação nos negócios.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Entendo que é um espaço destinado a inovação e a pesquisa.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma entidade de classe como a sua no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: No cenário atual, inovar virou sinônimo de sobrevivência para as empresas e sendo a inovação em produtos ou em processos esse é o motor do desenvolvimento. Sendo que, o maior desafio é incluir a necessidade de inovar na cultura dos setores mais tradicionais, como o calçadista.

Pergunta: Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: Ao longo dos últimos anos, o governo vem buscando desenvolver novos empreendimentos a fim de promover e estimular a inovação. Sobre a prática da inovação nos Parques Tecnológicos, o objetivo é implementar a cultura da inovação e da competitividade das empresas. Já essa prática nas incubadoras, entendo que tem a intenção é criar valor para as empresas através da inovação. E, na spin off, a prática da inovação é através da criação de um novo modelo de negócio a partir de uma empresa já existente. Nas empresas tradicionais, a inovação geralmente é praticada quando empresa deseja crescer ou melhorar os processos.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Sim, conheço três tipos de inovação, a de processos, de produtos e serviços e geral e setorial.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Entendo que sim, e o Startup LAB é um exemplo, sendo coordenado pela Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia (SICT), conta com objetivos que interligam todos os diferentes atores.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Com certeza! Através de projetos para apoiar a promoção da inovação.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 21

Nome: Ator 21

Profissão: Board of Director

Formação: Administração

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 4 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Mais profissionalmente em 2012 quando decidi escrever um artigo para aplicar para o XXII Enbra (Encontro Brasileiro de Administração) e para o VIII Mundial de Administração - sobre o papel do Administrador e o mercado de Startups. Percebi naquele momento que o cenário de startups/Inovação no Brasil era muito inicial, quase ninguém sabia sobre esse modelo no país...

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim, por perceber oportunidades de negócio... de estar sempre um ou alguns passos à frente da concorrência.

Pergunta. De que maneira o universo da Inovação entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Após escrever o artigo para o congresso percebi que haviam muitas oportunidades, então comecei a visitar feiras de inovação e tecnologia no Brasil e no exterior. E quando percebi já tinha minha própria e primeira Startup, depois disso fui entendendo melhor o ambiente e não parei mais de observar a relação problemas reais x soluções possíveis.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado. Tem papel fundamental, pois vivemos em um sistema ainda atrasado em relação ao desenvolvimento dos negócios e os negócios que temos são muito engessados e complexos! Trazer soluções rápidas, simples, sem burocracia e com custos reduzidos faz parte do DNA das Startups, precisamos disso!

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Encontrar uma alternativa para solucionar algo com EFICIÊNCIA, seja com o uso de tecnologia/software ou não... que gere resultados ainda melhores...

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: O ambiente inovador no RS de longe não é o mais atraente no Brasil, temos um regionalismo/bairrismo que atrasa muito a evolução e desenvolvimento de negócios inovadores. Em contrapartida, é um excelente cenário para testes, se a inovação conseguir quebrar a barreira cultural imposta no nosso Estado, terá grandes chances de escala.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Percebo várias iniciativas, o que mostra uma tendência positiva a médio e longo prazo.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Compreendo ser um conjunto de ferramentas, players, oportunidades, incentivos, orientações, experimentações / testagens, Mindset aberto e disruptivo...

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: Recursos (principalmente de pessoas e de dinheiro).

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: A diferenciação tem relação com o Mindset - e é isso que define a linha de atuação de cada player no mercado e o nível de maturidade de cada um... para não só aceitar a inovação, como implantá-la no seu ambiente corporativo.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Do ponto de vista acadêmico sim, mas do ponto de vista operacional só tem um jeito de inovar: ter a necessidade de melhorar um produto/serviço ou processo e aplicar novas ideias.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: De certo modo sim. A iniciativa INOVA RS tem chamado a atenção porque envolve não só a Gestão Estadual, mas movimentada também a gestão Municipal e players locais.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Não tem sido decisivo, porém há ações importantes que o poder público está envolvido para fomentar a inovação no Estado.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 22

Nome: Ator 22

Profissão: Diretor de Recursos Humanos do IAHCS

Formação: Administração

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado:

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: O contexto inovação sempre foi instigado na família e o compreí deste cedo, me percebendo no ecossistema da inovação desde o segundo grau técnico, quando fiz mecânica na Escola Técnica Parobé e logo entrando nas Engenharias Mecânica e Metalúrgica no ensino superior. De fato, a ação direta em inovação, se deu dentro das Forças Armadas, quando, para melhorar um processo de ensino bélico em 2011, escrevi um estudo de viabilidade e consegui colocar em prática logo em seguida, o Projeto iPad na sala de aula. Em 2013, quando já tinha alguns resultados registrados deste projeto, fui convidado a participar de um evento fechado da Apple – evento voltado à Lideranças do Ensino nas Américas. Neste evento vários projetos foram apresentados e, naquela oportunidade, pude observar o que a tecnologia e a inovação do ensino estavam contribuindo para o desenvolvimento social, sobretudo, oportunizando à crianças de grandes periferias de vários países acesso à conteúdos que dificilmente teriam, não fosse pelos professores buscando inovar nos seus métodos.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim. Como educador, também, e, em função da experiência vivenciada no quesito modernização do ensino, sempre busquei métodos inovadores e buscando exemplos práticos para melhor aplicar os conceitos. Isto também me levou a trabalhar muito com dialética nos conceitos e a criatividade para construir novos pensares.

Pergunta: De que maneira o universo da Inovação entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Demanda interna. Foi pensando no que fazer com milhares de apostilas que eram deixadas após término dos cursos, nos recursos aplicados ali, materiais e financeiros, e, principalmente, conseguir reciclar todo aquele material, me fizeram pensar em novos métodos e práticas para o processo de entrega de conteúdo. O iPad mal havia entrado no Brasil e eu já havia tido contato com algumas leituras sobre as possibilidades e iniciei o estudo de viabilidade para colocar em prática no meu ambiente de trabalho.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado: Mesmo tendo contato com incubadoras e com algumas StartUp's, ainda tenho o movimento com uma atuação bastante acanhada e ainda em ciclos bastante

restritos. Para profissionais que lidam com o assunto diariamente, se tem informação sobre o movimento de inovação que, ao meu ver, está num caminho muito bom aqui no estado do RS, mas ainda, como falei, bastante restrito, seja pela comunicação de seus agentes, seja por acesso aos ecossistemas de inovação, seja pela busca mais assertiva daqueles que buscam espaços para desenvolver seus projetos e a prática da inovação.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Vejo a inovação como uma transformação, seja em crise ou no sucesso. É estar em inconformidade com status quo.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Percebo o movimento muito forte no que diz respeito a inovação aqui no estado. No entanto, como já comentado, ainda vejo como um assunto muito restrito àqueles que já estão vivendo da inovação e na inovação. Tem melhorado! Movimentos como o InovaRS tem potencializado a disseminação da informação e possibilitado vivenciar isto. No entanto, entendo que precisamos de mais agentes da inovação, principalmente no âmbito do ensino, seja qual for nível, desde o fundamental. Ainda é uma questão cultural.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Percebo estar no caminho para virar a chave. São vários os movimentos ecossistemas já com atuação muito forte, seja por parques tecnológicos, incubadoras nas faculdades e a retomada de trabalhos como a Junior Achievement, mas como já citado em questionamento anterior, precisamos de um maior número de agentes da inovação voltados para a transformação e em prol da sociedade.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Entendo como ambientes de inovação os espaços voltados ao ensino e pesquisa que desafiem as pessoas e propiciem trocas de experiência, com intuito de melhorar o dia a dia, com menor impacto ambiental e com maior eficiência.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: Acesso a recursos no meio empresarial, sobretudo, os financeiros e de informação.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: Vejo ainda a prática da inovação como uma questão de limitação do conhecimento em função da cultura imposta, desde o ensino em casa, quando limitamos as ações de nossos filhos e, por vezes, cortando a criatividade nelas, até os métodos de ensino e de trabalho, quando já adultos. Assim, vemos no nosso dia a dia, vários processos de criatividade e inovação pela falta de uma melhor compreensão desta prática nos nossos compromissos diários. Com relação aos stakeholders nos diferentes espaços, vejo esta cultura impactando sobremaneira nas práticas diárias. Obviamente que, dentro de espaços onde se tem como pilares a criatividade e inovação, como Spin Offs, Incubadoras e etc, a motivação pela criatividade e inovação estão implícitas. Poucas empresas tem este espírito de inovação em suas ações; na grande maioria, o que se tem é uma cultura de disputa por espaços e o fazer o necessário para não entrar em evidência.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Apesar de conseguir ver diferentes tipos de inovação e ter conceitos claros para tipos de inovação, seja de processos, produtos, serviços, organizacional, vejo a inovação como uma só – àquela que trabalha em prol da sociedade seja qual for o ambiente.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Sim. Os diversos programas voltados à inovação têm se empenhado bastante em difundir o processo de inovação. SEBRAE, Governo do Estado, Instituições de Ensino e Organizações de diversos setores, estão buscando na inovação as ações necessárias para o contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento. A representatividade da sociedade nestes diferentes ambientes tem aumentado significativamente, mas a percepção aqui é de alguém que está envolvido no processo, que já está atuando e entendedor das possibilidades grandiosas disso. Ainda acho que precisamos de mais agentes da inovação e nas várias etapas de ensino e aprendizados, seja na formação inicial dos indivíduos, quanto no meio empresarial.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Não vejo como decisivo, mas sim como um catalizador, já que vem também dando exemplo há alguns anos com programas de inovação junto as Universidades do Estado e com atuação direta nas micro e pequenas empresas com os Projetos de Extensão Produtivas e Inovação na antiga AGDI – Agência Gaúcha de Desenvolvimento e Promoção do Investimento; o próprio Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade; e etc. Programas que incentivavam a inovação nas diversas áreas. Hoje, com uma repaginação destes programas e outros mais, entendo o estado como importante papel neste processo, mas não decisivo.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 23

Nome: Ator 23

Profissão: Auditor-Fiscal da Receita Municipal

Formação: Administração

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 20 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistado: Comecei a pensar em inovação de forma um pouco mais contundente quando me tornei gestor de uma equipe de mais de 200 pessoas. Em diversas reuniões passei a enfatizar a necessidade de repensar o trabalho tendo como foco o contribuinte. Isso ocorreu por volta de 2004, quando o MBC começava a incluir a inovação nos seus eventos.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Entendo que a inovação pode ser o modo mais rápido e eficaz de proporcionar um melhor retorno para a sociedade, como tendo a ser voltado para a obtenção de resultados, reputo que isso seria mais apropriado com o fortalecimento de um pensamento e um agir focados na inovação.

Pergunta: De que maneira a Prefeitura Municipal entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que a Prefeitura Municipal desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado: Depois de 14 anos de Exército fui aprovado em um concurso para o cargo de Auditor-Fiscal, em 2001. A competência dos municípios está nos temas de interesse local, por isso qualquer tentativa de o município colaborar no desenvolvimento da inovação no âmbito estadual passará necessariamente pela promoção no município. Porto Alegre tem avançado nesse tema, nem sempre na velocidade que queremos, mas o incentivo à revitalização e reocupação do 4º distrito, o cluster da saúde, os incentivos tributários para a área de tecnologia são exemplos disso.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Inovação é a atividade de encontrar ganhos de qualidade por meio de geração de bens e serviços ou a melhoria dos atuais por meio da alteração de processos ou do próprio bem ou serviço.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação no RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Ao longo desses 20 anos tenho percebido que o meio empresarial vive um paradoxo. Ao mesmo tempo em que se quer menos Estado, há uma pressão enorme por busca de incentivos por parte desse mesmo Estado. Sendo assim, o ambiente de negócios para a inovação está sendo aperfeiçoado, com o incentivo à

indústria limpa, ao desenvolvimento de novas tecnologias, mas isso não pode ser motivo para que se espere que o Estado, lato sensu, seja o responsável por isso.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Comparativamente com outros estados está bem, mas ainda estamos muito centrados em commodities, o que dificulta a agregação de valor. Nossa cultura ainda é “campeira”, principalmente na metade sul. Há regiões bem mais avançadas, como o polo metal-mecânico da serra gaúcha.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: São espaços em que se privilegia o compartilhamento de ideias, promovendo a criação do conhecimento nos diversos atores envolvidos, academia, empresas e governos.

Pergunta: Quais são os principais desafios de um órgão público municipal para a promoção da pesquisa e a inovação?

Entrevistado: No meu ponto de vista é a falta de recursos. O município, desde a Constituição Federal de 1988, tem sido cada vez mais forçado a prestar mais serviços à sociedade, mas ao mesmo tempo a arrecadação tem se concentrado nas mãos da União. Cito como exemplo as reduções de alíquotas de impostos federais, contrabalanceados com o aumento de contribuições. A arrecadação da União permanece estável, mas a parcela que deveria ser transferida para Estados e Municípios diminui, pois essas transferências são realizadas sobre a arrecadação de impostos, não de contribuições. As demandas por atendimento de políticas públicas de assistências social, saúde e educação têm aumentado em proporção maior do que o aumento das receitas.

Pergunta: Em sua opinião, de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: Acredito que a prática da inovação está diretamente relacionada ao modo de pensar daqueles que estão à frente desses stakeholders. Em Parques Tecnológicos e Incubadoras são ambientes propícios à inovação, mas o seu papel é o de aproximar pessoas e ideias, com o apoio da academia. Nas startups o idealizador precisa e quer integração, caso contrário a sua sociedade não irá prosperar, portanto, para eles a inovação é uma condição necessária, embora não seja suficiente, para a continuidade. Nas spin offs a inovação se apresenta como o próprio produto ou serviço. Na empresa tradicional, geralmente a cultura é mais homogênea, e isso nem sempre é bom para a inovação.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Penso que a inovação se apresenta na forma de produtos, serviços e processos.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Percebo muito discurso, mas pouca prática. Às vezes boas ideias são descontinuadas porque há troca de líderes, tanto nos governos, como em outros atores. Ao longo desses 20 anos vi muitas iniciativas boas não serem concluídas, exatamente por não haver convergência de interesses na prática, apenas no papel. Um exemplo disso é a incubadora empresarial de Porto Alegre, descontinuada na segunda metade da década passada. Uma perda de foco na incubadora foi o que a sentenciou. Atualmente, noto que há uma busca por protagonismo, mesmo entre as universidades, quanto mais entre os governos.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Não tenho a convicção para essa resposta. A impressão que tenho, como já dito antes, é que se espera muito do governo, principalmente na desregulamentação, mas ao mesmo tempo, quando há consolidação de um mercado, o que mais se busca é essa regulamentação, como uma barreira de entrada. Isso cria aquele paradoxo: a regulamentação só é interessante quando me convém. Contudo, acredito que sim, os governos têm incentivado à inovação, mas muito disso é fruto de atender a anseios individuais, como o oferecimento de incentivos tributários, fornecimento de áreas, etc.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 24

Nome: Ator 24

Profissão: Coordenadora Adjunta Curso Medicina da Unisinos

Formação: Administração

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistada: Há 3 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento?

Entrevistada: Principalmente por trabalhar na área da saúde o conceito sempre esteve muito presente. Mas o conceito de inovação “entrou formalmente” na minha vida em 2013, quando começo a ministrar uma disciplina de Empreendedorismo e Inovação, o que me fez buscar literatura e autores sobre o assunto.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistada: Acredito que privilegio muito a inovação em minha trajetória, principalmente por que sempre tento buscar algo novo, fazer mais, muito numa ideia de inovação incremental. Claro sempre procuro ver na minha prática profissional, como professora e coordenadora do curso, sempre pensando no processo de desenvolvimento, a estar buscando, inovando, lendo. Quando a discussão é inovação, meu alinhamento é inovação com impacto social, qual transformação essa inovação pode levar para vida das pessoas, acabo me associando a empreendedorismo e inovação social.

Pergunta: De que maneira o universo Startups entrou em sua trajetória profissional? De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado de RS?

Entrevistada: Quando a discussão é inovação, meu alinhamento é inovação com impacto social, qual transformação essa inovação pode levar para vida das pessoas, acabo me associando a empreendedorismo e inovação social. De maneira ampla eu acho fantástico o papel de uma Startup, por que é uma possibilidade de rapidamente testar uma ideia, prototipar, vê se tem mercado, se tem a possibilidade dela acontecer, acho que uma Startup ajuda muito nessa agilidade.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistada: Inovação é fazer alguma coisa, alguma atividade, algum serviço, algum produto de forma diferente, de forma mais eficaz, mais eficiente. Acho que buscamos muito essa aceleração nos serviços e produtos, na qualidade e entrega dos produtos.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação em RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistada: Eu acho que o ambiente de inovação no RS é muito fértil, acredito que ele só não é mais forte ainda por causa da nossa cultura de ver para crer, se vai dar certo, se realmente é viável. Acredito que isso vem muito por nossa cultura germânica, europeia, que tem essa característica muito forte: será que vai dar certo, então o ambiente é muito favorável, mais ainda ficamos com o pé atrás, por causa do nosso Mindset, desse modelo mental, que a gente carrega.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistada: Bom olhando os indicadores, a gente sabe que o estado de São Paulo é o primeiro no processo de inovação, acompanhado por Santa Catarina, a gente tá um pouco mais atrás, mas acredito que cada vez mais os agentes públicos estão tendo esse cuidado para fomentar esse processo de inovação, assim como as universidades também, por que a gente vai se dando conta que isso é vital para sobrevivência das próprias instituições de ensino, então fomenta, trazer esse ambiente, desenvolver isso, daí a inovação vai para todas as áreas do mercado.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistada: Eu compreende os ambientes de inovação como ambientes colaborativos, ambientes de troca de ideias, onde as pessoas possam se apoiar também com assessoria, consultoria, para desenvolver seus negócios e ao mesmo tempo saber dos riscos, para poder ver como vão pagar os impostos, sustentar o seu negócio. Esses ambientes de trocas, de parcerias são muito ricos para o desenvolvimento da inovação.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistada: Acho que o principal desafio para uma Startup na questão da pesquisa é a questão financeira, a gente sabe que qualquer processo de desenvolvimento na pesquisa tem um custo muito elevado, e as vezes as startups começam com um investimento muito pequeno, com um aporte financeiro muito pequeno, então isso ainda é um desafio, tem que buscar organizações que façam esse investimento, para desenvolver a pesquisa, para poder inovar em produto, e aí a gente não tem, não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o país, essa cultura de investimentos para novos produtos, novos serviços, que possam gerar serviços, não só serviços, mas gerar impacto e realmente trazem negócios rentáveis, então as vezes isso segura, muito esse processo de desenvolvimento das startups, então isso é um desafio, conseguir passar segurança na modelagem do negócio, então as vezes eu que vejo que as startups rapidamente aparecem e desaparecem por conta, por conta disso.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, Incubadoras, Startups, Spin Offs, Empresa Tradicional, etc)?

Entrevistada: Na minha opinião alguns já tem uma estrutura mais consolidada, algumas mais dificuldades, quando pensamos numa empresa tradicional, de mudar o seu modelo mental, de pensar diferente, de sair da caixa. Já uma SpinOff, uma Startup, já está com a mente mais aberta para mudança, ao mesmo tempo por erro, para fazer diferente, para querer ter uma entrega diferente. Então acho que depende muito da modelagem do parque, da empresa tradicional, da Startup, assim algumas tem uma estrutura para incentivar ou para segurar a inovação, depende muito da cada empresa, mas com certeza tem diferenças abissais por conta da estrutura, da história, da cultura, tudo que ela pode carregar conforme o tempo e a existência que ela tem.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistada: Sim, com certeza. Essa ideia da Super Inovação, disruptiva, que muda o curso das coisas, ela é muito difícil de encontrar. Acho que trabalhamos mais num tipo de inovação incremental, que pode ser de produto, de serviço, algo muito mais de olhar algo que já fazemos e buscar melhorar.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistada: Acho que tem uma convergência na prática de promoção do processo. Se analisarmos o movimento das três instituições de ensino aqui do Estado: PUC, Unisinos e UFRGS, junto com o poder público, com o município, já demonstram que tantos parques tecnológicos se apoiam e se desenvolvem, assim como suas incubadoras, assim como o poder público tá cada vez mais direcionado para que esse processo de desenvolvimento aconteça, para que essa promoção de inovação no nosso Estado, então essas práticas demonstram isso, além do que, os espaços de atendimento, os empreendedores com suas inovações, é algo fantástico de apoio, então acredito muito que tanto poder público se mobiliza para que isso aconteça, a gente vê isso acontecer no município, no estado, na própria união, no próprio fórum de novos negócios, junto ao Ministério de Economia, que é do Microempreendedor e do Empreendedor suscitando o tempo inteiro a inovação. Estão agora discutindo como fomentar isso desde o ensino médio, mostra que tem essa convergência para desenvolver o processo de inovação, que vai levar o empreendedorismo ao desenvolvimento de novos negócios.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado de RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistada: Acredito sim que o poder público é decisivo para que isso aconteça. A gente escuta muito que a melhor coisa é: se não atrapalhar, já está ajudando. Então reduzindo essa dificuldade que é para abrir um novo negócio, para colocar ele em ordem, acho que cada vez mais a gente olha que tem dentro desses grupos, pensando pelo município de Porto Alegre, pelo Estado, pela própria União, tem muita gente puxando para que positivamente a gente possa desenvolver inovação em todos os níveis, que possa ter esse apoio dos entes públicos e não que ele venha para atrapalhar cada vez mais. Tem também o incentivo para busca de financiamento para novos negócios, para negócios inovadores, acho que isso são formas que fortalecem esse indicativo de apoio.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Sociologia



ENTREVISTA 25

Nome: Ator 25

Profissão: Diretor

Formação: Pós-graduação em negócios internacionais

Pergunta: Desde quando está no cargo?

Entrevistado: Há 5 anos.

Pergunta: Em que momento o conceito de inovação entrou em sua vida profissional? E qual o contexto social para a inovação naquele momento? Desde o início de minha carreira profissional, em 2002, este conceito está presente. Entendo que o contexto social era menos favorável do que atualmente é; a internet e as tecnologias informáticas ainda apresentavam-se em estágio incipiente e a cultura de inovação (bem como as metodologias aplicadas para fomento da mesma) não contavam com o apoio explícito com o qual normalmente contam.

Pergunta: Você privilegia a inovação em sua trajetória? Caso positivo, por qual motivo se direcionou para a inovação?

Entrevistado: Sim; ou, ao menos, busco privilegiá-la. Entendo que sem inovação tanto a competitividade, quanto a longevidade de qualquer negócio, estejam comprometidas no cenário de competitividade do mundo hiperconectado.

Pergunta: De que maneira o universo da Inovação entrou em sua trajetória profissional?

Entrevistado: Como mencionei, a inovação sempre esteve presente em meu espírito; na vontade de fazer diferente, de trazer boas práticas e de melhorar continuamente através da criatividade aplicada de maneira metódica e constante.

Pergunta: De maneira ampla, qual a sua avaliação sobre o papel que uma Startup desenvolve para a promoção da inovação no estado do RS?

Entrevistado: O papel é de extrema relevância, sobretudo para um estado da federação fortemente ligado ao setor primário e com baixo nível de investimento público tanto em educação, quanto em pesquisa e desenvolvimento aplicados aos setores econômicos mais relevantes para a sua economia.

Pergunta: Para você o que é inovação?

Entrevistado: Inovação significa melhorar ou desenvolver processos, produtos ou serviços por meio de atos, ações ou processos. A inovação, por si, é o resultado destas referidas melhorias ou desenvolvimentos.

Pergunta: Como você avalia o ambiente de negócios para a inovação do RS, ou seja, como é a nossa cultura para receber a inovação?

Entrevistado: Não me sinto apto a fazer uma avaliação aprofundada sobre o tema. A minha impressão, contudo, é de que o ambiente seja favorável haja visto o número de start-ups no estado tipicamente ser o segundo ou o terceiro maior do país – disputando esta posição com Minas Gerais, o qual tem (praticamente) o dobro da população gaúcha.

Pergunta: Como está o Estado do Rio Grande do Sul no que diz respeito à inovação?

Entrevistado: Apesar da performance positiva no contexto nacional, faltam políticas públicas para desonerar a carga tributária e para facilitar o acesso ao crédito. Apesar

das ocasionais bravatas dos políticos de turno, minha impressão é que não haja uma política de 'estado' que promova o tema com consistência e coordenação entre os entes estatais e privados.

Pergunta: O que você compreende sobre ambientes de inovação?

Entrevistado: Entendo que sejam os espaços propícios ao desenvolvimento de práticas inovativas como os espaços de *coworking*, as incubadoras, as aceleradoras e os parques tecnológicos. Entendo que o fomento destes tipos de infraestruturas seja de suma importância para a criação de um ecossistema e, em última instância, para uma cultura de inovação.

Pergunta: Quais são os principais desafios de uma Startups no que tange a pesquisa e a inovação?

Entrevistado: Pessoalmente, entendo que um acesso facilitado aos ambientes de inovação e, sobretudo, às linhas de crédito e *funding* dos projeto inovadores durante a fase de investimento.

Pergunta: Em sua opinião de que maneira a prática da inovação se diferencia em diferentes stakeholders (Parques Tecnológicos, incubadoras, Startups, Spin Offs, empresa tradicional, etc)?

Entrevistado: Nossa senhora... aqui a coisa pode ir longe. Entendo que cada espaço – tipo de ambiente ou tipo de ente – apresente e conviva com inovação de uma maneira diferente. É muito comum e fácil pensar em inovação dentro de um Parque Tecnológico, bem como em uma start-up ou spin off surgida a partir de um produto ou serviço inovador. Acredito que, talvez, o grande desafio seja trazer a inovação para as empresas já estabelecidas – sobretudo para empresas familiares ligadas aos setores primário e indústria, tipicamente bastante tradicionais e conservadores em suas práticas.

Pergunta: Há diferentes tipos de inovação para você? Se sim, quais?

Entrevistado: Certamente. Dependendo da ótica, a inovação pode ser incremental, radical ou disruptiva; de processos; em produtos ou serviços; em marketing; e, ainda, organizacional.

Pergunta: Na sua percepção há uma convergência na prática de promoção do processo de inovação no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus diferentes atores (poder público estadual, municipal, agências de fomento, entidades de classe, empresas, parques tecnológicos, incubadoras, etc)? Se sim, como?

Entrevistado: Não é o que me parece.

Pergunta: O poder público municipal, estadual e federal tem sido decisivo para que a inovação aconteça no estado do RS? Caso positivo, de que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Não entendo que os entes estatais sejam protagonistas no fomento à inovação no estado. Vejo com muito bons a intenção por trás de programas como o Inova RS. Entretanto, na prática, são as Universidades e as Entidades Privadas de âmbito municipal de promoção da indústria e do comércio aqueles que fazem a diferença.